



Cadernos de Tradução
do Instituto de Letras

Número 46, 2021

Linguística Cognitiva: avanços e aplicações

Maity Siqueira
Larissa Brangel
(Organizadoras)



UFRGS
UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO GRANDE DO SUL

INSTITUTO DE LETRAS – UFRGS

DIREÇÃO

Carmem Luci da Costa Silva (Diretora)
Marcia Montenegro Velho (Vice-Diretora)

COMISSÃO EDITORIAL

Aline Fogaça dos Santos Reis e Silva
Gisele de Oliveira Bosquesi

ORGANIZAÇÃO DESTE NÚMERO

Maity Siqueira
Larissa Brangel

REVISÃO TÉCNICA (REFERÊNCIAS)

Luiz Felipe Lipert

ISSN 2594-9055
ISSN-L 1807-9873

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Instituto de Letras
Av. Bento Gonçalves, 9500 - CEP 91540-000 - Porto Alegre (RS)
<http://www.ufrgs.br/letras/index.html>

SUMÁRIO

Apresentação / i

Maity Siqueira

Larissa Brangel

I. TRADUÇÕES

Tradução de metáfora: implicações da abordagem cognitiva / 1

Luiz Felipe Lipert

O impacto emocional da tradução: um estudo de frequência cardíaca / 25

Laura Baiocco

Por que misturamos as metáforas (e misturamos bem):

coerência discursiva, metáfora conceitual e além / 52

Fernanda Garcia

O discurso sobre a crise de refugiados europeia na mídia espanhola:

mapear *frames* de humanização e desumanização através de metáforas / 88

Cássio Morosini Filho

Bruno Puccini

O compromisso sociossemiótico / 118

Dalby Dienstbach

II. ARTIGO

How do metaphors shape thought in the wild? / 136

Josie Helen Siman

Thiago Oliveira da Motta Sampaio

Monica Gonzalez-Marquez

III. RESENHA

As interfaces e contribuições entre a Linguística Cognitiva e os Estudos de Tradução / 157

Ana Luiza Treichel Vianna

Apresentação

A presente edição dos *Cadernos de Tradução* foi planejada, organizada e publicada em meio à pandemia do novo coronavírus. Em um ambiente atípico de trabalho remoto marcado por incertezas e novos desafios, cientistas do mundo inteiro atravessam os dias e as noites debruçados sobre suas pesquisas, apontando luz no meio da escuridão. Diferentemente de serviços e locais que por vezes foram descontinuados ou interditados ao longo da pandemia por medida de saúde pública, a pesquisa científica em momento algum deixou de acontecer, pois uma das poucas certezas que marcaram o ano de 2020 foi a de que somente a ciência poderia nos trazer de volta à normalidade.

Os textos publicados nas páginas que seguem refletem o trabalho de autores, tradutores e revisores que contribuíram para que a ciência da linguagem mantivesse sua chama acesa neste momento de adversidades. Neste número especial sobre Linguística Cognitiva, estão reunidos um total de cinco traduções em língua portuguesa, um artigo em língua inglesa e uma resenha em língua portuguesa. Esses textos ampliam, tanto em termos teóricos quanto aplicados (à tradução, ao discurso jornalístico e até à medicina), a discussão de temas centrais na área, como o compromisso cognitivo, metáforas e frames. O número complementa uma tríade sobre Linguística Cognitiva e, assim como o primeiro e o segundo exemplares (publicados em 2009 e 2012, respectivamente), tem como objetivo disponibilizar em língua portuguesa textos originalmente escritos em outra língua.

Em um mundo globalizado como o nosso, agentes patógenos se espalham fácil e rapidamente, contaminando civilizações em velocidade de crescimento logarítmico. Com a mesma velocidade, novos conhecimentos e debates atravessam fronteiras, cabendo à linguagem, e em especial à tradução, tornar possível um círculo virtuoso de propagação científica. É com esse segundo propósito que convidamos a todos a explorarem os textos aqui publicados. Boa Pesquisa!

Maity Siqueira
Larissa Brangel
(Organizadoras)

Tradução de metáfora: implicações da abordagem cognitiva¹

Metaphor and translation: some implications of a cognitive approach

Christina Schäffner²

Tradução: Luiz Felipe Lipert³

Revisão de tradução: Rozane R. Rebechi⁴

Revisão técnica: Leticia Presotto⁵

Resumo: Em Estudos de Tradução, a traduzibilidade das metáforas é uma questão recorrente, principalmente no que tange aos métodos de transferência de significado. Muito se discute sobre a possibilidade das metáforas se tornarem uma barreira no processo tradutório, uma vez que diferenças linguísticas e culturais podem dificultar a atividade de transferir uma língua e cultura para outra. Para lidar com essa questão, diversas estratégias de tradução já foram sugeridas: substituição (transformação de uma metáfora em outra); paráfrase (reformulação do sentido da metáfora); omissão, entre outras. Tais estratégias aparecem tanto nos modelos normativos de tradução (como traduzir metáforas) quanto nos modelos descritivos (como os tradutores lidam com metáforas). Após um breve panorama de como as metáforas são abordadas nos Estudos de Tradução, este artigo discute algumas implicações que a abordagem cognitiva sobre o assunto pode trazer para a prática e para as teorias de tradução. Exemplos de textos autênticos nas línguas de partida e chegada (discursos políticos em alemão e inglês) mostram como os tradutores lidaram com expressões metafóricas e que efeitos isso causou no texto, na recepção do texto e no desenrolar discursivo subsequente.

Palavras-chave: Metáfora conceitual; Inglês; Francês; Alemão; Expressão metafórica; Estudos de Tradução.

Abstract: Metaphor has been widely discussed within the discipline of Translation Studies, predominantly with respect to translatability and transfer methods. It has been argued that metaphors can become a translation problem, since transferring them from one language and culture to another one may be hampered by linguistic and cultural differences. A number of translation procedures for dealing with this problem have been suggested, e.g., substitution (metaphor into different metaphor), paraphrase (metaphor into sense), or deletion. Such procedures have been commented on both in normative models of translation (how to translate metaphors) and in descriptive models (how metaphors have been dealt with in actual translations). After a short overview of how metaphor has been dealt with in the discipline of Translation Studies, this paper discusses some implications of a cognitive approach to metaphors for translation theory and practice. Illustrations from authentic source and target texts (English and German, political discourse) show how translators handled metaphorical expressions, and what effects this had for the text itself, for text reception by the addressees, and for subsequent discursive developments.

Keywords: Conceptual metaphor; English; French; German; Metaphorical expression; Translation Studies.

¹ Artigo traduzido com a autorização da autora e da editora responsável pela publicação da versão em inglês, a partir do texto SCHÄFFNER, C. Metaphor and translation: some implications of a cognitive approach, *Journal of Pragmatics*, v. 36, p. 1253-1269, 2004.

² Professora Emérita, Aston University, Birmingham, Reino Unido, c.schaeffner@aston.ac.uk

³ Bacharelando em Letras — Português/Inglês e bolsista de Iniciação Científica em Semântica Cognitiva, Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, lipertfelipe@gmail.com

⁴ Professora do Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, rozane.rebechi@ufrgs.br

⁵ Professora de Linguagens da Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM), letipresotto@gmail.com

1. Introdução

Mecanismos linguísticos típicos da comunicação, as metáforas se apresentam como um desafio para a tradução, tanto para o tradutor praticante quanto para as discussões no campo dos Estudos de Tradução. Na literatura sobre tradução, dois tópicos parecem nortear as discussões sobre as metáforas: a traduzibilidade das metáforas e a elaboração de possíveis estratégias de tradução. Em geral, as argumentações são baseadas no fato de a metáfora ser tradicionalmente entendida como uma figura de linguagem, isto é, uma expressão linguística que substitui outra expressão (com um significado literal), cuja principal função é servir de recurso estilístico para embelezar o texto. O estudo das metáforas pelo viés da Linguística Cognitiva nos Estudos de Tradução é relativamente recente.

Com base em alguns exemplos do par de línguas inglês/alemão, este artigo pretende ilustrar o que a abordagem cognitiva pode oferecer à descrição das metáforas na tradução. A discussão provém principalmente da perspectiva dos Estudos de Tradução. Essa abordagem também possibilita explorar como uma perspectiva interlinguística e transcultural sobre tradução pode contribuir para as teorias sobre a metáfora.

2. A questão da metáfora como uma barreira para a tradução

As atividades de traduzir e interpretar existem há séculos. Logo, há uma longa tradição de pensamento e um vasto conjunto de hipóteses sobre a tradução (cf. DELISLE e WOODSWORTH, 1995; ROBINSON, 1997). Por outro lado, os Estudos de Tradução se estabeleceram enquanto disciplina independente apenas a partir da segunda metade do século XX (cf. HOLMES, 1988; SNELL-HORNBY *et al.*, 1992). Embora inicialmente concebidos como uma subdisciplina da linguística aplicada, os Estudos de Tradução adotaram conceitos e métodos de outras disciplinas, como a Linguística Textual, os Estudos em Comunicação, a Sociolinguística, a Psicolinguística, a Pragmática, a Literatura Comparada e, recentemente, os Estudos Culturais. Assim, em vez de uma teoria unificada, o que se observa é uma multiplicidade de abordagens que se concentram em aspectos específicos da tradução, examinam o produto ou o processo de tradução por ângulos diferentes, e usam terminologia e métodos de pesquisa próprios (cf. CHESTERMAN, 2000; GENTZLER, 1993; SCHÄFFNER, 1997b; STOLZE, 1994).

O fenômeno da metáfora é uma preocupação frequente entre os estudiosos de tradução que discutem sobre problemas de transferência de metáforas entre línguas e culturas. Contudo,

os argumentos que emergem dessas discussões precisam ser observados no contexto de uma disciplina heterogênea, isto é, levando-se em conta o modelo específico de tradução em que os estudiosos se apoiaram. Este artigo, portanto, parte de um breve panorama das abordagens mais importantes sobre tradução e apresenta um resumo de como as metáforas são tratadas nos Estudos de Tradução.

As abordagens de base linguística definem a tradução como uma transferência de significado, uma substituição de signos da língua-fonte (LF) por signos equivalentes na língua-alvo (LA) (ver, por exemplo, CATFORD, 1965). O texto-fonte (TF) deve ser reproduzido na LA de modo a se aproximar o máximo possível em conteúdo e forma. Como o objetivo das teorias de tradução é frequentemente entendido como uma tentativa de determinar métodos apropriados para melhor traduzir, os sistemas linguísticos (como *langues*) são estudados para que se identifiquem as menores unidades equivalentes (nos níveis lexical e gramatical) que podem ser substituídas uma pela outra em um texto autêntico (como *parole*).

Abordagens baseadas na Linguística Textual definem a tradução como a produção de um texto-alvo (TA) impulsionada pelo texto-fonte (NEUBERT, 1985). O texto em si é tratado como a unidade de tradução, enfatizando-se que ele existe em uma situação e em uma cultura. Portanto, é necessário considerar fatores situacionais, convenções de gênero ou de tipologia textual, conhecimentos e expectativas dos destinatários e a função do texto. A noção central de equivalência é aplicada ao nível textual e definida como equivalência comunicativa, ou seja, uma relação entre o texto-alvo e o texto-fonte em que TA e TF são de igual valor nas respectivas situações comunicativas em suas culturas.

As abordagens funcionalistas definem a tradução como uma atividade intencional (cf. NORD, 1997), como uma interação transcultural (HOLZ-MÄNTTÄRI, 1984), como a produção de um texto de chegada que é apropriado para seu objetivo específico (seu escopo), para destinatários específicos, em circunstâncias específicas (cf. Teoria do Escopo de Vermeer, VERMEER, 1996). A verdadeira forma do texto de chegada, sua composição linguístico-textual, depende do objetivo pretendido, e não (exclusivamente) da estrutura do texto de partida. O critério para avaliar a qualidade do texto de chegada é, portanto, a adequação ao seu objetivo, e não a sua equivalência ao texto de partida. Abordagens linguísticas mais modernas reconhecem que a tradução não é um simples processo de substituição, mas o resultado de uma atividade complexa de processamento de texto. No entanto, argumentam que as traduções precisam ser separadas dos demais tipos de textos que procedem de outros textos e que o rótulo “tradução” deve ser utilizado apenas nos casos em que uma relação de equivalência entre TF e TA é obtida (HOUSE, 1997; KOLLER, 1992).

A equivalência é provavelmente a noção mais polêmica dos Estudos de Tradução. Alguns estudiosos rejeitam completamente essa noção, argumentando que, ao manter o termo “equivalência” no vocabulário, os estudiosos de tradução fogem da questão de que “é a diferença, não a semelhança, a transparência ou a igualdade, que se inscreve nas operações de tradução”⁶⁷ (HERMANS, 1998, p. 61). Essa visão também aparece nas abordagens atuais, inspiradas nas teorias pós-modernas e nos Estudos Culturais, que argumentam que os textos não têm nenhum significado intrinsecamente estável que possa ser reproduzido (ver, por exemplo, ARROJO, 1998; VENUTI, 1995). Para Venuti, o texto-alvo deve ser “o local onde uma cultura distinta emerge, onde o leitor consegue vislumbrar um outro cultural”⁸ (VENUTI, 1995, p. 306).

No curso do seu desenvolvimento, o foco dos Estudos de Tradução mudou, significativamente, de fatores linguísticos para fatores contextuais e culturais que influenciam a tradução. Grandes inspirações para o desenvolvimento da disciplina também vieram de pesquisas realizadas no âmbito dos Estudos Descritivos de Tradução (EDT), com o objetivo de descrever o ato tradutório e as traduções “conforme se manifestam no mundo que experienciamos”⁹ (HOLMES, 1988, p. 71). Pesquisas nessa área incluem o estudo das condições sócio-históricas nas quais as traduções são produzidas e recebidas, identificando regularidades no comportamento dos tradutores e vinculando essas regularidades às normas de tradução que operam tanto no evento quanto no ato cognitivo de traduzir (cf. TOURY, 1995). Os EDT e as teorias pós-modernas definem a tradução como um comportamento governado por normas (TOURY, 1995) e/ou uma prática político-cultural (VENUTI, 1996, p. 197).

O contraste entre modelos normativos (como o TA deveria ser) e modelos descritivos (como o TA realmente é) também fica evidente nas discussões sobre a tradução de metáforas. A metáfora é tradicionalmente descrita como um fenômeno linguístico individual (uma expressão metafórica) que pode se transformar em uma barreira para a tradução. Muitos estudiosos usam os mesmos termos usados nas teorias semânticas (cf. GOATLY, 1997), isto é, termos como “imagem” (*image*) ou “veículo” (*vehicle*) são usados para o referente convencional; “objeto” (*object*) ou “tópico” (*topic*) para o referente não convencional; e “sentido” (*sense*), “base” (*ground*), ou “tom” (*tenor*) para as semelhanças e/ou analogias envolvidas. Newmark (1981) explica esses termos com base no exemplo *rooting out of the*

⁶ “it is difference, not sameness or transparency or equality, which is inscribed in the operations of translation”

⁷ N.T.: Todas as traduções de citações diretas são de minha autoria.

⁸ “the site where a different culture emerges, where a reader gets a glimpse of a cultural other”

⁹ “as they manifest themselves in the world of our experience”

faults [desenraizando os defeitos] da seguinte maneira: o objeto, isto é, o item descrito pela metáfora, é *faults* [defeitos]. A imagem, isto é, o item que evoca a descrição do objeto, é *rooting up weeds* [arrancando ervas daninhas]. A metáfora, ou seja, a(s) palavra(s) usada(s) na imagem, é *rooting out* [desenraizar] e o sentido, que mostra em quais aspectos particulares o objeto e a imagem são semelhantes, é (a) *eliminate* [eliminar]; e (b) *do so with tremendous personal effort* [fazê-lo com tamanho esforço pessoal]. Newmark argumenta que, ao traduzir essa metáfora, um verbo como *éliminer*, em francês, ou *entfernen*, em alemão, não funcionaria, “a menos que a frase fosse de importância secundária para o texto”¹⁰ (NEWMARK, 1981, p. 85).

Esses argumentos refletem as duas principais questões dos Estudos de Tradução: a traduzibilidade das metáforas e os procedimentos para transferi-las de uma língua para outra. Nas abordagens baseadas em equivalência, argumenta-se que, uma vez identificada, uma metáfora deve ser preferencialmente transferida intacta da LF para a LA. No entanto, diferenças culturais entre línguas são frequentemente mencionadas como motivos para a impossibilidade de tal transferência. Para Dagut (1976, p. 22), uma metáfora é um “vislumbre individual de uma percepção imaginativa”¹¹; um produto criativo que viola o sistema linguístico e, por isso, está altamente relacionada à cultura. Sua principal função é surpreender os leitores, criando um impacto estético. Na opinião do autor, o efeito de surpreender o leitor deve ser mantido na tradução e, se fatores linguísticos e culturais impedirem esse efeito, Dagut afirma que a metáfora não pode ser traduzida. Para ilustrar, Dagut usa metáforas hebraicas traduzidas para o inglês e mostra, por exemplo, como essas metáforas estão intimamente ligadas às histórias bíblicas e, portanto, são específicas daquela cultura.

A maioria dos autores concorda que a imagem no TF nem sempre pode ser mantida no TA (quando uma imagem associada à metáfora é desconhecida na LA, por exemplo, ou as associações desencadeadas pela metáfora na LF se perdem na LA). Assim, várias estratégias de tradução foram sugeridas como soluções alternativas à idealização de uma reprodução perfeita das metáforas. Van den Broeck (1981, p. 77), por exemplo, lista as seguintes estratégias:

1. Tradução “*sensu stricto*” (transferir o tom e o veículo da LF para a LA);
2. Substituição (substituir o veículo da LF por um veículo diferente na LA, cujo tom seja semelhante);
3. Paráfrase (recuperar uma metáfora da LF com uma expressão não metafórica na LA).

O autor apresenta essas estratégias de tradução de metáforas como um esquema

¹⁰ “*unless the phrase was of marginal importance in the text*”

¹¹ “*individual flash of imaginative insight*”

experimental, isto é, como possibilidades teóricas. Ao vinculá-las às categorias de metáforas (metáforas lexicalizadas, convencionalizadas e privadas) e ao seu uso e funções nos textos, Van den Broeck apresenta algumas hipóteses sobre traduzibilidade. Seguindo a tradição dos EDT, Van den Broeck entende que a tarefa de uma teoria de tradução não é prescrever como as metáforas devem ser traduzidas, mas descrever e explicar as soluções já identificadas. Ele argumenta, portanto, que estudos descritivos detalhados sobre como as metáforas são realmente traduzidas seriam necessários para testar tanto as estratégias oferecidas quanto as próprias hipóteses.

Em contraste com a abordagem descritiva de Van den Broeck, as estratégias de tradução de Newmark são apresentadas de forma prescritiva, com o objetivo de fornecer princípios, regras restritas e diretrizes para o traduzir e para a formação de tradutores. Newmark distingue as metáforas em cinco tipos: morta (*dead*), clichê, tradicional (*stock*), recente (*recent*) e original. Ao discutir sobre as metáforas tradicionais, ele propõe sete estratégias de tradução, bastante abordadas na literatura. Essas estratégias estão organizadas por ordem de preferência (NEWMARK, 1981, p. 87–91). O foco de Newmark está nos sistemas linguísticos, e sua argumentação está vinculada à teoria de substituição da metáfora (cf. GOATLY, 1997) (Os exemplos apresentados são utilizados por Newmark).

1. Reproduzir a mesma imagem na LA. Ex.: *golden hair* — *goldenes Haar*;
2. Substituir a imagem na LF por uma imagem padrão na LA, que se assemelhe à cultura da LF. Ex.: *other fish to fry* — *d'autres chats à fouetter*;
3. Traduzir a metáfora por símile, mantendo a imagem. Ex.: *Ces zones cryptuaire où s'élabore la beauté.* — *The crypt-like areas where beauty is manufactured.* Segundo Newmark, essa estratégia pode modificar o impacto da metáfora;
4. Traduzir a metáfora (ou símile) por símile + sentido (ou, eventualmente, por uma metáfora com sentidos múltiplos). Ex.: *tout un vocabulaire moliéresque* — *a whole repertoire of medical quackery such as Molière might have used.* Newmark sugere essa solução para evitar problemas de compreensão; no entanto, ela resulta na perda do efeito pretendido;
5. Converter metáfora em sentido. Ex.: *sein Brot verdienen* — *to earn one's living.* Esse procedimento é recomendado quando a imagem na LA tem sentido muito amplo ou não é apropriada para o registro. No entanto, aspectos emocionais podem se perder;
6. Omitir, se a metáfora for redundante;
7. Fazer uso da mesma metáfora combinada com o sentido, a fim de reforçar a imagem.

Toury (1995) afirma que essas estratégias de tradução partem da metáfora conforme identificada no TF e que essa metáfora (a expressão metafórica), uma vez identificada, é tratada como uma unidade de tradução. O autor argumenta que, da perspectiva do TA, dois casos adicionais podem ser identificados: o uso de uma metáfora no TA para uma expressão não metafórica no TF (não metáfora em metáfora) e a adição de uma metáfora no TA sem qualquer motivação linguística do TF (zero em metáfora). Essa perspectiva trata da metáfora não como um problema de tradução (do TF), mas como uma solução tradutória. Em seu estudo descritivo da tradução de metáforas verbais (para o par de línguas sueco e alemão), Kjær (1988) também incluiu uma análise inversa, mas não foi muito além da apresentação de resultados estatísticos. Os achados de Kurth (1995) também são provenientes de uma análise descritiva de traduções autênticas. Baseado na teoria interacional da metáfora (cf. GOATLY, 1997) e na semântica de frames aplicada à tradução (VANNEREM e SNELL-HORNBY, 1986), ele exemplifica como diversas metáforas interagem na construção de uma macrocena. Nas traduções para o alemão das obras de Charles Dickens, Kurth mostra quais frames da LA foram escolhidos para uma cena da LF (ex.: a “humanização” de objetos com metáforas antropomórficas) e quais são as consequências para o efeito do texto (por exemplo, o enfraquecimento de uma imagem).

3. A metáfora na perspectiva da linguística cognitiva: consequências para os Estudos de Tradução

A abordagem cognitiva sobre as metáforas, iniciada em grande parte por Lakoff e Johnson, no livro *Metaphors We Live By* (1980), também pode contribuir com uma nova perspectiva sobre o processo tradutório. Essa abordagem, contudo, está apenas começando a se estabelecer nos Estudos de Tradução (AL-HARRASI, 2001; CRISTOFOLI *et al.*, 1998; SCHÄFFNER, 1997a, 1998; STIENSTRA, 1993). A abordagem cognitiva postula principalmente que, muito mais do que meros elementos decorativos, as metáforas são recursos básicos para os processos cognitivos dos seres humanos. As metáforas são o meio pelo qual entendemos um domínio da experiência (um domínio-alvo) em termos de outro (um domínio-fonte). O domínio-fonte é mapeado no domínio-alvo, ou seja, transfere os componentes estruturais para o domínio-alvo (correspondências ontológicas), permitindo, assim, inferências e acarretamentos baseados em conhecimento (correspondências epistêmicas). Esse modelo é amplamente codificado e compreendido em termos linguísticos. Na linguística cognitiva, o termo ‘metáfora’ é usado para se referir ao mapeamento conceitual (por exemplo, RAIVA É O

CALOR DE UM FLUIDO EM UM CONTÊINER)¹², enquanto o termo ‘expressão metafórica’ é usado para se referir a uma expressão linguística isolada, baseada em uma conceitualização e, portanto, validada por um mapeamento (ex.: “*Estou fervendo de raiva*”).

Também é relevante para a tradução estabelecer a conceitualização em que uma expressão metafórica específica se baseia. A perspectiva da linguística cognitiva fornece uma resposta diferente para a questão da traduzibilidade das metáforas. A partir dessa abordagem, a traduzibilidade não é só mais uma questão que envolve apenas a expressão metafórica individual como identificada no TF, pois está relacionada aos sistemas conceituais das culturas envolvidas no processo de tradução. A seguir, apresentamos algumas implicações dessa abordagem na prática e na teoria de tradução. Com base em textos autênticos e suas traduções, pretende-se descrever como tradutores lidaram com expressões metafóricas e comentar os efeitos que as soluções encontradas causaram no texto traduzido e na sua recepção. Os exemplos foram extraídos de textos políticos e as línguas envolvidas são, principalmente, o inglês e o alemão. Assim, este artigo pretende descrever e explicar as soluções de tradução identificadas, estando, portanto, relacionado aos EDT. Contudo, diferente de Van den Broeck, por exemplo, não se pretende testar estratégias ou hipóteses de tradução pré-estabelecidas. O ponto de partida são as estruturas autênticas do TA e as expressões metafóricas equivalentes do TF. Ou seja, a descrição é predominantemente orientada para o produto, com explicações vinculadas ao texto, ao discurso e à cultura. Nas considerações finais, apresentamos possíveis contribuições da disciplina de Estudos de Tradução para as teorias sobre a metáfora.

4. A metáfora no texto

Considere os dois exemplos a seguir, em que uma mesma expressão metafórica no TF, em alemão, *Brücke* (ponte), foi tratada de maneiras diferentes nas traduções para o inglês (ambos os excertos são de discursos do ex-chanceler alemão Helmut Kohl):

- (1) *Wir wollen die **Brücke über den Atlantik** auf allen Gebieten—Politik und Wirtschaft, Wissenschaft und Kultur—festigen und ausbauen.*

¹² Nessa metáfora, as correspondências ontológicas são: “o recipiente é o corpo”, “o calor do fluido é a raiva”. As correspondências epistêmicas são: “quando um líquido é aquecido além de uma temperatura, a pressão aumenta até o ponto em que o recipiente explode” (fonte) e “quando a raiva passa dos limites, a pressão aumenta até o ponto em que a pessoa perde o controle” (cf. KÖVECSSES, 1986).

*We aim to strengthen and widen the **transatlantic bridge** in all spheres, in politics and commerce, science and culture.*¹³

(2) *So sind die amerikanischen Soldaten ein wichtiger Teil **der Freundschaftsbrücke über den Atlantik** geworden.* (literalmente: ... um componente importante da ponte transatlântica).

*The American forces in Germany are thus an important component of **transatlantic friendship**.*
(grifos da autora)

Como (se é que é possível) estratégias de tradução tradicionais podem explicar essas diferentes soluções? Se aplicarmos as estratégias de Newmark, poderíamos dizer que, no exemplo (1), a estratégia usada foi a tradução metáfora por metáfora (ou seja, uma reprodução da imagem), enquanto que no exemplo (2) a metáfora foi omitida. Esses excertos seriam exemplos do que Newmark denomina “textos oficiais” (*authoritative texts*), um gênero textual em que, segundo o autor, as metáforas devem ser preservadas. Como um critério para guiar as decisões do tradutor, Newmark indica o grau de importância da metáfora no texto.

O primeiro excerto foi extraído de um discurso de Kohl de fevereiro de 1998; o segundo, de seu discurso em uma cerimônia de comemoração pelo fim do Bloqueio de Berlim, em maio de 1998. O Bloqueio de Berlim é conhecido em alemão como *Luftbrücke* (literalmente: “ponte no ar”). No primeiro excerto, o 50º aniversário do fim do Bloqueio é brevemente mencionado, mas não é o tópico central. No segundo excerto, entretanto, o *Luftbrücke* é o tópico central e, por ser usado com frequência, contribui para a estrutura do texto. Em tese, com base nessas considerações, a recomendação de Newmark seria: traduzir metáfora por metáfora, no exemplo (1), e metáfora por sentido, no exemplo (2). Entretanto, se descrevermos esses exemplos a partir da abordagem cognitiva, expressões metafóricas como *Brücke* seriam consideradas “à luz do conceito metafórico do qual são manifestações, e não como expressões individuais a serem ajustadas no texto de chegada como for possível”¹⁴ (STIENSTRA, 1993, p.217). Nesse caso, entende-se que o mesmo evento histórico foi conceitualizado de maneiras diferentes, por culturas diferentes, usando metáforas diferentes. O domínio-fonte do inglês *airlift* é o domínio TRANSPORTE, com foco no meio de transporte (aéreo), na ação, e envolvendo uma direção (de – para). No termo *Luftbrücke*, em alemão, o domínio-fonte é uma ESTRUTURA ARQUITETÔNICA, com foco no meio de transporte e no objeto físico. Como mencionado acima, *Luftbrücke* foi o tópico central do discurso de Kohl de maio de 1998; mas seria *bridge* realmente a metáfora dominante no texto como um todo? Em outras palavras: qual é a metáfora

¹³ Tradutores normalmente não recebem créditos em traduções produzidas para o governo alemão.

¹⁴ “in the light of the metaphorical concept of which they are manifestations, and not as individual idioms to be fitted into the target text as well as they can”

conceitual subjacente atualizada pela expressão metafórica *Freundschaftsbrücke*?

Uma análise mais detalhada dos discursos de Kohl mostra que a argumentação se estrutura em torno da ideia central da amizade entre a Alemanha e os EUA. Nos cinco primeiros parágrafos, Kohl faz um relato do evento histórico e do seu significado político. O termo *Luftbrücke* ocorre seis vezes nesses primeiros parágrafos e é sempre traduzido como *Airlift*, uma vez que é usado como nome próprio. Kohl relaciona aspectos históricos ao desenvolvimento da amizade entre a Alemanha e os EUA nos últimos 50 anos, tanto em nível pessoal quanto governamental. É nessa parte que o ex-chanceler alemão usa o termo *Freundschaftsbrücke* (explorando a imagem da ponte como um recurso retórico da argumentação do discurso político):

*[...] in den vergangenen Jahrzehnten haben rund 7 Millionen amerikanische Soldaten bei uns in Deutschland Dienst getan. Gemeinsam mit ihren Familien waren es etwa 15 Millionen Amerikaner, die fernab ihrer Heimat, ihren Beitrag zur Erhaltung von Frieden und Freiheit leisteten [...]. Im täglichen Kontakt mit ihren deutschen Nachbarn haben sie viele persönliche Beziehungen geknüpft. Diese wurden [...] eines der Fundamente der engen Freundschaft zwischen unseren Völkern. Es sind ja nicht zuletzt die alltäglichen Erfahrungen und Eindrücke, die persönlichen und menschlichen Begegnungen, die in diesen Jahrzehnten die deutsch-amerikanischen Beziehungen mit Leben erfüllt haben. So sind die amerikanischen Soldaten ein wichtiger Teil der Freundschaftsbrücke über den Atlantik geworden.*¹⁵

O que podemos observar com essa análise é que o discurso de Kohl está estruturado em torno de um entendimento metafórico da amizade: dois países são amigos. Entender o Estado metaforicamente como uma pessoa que busca amizade envolve uma concepção metafórica de proximidade. Portanto, todas as referências no discurso de Kohl a *Kontakte, Beziehungen, Begegnungen* (*contacts, a dense network of personal ties, personal encounters*) podem ser descritas como expressões metafóricas que atualizam as metáforas conceituais O ESTADO É UMA PESSOA e INTIMIDADE É PROXIMIDADE (ver também os comentários de Gibbs sobre as metáforas primárias (GIBBS et al., 2004). Um dos meios que permite que amigos que vivem distantes se aproximem é uma ponte. Uma ponte liga dois pontos, nesse caso, os EUA e

¹⁵ A tradução oficial para o inglês desta passagem é a seguinte: “Over the past decades some seven million American servicemen have been stationed in Germany. Together with their families, that makes about 15 million Americans who, in this country far from home, have helped, [...] to safeguard peace and liberty. In their day-to-day contacts with Germans the American community here has built up a dense network of personal ties central to the close friendship between our two nations. It is not least this wealth of personal encounters, these everyday impressions and experiences which make German-American relations a meaningful part of daily life. The American forces in Germany are thus an important component of transatlantic friendship.”

a Alemanha (correspondência ontológica), proporcionando assim uma oportunidade para contato direto (correspondência epistêmica).

Adotando tal perspectiva conceitual, podemos dizer que traduzir *Freundschaftsbrücke* como *transatlantic friendship* não constitui realmente um caso de omissão de metáfora. As metáforas conceituais O ESTADO É UMA PESSOA e INTIMIDADE É PROXIMIDADE estão presentes no TF e no TA e são relevantes para a estrutura do texto e sua função geral como discurso político. No nível macro, as metáforas conceituais são idênticas no TF e no TA, embora no nível micro uma expressão metafórica específica no TF (*Freundschaftsbrücke*) não tenha sido traduzida exatamente da mesma maneira no TA. Contudo, o termo *transatlantic friendship*, no TA, também pode ser caracterizado como uma expressão metafórica, que atualiza linguisticamente as mesmas metáforas conceituais.

A partir da abordagem cognitiva, um primeiro aspecto das metáforas na tradução pode ser, portanto, descrito da seguinte forma: nem todas as manifestações individuais de uma metáfora conceitual em um texto de partida são recuperadas no texto de chegada usando a mesma expressão metafórica. Esse argumento vai ao encontro de uma das conclusões de Stienstra (1993). Com base em várias traduções da Bíblia para o inglês e o holandês, a autora explica que a metáfora conceitual JEOVÁ É O MARIDO DE SEU POVO, uma metáfora central do Antigo Testamento, foi preservada no nível macro, mesmo quando manifestações textuais específicas foram alteradas ou não explicadas em cada caso específico.

Há outro exemplo no discurso de Kohl de maio de 1998 que fornece *insights* sobre os usos estratégicos de metáforas e o seu tratamento na tradução. Ao elaborar sobre a parceria entre Alemanha e EUA no mundo de hoje e de amanhã, Kohl diz:

(3) *Unser Ziel, Herr Präsident, ist es, den Bau des **Hauses Europa** zu vollenden. Dabei wollen wir, daß unsere amerikanischen Freunde in diesem Haus auf Dauer ihre **feste Wohnung** haben.* (literalmente: [...] queremos que nossos amigos americanos tenham um apartamento permanente nesta residência.)

*Our goal is to complete the construction of the **European house**—with a permanent **right of residence** for our American friends—and **enable the family of European nations to live together side by side in lasting peace.*** (grifos da autora)

De uma perspectiva cognitiva, podemos dizer que as expressões metafóricas *Haus Europa*, *Haus* e *feste Wohnung* são todas atualizações da metáfora conceitual subjacente A EUROPA É UMA CASA, um exemplo de metáfora ontológica (LAKOFF e JOHNSON, 1980).

Enquanto que, no TF, os elementos estruturais foram lexicalizados, o TA tornou explícitos os acarretamentos do domínio-fonte; isto é, ter um apartamento garante o direito à moradia. Essas são correspondências epistêmicas. Tanto o TF quanto o TA permanecem dentro da metáfora conceitual de uma casa, e as informações adicionais no TA ("*and enable the family of European nations to live together side by side in lasting peace*") podem ser entendidas como outras atualizações da mesma metáfora, fornecendo também um vínculo conceitual com a metáfora INTIMIDADE É PROXIMIDADE, que estrutura o discurso de Kohl.

Identificar metáforas e descrever padrões do texto-alvo é um objetivo relevante para pesquisas em tradução. Em tempo, uma pergunta adicional diz respeito às causas e aos efeitos de traduções específicas (cf. CHESTERMAN, 1998). Isso será exemplificado a partir da retomada do termo *Haus Europa* e, posteriormente, com os comentários sobre os efeitos de uma proposta de tradução específica (*fester Kern—hard core*). Tal análise necessariamente considera o texto em seu contexto histórico, levando em conta sua função, seus destinatários etc. Assim, a metáfora não é mais um fenômeno de tradução de um texto em particular, mas se torna um fenômeno intertextual.

5. A metáfora como um fenômeno intertextual

A expressão metafórica *Haus Europa* se destacou no discurso de Helmut Kohl dos anos 1990, especificamente no que tange às questões da integração europeia. A metáfora da “casa europeia compartilhada” (*common European house*) foi introduzida no discurso político em meados da década de 1980, pelo então líder da União Soviética Mikhail Gorbachev. Refletindo o “novo pensamento político” do Partido Comunista liderado por Gorbachev, a metáfora conceitual A EUROPA É UMA CASA serviu para representar a ideia de união entre os países europeus a leste e oeste da Cortina de Ferro, vivendo e trabalhando juntos e coexistindo pacificamente. O esquema base da metáfora de Gorbachev era um bloco de apartamentos de vários andares com diversas entradas, nos quais diferentes famílias vivem, cada uma em seu próprio apartamento (ou seja, usava-se a ideia prototípica de ‘residência’ das grandes cidades russas). Em seu discurso, Gorbachev pouco elaborou sobre os elementos estruturais que compõem uma casa, mas enfatizou, com frequência, as regras e normas de convivência dessa “residência compartilhada”. As regras da casa devem garantir que todas as famílias possam viver suas próprias vidas, sem interferência de seus vizinhos, para que a residência compartilhada esteja protegida e se mantenha em ordem (cf. CHILTON, 1996; SCHÄFFNER, 1996).

A expressão metafórica *dom*, em russo, foi traduzida como *house*¹⁶ em inglês e como *Haus* no discurso político alemão que relatou as novas ideias e objetivos políticos de Gorbachev, que não eram prontamente bem-vindos nos países da Europa Ocidental. Porém, em vez de ser rejeitada, a metáfora A EUROPA É UMA CASA foi adotada e conceitualmente desafiada. No discurso político britânico (especialmente na segunda metade dos anos 1980), os aspectos estruturais dominavam a argumentação, determinada por características prototípicas do conceito de “casa” como entendido pelos ingleses: há referências a casas isoladas e geminadas, aos cercados que as separam e a questões como: quem deve morar em qual espaço, ou em qual andar.

Com o fim da Guerra Fria, a metáfora conceitual A EUROPA É UMA CASA perdeu forças, mas, especialmente no discurso político da Alemanha de Helmut Kohl, ainda era frequentemente usada para se referir à integração europeia. O conceito de “casa” que fica subentendido no discurso de Kohl de maio de 1998 é um bloco de apartamentos de vários andares, o que fica evidente na referência a *feste Wohnung*. A solução escolhida para o TA (ou seja, o uso de uma expressão que é um acarretamento da metáfora conceitual somada à elaboração de informações adicionais) pode refletir a consciência do tradutor de que essa metáfora não era muito familiar para o público estadunidense (os principais destinatários do TA), e a questão de que a ideia prototípica de “casa”, nos EUA, é uma habitação residencial unifamiliar.

Em relação à abordagem cognitiva, podemos dizer que esse exemplo elucidou o seguinte caso: componentes estruturais do esquema conceitual de base no TF (*feste Wohnung*) são substituídos no TA por expressões que explicitam inferências e acarretamentos baseados em conhecimento (*right of residence, family, live together*).

O sucesso ou fracasso pragmático de uma solução tradutória específica se torna óbvio no discurso político internacional. Uma perspectiva específica da tradução pode fornecer contribuição valiosa a esse respeito quando se permite mostrar como as metáforas são elaboradas no curso da comunicação intercultural, como consequência da tradução. Do ponto de vista da Análise Crítica do Discurso, Chilton e Ilyin (1993) estudaram o destino da metáfora da “casa europeia compartilhada” quando ela viaja entre diferentes culturas linguísticas e políticas e mostraram como o conceito de casa é prototipicamente conceitualizado de maneiras diferentes de uma cultura para outra.

A partir da perspectiva dos Estudos de Tradução, outro caso a ser observado é o

¹⁶ Em princípio, o termo *home* também foi empregado, mas, com o tempo, *house* se tornou a expressão dominante.

desenrolar da expressão metafórica *core Europe*. Essa expressão foi o tópico principal dos debates políticos altamente controversos da segunda metade do ano de 1994 que foram desencadeados por um documento alemão, produzido pelo grupo parlamentar constituído pela União Democrata-Cristã (CDU, na sigla em inglês) e pela União Social-Cristã (CSU, na sigla em inglês), criado por Wolfgang Schäuble (o líder parlamentar do CDU). No documento, o CDU/CSU alertou para o risco de a União Europeia (UE) se tornar um mero grupo disperso. À vista disso, defendia-se a formação de um grupo central com os países membros da UE que mantinham relações mais estreitas, os quais deveriam abrir o caminho para uma maior integração entre todos os países do bloco. Esse “grupo central” é mencionado no texto em alemão como *ein fester Kern*, conforme podemos observar abaixo:

(4) *Den festen Kern weiter festigen*

*Daher muß sich ... der **festen Kern** von integrationsorientierten und kooperationswilligen Ländern, ... **weiter festigen**. Zu ihm gehören z. Zt. fünf bis sechs Länder.*

*Der **Kern** darf nicht abgeschlossen, muß hingegen für jedes Mitglied offen sein,*

*Der **festen Kern** hat die Aufgabe, den **zentrifugalen Kräften** in der immer größer werdenden Union ein **starkes Zentrum** entgegenzustellen ...¹⁷*

O documento foi traduzido para o inglês por tradutores *in-house*, que atuavam na Alemanha, da seguinte forma:

(5) *Further strengthening the EU's **hard core***

*... that existing **hard core** of countries oriented to greater integration and closer cooperation must be further **strengthened**. At present, the **core** comprises five or six countries. This **core** must not be closed to other member states; ...*

*The task of the **hard core** is, by giving the Union a **strong centre**, to counteract the **centrifugal forces** ...¹⁸*

A expressão *fester kern* deve (ou deveria) ser interpretada de maneira positiva no texto em alemão, sugerindo firmeza, sinceridade e integridade. A proposta alemã, contudo, foi recebida de forma negativa pelo governo britânico e pela mídia, reação causada pela — infeliz — escolha de traduzir *fester Kern* por *hard core* no texto em inglês. A escolha da expressão *hard core* mudou o tom do documento consideravelmente, permitindo uma tênue reformulação

¹⁷ CDU/CSU Fraktion des Deutschen Bundestages, *Überlegungen zur Europäischen Politik*, 1994, p.7

¹⁸ CDU/CSU Fraktion des deutschen Bundestages, *Reflections on European Policy*, 1994, p. 7; grifo da autora

do conceito de *fester Kern*, conforme publicado nos jornais britânicos de 1994. A saber, *hard core* associa-se a pessoas e coisas difíceis, imorais e incorrigíveis. Nos textos em inglês, o termo *core* (núcleo) serviu para descrever um grupo exclusivo, com ideias firmes e obstinadas sobre o futuro da União Europeia. A metáfora conceitual subjacente a esses textos é a metáfora do contêiner, ou seja, o grupo de países que formam (ou deveriam formar) o núcleo é conceitualizado como um contêiner e a argumentação está centrada normalmente nas ideias de inclusão e exclusão, estar dentro ou fora do núcleo (*core*), em posição central ou periférica; todas indicando a metáfora orientacional TER CONTROLE É ESTAR NO CENTRO.

Em parte, como reação às críticas da mídia internacional, no discurso político alemão a metáfora do núcleo (*the core*) como sendo a parte mais central de algum objeto foi expandida e passou a especificar esse objeto. O termo *Kern* foi usado em contextos que introduziram novas conceitualizações, novas metáforas conceituais (cf. SCHÄFFNER, 1997a). Argumentou-se, por exemplo, que falar sobre *core countries* levaria a um *Kernspaltung* da UE (uma “fissão nuclear”). Quando questionado sobre o fato de que *Kerneuropa* significaria que alguns países tomariam a iniciativa nos processos de tomada de decisão, deixando outros de fora, Schäuble vinculou sua ideia a outra metáfora: o ímã.

(6) *Wir haben immer das Bild des Magnetfelds gebraucht: Der Kern zieht an und stößt nicht ab.*
(*Der Spiegel*, fevereiro de 1996)

[Sempre usamos a imagem do campo magnético: o núcleo magnético atrai, não repele.]

Essa argumentação, no entanto, não pode ser justificada com base no documento do líder parlamentar alemão, pois o texto não carrega nenhuma referência, explícita ou implícita, a ímãs. O documento menciona como tarefa do “núcleo [...] neutralizar as forças centrífugas”¹⁹, mas o que acontece em uma centrífuga não pode realmente ser comparado a um campo magnético. Na tradução para o inglês, o tradutor considerou apenas a expressão metafórica (traduzindo a expressão metafórica por outra expressão metafórica). Como o próprio documento em alemão não evidenciou a metáfora conceitual subjacente, a consequência foi um debate acalorado, motivado por questões políticas, na Grã-Bretanha e na Alemanha, que acabou resultando na mudança de uma metáfora orientacional (TER CONTROLE É ESTAR NO CENTRO), por uma metáfora estrutural (A UE É UM ÍMÃ).

O ponto mais interessante para os Estudos de Tradução sobre esse acontecimento é que

¹⁹ “*hard core [...] to counteract the centrifugal forces*”

todo o debate, bem como a mudança conceitual, iniciou-se por conta de uma solução específica de tradução. Nesses casos, podemos falar da intertextualidade intercultural, em que uma metáfora passa a ser elaborada como resultado da comunicação intercultural e/ou da tradução. Ao estudar traduções autênticas e seus efeitos, os Estudos de Tradução também podem contribuir para pesquisas sobre os aspectos culturais das metáforas conceituais. Ou seja, a análise de textos voltada para as metáforas e para o raciocínio metafórico em diferentes línguas pode revelar possíveis diferenças culturais nas estruturas conceituais.

6. Metáfora e cultura

As diferenças culturais entre a língua-fonte e a língua-alvo, entre a cultura de partida e a cultura de chegada, costumam ser consideradas barreiras para a tradução de metáforas. Argumenta-se, por exemplo, que se uma metáfora ativar associações diferentes nas culturas envolvidas no processo, deve-se evitar uma tradução literal e optar por uma metáfora correspondente na LA, ou parafraseá-la. No entanto, se for preciso enfatizar a especificidade cultural do TF, melhor seria reproduzir a metáfora da LF e adicionar uma explicação, em uma nota de rodapé, ou por meio de comentários.

No que tange às especificidades culturais, a abordagem cognitiva sobre a metáfora também pode fornecer novas perspectivas para os Estudos de Tradução. Stienstra (1993) diferencia as metáforas entre: metáforas universais (*universal metaphors*), metáforas recorrentes em diferentes culturas (*culture-overlapping metaphors*) e metáforas específicas da cultura (*culture-specific metaphors*). A autora argumenta que grande parte das experiências humanas é universal, ou, pelo menos, compartilhada por várias culturas; portanto, não é a metáfora conceitual que depende da cultura, mas sim sua realização linguística²⁰.

Ao discutir os termos *Luftbrücke* e *airlift*, comentou-se que um mesmo evento histórico pode ser conceitualizado de maneiras diferentes por culturas²¹ distintas. No caso da *European house*, vimos diferentes interpretações específicas da cultura no nível do conceito prototípico; mas, em um nível mais abstrato, provavelmente há uma metáfora universal A CASA É UM CONTÊINER. No caso do *core Europe*, a polissemia do termo em alemão *Kern* deu margem à outra metáfora conceitual.

²⁰ Esse argumento também é apoiado por Yu (1998), com base em uma comparação entre metáforas provenientes do chinês e do inglês.

²¹ O termo “cultura” é usado no sentido de “paracultura”, referindo-se ao nível mais global das nações (cf. VERMEER, 1996, p. 3)

Para uma análise mais detalhada sobre metáforas universais, sobrepostas à cultura e específicas da cultura, a análise de textos traduzidos também pode ser útil. Uma fonte que pode ser interessante para análises empíricas são documentos multilíngues que emergem de processos de produções textuais que envolvem diversas negociações linguísticas (textos produzidos paralelamente em vários idiomas) e traduções. Como esses textos são aprovados e considerados igualmente autênticos, sua análise pode ajudar a esclarecer semelhanças e diferenças nas metáforas conceituais e/ou em suas realizações linguísticas.

Alguns documentos políticos que foram produzidos combinando produção e tradução, mais especificamente, os Manifestos para as eleições parlamentares europeias de 1994 e 1999, adotados pelo Partido Socialista Europeu (PES, na sigla em inglês) e pelo Partido Popular Europeu (EPP, na sigla em inglês), e o documento conjunto de Tony Blair e Gerhard Schroeder "*Europe: The Third Way/Die Neue Mitte*", de junho de 1999, já foram analisados. O que segue são alguns resultados iniciais, relevantes para estudos sobre metáfora (todos os grifos nos exemplos são da autora):

1. Uma metáfora conceitual comumente usada nos textos políticos em inglês e em alemão é uma metáfora de movimento (POLÍTICA É MOVIMENTO AO LONGO DE UM CAMINHO ATÉ UM DESTINO). Na realização linguística dos textos em inglês, essa metáfora é geralmente mais elaborada e combinada a um verbo, enquanto que, nos textos em alemão, isso não acontece necessariamente da mesma forma. Por exemplo:

(7) *There is still a **long way** to go to achieve this.*

*Bis dahin ist es noch **ein weiter Weg**.*

(Manifesto do PES de 1994; literalmente: ainda há um longo caminho até lá.)

2. As metáforas conceituais podem ser específicas de uma cultura em um nível mais concreto, mas recorrentes em diferentes culturas (ou mesmo universais) em um nível mais abstrato. Por exemplo:

(8) *unter dem **Dach** eines Europäischen Beschäftigungspaktes*

*under the **umbrella** of a European employment pact*

(documento conjunto de Blair e Schröder)

No exemplo acima, as palavras em negrito podem ser entendidas como expressões

metafóricas de uma metáfora conceitual mais geral ESTAR PROTEGIDO É ESTAR COBERTO.

No próximo exemplo, os três excertos de texto fazem referência a uma metáfora de movimento (*Schritt nach vorn getan*; *taken a step forward*; *faire un pas*). Contudo, o início de um novo projeto é conceitualizado como o início de uma construção no texto em inglês (*foundation stone*), enquanto que o texto em francês mantém a metáfora de movimento (*une étape sur la voie*) e o texto em alemão usa uma expressão mais geral (*Beginn*). Todas essas expressões metafóricas podem ser entendidas como realizações de uma metáfora conceitual mais abstrata PROGRESSO É CRESCIMENTO.

(9) *Mit der Einführung des EURO haben wir einen großen Schritt nach vorn getan [...] Die EVP sieht darin den Beginn eines neuen Projektes, [...]*

We have already taken a great step forward towards European integration by introducing the Single Currency. But the euro is [...] the foundation stone of what we intend to be a new era, [...]

Nous venons de faire un grand pas vers l'intégration européenne avec l'instauration de la monnaie unique. Mais l'euro [...] est une étape sur la voie d'une union politique, [...]

(Manifesto do PPE de 1999)

3. Diferentes perspectivas e/ou aspectos de uma metáfora conceitual em comum são explicitados nos textos, por exemplo:

(10) *Europa muß mit einer Stimme in der Welt sprechen.*

We must act as one on the international scene. —Nous devons parler d'une seule voix sur la scène internationale.

(Manifesto do PPE de 1999)

A metáfora conceitual em comum é A EUROPA É UMA PESSOA. O texto em alemão explicitou a ideia de "voz" (uma relação metonímica parte-todo proveniente de um acarretamento conceitual), o texto em inglês introduziu uma cena teatral, isto é, conceitualizou a pessoa como um ator²², e o texto em francês é uma combinação desses dois aspectos.

²² A especificação da PESSOA como ator pode ser descrita como uma implicatura e vinculada à especificação do mundo como teatro (A POLÍTICA MUNDIAL É UM TEATRO). Uma análise mais detalhada desse exemplo do ponto de vista dos Estudos de Tradução, que está fora do escopo deste trabalho, também precisaria vincular essa especificação à mudança de "Europa" por "nós".

4. Manifestações linguísticas diferentes apontam para conceitualizações diferentes, por exemplo:

(11) *Wir haben Werte, die den Bürgern wichtig sind [...] zu häufig zurückgestellt hinter universelles Sicherungsstreben.* (literalmente: “colocar para trás” [...])

Values that are important to citizens [...] were too often subordinated to universal social safeguards.

(documento conjunto de Blair e Schröder)

O exemplo acima aponta para o fato de que a ideia de “importância” parece ser conceitualizada por metáforas orientacionais diferentes: IMPORTÂNCIA É ESTAR À FRENTE, em alemão, e IMPORTÂNCIA É PARA CIMA, em inglês. Porém, análises textuais mais aprofundadas são necessárias antes que se possa chegar a uma conclusão. No exemplo a seguir, as diferentes manifestações linguísticas refletem diferenças política e ideologicamente determinadas:

(12) *Der Staat muß die Beschäftigung aktiv fördern und nicht nur passiver Versorger der Opfer wirtschaftlichen Versagens sein.*

The state must become an active agent for employment, not merely the passive recipient of the casualties of economic failure.

(documento conjunto de Blair e Schröder)

O texto em alemão aponta para a metáfora conceitual O ESTADO É PAI (*Versorger*), enquanto que o texto em inglês reflete a metáfora conceitual O ESTADO É UMA REDE DE SEGURANÇA (*recipient*). Essa explicação considera as políticas tradicionais e os discursos intertextuais dos dois partidos políticos envolvidos. As funções pretendidas dos textos para seus respectivos destinatários também precisam ser levadas em consideração (para uma discussão mais detalhada, ver Schäffner, 2002). Análises subsequentes desses textos certamente revelariam mais sobre os aspectos culturais das metáforas.

7. Conclusão

Os poucos exemplos discutidos nesta análise evidenciaram que as culturas de partida e de chegada nem sempre empregam metáforas conceituais idênticas. Mudanças, especificações

ou diferenças identificadas em um TA, quando comparadas retrospectivamente ao TF, raramente podem ser caracterizadas como erros de tradução. Muito mais interessante é o fato de que traduções podem explicitar diferenças entre metáforas conceituais e/ou expressões metafóricas, podendo, inclusive, desencadear debates controversos na comunicação intercultural (como no caso de *core Europe*). Uma vez que uma metáfora alcança a discussão (política) internacional, ela pode sofrer alterações durante o processo de transferência de uma língua e cultura para outra. Assim, uma análise de textos, com foco nas metáforas e no raciocínio metafórico em diferentes línguas, pode revelar possíveis diferenças culturais nas estruturas conceituais.

A visão cognitiva sobre a metáfora fornece novos *insights* para os Estudos de Tradução. Essa abordagem mostra que as estratégias de tradução tradicionalmente sugeridas na literatura precisam ser reconsideradas, principalmente no que diz respeito à sua validade para lidar com as metáforas conceituais. Com base nos exemplos discutidos anteriormente, identificou-se o seguinte:

1. A metáfora conceitual é idêntica no TF e no TA no nível macro, sem que cada manifestação individual seja contabilizada no nível micro (como no exemplo de *bridge*);
2. Componentes estruturais do esquema conceitual de base no TF são substituídos no TA por expressões que explicitam acarretamentos (exemplo de *apartment*);
3. A metáfora é mais elaborada no TA (exemplo de *movement*);
4. TF e TA empregam expressões metafóricas diferentes que podem ser combinações de uma metáfora conceitual mais abstrata (exemplo de *roof-umbrella*);
5. A expressão no TA reflete um aspecto diferente da metáfora conceitual (exemplo de *a person as an actor*).

Essas cinco considerações não devem ser transformadas em estratégias de tradução e oferecidas aos tradutores como soluções prontas, dizendo-lhes como traduzir uma metáfora específica, nesse caso conceitual, em um texto. São apenas dados observados, resultantes de uma análise comparativa entre textos-fonte e textos-alvo e do seu desenvolvimento subsequente no discurso político intercultural. Talvez elas possam ser candidatas a possíveis estratégias de tradução, mas seriam necessárias análises mais aprofundadas, com base em um *corpus* maior, antes que se pudessem formular hipóteses apropriadas. Tais análises também nos permitiriam testar até que ponto a visão cognitiva sobre a metáfora de Lakoff e Johnson pode explicar o que

se observa sobre a tradução²³, ou se outras perspectivas teóricas podem ser igualmente adequadas, ou até mais relevantes.

Cada vez mais, os Estudos de Tradução são entendidos como uma disciplina empírica que tem como objetivos descrever traduções (tanto como produtos quanto processos), explicar o motivo pelo qual os tradutores agem de certas maneiras e produzem textos-alvo específicos e avaliar os efeitos das traduções. Ao descrever as estratégias adotadas pelos tradutores para lidar com metáforas e ao explicar os efeitos que determinada solução específica teve sobre os leitores e as culturas (ou prever seus possíveis efeitos), a disciplina de Estudos de Tradução pode fornecer uma contribuição valiosa para o estudo das metáforas.

Referências:

AL-HARRISI, A. **Metaphor in (Arabic-into-English) translation, with specific reference to metaphorical concepts and expressions in political discourse**. Tese (Doutorado em Filosofia) – Aston University, Birmingham, 2001.

ARROJO, Rosemary. The revision of the traditional gap between theory and practice and the empowerment of translation in postmodern times. **The Translator**, Manchester, v. 4, n. 1, p. 25–48, 1998.

CATFORD, John C. **A Linguistic Theory of Translation**. Londres: Oxford University Press, 1965.

CHESTERMAN, Andrew. Causes, translations, effects. **Target**, v. 10, p. 201–230, 1998.

CHESTERMAN, Andrew. A causal model for Translation Studies. In: OLOHAN, M. (ed.), **Intercultural Faultlines**. St. Jerome, Manchester, p. 15–27, 2000.

CHILTON, Paul. **Security Metaphors: old War Discourse from Containment to Common House**. Nova Iorque: Peter Lang, 1996.

CHILTON, Paul; ILYIN, Mikhail. Metaphor in political discourse: the case of the ‘common European house’. **Discourse & Society**, v. 4, p. 7–31, 1993.

CRISTOFOLI, Mirella; DYBERG, Gunhild; STAGE, Lilian. Metaphor, meaning and translation. **Hermes, Journal of Linguistics**, v. 20, p. 165–179, 1998.

DAGUT, Menachem. Can ‘metaphor’ be translated? **Babel**, v. 22, p. 21–33, 1976.

²³ Por exemplo, casos como os seguintes, citados em um discurso do chanceler alemão Gerhard Schröder (novembro de 1999), podem contribuir para testar a hipótese da invariância (LAKOFF, 1990) da perspectiva da tradução: “[...] *haben jene Entwicklung ermöglicht. —[...] made possible the course of events*”. Aqui, a metáfora conceitual é DESENVOLVIMENTO É MOVIMENTO AO LONGO DE UM CAMINHO; o domínio-alvo é explícito no TF, enquanto que o domínio-fonte é explícito no TA.

DELISLE, Jean; WOODSWORTH, Judith (eds.). **Translators through History**. Amsterdã: John Benjamins, 1995.

GENTZLER, Edwin. **Contemporary Translation Theories**. Londres: Routledge, 1993.

GIBBS, Raymond; LIMA, Paula Lenz Costa; FRANCOZO, Edson. Metaphor is grounded in embodied experience. **Journal of Pragmatics**, v. 36, p. 1189–1210, 2004.

GOATLY, Andrew. **The Language of Metaphors**. Londres: Routledge, 1997.

HERMANS, Theo. Translation and normativity. **Current Issues in Language and Society**, v. 5, p. 50–71, 1998.

HOLMES, James. **Translated!** Papers on Literary Translation and Translation Studies. Amsterdã: Rodopi, 1988.

HOLZ-MÄNTTÄRI, Justa. **Translatorisches Handeln**: Theorie und Methode. Helsinki: Suomalainen Tiedekatemia, 1984.

HOUSE, Juliane. **Translation Quality Assessment**: A Model Revisited. Tübingen: Narr, 1997.

KJÄR, Uwe. Der Schrank seufzt: Metaphern im Bereich des Verbs und ihre Übersetzung. **Revue belge de philologie et d'histoire**, v. 72, n. 3, p. 657–662, 1988.

KOLLER, Werner. **Einführung in die Übersetzungswissenschaft**. Heidelberg: Quelle & Meyer, 1992.

KÖVECSES, Zoltan. **Metaphors of Anger, Pride, and Love**: A Lexical Approach to the Structure of Concepts. Amsterdã: John Benjamins, 1986.

KURTH, Ernst-Norbert. **Metaphernübersetzung**: Dargestellt an grotesken Metaphern im Frühwerk Charles Dickens in der Wiedergabe deutscher Übersetzungen. Frankfurt am Main: Peter Lang, 1995.

LAKOFF, George. The invariance hypothesis. Is abstract reason based on image-schemas? **Cognitive Linguistics**, v. 1, p. 39–74, 1990.

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. **Metaphors We Live By**. Chicago: University of Chicago Press, 1980.

NEUBERT, Albrecht. **Text and Translation** (Übersetzungswissenschaftliche Beiträge 8). Leipzig: Enzyklopädie, 1985.

NEWMARK, Peter. **Approaches to Translation**. Oxford: Pergamon Press, 1981.

NORD, Christiane. **Translating as a Purposeful Activity**: Functionalist Approaches Explained. Manchester: St. Jerome, 1997.

ROBINSON, Douglas. **Western Translation Theory from Herodotus to Nietzsche**. Manchester: St. Jerome, 1997.

SCHÄFFNER, Christina. Building a European house? Or at two speeds into a dead end? Metaphors in the debate on the united Europe. In: MUSOLFF, A.; SCHÄFFNER, C.; TOWNSON, M. (eds.), **Conceiving of Europe: Diversity in Unity**. Aldershot: Dartmouth, 1996, p. 31–59.

SCHÄFFNER, Christina. Metaphor and interdisciplinary analysis. **Journal of Area Studies**, v. 11, p. 57–72, 1997a.

SCHÄFFNER, Christina. Translation Studies. In: VERSCHUEREN, J., ÖSTMAN, J.-O., BLOMMAERT, J., BULCAE, C. (eds.), **Handbook of Pragmatics**. Amsterdã: John Benjamins, p. 1–17, 1997b.

SCHÄFFNER, Christina. Metaphern. In: SNELL-HORNBY, M., et al. (eds.), **Handbuch Translation**. Tübinga: Stauffenburg, p. 280–285, 1998.

SCHÄFFNER, Christina. Third Ways and New Centres—Ideological unity or difference? In: CALDAZA PÉREZ, M. (ed.), **Apropos of Ideology. Translation Studies on Ideology—Ideologies in Translation Studies**. Manchester: St. Jerome, p. 23–41, 2002.

SNELL-HORNBY, Mary; PÖCHHACKER, Franz; KAINDL, Klaus (eds.). **Translation Studies: An Interdiscipline**. Amsterdã: John Benjamins, 1992.

STIENSTRA, Nelly. **YHWH is the Husband of His People: Analysis of a Biblical Metaphor with Special Reference to Translation**. Kampen: Kok Pharos, 1993.

STOLZE, Radegundis. **Übersetzungstheorien: Eine Einführung**. Tübinga: Narr, 1994.

TOURY, Gideon. **Descriptive Translation Studies and Beyond**. Amsterdã: John Benjamins, 1995.

VAN DEN BROECK, Raymond. The limits of translatability exemplified by metaphor translation. **Poetics Today**, v. 2, p. 73–87, 1981.

VANNEREM, Mia; SNELL-HORNBY, Mary. Die Szene hinter dem Text: “scenes-and frames-semantics” in der Übersetzung. In: SNELL-HORNBY, M. (ed.), **Übersetzungswissenschaft: Eine Neuorientierung**. Tübinga: Francke, 1986, p. 184–205.

VENUTI, Lawrence. **The Translator’s Invisibility**. Londres: Routledge, 1995.

VENUTI, Lawrence. Translation as a social practice: or, the violence of translation. In: GADDIS ROSE, M. (ed.), **Translation Horizons: Beyond the Boundaries of Translation Spectrum**. New York: Binghamton, Center for Research in Translation, 1996. p. 195–213.

VERMEER, Hans J. **A Skopos Theory of Translation (Some Arguments For and Against)**. Heidelberg: TEXTconTEXT, 1996.



YU, Ning. **The Contemporary Theory of Metaphor: A Perspective from Chinese.**
Amsterdã: John Benjamins, 1998.

O impacto emocional da tradução: um estudo de frequência cardíaca¹

The emotional impact of translation: A heart rate study

Ana Rojo

Marina Ramos

Javier Valenzuela²

Tradução: Laura Baiocco³

Revisão de tradução: Bruna Silva⁴

Revisão técnica: Aline Nardes dos Santos⁵

Resumo: O presente trabalho explora se a adoção de determinada estratégia de tradução pode alterar os efeitos que um texto traduzido pode causar em um dado público. Com esse objetivo, um estudo experimental foi delineado para medir se a perda de metaforicidade na tradução de expressões figuradas pode de fato resultar em uma resposta emocional reduzida do público leitor à tradução quando comparada à resposta gerada pela imagem metafórica. A frequência cardíaca de um grupo de participantes espanhóis foi medida para avaliar o impacto emocional de uma série de traduções metafóricas vs. não metafóricas de expressões figuradas do inglês baseadas em quatro emoções básicas: felicidade, tristeza, raiva e medo. Os resultados indicam diferenças significativas entre as traduções metafóricas e não metafóricas para as quatro emoções analisadas, apontando para uma diferença no impacto emocional sobre o público da tradução.

Palavras-chave: Tradução; Metáforas; Emoções; Recepção.

Abstract: The present work explores the question of whether the adoption of a certain translation strategy can alter the effect that a translated text may cause on a given audience. With this aim, an experimental study was designed to measure whether the loss of metaphoricity in the translation of figurative expressions may actually result in the audience's diminished emotional response to the translation as compared with the one prompted by the metaphorical image. The heart rate of a group of Spanish participants was measured to assess the emotional impact of a series of metaphorical vs. non-metaphorical translations of English figurative expressions based on four basic emotions: happiness, sadness, rage and fear. Results report significant differences between metaphorical and non-metaphorical translations for the four emotions analysed, pointing to a difference in their emotional impact on the recipients of the translation.

Keywords: Translation; Metaphors; Emotions; Reception.

¹ Artigo traduzido com a autorização das autoras, do autor e da editora responsável pela publicação da versão em inglês, a partir do texto ROJO, A.; RAMOS, M.; VALENZUELA, J. The emotional impact of translation: A heart rate study, *Journal of Pragmatics*, v. 71, p. 31-44, 2014. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1016/j.pragma.2014.07.006>

² Doutoradas em Tradução e Interpretação. Faculdade de Humanidades, Universidade de Murcia (UM). anarojo@um.es, marinaramos@um.es; Doutor em Filologia Inglesa. Faculdade de Humanidades, Universidade de Murcia (UM), jvalen@um.es

³ Mestra em Letras (UFRGS), laura.baiocco4@gmail.com.

⁴ Mestra em Linguística Aplicada (UNISINOS), broonamoraes@gmail.com

⁵ Doutora em Linguística Aplicada (UNISINOS), aline.nardes@gmail.com

1. A tradução de metáforas

A ubiquidade da metáfora é avassaladora. A distinção entre ‘metáfora conceitual’ e ‘metáfora linguística’ postulada pela Linguística Cognitiva certamente tem contribuído para o reconhecimento do poder da metáfora como uma manifestação do potencial da cognição humana. As metáforas determinam não somente as expressões linguísticas que usamos para descrever a realidade, mas também o modo como pensamos e concebemos o mundo ao nosso redor. Elas são recursos cognitivos básicos que estruturam nossa experiência diária e, portanto, permeiam cada aspecto da nossa interação com o mundo. Assim, quando descrevemos nosso humor como *transbordando de felicidade* ou *ferendo de raiva*, as imagens selecionadas não foram escolhidas para ilustrar nossas habilidades metafóricas. Em vez disso, essas expressões refletem metáforas que moldam nossa visão de mundo e que concebem a felicidade e a raiva como líquidos em um contêiner – que, no caso da raiva, está desconfortavelmente quente. Além disso, o uso dessas metáforas não acontece sem consequências; elas motivam uma quantidade de padrões de inferências ou implicações que podem incluir, por vezes, padrões comportamentais específicos. Por exemplo, esperamos que a raiva intensa produza calor (*Eu estava de cabeça quente*), pressão (*Ele estava estourando de raiva*) e, eventualmente, faça a pessoa explodir (*Ela explodiu comigo*)⁶ (LAKOFF, 1992, p. 381).

A pervasividade da metáfora é tal que, se lhes for dada a opção, os falantes tendem a preferir expressões metafóricas para se referirem a diversos aspectos da realidade, especialmente quando têm o objetivo de conferir ênfase ou emoção ao discurso. Nesse sentido, frases metafóricas têm provado causar maior engajamento emocional do que suas paráfrases literais. Por exemplo, Citron & Goldberg (2014) relatam uma maior ativação da amígdala (região do cérebro tipicamente associada ao processamento de estímulos emocionais intensos) para frases metafóricas. Elas defendem que seus achados fornecem indícios de que expressões metafóricas convencionais causam maior engajamento emocional, sendo, portanto, escolhidas no lugar de expressões literais por causa de seu maior poder para evocar emoções.

Essa ubiquidade da metáfora, tanto na linguagem literária quanto cotidiana, é também um dos motivos pelos quais as metáforas impõem um grande desafio para tradutores, sendo um dos tópicos centrais nos estudos de tradução. Como Schäffner (2004, p. 1256) observa, o debate teórico sobre a tradução de metáforas tem se centrado em duas questões: sua traduzibilidade e

⁶ No trecho original, em vez de ‘calor’, tinha-se o termo “steam” [vapor] (*I was fuming*), além de “pressure” [pressão] (*He was bursting with anger*) e de fazer a pessoa explodir (*She blew up at me*). Dada a diferença entre as línguas/culturas, não é comum utilizar vapor para descrever raiva no português brasileiro. N. T.

os procedimentos ou estratégias usadas para transferi-la de uma língua-fonte (doravante LF) para uma língua-alvo (LA). Essas duas questões representam, na verdade, dois lados da mesma moeda, cuja preocupação central é o debate sobre a possibilidade ou não de se traduzir uma imagem metafórica de uma dada língua e cultura para outras inevitavelmente diferentes. As questões de traduzibilidade foram discutidas inicialmente através da adoção da abordagem prescritiva, que objetivou regulamentar os diferentes procedimentos de tradução disponíveis ao estabelecer um conjunto adequado de regras (SAMANIEGO FERNÁNDEZ, 2013). Esse tipo de abordagem normativa tem focado principalmente em fornecer classificações tipológicas exaustivas de metáfora e listas completas de procedimentos de tradução, que servem para alcançar ou uma equivalência total, ao reproduzir imagem e sentido – o que Van den Broeck (1981) chamou de *tradução 'stricto sensu'* – ou uma equivalência parcial, ao reproduzir pelo menos um desses dois. Na classificação de Van den Broeck, esta última pode ser alcançada por meio de *substituição* (quando a imagem é substituída por uma da LA com sentido similar) ou *paráfrase* (quando o sentido é traduzido sem a preservação da imagem metafórica).

Por muito tempo, os pesquisadores da área de tradução acreditaram que a resposta ao problema da tradução de metáforas seria encontrada em classificações que determinam o nível de traduzibilidade da metáfora por meio da identificação de seus níveis de inovação e convencionalidade. A maioria das tipologias simples identifica dois tipos de metáfora, um em cada extremo de um *continuum* entre a criatividade e a lexicalização. Assim, Dickins (2005) distingue dois tipos principais: metáforas lexicalizadas e as não lexicalizadas. De forma semelhante, Snell-Hornby (1988) fala em metáforas criativas e mortas, embora admita que uma gama inteira de itens em graus intermediários poderia ser colocada entre esses dois extremos. Para esclarecer a natureza de todos esses casos intermediários, alguns autores têm proposto classificações de três níveis, que postulam dois tipos metafóricos extremos e uma terceira categoria central incluindo casos intermediários mais ou menos convencionalizados. Alguns exemplos desse tipo de classificação são as distinções de Van den Broeck (1981) entre metáforas lexicalizadas, convencionais e privadas e a de Rabadán Álvarez (1991) entre metáforas lexicalizadas, tradicionais e criativas. Mais problemáticas, contudo, são as tipologias baseadas em diferenças sutis demais para serem úteis na prática. Newmark (1988ab), por exemplo, distingue um total de cinco tipos diferentes de metáfora: lexicalizadas, clichês, padronizadas, adaptadas e novas. Enquanto os dois extremos – ou seja, as lexicalizadas e novas – coincidem com aqueles das tipologias dicotômicas, os maiores problemas surgem quando da diferenciação entre os tipos mais centrais ou intermediários, que parecem se referir a tipos diferentes de unidades fraseológicas: certos tipos de expressões estereotipadas ('clichês'),

metáforas literárias assimiladas pelo uso ('padronizadas') e alguns tipos de expressões idiomáticas ('adaptadas').

Todo esse esforço em busca de uma tipologia baseada no grau de lexicalização da metáfora parte da premissa de que a chave para uma tradução bem-sucedida é selecionar o procedimento mais adequado para cada tipo. Assim, a maioria das metáforas criativas são frequentemente reproduzidas por procedimentos de tradução literal, enquanto as mais convencionais ou passam por um processo de substituição (em que a imagem na LF é substituída por uma da LA), ou de paráfrase (em que se mantém o sentido em detrimento da imagem). Além de sua natureza prescritiva, esse tipo de abordagem também tem sido criticado por aplicar principalmente critérios linguísticos, enquanto negligencia outros fatores profissionais, culturais e cognitivos que desempenham papéis importantes na tradução de expressões metafóricas (SAMANIEGO FERNÁNDEZ, 2013; ROJO, 2014). Embora a utilidade dessas tipologias seja óbvia de um ponto de vista teórico e pedagógico, elas ainda negligenciam o papel do público leitor, convenientemente colocando o beneficiário da tradução em segundo plano. Os esforços das abordagens funcionalistas nos anos 1970 em reivindicar o papel da audiência destacaram a importância de reproduzir a função pragmática, mas ainda falharam em observar o papel de fatores cognitivos, tal como o impacto emocional causado por uma metáfora traduzida.

Para sermos justos, a questão do impacto emocional de uma tradução tem sido frequentemente negligenciada nos estudos de tradução, muito provavelmente porque envolve fatores psicológicos e fisiológicos que inicialmente pareciam estar fora do alcance dos pesquisadores da tradução. Porém, a 'virada interdisciplinar' tomada pelos estudos de tradução nos últimos anos abriu caminho para a investigação de fatores e questões que antes eram inatingíveis. E a diferença entre o impacto emocional de traduções metafóricas e de não metafóricas de expressões figuradas está finalmente ao alcance dos estudiosos da tradução (ver, por exemplo, o trabalho de Lehr (2011ab; 2012ab) sobre o impacto das emoções no desempenho e na proficiência tradutórios, e o trabalho de Ramos (2013) sobre o impacto emocional da audiodescrição). A psicologia e os estudos literários são duas das disciplinas que têm aberto as portas para o estudo do impacto emocional da metáfora nos estudos de tradução. A seção a seguir apresenta um resumo sobre os principais métodos desenvolvidos nessas áreas com a finalidade de analisar o impacto emocional de metáforas.

2. Medindo o impacto emocional de metáforas

Medir o impacto emocional de metáforas não é, de forma alguma, uma tarefa simples; algumas tentativas nesse sentido podem ser associadas a evidências de duas áreas de pesquisa: os estudos sobre *foregrounding* e as pesquisas sobre emoções.

O conceito de *foregrounding* foi usado pela primeira vez por Mukařovský (1964) e Garvin (1964) como um termo abrangente para descrever os traços linguísticos que se destacam em um texto por serem raros ou criativos. Mais recentemente, a teoria em *foregrounding* (MIALL, 2007; MIALL & KUIKEN, 1994; TAN, 1994; VAN PEER, 1986, 2007; ZWAAN, 1993) tem explicado como o uso de uma linguagem incomum pode resultar em textos com maior impacto emocional: a originalidade da linguagem incomum ou da variação linguística gera um processo de desfamiliarização acompanhado de sentimentos, e esses sentimentos guiam, por sua vez, os esforços interpretativos de ‘refamiliarização’ dos leitores. Essa teoria tem sido testada empiricamente em diversos estudos que tentam fornecer evidência sobre os efeitos do *foregrounding* na desfamiliarização e na emergência de sentimento (p. ex. VAN PEER, 1986; MIALL & KUIKEN, 1994). Miall e Kuiken (1994), por exemplo, pediram aos seus participantes que classificassem passagens de textos conforme as emoções suscitadas; os autores demonstraram uma correlação clara entre o nível de *foregrounding* do texto e a intensidade das emoções que surgiram. Em um estudo mais recente, Sikora et al. (1998) corroboraram esses dados ao medir as respostas de leitores a um trecho fascinante e envolvente do poema *A balada do velho marinheiro*, de Coleridge, demonstrando que a linguagem com níveis mais altos de *foregrounding* foi capaz de despertar mais emoções.

Também existem evidências sobre o efeito que o processo de desfamiliarização gerado pelo *foregrounding* pode ter no cérebro. Dados apontam para diferenças entre linguagem com *foregrounding* – ou literária – e linguagem não literária, tanto em termos do esforço cognitivo exigido quanto em termos dos padrões de ativação cerebral detectados. Por exemplo, Hoorn (1997; 2001) usou técnicas de eletroencefalograma (EEG) para comprovar que a atenção dos leitores está relacionada ao grau de *foregrounding*, relatando efeitos cognitivo-energéticos de surpresa quando os leitores processavam metáforas literárias. Em relação aos efeitos de desfamiliarização nos padrões de ativação cerebral, estudos que utilizaram potenciais relacionados a eventos⁷ também indicaram que ler textos com *foregrounding* acentua a atividade em áreas corticais especializadas em afeto (KUTAS & HILLYARD, 1982). Além

⁷ *Event-related potentials* (ERP, na sigla em inglês). N. T.

disso, evidências recentes de estudos usando técnicas de fMRI⁸ (BAMBINI et al., 2011; BOHRN et al., 2012) têm apontado para diferenças nos padrões de ativação cerebral entre linguagem metafórica e não metafórica, relatando maior envolvimento do hemisfério direito no caso de metáforas criativas.

O estudo sobre o impacto emocional de metáforas também é determinado pela definição de ‘emoção’ adotada. Emoções são fenômenos formados por diversos componentes e que fogem a uma definição fácil. Atualmente, ainda existem muitas opiniões controversas e visões contrárias – tal como a inclusão ou não da cognição no processo emocional (p. ex. MOORS & SCHERER, 2013; ROBINSON, 2005; SCHERER et al., 2001) – entre os pesquisadores que têm abordado o estudo das emoções. Buscando fornecer uma definição abrangente, Scherer (2005) define emoções em termos de cinco componentes que descrevem a coordenação de sistemas envolvidos durante um episódio emocional. De acordo com esse autor, emoções são “um episódio de mudanças sincronizadas e inter-relacionadas nos estados de todos ou da maior parte dos cinco subsistemas do organismo como resposta à avaliação de um estímulo externo ou interno como sendo relevante às principais preocupações do organismo” (SCHERER, 2005, p. 697). Esses cinco subsistemas são, a saber, os componentes cognitivo, neurofisiológico, motivacional, de expressão motora e de sentimento subjetivo. Cada subsistema envolve o uso de métodos diferentes para medir o impacto das emoções. Os componentes cognitivo e de sentimento subjetivo têm sido frequentemente explorados por meio do uso de questionários que fornecem dados sobre a avaliação do participante em relação aos acontecimentos e sobre sua experiência subjetiva em relação ao estado emocional, uma vez que este tenha ocorrido (ROTTENBERG et al., 2007; SCHORR, 2001). O componente de expressão motora tem sido analisado através da avaliação de expressões faciais e movimentos corporais que acompanham um estado emocional (McMANIS et al., 2001). E o componente neurofisiológico tem sido pesquisado com foco em alguns dos sintomas corporais associados a uma experiência emocional. O estudo desse componente tem, tipicamente, envolvido a avaliação da resposta galvânica da pele (WEINS et al., 2003), a frequência cardíaca (APPELHANS & LUECKEN, 2006) e os níveis de cortisol (SUDHEIMER, 2009).

O estudo descrito no presente artigo explora o componente fisiológico das emoções ao medir a frequência cardíaca dos participantes. A frequência cardíaca é um indicador de emoções de relativamente fácil mensuração; ela também é econômica e fornece informações que podem ser associadas a diferenças na intensidade das emoções, o que é especialmente útil para

⁸ *Functional Magnetic Resonance Imaging*, ou imagem por ressonância magnética funcional. N. T.

distinguir entre a força do impacto emocional gerado por traduções metafóricas e não metafóricas. Por outro lado, a avaliação dos componentes cognitivo e de sentimento subjetivo foi descartada em função da falta de resultados conclusivos relatada por Colino (2011) em um estudo anterior, que usou questionários de autorrelato para avaliar o impacto emocional de traduções metafóricas e não metafóricas.

3. Medindo o impacto emocional de traduções: um estudo sobre frequência cardíaca

O estudo apresentado nesta seção explora se há ou não diferença no impacto emocional gerado por uma tradução metafórica em comparação a uma não metafórica da mesma expressão figurada.

3.1. Objetivos e hipóteses

Para pesquisar essa questão, foram estabelecidos os seguintes objetivos:

1. Investigar se a perda da imagem metafórica na tradução causa ou não uma diferença na resposta emocional dos leitores.
2. Medir a frequência cardíaca (FC) dos participantes como evidência de uma resposta emocional mais forte ou mais fraca.
3. Explorar diferenças entre diferentes tipos de emoções. Focamos especificamente em quatro emoções básicas que provocam resposta emocional robusta: felicidade, tristeza, raiva e medo.

Além disso, três hipóteses foram articuladas com base nos objetivos postulados:

1. As traduções metafóricas provocarão nos participantes uma resposta emocional mais forte do que as não metafóricas, que parafraseiam o significado sem reproduzir a imagem.
2. A resposta emocional provocará aumento ou diminuição na média da FC dos participantes.
3. O tipo de emoção transmitida pela expressão influenciará a resposta emocional dos participantes. A frequência cardíaca dos participantes, portanto, reagirá diferentemente às diferentes emoções.

3.2. Participantes

Dez alunos do primeiro ano do curso de Tradução e Interpretação da Universidade de Múrcia se voluntariaram para participar do experimento. Eles não foram explicitamente informados sobre o objetivo real do experimento. Em vez disso, foram questionados sobre a possibilidade de participarem de um experimento destinado a medir a frequência cardíaca durante o processamento da linguagem.

Dados de dois participantes foram descartados devido a problemas no processo de gravação. A amostra final foi equilibrada por sexo, com quatro participantes do sexo masculino e quatro do feminino. Todos eram falantes nativos de espanhol e tinham o inglês como principal língua estrangeira. A média de idade foi de 18,9 anos (DP=1,28).

3.3. Instrumentos e materiais

Um monitor cardíaco Polar RS800CX Bike foi usado para medir a frequência cardíaca dos participantes, e o *software* Polar ProTrainer 5 foi usado para baixar os dados para o computador para posterior análise. Embora a eletrocardiografia (ECG) seja provavelmente o método mais preciso para medir a frequência cardíaca, os monitores cardíacos não requerem conhecimento médico e são, portanto, mais fáceis de usar e menos invasivos e custosos. Além disso, em estudos psicológicos, eles têm sido validados como um método eficaz para medir a FC e sua variabilidade em situações de estresse físico e mental (GOODIE et al., 2000).

O monitor de frequência cardíaca Polar RS800CX, usado no presente estudo, vem com um transmissor torácico, um *software* Polar ProTrainer 5 para analisar a frequência cardíaca média, mínima e máxima e um cabo USB para conectá-lo a um computador.

Quanto aos materiais utilizados no estudo, 28 textos foram elaborados da seguinte forma. Primeiro, selecionamos 28 expressões metafóricas em inglês, extraídas do conjunto de exemplos mencionados na literatura disponível sobre emoções (KOVECSES, 1990, 2000; STEFANOWITSCH, 2004, 2006; SORIANO, 2004). As expressões foram escolhidas para retratarem quatro emoções básicas: felicidade (7 expressões), tristeza (7 expressões), medo (7 expressões) e raiva (7 expressões). Em seguida, realizamos uma busca na internet pelas expressões selecionadas a fim de encontrar contextos reais de uso. Depois, as expressões em inglês foram traduzidas para o espanhol, fornecendo duas versões diferentes com o mesmo significado, mas em formatos distintos; uma versão (A) substituiu a imagem da língua-fonte por uma metáfora da língua-alvo, e a outra (B) parafraseou o significado sem nenhuma imagem

metafórica. Finalmente, elaboramos os textos, tentando ajustar as diferentes histórias para que elas tivessem um tamanho semelhante (número médio de palavras = 56,96; DP=6,5), e fornecemos o contexto necessário para a correta interpretação da expressão final.

O exemplo 1 abaixo ilustra uma das expressões selecionadas para a emoção de raiva e suas duas versões traduzidas⁹:

Inglês: *He exploded with anger.*

A. *Marcos explotó de ira* [lit. Marcos explodiu de raiva]

B. *Marcos se enfadó muchísimo* [lit. Marcos ficou muito irritado]

As duas versões diferentes em espanhol foram, então, inseridas no final de uma pequena história projetada para provocar a emoção transmitida pelos estímulos experimentais. A história era exatamente a mesma para cada uma das duas versões. A Tabela 1 contém um exemplo de uma história elaborada para suscitar medo.

Tabela 1 – Exemplo de história elaborada para o experimento

A.
La puerta se abrió muy lentamente con un quejido siniestro. Marina se asomó con cuidado a la habitación en penumbra. Avanzó silenciosamente hasta la pared del fondo y se miró en el viejo espejo polvoriento. De repente, y sin saber por qué razón, <i>se le heló la sangre en las venas</i> . [lit. <i>seu sangue congelou nas veias</i>]
B.
La puerta se abrió muy lentamente con un quejido siniestro. Marina se asomó con cuidado a la habitación en penumbra. Avanzó silenciosamente hasta la pared del fondo y se miró en el viejo espejo polvoriento. De repente, y sin saber por qué razón, <i>sintió un gran miedo</i> . [lit. <i>sentiu um grande medo</i>]
Inglês.
The door opened slowly with a sinister creak. Marina peeped out at the half-lighted room. She quietly crept her way through the room and gazed into the old mirror covered in dust. Suddenly, and without knowing why, <i>her blood curdled</i> .
[A porta se abriu lentamente com um rangido sinistro. Marina espiou a sala pouco iluminada. Ela se esgueirou pela sala silenciosamente e olhou para o velho espelho coberto de poeira. De repente, e sem saber por quê, <i>seu sangue gelou</i> .]

⁹ Uma lista de todos os estímulos experimentais, incluindo as expressões-fonte em inglês, as traduções e as histórias metafóricas e não metafóricas, está disponível em Apêndice. [Nota dos autores]

Como já indicado, cada história tinha, então, duas versões: a metafórica e a não metafórica. Um delineamento intrassujeitos foi escolhido para que todos os indivíduos lessem histórias metafóricas e não metafóricas. Para garantir que cada participante lesse apenas uma versão de cada história, utilizamos um delineamento cruzado (ver Tabela 2).

Tabela 2 – Distribuição dos estímulos para cada versão

	Grupo 1	Grupo 2
Estímulo 1	Metafórico	Não metafórico
Estímulo 2	Não metafórico	Metafórico
Estímulo 3	Metafórico	Não metafórico
Estímulo 4	Não metafórico	Metafórico
Estímulo 5	Metafórico	Não metafórico
Estímulo 6	Não metafórico	Metafórico
Estímulo 7	Metafórico	Não metafórico
Estímulo 8	Não metafórico	Metafórico
Estímulo 9	Metafórico	Não metafórico
Estímulo 10	Não metafórico	Metafórico

3.4. Procedimento

O experimento foi conduzido individualmente. Antes de começar, cada participante foi informado sobre a necessidade de usar uma cinta com um sensor de frequência cardíaca preso ao tórax a fim de registrar as informações durante o experimento. Para tranquilizá-los, afirmamos que o sistema era semelhante aos usados durante uma corrida. Explicamos que informações sobre as frequências cardíacas seriam enviadas para um relógio ao lado do computador no qual o experimento seria realizado. Uma vez que os participantes expressaram verbalmente estar de acordo com o procedimento, a cinta peitoral foi colocada por uma pesquisadora nos participantes do sexo feminino e por um pesquisador nos participantes do sexo masculino.

Os participantes também foram informados de que uma série de pequenas histórias apareceria regularmente na tela e que eles deveriam lê-las com atenção. Eles foram avisados de que, após cada história, teriam de responder a uma pergunta sobre o conteúdo da história e fornecer uma resposta de sim/não, pressionando a tecla "Y" (para "sim") ou "N" (para "não"). Embora os participantes não tenham sido explicitamente informados disto, a questão foi projetada apenas para garantir que eles tivessem lido e entendido corretamente os textos.

Também informamos que, antes do experimento real, uma sessão de teste estava programada para que eles se familiarizassem com o procedimento.

Os estímulos foram, então, projetados em um computador que executava o *software* E-Prime. Foi estabelecido um período de descanso entre os textos. Considerando que o tempo médio de recuperação cardíaca após a apresentação de um estímulo varia de 15 a 35 segundos, os textos apareceram em intervalos de 45 segundos: 35 para permitir que a FC normalizasse, e os 15 restantes para proporcionar um curto período de descanso antes do próximo estímulo. Os participantes foram aleatoriamente distribuídos em dois grupos, e a ordem de apresentação dos textos dentro de cada grupo também foi aleatória.

3.5. *Análise e discussão dos resultados*

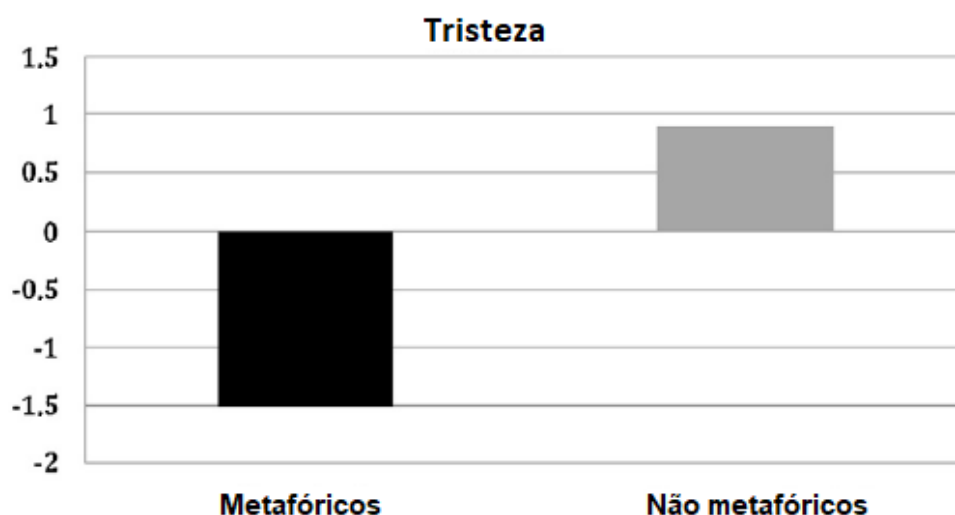
Duas medidas diferentes foram registradas para calcular as respostas de FC dos participantes aos estímulos emocionais: a média da FC durante todo o experimento e a média da FC cinco segundos antes e dez segundos depois da exposição ao estímulo. Esse intervalo foi estabelecido com base no pressuposto de que a FC permanece estável em torno dos 15-20s após a exposição a um estímulo. O intervalo registrou respostas precisas a estímulos experimentais, fornecendo medidas reais de tempo experimental. Os registros da média da FC dos participantes ao longo de todo o experimento forneceram os parâmetros com os quais as respostas de FC em momentos de exposição ao estímulo puderam ser comparadas. Os cálculos foram, portanto, baseados na diferença entre a média da FC total de cada participante durante todo o experimento e a média da FC registrada durante a exposição aos estímulos. Nenhum dado foi descartado, uma vez que todas as respostas às perguntas feitas após a apresentação dos textos estavam corretas, revelando que todos os textos foram devidamente lidos e compreendidos.

A seguir, serão descritos os resultados para cada uma das quatro emoções básicas analisadas: tristeza, raiva, medo e felicidade. Para cada emoção, testes de análise de variância (ANOVA) foram realizados para comparar a resposta em FC dos participantes a estímulos metafóricos e não metafóricos. Resultados totais para expressões metafóricas e não metafóricas relativos às quatro emoções não foram computados, já que cada emoção é associada a um padrão específico de FC (por exemplo, a tristeza geralmente causa uma diminuição na FC, enquanto a raiva tende a aumentá-la).

3.5.1. Tristeza

Uma clara diferença estatisticamente significativa foi observada na resposta de FC a expressões metafóricas e não metafóricas de tristeza ($p < 0,05$; $F(1,54) = 6,39$). O Gráfico 1 ilustra os resultados obtidos para essa emoção: enquanto expressões metafóricas causaram uma diminuição de 1,51 batimentos na FC dos participantes, expressões não metafóricas aumentaram a FC em 0,9 batimentos.

Gráfico 1 – Resultados dos estímulos de tristeza

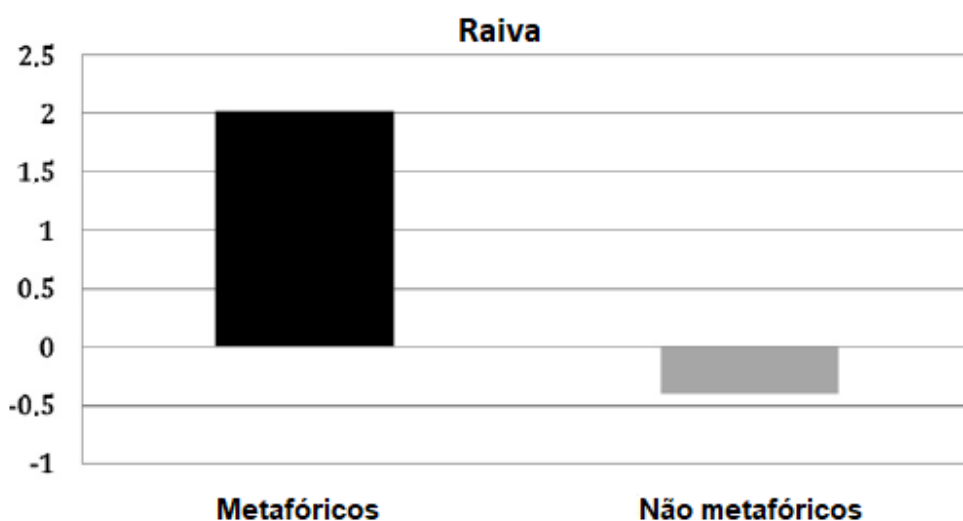


Embora à primeira vista a diminuição da FC gerada por estímulos de tristeza possa parecer surpreendente, há evidências de que a tristeza é uma emoção que implica aceitação da situação e, portanto, é comumente relacionada à diminuição da ativação cardíaca (por exemplo, THEALL-HONEY e SCHMIDT, 2006; KREIBIG et al., 2007a; GRUBER et al., 2008). Esta também tem sido comumente retratada como uma emoção de baixa excitação (KREIBIG et al., 2011). Por exemplo, Kreibig et al. (2007b) demonstraram que respostas a filmes que provocam tristeza eram caracterizadas por desativação cardíaca central e ativação periférica vascular e eletrodérmica. Da mesma forma, Davydov et al. (2011) também relataram que filmes tristes – especialmente aqueles relacionados a vínculo emocional, por causa de informações contextuais positivas adicionais – levaram a uma diminuição na amplitude das respostas de condutância da pele e da frequência cardíaca. Tendo em mente todas essas evidências, parece razoável supor que expressões metafóricas aumentaram a força da emoção, causando, assim, uma diminuição da FC. Por outro lado, expressões não metafóricas podem ter provocado uma resposta emocional menos intensa, deixando de causar uma diminuição na FC.

3.5.2. Raiva

Os resultados sobre a emoção da raiva revelaram uma diferença estatisticamente significativa ainda mais clara na resposta de FC a expressões metafóricas e não metafóricas de raiva ($p=0,01$; $F(1,54)=12,11$). O Gráfico 2 abaixo mostra como as expressões metafóricas causaram um aumento de 2,03 batimentos na FC dos participantes, enquanto as expressões não metafóricas diminuíram a FC em 0,41 batimentos.

Gráfico 2 – Resultados dos estímulos de raiva



Esses resultados estão de acordo com evidências anteriores, advindas de pesquisas psicofisiológicas, que relacionam o maior aumento geral das medidas cardiovasculares à raiva (por exemplo, SCHWARTZ et al., 1981). De fato, a raiva tem sido consistentemente categorizada como uma emoção de alta excitação. A raiva – especialmente a raiva passional/explosiva – tem sido caracterizada por forte aumento da FC e da sua variabilidade, ritmo de fala acelerado e energia de alta frequência (ver, por exemplo, DAVIDSON et al., 2003).

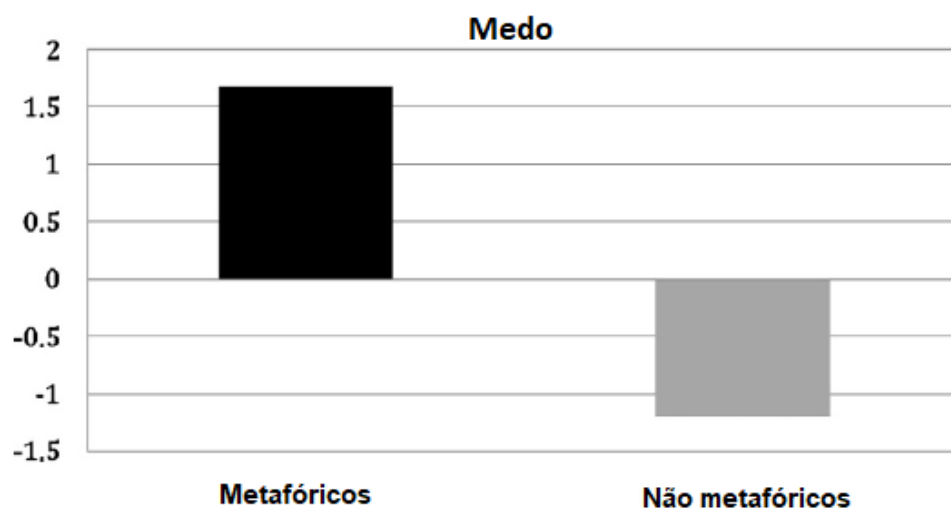
Além disso, o fato de que há um padrão diferente para a raiva em comparação à tristeza – aumento e diminuição, respectivamente, da FC em resposta a estímulos metafóricos – fornece evidência para as duas hipóteses que previram uma diferença na resposta fisiológica dos participantes a emoções diferentes.

3.5.3. Medo

Assim como a raiva, o medo é tipicamente considerado uma emoção de alta excitação. Ambas as emoções ativam o sistema defensivo, pois geralmente são desencadeadas na presença de algo indesejado – como um objeto ou acontecimento potencialmente prejudicial, obstrutivo ou desagradável (KREIBIG et al., 2011). Nossos resultados para o medo também mostraram uma diferença estatisticamente significativa entre estímulos metafóricos e não metafóricos ($p=0,02$; $F(1,54)=10,6$). Como podemos ver no Gráfico 3, expressões metafóricas de medo conseguiram aumentar a FC dos participantes em 1,6 batimentos. No entanto, expressões não metafóricas geraram uma redução de 1,2 batimentos na FC dos participantes.

A significância estatística dos resultados relativos ao medo é incontestavelmente animadora, pois a sensação de perigo necessária para despertar o medo não é facilmente alcançada por meio apenas de algumas linhas de texto, sem o apoio de efeitos visuais ou sonoros típicos de filmes de terror e gêneros de suspense. Ainda assim, a análise revelou diferenças claras entre os dois tipos de expressões.

Gráfico 3 – Resultados dos estímulos de medo

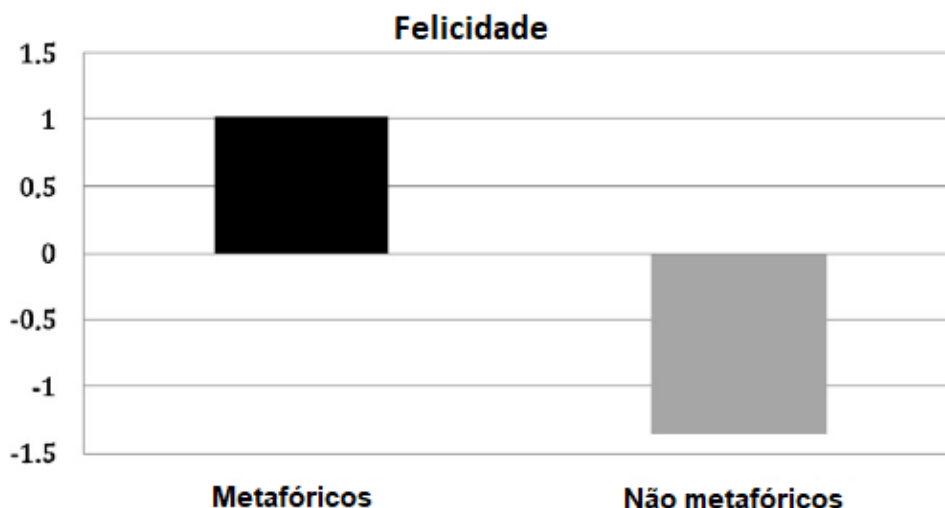


3.5.4. Felicidade

No caso da felicidade, a leitura das expressões metafóricas aumentou em 1,02 batimentos a FC dos participantes, enquanto os textos não metafóricos provocaram uma diminuição de 1,35 batimentos. Essa diferença foi mais uma vez estatisticamente significativa

($p < 0,05$; $F(1,54) = 8,96$). Como ilustrado no Gráfico 4, detectamos um padrão diferente ao comparar os dois tipos de expressões:

Gráfico 4 – Resultados dos estímulos de felicidade



É difícil classificar a felicidade em termos de excitação; enquanto a felicidade extrema ou a alegria está relacionada ao entusiasmo e, portanto, é considerada uma emoção de alta excitação, o contentamento está relacionado à tranquilidade, que é considerada de baixa excitação. Em termos de comportamento cardiovascular, evidências têm mostrado que a felicidade produziu efeitos bastante semelhantes aos do medo, exceto pelo fato de que a felicidade provocou um crescimento menor da FC durante condições experimentais (SCHWARTZ et al., 1981, p. 357). Nossos resultados são, portanto, congruentes com esse achado, já que os estímulos de medo e felicidade suscitaram um padrão semelhante de FC, exceto pelo fato de que a felicidade causou um aumento da FC menor do que o medo.

Como no caso do medo, os resultados sobre a felicidade são especialmente promissores, porque também é difícil evocar a felicidade por meio apenas de estímulos linguísticos. Alcançar a felicidade geralmente envolve atingir e preservar um estado de bem-estar (SHELDON e LYUBOMIRSKY, 2006), o que exige muito mais do que a capacidade de se identificar com um relato de uma história positiva. A felicidade também é uma emoção altamente dependente de atitudes e objetivos pessoais, o que torna seu impacto ainda mais difícil de medir.

4. Conclusões

Metáforas e emoções andam de mãos dadas. As metáforas fornecem um mecanismo atrativo para transformar conceitos abstratos em entidades mais concretas e explícitas. Esse potencial torna as expressões metafóricas particularmente úteis para descrever estados emocionais. Elas permitem que os falantes expressem suas emoções através de imagens que fornecem uma descrição mais “palpável” e intensa do que suas paráfrases literais. Assim, quando descrevemos um estado de raiva extrema como *fervendo de raiva*, adicionamos um elemento de ‘calor’ e um risco de ‘extravasar’ ou de ‘mudar nosso estado real’, o que acrescenta uma intensidade à emoção que vai muito além da ênfase transmitida por advérbios como ‘muito’ ou ‘extremamente’ na expressão literal *estar extremamente irritado*. Do ponto de vista da tradução, devemos nos perguntar para onde vai toda essa plasticidade e força quando os tradutores optam por parafrasear o significado em detrimento da metaforicidade da expressão.

O estudo descrito aqui forneceu evidências empíricas que sugerem que a perda de uma imagem metafórica provavelmente resultará em um impacto emocional reduzido. O nível de impacto emocional foi interpretado em termos dos níveis de aceleração ou desaceleração da frequência cardíaca registrados como preditores do grau de excitação fisiológica. Os resultados relatados no presente artigo corroboram nossa primeira hipótese, revelando diferenças estatisticamente significativas entre expressões metafóricas e não metafóricas para todas as emoções analisadas. Além disso, os resultados também corroboram as outras duas hipóteses postuladas no estudo. A resposta fisiológica dos participantes aos estímulos se refletiu tanto no aumento quanto na diminuição da média da frequência cardíaca, dependendo do tipo de emoção transmitida pelos estímulos. De fato, verificou-se que a média da frequência cardíaca dos participantes aumentou com expressões metafóricas e diminuiu com não metafóricas para todas as emoções, exceto no caso da tristeza, que apresenta o padrão oposto. A diminuição generalizada da frequência cardíaca para os estímulos metafóricos de tristeza é, ainda assim, congruente com as evidências de pesquisas fisiológicas que relacionam a tristeza à diminuição da atividade cardíaca.

Por mais interessantes e desafiadores que esses resultados possam ser, eles devem ser interpretados com cautela. Uma amostra de dez participantes é muito limitada para ser totalmente confiável em termos estatísticos. Seria, portanto, conveniente replicar o estudo com uma amostra maior de participantes. Neste estudo, a frequência cardíaca foi medida como um indicador fisiológico de impacto emocional. A relação entre frequência cardíaca e emoções foi satisfatoriamente demonstrada em estudos anteriores. Contudo, para sermos honestos, as

mudanças na frequência cardíaca apontam para a existência de um efeito, mas não fornecem informações suficientes para determinar incontestavelmente a causa desse efeito. Além da reação a estímulos emocionais, a frequência cardíaca também pode ser alterada por outros fatores, como o estresse ou o cansaço dos participantes, o que poderia ter acidentalmente afetado nossos resultados. Por esse motivo, estudos futuros devem ser realizados, de modo a unir o índice de frequência cardíaca a medidas de outros indicadores, tais como a resposta galvânica da pele, sentimentos subjetivos ou até mesmo entrevistas retrospectivas que possam fornecer dados adicionais sobre fatores intervenientes no processo de obtenção de dados.

Apesar dessas limitações, os resultados do presente estudo são extremamente encorajadores, já que um padrão similar foi encontrado para as quatro emoções em análise. Além disso, esses dados têm implicações óbvias para a prática e o ensino da tradução. Se, conforme sugerido pelos dados, a perda da imagem metafórica na tradução pode causar um impacto diferente daquele gerado pela reprodução dela, os tradutores certamente deveriam ser mais sensíveis às implicações de se reproduzir apenas o significado em detrimento da imagem. Da mesma forma, os estudantes de tradução deveriam ser conscientizados sobre a pervasividade das metáforas e de seu poder enquanto dispositivos cognitivos que servem para organizar e estruturar nossas experiências cotidianas. Se metáforas fossem concebidas como recursos cognitivos, em vez de como meros recursos ornamentais e retóricos, os tradutores provavelmente seriam mais relutantes em sacrificá-las às custas do significado.

Agradecimentos

Ana Rojo e Marina Ramos gostariam de agradecer o apoio do projeto FFI2013-45553-C3-3-P. Javier Valenzuela gostaria de agradecer o apoio do projeto P09-SEJ-4772.

Apêndice A. Histórias e expressões metafóricas e não metafóricas

Felicidade			
Fonte em inglês	Metáfora	Paráfrase	História
<i>She was possessed by intense joy.</i>	<i>fue presa de una intensa felicidad</i>	<i>se alegró enormemente</i>	Ana llevaba muchos meses soñando con Javier. Además de listo y simpático, Javi era el chico más guapo que Ana había visto en su vida. Podía tener a cualquier chica que quisiera porque todas estaban loquitas por él. Por eso, cuando se le acercó en clase y la invitó a salir, Ana _____.



<i>I was intoxicated with happiness.</i>	Estaba borracho de alegría	Estaba muy contento	Sí, después de todos estos interminables años, lo habíamos conseguido. Por primera vez en la historia de España, la selección ganaba el mundial. Y ahí estaba yo, saboreando el mayor triunfo de mi carrera, brumado por los vítores de un público enloquecido y alzando la copa del mundo. _____.
<i>All joy broke loose as the kids opened their presents.</i>	sintieron una felicidad desatada al abrir sus regalos	se sintieron muy felices al abrir sus regalos	A las 7 en punto, Juanito y Celia se levantaron de un salto de la cama; casi no habían podido dormir por los nervios. Recorrieron el pasillo a toda velocidad, entusiasmados por lo que les esperaba. Y ahí estaba aquel gran árbol de navidad rodeado de paquetes envueltos en papel de colores. Los niños _____.
<i>She was overflowing with happiness and joy.</i>	rebosaba felicidad y gozo	parecía muy feliz y satisfecha	Era lo que más le gustaba. Todos los días, al ir al trabajo, observaba al torcer la esquina a una viejecita regando su jazmín en el balcón de la planta cuarta. Se notaba que estaba en los mejores años de su vida y que amaba profundamente a esas silenciosas compañeras, sus plantas. Rodeada de delicadas flores, la mujer _____.
<i>They burst with happiness</i>	explotaron de felicidad	se sintieron muy felices	Se habían pasado toda la clase de historia nerviosos, mirando el reloj. Los chicos sabían que en pocos minutos empezarían sus ansiadas vacaciones de verano. ¡Por fin! Después de 9 largos meses de invierno, deberes y exámenes, a todos les esperaban 3 meses de playa, amigos y juegos. Al oír el timbre, los chicos _____.
<i>The baby injected a dose of happiness into their lives.</i>	Injectó una dosis de felicidad en sus vidas	añadió felicidad a su vida	Antonio y Laura no podían tener hijos. Llevaban ya varios años intentándolo todo, desesperados, soñando con un bebé al que pudieran educar juntos y dar todo su amor. Por eso, al final decidieron adoptar. Después de mucho papeleo, por fin fueron a China a recoger a Li. Cuando la pequeña llegó a casa, _____.



*Fires of joy were
kindled by the birth
of her son.*

ardía en
llamaradas
de felicidad

estaba incluso
más feliz
todavía

Laura siempre había sido una persona muy alegre. Motivos no le faltaban: había tenido suerte en la vida, le había ido bien. Siempre había gozado de una salud de hierro, adoraba su trabajo y estaba felizmente casada con el hombre de sus sueños, atractivo, dulce e inteligente. Sin embargo, desde el nacimiento de su hija, Laura

Raiva

Fonte em inglês	Metáfora	Paráfrase	História
<i>He was a thunderstorm ready to explode.</i>	se lo llevaron los demonios	le puso un castigo ejemplar	Mi hermano pequeño se pasaba las tardes jugando al ordenador. Mi padre lo había castigado repetidamente sin ningún resultado. Seguía jugando a escondidas. A final de curso suspendió todas las asignaturas. Como mi padre tenía muy mal carácter, escondió las notas durante semanas y le engañaba diciendo que no se las habían dado. Cuando mi padre por fin las encontró,
<i>He was blowing off steam.</i>	estaba que echaba chispas	estaba enfadadísimo	El director del colegio lo había llamado a su despacho a primera hora. Daniel sabía que le esperaba un castigo ejemplar. La pesada broma se le había escapado de las manos. Había inundado los baños y roto varios grifos. Además, era la segunda vez en la misma semana que el director lo llamaba a su despacho. Cuando al fin entró, el director
<i>He could feel heated anger rising inside of him.</i>	una ira ardiente creció en Pedro mientras escuchaba sus palabras.	Pedro se fue enfureciendo cada vez más mientras escuchaba sus palabras.	Pedro y Rafael habían trabajado en la misma compañía durante 25 años. Sin embargo, debido a la crisis, su jefe tenía que despedir a uno de los dos. Pedro estaba seguro de que su jefe echaría a Rafael, puesto que él tenía 3 hijos y Rafael era soltero. Por eso, cuando su jefe le llamó al despacho para despedirlo sin previo aviso,
<i>She was seething with indignation.</i>	le salía el humo por las orejas	estaba más y más enfurecida	Marta llevaba más de una hora esperando a su marido. Sabía que esa cita con la ginecóloga era importante para ella. No quería ir sola y durante semanas le había rogado que la acompañara. Aun así, era ya muy



It unleashed a rising tide of public fury.

desató la ira del público

enfureció al público

tarde y su marido seguía sin aparecer. Le estaba fallando una vez más. Cada vez que miraba el reloj, ella sentía que _____.

La actuación de Lady Gaga había provocado una tremenda polémica en aquel pueblecito rural. La mayoría de sus habitantes eran católicos muy tradicionales. Nadie podía creer que hubiera enseñado uno de sus pechos y blasfemado reiteradamente en una emisión de máxima audiencia y en horario infantil. Todo el mundo estaba escandalizado. Sin duda, en aquel pueblecito ese gesto obsceno _____.

Rage was pounding in my veins.

la cólera le palpitaba en las venas

no podía estar más furioso

Enrique siempre llegaba tarde al trabajo. Su socio en la empresa se quejaba de ello con frecuencia, aunque siempre intentaba recordar que era su mejor amigo. Aquel día el futuro de su empresa estaba en juego y Enrique volvió a llegar tarde. Era la gota que colmaba el vaso. Cuando irrumpió en la sala de reuniones disculpándose, su socio sintió que _____. Marcos necesitaba recuperar el dinero que le había prestado a su socio. Su situación económica había empeorado considerablemente desde la crisis. Durante meses, se lo había pedido en repetidas ocasiones, pero Marcos siempre tenía alguna excusa. Aquel día le había jurado por sus hijos que le pagaría a primera hora. Cuando llegó sin el dinero una vez más, Marcos _____.

He exploded with anger.

explotó de ira

se enfadó muchísimo

Medo

Fonte em inglês	Metáfora	Paráfrase	História
<i>He was haunted by fear.</i>	era presa del terror	estaba aterrorizado	Ana se había jactado de que pasaría una noche entera en aquel caserón abandonado. No le importaban las historias sobre los asesinatos que decían se habían producido allí; estaba tranquila. No era el caso de Ian, su acompañante; cuando volvieron a escuchar pasos en el techo a mitad de la noche, Ana lo miró y se dio cuenta de que su compañero: _____.



<i>The burn of panic inched along her bones.</i>	un pánico ardiente avanzó por sus huesos	comenzó a sentir cada vez más pánico	El terremoto había sido intensísimo; el edificio estaba a punto de derrumbarse. En el noveno piso, Emilia se arrastró con cuidado por el suelo, intentando no precipitarse al vacío por algunos de los agujeros abiertos. Al llegar a la escalera de incendios, vio que se había derrumbado y ya no estaba allí: ____.
<i>His blood froze in his veins.</i>	se le heló la sangre en las venas	sintió un gran terror	La puerta se abrió muy lentamente con un quejido siniestro. Marina se asomó con cuidado a la habitación en penumbra. Avanzó silenciosamente hasta la pared del fondo y se miró en el viejo espejo polvoriento. De repente, y sin saber la razón ____.
<i>The fear pricked his skin as if an ice cube ran along his ribs.</i>	el miedo le pellizó la piel como si un cubito de hielo le recorriese las costillas	empezó a temblar de miedo	Dijeran lo que dijeran, estaba segura de que no existían los vampiros. Pero ella estaba a salvo en el cementerio, ¿no? Estaba rodeada de las cruces de las tumbas y completamente sola; la luz mortecina de las farolas mostraba la completa soledad de la noche. Por eso, al escuchar una voz de niño que le llamaba ____.
<i>Fear crawled up his spine.</i>	pudo sentir cómo el miedo trepaba por su médula	sintió un enorme miedo	Era una noche como cualquier otra. Miguel y su familia se habían acostado temprano porque al día siguiente tenían un largo viaje por delante. Estaba profundamente dormido cuando de repente oyó el ruido de un cristal que se rompía. Tras unos breves segundos, el ruido estaba ya en la planta de abajo. Abrió los ojos y vio la puerta abriéndose lentamente. En ese momento, ____.
<i>Fear was eating her away.</i>	Un intenso miedo la estaba devorando.	El sentimiento de miedo era demasiado grande.	Era la primera vez que dormía fuera de casa. Nunca le había gustado dormir sola y menos aún en aquella noche infernal. Los truenos sonaban cada vez más cerca y los relámpagos creaban extrañas sombras en la habitación. Detrás de la puerta, se oían pasos de gente corriendo y voces que parecían pedir ayuda. Sin embargo, no podía mover ni un solo músculo y se sentía desvanecer. ____.



*Fear was stabbing
at her heart.*

pudo sentir el
miedo
apuñalándole el
corazón

experimentó un
intenso miedo

Había sido realmente uno de los peores vuelos de su vida. Pero después de cinco largas horas de turbulencias, parecía que todo había vuelto a la normalidad. Vencida por el cansancio, cerró los ojos para dormir un rato, pero al cabo de un minuto los gritos del resto de los pasajeros la despertaron. El avión comenzó a caer en picado y en aquel preciso instante

Tristeza

Fonte em inglês

Metáfora

Paráfrase

História

*He fell in the
depths of despair.*

se sintió
profundamente
apenado

se sintió
tremendamente
apenado

Llevaba mucho tiempo como miembro del equipo de rescate para víctimas de terremotos. Muchas veces lograban rescatar a alguien de entre los escombros y entonces sentía que merecía la pena. Pero algunas situaciones eran muy duras. Cuando se dio cuenta de que no podría haber ningún superviviente en aquella guardería derrumbada, _____.

*My sea of sadness
is drowning me.*

me estoy
ahogando en un
mar de tristeza

estoy muy
afectado por
una gran
tristeza

No puedo sobreponerme; la muerte de mi mujer ha sido demasiado para mí. Mis amigos, que en realidad quieren ayudar, me organizan cosas: viajes, reuniones, comidas... Pero no funciona; haga lo que haga, todas mis acciones y mi visión de la vida reflejan esta gran verdad: _____.

*He flung himself
into the bitter
waters of despair.*

se arrojó a las
amargas aguas de
la desesperación

se abandonó a
la
desesperación

Tanto amigos como médicos le decían lo mismo: para superar un accidente tan grave y volver a andar algún día, tenía que seguir haciendo sus ejercicios de rehabilitación de manera regular y, sobre todo, no desanimarse nunca. Pero cuando le dijeron tras un año de duro trabajo que tenían que volver a operarle y perdería otra vez el control de la pierna izquierda, _____.

*He felt his heart
sink.*

se le cayó el alma
a los pies

se entristeció
inmediatamente

Era su primer día de trabajo en el asilo de ancianos. Le habían advertido de las terribles condiciones de algunos de los ancianos, pero estaba contenta e ilusionada de poder ayudarlos con su trabajo. Sin embargo, cuando llegó a la planta de enfermos terminales y vio

<i>She could not support these heavy draperies of grief.</i>	se sentía incapaz de soportar aquellos pesados cortinajes de aflicción	se sentía incapaz de aguantar tanta pena	todos esos ancianos moribundos y solos que se enfrentaban a la muerte sin ningún familiar, _____. Su mujer llevaba años en coma, desahuciada por los médicos, pero él había continuado a su lado día y noche esperando a que despertara. Ahora era el momento de desconectar la máquina que la mantenía con vida. Recordaba los años de felicidad a su lado y al saber que ya nunca volvería a ver su rostro ni a sentir el contacto de su piel, _____.
<i>A black hole is sucking all my feelings and emotions.</i>	Vivo en un agujero negro que absorbe todos mis sentimientos.	Soy totalmente incapaz de sentir nada.	No podía creer que mi pequeño hubiera muerto en aquel accidente de tráfico. Tenía tan so' lo dos años y eran nuestras primeras vacaciones en familia. Aquel accidente cambió mi vida para siempre. Todos los días pienso que nunca debería haber planeado aquel viaje. Desde entonces, no he vuelto a reír ni a llorar ni a compadecerme por los demás. _____. Llevaba una racha intentando sobreponerse a un destino que parecía estar en su contra. Ya casi había superado su ruptura matrimonial y la terapia con la psico' loga estaba funcionando bastante bien. Pero cuando le volvieron a denegar el ascenso en el trabajo, de nuevo _____.
<i>Waves of depression came over him.</i>	se precipitaron sobre él las olas de la depresión	se sintió terriblemente deprimido	

Referências:

APPELHANS, B.; LUECKEN, L. J. Heart rate variability as an index of regulated emotional responding. **Review of General Psychology**, Washington, v. 10, n. 3, p. 229-240, 2006.

BAMBINI, V. *et al.* Decomposing metaphor processing at the cognitive and neural level through functional magnetic resonance imaging. **Brain Research Bulletin**, v. 86, n. 3-4, 203-216, 2011. <https://doi.org/10.1016/j.brainresbull.2011.07.015>

BOHRN, I. C.; ALTMANN, U.; JACOBS, A. Looking at the brains behind figurative language – a quantitative meta-analysis of neuroimaging studies on metaphor, idiom and irony processing. **Neuropsychologia**, v. 50, n. 1, p. 2669-2683, 2012.

CITRON, F.; GOLDBERG, A. Metaphorical sentences are more emotionally engaging than their literal counterparts. **Journal of Cognitive Neuroscience**, v. 26, n. 11, p. 2585-2595, 2014. http://dx.doi.org/10.1162/jocn_a_00654

COLINO, E. **La recepción de la metáfora en el público meta**. Un estudio basado en la encuesta. Dissertação não publicada (Mestrado em Tradução e Interpretação) – Universidade de Murcia, Murcia, Espanha, 2011.

DAVIDSON, R.; SCHERER, K.; GOLDSMITH, H. H. **Handbook of Affective Sciences**. London: Oxford University Press, 2003.

DAVYDOV, D.; ZECH, E.; LUMINET, O. Affective context of sadness and physiological response patterns. **Journal of Psychophysiology**, v. 25, p. 67-80, 2011.

DICKINS, J. Two models for metaphor translation. **Target**, v. 17, n. 2, p. 227-273, 2005.

GARVIN, P. L. **A Prague School Reader on Esthetics, Literary Structure, and Style**. (Original publicado em 1932). Washington, DC: Georgetown University Press, 1964.

GOODIE, J.; LARKIN, K.; SCHAUSS, S. Validation of Polar heart rate monitor for assessing heart rate during physical and mental stress. **Journal of Psychophysiology**, v. 14, n. 3, p. 159-164, 2000. <https://doi.org/10.1027/0269-8803.14.3.159>

GRUBER, J. *et al.* Risk for mania and positive emotional responding: too much of a good thing? **Emotion**, v. 8, n. 1, p. 23-33, 2008. <https://doi.org/10.1037/1528-3542.8.1.23>

HOORN, J. Electronic evidence for the anomaly theory of metaphor processing. A brief introduction. In: ZEPETNEK, S.; SYWENSKY, I. (Eds.). **The Systematic and Empirical Approach to Literature and Culture as Theory and Application**. Edmonton: University of Alberta, 1997, p. 67-74.

HOORN, J. A renaissance perspective on the empirical study of literature. An example from psychophysiology. In: SCHRAM, D.; STEEN, G. (Eds.). **The Psychology and Sociology of Literature**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2001, p. 129-143.

KOVECSES, Z. **Emotion Concepts**. New York: Springer-Verlag, 1990.

KOVECSES, Z. **Metaphor and Emotion: Language, Culture, and Body in Human Feeling**. Cambridge/New York: Cambridge University Press, 2000.

KREIBIG, D. S. *et al.* The psychophysiology of fear and sadness: cardiovascular, electrodermal, and respiratory responses during film viewing. In: **47th Annual Meeting of the Society for Psychophysiological Research**, Savannah, USA, 2007a.

KREIBIG, D. S. *et al.* Cardiovascular, electrodermal, and respiratory response patterns to fear and sadness-inducing films. **Psychophysiology**, v. 44, n. 5, p. 787-806, 2007b.

KREIBIG, D. S. *et al.* Affective modulation of the acoustic startle: does sadness engage the defensive system? **Biological Psychology**, v. 87, p. 161-163, 2011. <https://doi.org/10.1016/j.biopsycho.2011.02.008>

KUTAS, M.; HILLYARD, S. The lateral distribution of event-related potentials during sentence processing. **Neuropsychologia**, v. 20, p. 579-590, 1982.

LAKOFF, G. The contemporary theory of metaphor. In: ORTONY, A. (Ed.). **Metaphor and Thought**. Cambridge: Cambridge University Press, 1992, p. 202-251.

LEHR, C. Emotions in translation: towards an explorative empirical investigation. In: **International Conference on Translation and Interpreter Education Development**, 21-22 maio 2011. Pequim, China: Universidade de Estudos Estrangeiros de Pequim, 2011a.

LEHR, C. The happier, the better? Exploring the impact of positive and negative emotions on performance in translation. In: **International Symposium for Young Researchers in Translation, Interpreting and Intercultural Studies**, 20 jun. 2011. Barcelona, Espanha: Universidade Autônoma de Barcelona, 2011b.

LEHR, C. Beyond cognition: affective responses to feedback and their impact on translation performance in a group of master students. In: **DidTrad Conference on Research into the Didactics of Translation**, 21-22 jun. 2012. Barcelona, Espanha: Universidade Autônoma de Barcelona, 2012a.

LEHR, C. The impact of positive and negative emotions on performance in translation professionals -- a challenge to expertise? In: **International Workshop on Expertise in Translation**, 17-18 ago. 2012. Frederiksberg, Dinamarca: Copenhagen Business School, 2012b.

McMANIS, M. *et al.* Emotional reactions in children: verbal, physiological, and behavioral responses to affective pictures. **Psychophysiology**, v. 38, n. 2, p. 222-231, 2001.

MIALL, D. Foregrounding and the sublime: Shelley in Chamonix. **Language and Literature**, v. 16, p. 155-168, 2007. <https://doi.org/10.1177/0963947007075982>

MIALL, D.; KUIKEN, D. Beyond text theory: understanding literary response. **Discourse Process**, v. 17, p. 337-352, 1994.

MOORS, A.; SCHERER, K. The role of appraisal in emotion. In: ROBINSON, M.; WATKINS, E.; HARMON-JONES, E. (Eds.). **Handbook of Cognition and Emotion**. Nova York: Guilford Press, 2013, p. 135-155.

MUKAROVSKY, J. Standard language and poetic language. In: GARVIN, P. (Ed.). **A Prague School Reader on Esthetics, Literary Structure, and Style**. (Original publicado em 1932). Washington, DC: Georgetown University Press, 1964, p. 17-30.

NEWMARK, P. **Approaches to Translation**. Londres: Prentice Hall International, 1988a.

NEWMARK, P. **A Textbook of Translation**. Nova York: Prentice Hall International, 1988b.

RABADÁN, R. **Equivalencia y Traducción**: problemática de la equivalencia transléfica inglés-español. León: Universidad, Secretariado de Publicaciones, 1991.

RAMOS, M. **El impacto emocional de la audiodescripción**. Tese não publicada (Doutorado em Tradução e Interpretação) – Universidade de Murcia, Murcia, Espanha, 2013.

ROBINSON, J. **Deeper than Reason: Emotion and Its Role in Literature, Music, and Art**. Oxford: Oxford University Press, 2005.

ROJO, A. With or without metaphor? Factors involved in the translation and impact of metaphorical phraseological units. In: GARCÍA-SECO, P. *et al.* (Eds.). **Enfoques Actuales para la Traducción Fraseológica y Paremiológica: Ámbitos, Recursos y Modalidades**. Madrid: Instituto Cervantes, 2014.

ROTTENBERG, J.; RAY, R.; GROSS, J. Emotion elicitation using films. In: COAN, J.; ALLEN, J. (Eds.). **Handbook of Emotion Elicitation and Assessment**. Nova York: Oxford University Press, 2007, p. 9-28.

SAMANIEGO-FERNÁNDEZ, E. The impact of cognitive linguistics on descriptive translation studies: novel metaphors in English-to-Spanish newspaper translation as a case in point. In: ROJO, A.; IBARRETXE-ANTUÑANO, I. (Eds.). **Cognitive Linguistics and Translation**. Berlim: De Gruyter, 2013, p. 159-198.

SCHÄFFNER, C. Metaphor and translation: some implications of a cognitive approach. **Journal of Pragmatics**, v. 36, p. 1253-1269, 2004.

SCHERER, K. What are emotions? And how can they be measured? **Social Science Information**, v. 44, n. 4, p. 695-792, 2005. <https://doi.org/10.1177/0539018405058216>

SCHERER, K.; SCHORR, A.; JOHNSTONE, T. **Appraisal Processes in Emotion: Theory, Methods, Research**. Nova York/Oxford: Oxford University Press, 2001.

SCHORR, A. Subjective measurement in appraisal research: present state and future perspectives. In: SCHERER, K.; SCHORR, A.; JOHNSTONE, T. **Appraisal Processes in Emotion: Theory, Methods, Research**. Nova York/Oxford: Oxford University Press, 2001, p. 331-349.

SCHWARTZ, G.; WEINBERGER, D.; SINGER, J. Cardiovascular differentiation of happiness, sadness, anger, and fear following imagery and exercise. **Psychosomatic Medicine**, v. 43, n. 4, p. 343-364, 1981.

SHELDON, K.; LYUBOMIRSKY, S. Achieving sustainable gains in happiness: change your actions, not your circumstances. **Journal Happiness Studies**, v. 7, p. 55-86, 2006.

SIKORA, S.; KUIKEN, D.; MIAL, D. Enactment versus interpretation: a phenomenological study of readers' responses to Coleridge's 'The Rime of the Ancient Mariner'. In: **Sixth Biannual Conference of the International Society for the Empirical Study of Literature**, 26-29 ago. 1998. Utrecht, Países Baixos: IGEL, 1998.

SNELL-HORNBY, M. **Translation Studies: An Integrated Approach**. Amsterdam: John Benjamins, 1988.

SORIANO, C. **The conceptualisation of anger in English and Spanish: a cognitive approach.** Tese não publicada (Doutorado em Filologia Inglesa) – Universidade de Murcia, Murcia, Espanha, 2004.

STEFANOWITSCH, A. HAPPINESS in English and German: a metaphorical-pattern analysis. In: ACHARD, M.; KEMMER, S. (Eds.). **Language, Culture, and Mind.** Stanford: CSLI, 2004, p. 137-149.

STEFANOWITSCH, A. Words and their metaphors: a corpus-based approach. In: STEFANOWITSCH, A.; GRIES, S. (Eds.), **Corpus-Based Approaches to Metaphor and Metonymy.** Trends in Linguistics. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2006, p. 61-105.

SUDHEIMER, K. **The Effects of Cortisol on Emotion.** Tese não publicada (Doutorado em Neurociências) – Universidade de Michigan, Michigan, Estados Unidos, 2009.

TAN, E. Story processing as an emotion episode. In: VAN OOSTENDORP, Herre; ZWAAN, Rolf (Eds.). **Naturalistic Text Comprehension.** Norwood, NJ: Ablex, 1994, p. 165-188.

THEALL-HONEY, A. L.; SCHMIDT, A. L. Do temperamentally shy children process emotion differently than nonshy children? Behavioral, psychophysiological, and gender differences in reticent preschoolers. **Dev. Psychobiol.**, v. 48, p. 187-196, 2006.

VAN DEN BROECK, R. The limits of translatability exemplified by metaphor translation. **Poetics Today**, v. 2, n. 4, p. 73-87, 1981.

VAN PEER, W. **Stylistics and Psychology: Investigations of Foregrounding.** Londres: Croom Helm, 1986.

VAN PEER, W. Introduction to FG: a state of the art. **Language and Literature**, v. 16, n. 2, p. 99-104, 2007.

WEINS, S.; KATKIN, E.; ÖHMAN, A. Effects of trial order and differential conditioning on acquisition of differential shock expectancy and skin conductance conditioning to masked stimuli. **Psychophysiology**, v. 40, p. 989-997, 2003. <https://doi.org/10.1111/1469-8986.00117>

ZWAAN, R. **Aspects of Literary Comprehension: A Cognitive Approach.** Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1993.

Por que misturamos as metáforas (e misturamos bem): coerência discursiva, metáfora conceitual e além¹

Why we mix metaphors (and mix them well): Discourse coherence, conceptual metaphor, and beyond

Michael Kimmel²

Tradução: Fernanda Garcia³

Revisão de tradução: Rozane Rebechi⁴

Revisão técnica: Josie Helen Siman⁵

Resumo: Este trabalho trata do fenômeno das metáforas que ocorrem de forma adjacente no texto, ou, em outras palavras, dos agrupamentos de metáforas, mas que não compartilham uma base cognitiva semelhante. Em geral, esses agrupamentos misturam ontologias e, por isso, não apresentam uma coerência passível de ser explicada como proveniente de uma única *metáfora conceitual*. Evidências disso provêm de um corpus britânico (periódicos *Sun* e *Guardian*) composto por 675 comentários de jornais acerca dos referendos de 2004/05 da União Europeia (2.574 metáforas no total). Em primeiro lugar, observamos que os jornalistas frequentemente combinam metáforas em argumentos complexos e bem formados, com 39% e 62% (respectivamente) de todas as metáforas ocorrendo em agrupamentos. Os dados também revelam, de forma ainda mais impressionante, que as metáforas misturadas ontologicamente correspondem a 76% de todos os agrupamentos, e que quase todas são diretamente compreensíveis. Isso põe em dúvida a visão das metáforas mistas como um uso estranho da língua. Defendemos que a mistura funciona porque as metáforas geralmente são inseridas em orações separadas, situadas em diferentes planos temporais, causais, relacionados ao falante ou às suas crenças. Consequentemente, não há uma pressão cognitiva forte para o processamento conjunto das metáforas, o que poderia resultar em um choque perceptível de imagens metafóricas. Assim, as misturas bem-sucedidas são uma consequência natural da alternância da lógica das orações na argumentação complexa. Além disso, apresentamos uma tipologia qualitativa sobre como as metáforas em um mesmo agrupamento interagem na argumentação. Isso questiona a ideia de que as metáforas conceituais são um mecanismo de sustentação da coerência na sua essência. Enquanto as metáforas conceituais podem gerar uma “vinculação interna” em agrupamentos ontológicos coerentes, modelos complementares de “vinculação externa” são necessários para explicar os agrupamentos mistos (e, em última instância, para uma explicação completa sobre todos os tipos de argumentação baseados em metáforas).

Palavras-chave: Metáforas mistas; Agrupamentos de metáforas; Argumentação política; Coerência discursiva; Teoria da metáfora conceitual; Análise metafórica com auxílio de *software*.

Abstract: The paper explores the phenomenon of metaphors that occur in close textual adjacency, i.e. as metaphor clusters, but do not share a similar cognitive basis. Clusters frequently mix ontologies and are thus devoid of coherence that can be explained as emerging from a single *conceptual metaphor*.

¹ Artigo traduzido com a autorização do autor e da editora responsável pela publicação da versão em inglês, a partir do texto KIMMEL, M. Why we mix metaphors (and mix them well): Discourse coherence, conceptual metaphor, and beyond, *Journal of Pragmatics*, v. 42, n. 1, p. 97-115, jan. 2010.

² PhD, University of Vienna, Dept. of English and American Studies, Austria.

³ Bacharelada em Letras Português/Inglês, Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), fernanda.garcia@ufrgs.br

⁴ Professora Doutora do Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), rozane.rebechi@ufrgs.br

⁵ Doutoranda em Psicolinguística, Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), josiesiman@gmail.com

Evidence to that effect comes from a British corpus (*Sun* and *Guardian*) of 675 newspaper commentaries covering the 2004/05 EU referenda (in all, 2574 metaphors). First, it turns out that journalists combine metaphors into complex, yet well-formed arguments on a regular basis, with 39% and 62% of all metaphors respectively occurring in clusters. Even more strikingly, the data reveals that ontologically mixed metaphors account for 76% of all clusters and that almost all of these are straightforwardly comprehensible. This challenges the view of mixed metaphor as awkward language usage. I argue that mixing works because metaphors are typically embedded in separate clauses situated at different temporal, causal, speaker, or belief-related conceptual planes. By consequence, no strong joint processing pressure arises that could result in a perceived clash of metaphorical imagery. Thus, felicitous mixing is a natural by-product of the shifting logic of clauses in complex argumentation. In addition, I present a qualitative typology of how clustering metaphors interact in argumentation. It calls into question the view that conceptual metaphors are the coherence-maintaining device *par excellence*. While conceptual metaphors may create “internal binding” in ontologically coherent clusters, complementary “external binding” models are needed to explain the mixed clusters (and ultimately for a full explanation of all kinds of metaphor-based argumentation).

Keywords: Mixed metaphor; Metaphor clusters; Political argumentation; Discourse coherence; Conceptual metaphor theory; *Software-assisted* metaphor analysis.

1. Introdução

1.1. O que são as metáforas mistas?

As metáforas no jornalismo, na política, no ensino e até nas conversas diárias costumam aparecer em agrupamentos nos quais metáforas de diferentes tipos se misturam. Podemos ver isso na citação a seguir⁶:

He [British Prime Minister Tony Blair] has had **to play his difficult hand** [jogar com uma mão difícil⁷⁸] with due *diplomacy*, and not risk **finding himself too far in the vanguard** [encontrar-se muito na vanguarda⁹]. So he was reluctant to say out *loud* that the British referendum on the constitution was **suspended** [suspensão], let alone **dead** [morto]. Instead, he **worked** [trabalhou¹⁰] the Danes - **the next in the firing line** [os próximos na linha de fogo]- to agree that further plebiscites would be **masochism** [masoquismo], thus **countering** the French **view** [contrariando a visão] that the referenda should *continue*. In the words of the former Foreign Office minister Denis MacShane: “Even **lemmings** [lêmingues¹¹] have got a right to **stop at the**

⁶ Optamos por manter os textos em inglês sem itálico, pois esta forma já está sendo usada pelo autor para representar as metáforas que foram reconhecidas, mas não analisadas. As traduções das metáforas feitas por nós estão representadas entre colchetes e sublinhadas; com exceção desses casos, todos os grifos são do autor. (N. T.)

⁷ Ao traduzir as metáforas deste artigo, optamos por priorizar as imagens evocadas por elas em detrimento da recuperação do sentido por meio de metáforas comuns do português brasileiro, com o objetivo de não comprometer a análise do autor presente no artigo original. Nos casos em que elementos essenciais para a análise não foram recuperados pela tradução, notas de rodapé explicativas foram adicionadas. (N. T.)

⁸ Referência à situação em que um jogador de pôquer precisa jogar com um conjunto de cartas ruim. (N. T.)

⁹ Neste contexto, ‘encontrar-se muito na vanguarda’ se refere a estar na linha de frente de uma tropa. (N. T.)

¹⁰ O verbo ‘trabalhar’, neste contexto, tem o sentido de manipular. (N. T.)

¹¹ Um lêmingue (tipo de roedor), neste contexto, faz referência a uma pessoa que segue as outras cegamente e não tem opinião própria, tal qual uma ovelha em um rebanho. (N. T.)

edge of a cliff [parar na borda do precipício]”. (Guardian PD 67)

A passagem entrelaça metáforas de diferentes domínios fonte – aposta, guerra, vida e morte, relações de força, percepção visual e viagem – de maneira habilidosa e que sustenta um argumento complexo em relação à política na União Europeia. As metáforas satisfazem às duas condições básicas para serem consideradas metáforas mistas: (1) são adjacentes, isto é, ocorrem dentro do mesmo agrupamento de metáforas, e (2) (em geral) não compartilham ontologias metafóricas nem acarretamentos inferenciais diretos entre si. Metáforas mistas como essas representam, historicamente, um desafio para os teóricos. Alguns as relegaram à categoria de usos estranhos da língua, mas logo ficará claro que esse não é sempre (nem tipicamente) o caso. O que, então, possibilita ao falante agrupar diferentes metáforas de uma maneira complexa e garantir que elas criem e até fortaleçam um argumento devido à sua articulação bem elaborada?

A evidente complexidade cognitiva por trás da produção de metáforas mistas sugere que uma abordagem linguística minuciosa poderia trazer algumas revelações sobre as metáforas no discurso, principalmente em relação ao seu papel conceitual na elaboração de unidades argumentativas razoavelmente longas e complexas. Neste trabalho, pretendemos mostrar que os agrupamentos mistos são muito frequentes (pelo menos em alguns gêneros textuais) para serem ignorados, mas que, até o momento, não existem modelos suficientemente abrangentes para explicá-los. Para um melhor entendimento dos padrões em que essas misturas costumam ocorrer, apresentaremos uma análise qualitativa das metáforas mistas nos discursos relacionados à União Europeia, com o auxílio de um novo método para estabelecer a frequência dessas metáforas de forma semi-automática. A partir disso, ofereceremos uma explicação sobre as metáforas mistas e, ao mesmo tempo, estabeleceremos pré-requisitos para um modelo cognitivo da metáfora que considere estruturas de discurso maiores.

1.2. O papel dos agrupamentos de metáforas no discurso

Uma revisão dos estudos dos agrupamentos de metáforas em diálogos ou textos escritos revela registros tanto de coerência quanto de incoerência metafóricas. Por exemplo, apesar de existirem indicadores sobre a tendência de expressões figuradas compartilharem uma raiz cognitiva e serem coerentes (de 67% até 95%) em aulas no ensino superior, interações em sala de aula e sermões de batizados (CORTS & POLLIO, 1999; CORTS, 2006; CORTS & MEYERS, 2002), também há evidências do contrário. Quinn (1991) aponta que, em entrevistas sobre a vida conjugal, as metáforas frequentemente mudam de um mapeamento para outro de forma fluida, sem que isso atrapalhe a coerência do discurso. Mais especificamente, Shen e Balaban (1999) mostram que, no jornalismo, as metáforas não sinalizadas – isto é, aquelas que

não são introduzidas estrategicamente como a base de um argumento – ocorrem com maior frequência em agrupamentos mistos do que em agrupamentos coerentes.

Os agrupamentos de metáforas exercem três tipos de funções. Eles atraem a atenção, e, por isso, servem como recurso de atribuição de importância, como sugere Koller (2003) em seu estudo exploratório sobre as metáforas no discurso do marketing e de fusões empresariais. O trabalho de Kyratzis (1997, p. 119) sobre o discurso relacionado à política da Grécia confere aos agrupamentos os créditos pela criação do discurso eficiente, ao afirmar que “metáforas que se complementam podem ser mais eficazes”. Além disso, os agrupamentos parecem surgir “onde a ação está”. Corts e Pollio (1999) e Corts (2006) mostram que os agrupamentos de linguagem figurada que incluem metáforas são fortemente ligados ao tópico principal e ajudam a esclarecer assuntos complexos e desconhecidos. Cameron e Stelma (2004, p. 33-34), de maneira semelhante, afirmam que os agrupamentos de metáforas são fonte de “intenso trabalho interativo ligado ao objetivo geral do discurso”, e Cameron (2003) observa o fenômeno principalmente quando tarefas escolares são explicadas, atividades são resumidas ou concluídas, alunos precisam ser controlados pelo professor e feedback é oferecido. Por fim, os agrupamentos de metáforas conectam e dinamizam o discurso. Eles ocorrem porque os interlocutores interligam, estendem, rejeitam, limitam ou elaboram metáforas criadas previamente, como demonstra Liebert (1997). Padrões similares de extensão, elaboração, exemplificação, questionamento e negação entre metáforas são ilustrados em Kyratzis (1997).

1.3. O que permite que os agrupamentos de metáforas mistas sejam recursos discursivos eficazes?

Os agrupamentos de metáforas mistas são um dilema. Cognitivistas defendem veementemente a produção cognitiva e os esquemas de recepção para as metáforas linguísticas denominadas “metáforas conceituais” (LAKOFF e JOHNSON, 1980). Ainda assim, a evidente presença massiva das metáforas conceituais na linguagem e no pensamento não explica por que algumas metáforas se misturam bem. O que, então, permite que metáforas próximas que não compartilham da mesma raiz conceitual se unam para fortalecer um argumento, como no trecho do início do capítulo? Em poucas palavras, pretendo mostrar que os princípios que integram os agrupamentos de metáforas podem, mas não necessariamente incluem as imagens e os acarretamentos de uma metáfora conceitual. Na falta de tais semelhanças, devemos olhar para os mecanismos de união que auxiliam na criação de um “planejamento de discurso” complexo. Outros tipos de meso e macroestruturas discursivas, como, por exemplo, aquelas inerentes à

argumentação ou à lógica narrativa, podem “unir” as expressões metafóricas incompatíveis ontologicamente e criar uma unidade de discurso significativa.

Assim, que papel sobra para as metáforas conceituais, às quais tantas vezes foi atribuída uma capacidade notável para a formação do discurso? O principal pressuposto deste trabalho é que a competência das metáforas conceituais deve ser analisada por dois ângulos diferentes, mas facilmente combináveis. O motivo de uma metáfora ser considerada apropriada para ocupar um espaço no enunciado é, de certa forma, diferente da questão sobre como e por que todas as metáforas se interligam. Voltando ao exemplo já mencionado, se Blair “precisou **jogar com uma mão difícil** devido à diplomacia”, o motivo da escolha dessa metáfora foi a ênfase na dificuldade estratégica. No segmento seguinte, a metáfora “e não arriscar **encontrar-se muito na vanguarda**” enfatiza o momento certo de abordar um assunto complicado. Ambas as expressões fazem uso de metáforas conceituais altamente convencionais (*HABILIDADE POLÍTICA É ESTRATÉGIA DE APOSTA* e *AÇÃO POLÍTICA É GUERRA*) que fazem parte dos esquemas cognitivos de produção de metáforas do jornalista e dos leitores. As duas metáforas são, nesse sentido, logicamente autossuficientes e autônomas. Por outro lado, o motivo de essas metáforas estarem conectadas em uma única frase é uma questão que as metáforas conceituais envolvidas não conseguem realmente explicar. Aparentemente, dois elementos de uma situação complexa estão sendo somados ou descritos em paralelo um com o outro. Ambas as metáforas dependem do significado contextual que Blair queria transmitir aos seus eleitores ao decidir não realizar o referendo sobre a União Europeia no Reino Unido, ao mesmo tempo tentando não irritar outros políticos europeus que esperavam isso dele. As metáforas dão um toque a mais a essa situação. O ponto principal é que os motivos que fazem uma metáfora se encaixar no discurso (*seleção metafórica*) não precisam explicar o que integra várias metáforas em uma unidade de discurso maior (*vinculação metafórica*). Seria um grande equívoco dizer que as metáforas conceituais podem explicar totalmente o surgimento de argumentos completos com metáforas mistas complexas, apesar de a teoria da metáfora conceitual, se lida superficialmente, poder ser interpretada dessa forma. Apesar disso, as metáforas conceituais já estão consagradas demais para que as descartemos na teorização sobre discurso e cognição. Devemos, em vez disso, nos questionar sobre que tipo de limitações podemos esperar delas, e quando.

Neste trabalho, pretendemos alcançar três objetivos. Mostraremos que existem diversos tipos de agrupamentos de metáforas e que estes levam a vários graus de coerência metafórica. Ao mesmo tempo, apresentaremos dados mostrando que as metáforas mistas são frequentes e explicaremos por que isso raramente resulta em um discurso incoerente. Por fim, reconsideraremos a questão das metáforas conceituais à luz dessas observações, sustentando

que elas podem ser ativas na seleção metafórica, mas não tanto na vinculação metafórica. Como ponto de partida, apresentaremos brevemente o corpus e os métodos que foram utilizados para comprovar nossas afirmações de maneira empírica.

2. Corpus e método

2.1. Corpus

Como parte de um estudo comparativo sobre a cobertura da mídia em relação aos referendos na União Europeia (MOKRE *et al.*, 2006), analisamos comentários e reportagens de versões online dos jornais britânicos *Sun* (tabloide) e *The Guardian* (jornal de prestígio) em um período de 14 meses entre junho de 2004 e setembro de 2005. Os artigos selecionados deveriam conter as palavras ‘*constitution*’ [constituição] e ‘*EU*’ [UE]. Estabelecemos um limite de um artigo por dia e cinco por dia em períodos de pico relacionados aos referendos, às ratificações nacionais e às reuniões da UE.

2.2. Metodologia da codificação

Usando o *software* ATLAS.ti 5.2, um codificador identificou e categorizou as metáforas manualmente e com sensibilidade contextual (em vez de fazer uma seleção por lematização).¹² De maneira geral, todas as expressões com uma referência mais básica (espaço-físico, sensorial ou outro tipo mais básico) que o seu significado contextual foram marcadas (cf. Pragglejazz Group, 2007).¹³ As unidades metafóricas geralmente eram compostas por, no máximo, frases, e raramente eram menores que uma oração, a não ser que a oração incluísse várias unidades. Todas as realizações linguísticas das metáforas foram consideradas, contanto que todas estivessem relacionadas com os domínios alvo UE ou outros tópicos políticos. Metáforas não especificadas contextualmente (“*it is **striking** that*” [é chocante que]), as inevitáveis metáforas ontológicas (“*he is **in** a state of*” [ele está em um estado de]) e verbos frasais (“***raise** doubts*”

¹² Como a codificação em dois níveis (ver abaixo) exige tempo, não foi possível empregar mais de um avaliador, apesar da checagem de credibilidade entre avaliadores ser recomendada. (N. A.)

¹³ Divergindo levemente do método proposto pelo Pragglejazz Group, essa definição operacional desconsiderou casos em que o significado abstrato de uma palavra pudesse ser o seu significado prototípico. Essa decisão pode comprometer o critério de fidelidade no processamento de metáforas, importante para a credibilidade entre avaliadores. De todo modo, isso afeta apenas poucos casos. (N. A.)

[levantar dúvidas]) não entraram na análise porque não revelam nada específico do discurso.¹⁴

Cada metáfora identificada recebeu dois códigos específicos que definiam seu domínio-fonte e domínio alvo (combinação a partir da qual é possível reconstruir um mapeamento). A expressão “*the EU is at a cross-roads*” [a UE está em uma encruzilhada], por exemplo, foi marcada com “alvo: *EU* [UE]” e “fonte: *paths* [trajetória]”. As metáforas foram etiquetadas com quantos itens fossem necessários de um conjunto de 27 esquemas de imagem e de 54 domínios fonte prolíficos, além de um dos 33 domínios alvo possíveis relativos à política da União Europeia.¹⁵

É importante mencionar que um sistema de dois níveis foi aplicado aos códigos dos domínios fonte, permitindo a formação de diversos grupos de expressões metafóricas semelhantes. Resumidamente, os domínios fonte das metáforas tipicamente envolvem tanto uma *base imagética* que “carrega” a ontologia do evento (cf. Princípio da Invariância; LAKOFF, 1990) quanto um *elemento* que fornece mais informações sobre esse evento. A expressão “*the EU constitution gets the axe*” [a constituição da UE recebeu o machado¹⁶], por exemplo, evoca um cenário de esquema de imagem no qual uma entidade é destruída por uma força motora rápida e definitiva, o que especifica a ontologia do evento (método e finalidade rápidos). Conhecer machados e o cenário da execução acrescenta uma segunda camada cognitiva (execuções concernem a seres animados, são cruéis e põem um fim às suas vidas). Assim, a metáfora pode ser agrupada de forma legítima com todas as outras metáforas em que ocorrem forças rápidas e potentes, ou com todas as metáforas relacionadas a punições, sem a necessidade de uma força (por exemplo, “*jailed*” [encarcerado]). Logo ficará claro que essa estratégia de codificação em dois níveis é essencial para uma parte importante deste trabalho: a exclusão de todas as metáforas que compartilham algo em comum entre o conjunto inteiro de metáforas, para, assim, chegarmos aos agrupamentos realmente mistos.

¹⁴ Incluir esse constante “ruído metafórico” na análise nos obrigaria a procurar por semelhanças ontológicas entre metáforas adjacentes de par em par, de maneira pouco proveitosa. Isso inevitavelmente levaria a um grau muito baixo de similaridade, pois os dados das metáforas relacionadas à UE e à política seriam gravemente “diluídos” (como consequência, dentre as metáforas relevantes para o tema, aquelas que fossem semelhantes poderiam aparecer a três ou quatro unidades de código de distância, criando, assim, um obstáculo no método de contagem). De forma mais geral, a codificação sem limitações de tópico, de maneira similar a Cameron e Stelma (2004), é incompatível com uma análise relevante da coerência ligada ao tema. Não se espera que essas metáforas – que, de um ponto de vista funcional, têm um “status especial” – sejam coerentes, pois seu uso, a priori, não é limitado por mecanismos de discurso específicos de um tema. (N. A.)

¹⁵ Códigos adicionais com palavras-chave para expressões idiomáticas fixas e recorrentes como *red tape* [burocracia], *streamline* [fluxo], *superstate* [superestado], *hand over [...] powers* [entregar poderes] (16 para o *Sun* e o *Guardian* cada) não foram relevantes para o estudo. (N. A.)

¹⁶ A expressão idiomática ‘*get the axe*’ é utilizada com o sentido de que algo foi interrompido ou eliminado abruptamente, e remete a uma execução com o machado como instrumento. (N. T.)

3. Resultados quantitativos

3.1. Frequência geral dos dados

Em suma, 2.574 unidades de metáfora foram encontradas. É importante observar que muitas outras metáforas (estima-se 30% a mais) teriam sido identificadas, caso metáforas com domínios alvo não relacionados à União Europeia tivessem sido incluídas. Em uma primeira análise geral, foi calculada a densidade de metáforas por artigo e por palavra (Tabela 1).

Tabela 1. Artigos, palavras e metáforas

	Número de artigos codificados	Total de palavras	Palavras por artigo (média)	Total de metáforas codificadas	Metáforas codificadas por artigo (média)	Metáforas codificadas por palavra (média)
<i>Guardian</i>	501	321.411	642	1588	3,2	0,005
<i>Sun</i>	174	41.704	240	986	5,7	0,024

Apesar de o total de palavras do *Guardian* ser muito maior, o que se deve à extensão e à quantidade dos artigos, o número de metáforas se mostrou bastante equilibrado. Em outras palavras, o *Sun*, em geral, compensa a concisão de seus artigos com conjuntos de metáforas muito mais densos, e uma média quase duas vezes mais alta por artigo.

Em seguida, utilizamos o *software* para procurar todas as unidades de metáfora adjacentes que originaram agrupamentos. As unidades identificadas abrangiam no mínimo orações, para que os veículos (ver CAMERON, 2003) não precisassem, é claro, ser absolutamente adjacentes para serem qualificados. A tabela a seguir mostra a frequência dos agrupamentos de metáforas em relação às metáforas simples por artigo (Tabela 2).

Dentre todas as metáforas identificadas, 39% e 62%, respectivamente, fazem parte de agrupamentos.¹⁷ Foram encontrados agrupamentos de até seis metáforas no *Guardian* e de até nove no *Sun*, apesar de agrupamentos duplos e triplos serem bem mais frequentes.

¹⁷ A discrepância entre os periódicos é provavelmente resultado da densidade mais alta de metáforas do *Sun* no geral, e do tamanho muito menor dos seus textos (Tabela 1: média de metáforas por palavra). Os artigos curtos do *Sun* tendem a empregar as metáforas de maneira contínua, e a eliminar passagens factuais e não-metafóricas encontradas em jornais de prestígio como o *Guardian* para dar lugar a campos metafóricos chamativos, persuasivos e repetitivos (ver MOKRE *et al.*, 2006). (N. A.)

Tabela 2. Frequência dos agrupamentos

	<i>GUARDIAN</i>		<i>SUN</i>	
	Agrupamentos desse tipo	Metáforas nesse tipo de agrupamento	Agrupamentos desse tipo	Metáforas nesse tipo de agrupamento
Distância máxima: 3				
Metáforas simples (não agrupadas)	967	967 (60.89%)	372	372 (37,7%)
Metáforas duplas	183	366	125	250
Metáforas triplas	57	171	46	138
Metáforas quádruplas	12	48	27	108
Metáforas quádruplas	6	30	8	40
Metáforas sêxtuplas	1	6	3	18
Metáforas sétuplas	0	0	5	35
Metáforas óctuplas	0	0	2	16
Metáforas nônuplas	0	0	1	9
Soma das metáforas em agrupamentos (excluindo metáforas simples)		621 (39,11%)		614 (62,3%)
Total de metáforas		1588		986

3.2. Frequência de metáforas mistas em agrupamentos

Para avaliar a importância do fenômeno das metáforas mistas é importante conhecer a sua frequência. O ideal seria uma abordagem manual que analisasse os pares de metáforas um por um, já que, assim, seria dada a devida importância ao contexto. No entanto, esse tipo de abordagem exige muito tempo e pode ser substituído pela utilização das marcações dos domínios fonte e alvo que cada metáfora recebeu no processo de codificação básica.

3.2.1. Como as metáforas mistas podem ser utilizadas?

A proporção entre as metáforas *conceitualmente* “*semelhantes*” e aquelas *conceitualmente* “*mistas*” em agrupamentos de metáforas pode ser estabelecida pela utilização de um método de busca semi-automática no ATLAS.ti 5.2. Indicadores quantitativos são fornecidos pelo sistema de codificação, ao qual podemos aplicar buscas usando a teoria dos conjuntos de Boolean no ATLAS.ti: duas metáforas adjacentes podem ser consideradas conceitualmente coerentes se compartilharem partes da ontologia do domínio-fonte, partes da ontologia do domínio alvo, ou ambas. Do contrário, podem ser consideradas metáforas mistas.

Com base nessa definição, ao examinarmos todos os pares adjacentes relevantes, obtemos um cálculo geral da frequência das metáforas mistas.

O principal obstáculo teórico para a estratégia proposta resulta da categorização de domínios fonte como iguais ou diferentes. Nenhum conjunto de códigos é capaz de captar a gama completa de possíveis semelhanças conceituais entre duas expressões metafóricas. Dito isso, minha tarefa aqui será detalhar um modo de reunir códigos de metáforas em grupos pertinentes e que, ao mesmo tempo, considere as diversas dimensões da similaridade. Tecnicamente, a questão é bastante simples. Cada categoria definidora de semelhanças é inserida no ATLAS.ti pelo agrupamento de códigos com propriedades ontológicas semelhantes em conjuntos chamados *Famílias de Códigos*. Logo, metáforas mistas são calculadas ao *subtrairmos, de todos os possíveis pares metafóricos adjacentes, aqueles que apresentam qualquer tipo de propriedade ontológica compartilhada*. Com isso em mente, explicarei a seguir o processo de checagem para detectar essas ontologias compartilhadas.

3.2.2. Definindo conjuntos de domínios fonte com ontologias semelhantes

Para contabilizar os agrupamentos mistos, o principal fator que devemos eliminar é a existência de domínios fonte semelhantes entre metáforas. Tais semelhanças podem ser do tipo esquema de imagem ou terem relação com o conhecimento sobre um domínio amplo, ou seja, a primeira e a segunda metáfora em cada par podem compartilhar semelhanças em um ou até nos dois níveis. Isso ressalta a importância da decisão de marcar cada metáfora com os dois tipos de código, o que será explorado na análise a seguir.

Em relação às famílias ontológicas entre domínios fonte de origem esquemática, uma estrutura topológica compartilhada define as semelhanças. Podemos seguir as instruções de Quinn (1991), Cienki (1997) e Oakley (2007), que defendem uma hierarquia dos esquemas de imagem relacionados a FORÇA, ENTIDADE, CONTÊINER ou TRAJETÓRIA e estabelecem relações de semelhança entre tipos diferentes de esquemas de imagem. No desenvolvimento da nossa hierarquia, optamos por permitir classificações múltiplas porque esquemas de imagem como TRAJETÓRIA estão relacionados tanto a LIGAÇÃO quanto a FORÇA, e também porque algumas

Tabela 3. Famílias de esquemas de imagem

Movimento (superfamília)		Entidade (superfamília)						
Trajectoria	Força	Dinâmica do objeto	Meronímia e relações de objetos	Contentor (espaço do objeto)	Direcional	Axiologias (outros sentidos)	Contornos temporais	Outros códigos desconsiderados
<i>Movimentos, trajetórias e transporte de objetos</i>	Forças	<i>Ser/agente animado</i> ¹⁸	<i>Centro-periferia</i>	<i>Contentor, absorção, quebra</i>	Frente-costas	Duro-macio	Ciclo	Novo-velho
<i>Ligação</i>	Força-impulso	<i>Contentor, absorção, quebra</i>	<i>Ligação</i>	Cheio-vazio	Cima-baixo	Barulhento-silencioso	<i>Equilíbrio</i>	
Reto-torto	Equilíbrio	<i>Movimentos, trajetórias e transporte de objetos</i> ¹⁹	Parte-todo		<i>Perto-longe</i>	Claro-escuro		
<i>Junto-separado</i>	<i>Ser/agente animado</i>		<i>Junto-separado</i>		Centro-periferia ²⁰	Temperatura (quente-frio)		
<i>Perto-longe</i>	<i>Contentor, absorção, quebra</i>		Estrutura-falta de estrutura			Mal-cheiro		
			Objetos: objetos intactos e destruição					
			Grande-pequeno					
			<i>Perto-longe</i>					

¹⁸ Esse código de domínio prolífico também é definido aqui por um código de esquema de imagem, pois a agentividade envolve a imagem de uma entidade automotora e imbuída de força. (N. A.)

¹⁹ Os dois últimos às vezes ocorrem em concepções em que as mudanças dinâmicas de um objeto são mentalmente traçadas. (N. A.)

²⁰ Pode ser um movimento do centro em direção à periferia em uma concepção dinâmica. (N. A.)

Tabela 4. Famílias de domínios fonte (=campos temáticos) prolíficos

Processos da vida	Agentes	Relações sociais (superfamília)					
		Relações	Emoções	Conflito	Poder e interesses	Arte, atividades e organizações	Delitos
Vida e morte	<i>Corpo</i>	Relações sociais e grupos	Abraçar	Guerra e agressão	Negócios	Esportes, jogos e brincadeiras	Crime e conspiração
Nascimento	Personificação	Relações familiares	<i>Romance</i>	<i>Arma</i>	<i>Posse</i>	Teatro	Veneno
Saúde e doença	Animal	<i>Romance</i>	<i>Sexo</i>	Estupro e ação forçada	Ceder/entregar	Dança	Punição e execução
Plantas e crescimento	Ser/agente animado	<i>Sexo</i>		Ameaça e medo	<i>Competição</i>	Religião, ritual e sacrifício	Julgamento
<i>Corpo</i>	Criatura/monstro			<i>Tiranía</i>	<i>Traição</i>		
	Fantasma			Revolução/rebelião	<i>Tiranía</i>		
	<i>Veículos, motoristas e viagens</i>			Rendição	<i>Imposição</i>		
				<i>Competição</i>	<i>Superestado</i>		
				Desprezo	Império		
					Guarda		
Disposição interna	Comunicação	Desastres	Artefatos		Estilo de vida	Códigos desconsiderados	
Insanidade	Conversa	Clima	Construções		Comida	Álcool	
Sono e sonhos	Traição	Forças naturais	Máquinas e tecnologia		Caça e pesca	Química	
	História	Fogo e explosão	Mesa			Mágica/feiticeiro	
		Catástrofe	Tecido/roupas			Cavalheirismo	
			<i>Veículos, motoristas e viagens</i>			Plano-mestre	
			<i>Arma</i>			Limites	
			<i>Posse</i>			Burocracia	
						Arrumação	

categorias de códigos como “movimentos, trajetórias e transporte de objetos” ou “preservação de objetos e destruição de objetos” eram amplas demais. De um ponto de vista metodológico, essa decisão aumenta a probabilidade de encontrar pares que pertençam à mesma família. Decidimos agrupar os códigos nas famílias **“trajetória-força”, “entidade”, “direcional”, “pares axiológicos das modalidades sensoriais não-cinestésicas/não-proprioceptivas”** e **“contornos temporais”** (todos podem, por princípio, incluir itens adicionais não encontrados aqui). Os itens em *itálico* são os que ocorrem sob vários rótulos.

É importante observar que uma opção de análise alternativa foi criada pela introdução de duas superfamílias. A utilização desse tipo de controle de semelhança mais flexível aumenta a probabilidade de encontrarmos pares coerentes de metáforas, o que talvez favoreça os pesquisadores que considerarem as categorias diferenciadas demais (Tabela 3).

Em seguida, para agrupar domínios fonte prolíficos, como “vida e morte”, “relações sociais”, “jogos e brincadeiras”, “guerra” e “emoções”, campos semânticos estruturados de forma associativa definem a ontologia. Aqui, a semelhança da estrutura inferencial define a equivalência. Surge uma superfamília (“relações sociais”), assim como nos esquemas de imagem (Tabela 4).

Em ambas as tabelas, as famílias suprimem alguns poucos códigos específicos difíceis de classificar, que aparecem na última coluna de cada tabela. Eles foram tratados como “outros” e, assim como as expressões idiomáticas fixas, não foram incluídas na análise.

Podemos também optar por excluir da conta das metáforas mistas todos os pares com domínios alvo semelhantes. Esses domínios podem originar semelhanças ontológicas tanto quanto os domínios fonte. No entanto, no presente estudo devemos atribuir menos peso a esse indicador. Em primeiro lugar, enquanto os domínios fonte utilizados aqui tendem a se referir a qualquer elemento na amplitude do conhecimento, incluindo os mais distantes, os domínios alvo são todos inerentemente relacionados à UE ou à política, e as diferenças podem ser consideradas pequenas para alguns. Em segundo lugar, metáforas com domínios alvo não relacionados à UE foram inteiramente excluídas da análise. Os resultados para agrupamentos coerentes informados abaixo estão artificialmente elevados devido a essas duas razões. Para aqueles que ainda desejam incluir os domínios alvo, conjuntos ontológicos podem ser diretamente criados (inclusive sem subtipos): (1) A UE, (2) a constituição da UE, (3) a campanha e o debate, (4) a crise pós-referendo, (5) protagonistas políticos específicos, e (6) processos políticos e agentes no geral (Tabela 5).

Tabela 5. Famílias de domínios alvo

UE	Constituição da UE	Campanha/debate sobre o referendo	Referendo e crise subsequente	Protagonistas políticos	Processos políticos
A UE é...	A	O debate/campanha é...	O referendo é...	Um povo é...	Os agentes políticos em geral são...
A função/funcionamento da UE é...	constituição (como entidade) é...		As reações ao NÃO são...	Um político ou partido é...	As instituições políticas em geral são...
A ideia da UE é...	O conteúdo da		As soluções para a crise são...	Um estado-nação na UE é...	Os processos políticos em geral são...
As instituições da UE são...	constituição é...		O rumo da crise é...		
A integração da UE é...	O processo constitucional é...		O resultado da crise é...	A elite é...	As emoções/crenças políticas são...
A economia da UE é...	O fim da constituição é...		A crise pós-referendo é...		As mensagens políticas são...
A expansão da UE é...	O resultado ou função da constituição é...		As causas da crise são...		A busca política por interesse e ação é...

3.2.3. Resultados: frequência das metáforas mistas

Os primeiros pares de metáforas adjacentes que devemos excluir da conta são aqueles com domínios fonte coerentes. Que porcentagem compartilha de uma ontologia comum em uma das nove famílias de esquemas de imagem, ou uma das 14 famílias de domínios fonte prolíficos que acabamos de definir? A Tabela 6 responde a essa pergunta. As colunas da esquerda e do centro representam pares consistentes nos domínios de esquemas de imagens e nos domínios prolíficos, respectivamente. Na última coluna à direita, ambas as medidas foram combinadas com o operador booleano OR [ou] para calcular um valor global significativo de pares consistentes. As duas linhas refletem o uso dos dois níveis de controle de semelhança, ou seja, (a) são os subcódigos mais diferenciados com critérios de semelhança mais rígidos, e (b) são os critérios de semelhança mais flexíveis para os supercódigos de nível mais alto (em que FORÇA e TRAJETÓRIA, por exemplo, são tratados como pertencentes a um único tipo de ontologia). O nível mais relevante de semelhança ontológica é aquele que faz mais

diferenciações entre os códigos. Logo, os dados utilizados são os do canto inferior direito da Tabela 6.

Os resultados não deixam dúvida: a coluna da direita mostra que ontologias consistentes – baseadas no controle de semelhança mais rígido – não chegam nem a 25% de todos os pares

Tabela 6. Porcentagem das ontologias consistentes (ou seja, não mistas) entre pares adjacentes.

TIPOS DE DOMÍNIO-FONTE Nome do periódico	(A) Ontologias de esquema de imagem		(B) Ontologias de esquemas prolíficos		(A) OU (B)	
	Guardian	Sun	Guardian	Sun	Guardia n	Sun
Soma base dos pares de metáforas adjacentes (100%)	353	397	353	397	353	397
Utilização dos supercódigos sem diferenciações, quando aplicável (famílias mais inclusivas e em menor número)	66 18,7%	56 14,1 %	59 16,7%	67 16,8%	124 35,1%	117 29,5 %
Subcódigos diferenciados (famílias menos inclusivas e em maior número)	46 13,0%	40 10,1 %	37 10,5%	62 15,6%	84 23,8%	97 24,4 %

Tabela 7. Porcentagem dos domínios alvo consistentes entre pares adjacentes.

Nome do periódico	Guardian	Sun
Pares de metáforas adjacentes (100%)	353	397
Ontologias consistentes de domínios alvo entre esses pares	164	118
Porcentagem	46,6%	29,7%

de metáforas em cada periódico.²¹ As ontologias com domínios fonte mistos são maioria esmagadora, tanto na categoria de esquemas prolíficos quanto na de esquemas de imagem, e, em ambas, compõem 76% das metáforas. Outra observação interessante é que a incidência de

²¹ Esse método avalia as metáforas mistas de maneira mais prudente, e as metáforas consistentes de maneira mais generosa. Alguns pares considerados consistentes em uma verificação manual podem acabar não compartilhando nenhum acarretamento nos casos em que os códigos foram definidos de maneira genérica. O total de pares consistentes provavelmente inclui os chamados erros de tipo 1, ou “falso positivo”. Erros de tipo 2 (falhas na identificação de metáforas consistentes) poderiam acontecer somente se eu falhasse em definir os códigos de metáforas ou não percebesse semelhanças ontológicas relevantes no momento da criação dos conjuntos de famílias. Isso é improvável, considerando os diversos agrupamentos de famílias e o grande número de códigos básicos. Essas precauções justificam o amplo domínio das metáforas mistas. (N. A.)

metáforas mistas é quase idêntica em ambos os periódicos, apesar da sua já mencionada diferença em tamanho e densidade de metáforas. Além disso, o cálculo menos discriminatório pelas superfamílias, como esperado, apresenta menos metáforas mistas, mas sem um impacto muito grande, multiplicando as ocorrências coerentes por um fator moderado de 1,2-1,5.

Em relação aos seis conjuntos de domínios alvo, não houve surpresa na conclusão de que a coerência entre domínios alvo em pares adjacentes é mais frequente que a coerência entre domínios fonte, pois os falantes tendem a se ater ao tópico sobre o qual falam, mesmo utilizando diferentes tipos de metáfora (em relação aos domínios fonte) para isso (Tabela 7).

Não podemos oferecer contribuições conclusivas sobre a evidente diferença entre as porcentagens dos dois periódicos analisados. Podemos apenas supor que o estilo extravagante do *Sun* inclua muitas metáforas que divergem do tópico da UE ou que alternam entre estilos discursivos.²²

3.2.4. Conclusões desta seção

Os cálculos anteriores mostraram que os agrupamentos correspondem a 39% e 62% de todas as metáforas, respectivamente. Nesta seção, tomamos esses agrupamentos como um subcorpus e analisamos quantos deles apresentavam ontologias mistas. Verificamos que, pelo critério (mais central) de domínios fonte mistos, a maior parte das metáforas adjacentes envolve ontologias mistas. Esses resultados vão ao encontro de Quinn (1991) e de Shen e Balaban (1999), mas não de Corts (2006), possivelmente devido a diferenças de gênero. Uma questão crucial surge desses dados. Se mudanças fluidas entre as ontologias de metáforas são tão frequentes e se a “lógica metafórica” falha em explicar adequadamente por que elas são capazes de formar passagens de texto bem-construídas, então os teóricos de metáforas carecem de uma perspectiva mais abrangente. O restante do trabalho, por conseguinte, discute por que as metáforas mistas ocorrem e geralmente não são consideradas estranhas ou anormais.

²² Algumas ressalvas são importantes no momento de interpretar esses resultados; dois fatores podem ter conferido maior consistência a eles. Certas metáforas ontológicas básicas (“*in a state of shock*” [em estado de choque] etc.) e também algumas metáforas totalmente sem relação com a UE no texto (“*it is striking that*” [é impressionante que], etc.) permaneceram inelegíveis para a análise. Um terceiro fator, no entanto, pode compensar essa interferência: alguns domínios alvo considerados mistos talvez não apresentem uma impressão subjetiva de diferença em alguns contextos (por exemplo, a própria UE e a constituição da UE, ou o estilo de debate e a avaliação dos políticos manifestando esse estilo). Assim, alguns resultados listados como domínios alvo mistos podem ser percebidos como relacionados a domínios alvo aproximadamente semelhantes. Consequentemente, a parte da análise relacionada aos domínios alvo deve ser encarada apenas de forma heurística. (N. A.)

4. Tipos qualitativos de interação de metáforas no discurso jornalístico

Os dados sobre a frequência dos agrupamentos de metáforas já alertam para o fato de que eles devem ser analisados com mais atenção. Apesar de ser evidente que as metáforas em um mesmo agrupamento estão quase sempre unidas tematicamente pelo contexto, será que isso já implica coerência no nível ontológico? A resposta é: não. Isso não pode ser presumido automaticamente. Para um entendimento mais refinado dos dados, podemos distinguir três graus de conexão conceitual entre duas ou mais metáforas adjacentes: (1) *complementação e elaboração conceitual*; (2) *sobreposição conceitual*; (3) *inexistência de coerência conceitual aparente no nível da metáfora*. A seguir, apresentarei exemplos de cada categoria.

4.1. Complementação ou elaboração conceitual

A categoria da complementação conceitual inclui diferentes casos em que as metáforas se enriquecem conceitualmente. A complementação mais forte possível ocorre quando duas expressões metafóricas provêm da mesma metáfora conceitual e expressam dois aspectos inerentes e necessários a ela. No caso da metáfora INTEGRAÇÃO EUROPEIA É VIAGEM, uma expressão metafórica se refere à direção, a outra à velocidade, e a outra ao objetivo e à intenção que impulsionam o agente; todos são aspectos essenciais de qualquer viagem.

The European project now has a good chance **to go in another, more cooperative direction** [seguir em outra direção mais cooperativa] - if the French and German governments, which **set the pace on European integration** [definem o ritmo da integração europeia], **take to heart** the questions and doubts their voters have raised about Europe's own social and economic conditions. That would mean concentrating on economic reform and liberalisation at home instead of **chasing more abstract and distant shadows** [perseguir sombras mais abstratas e distantes] of American power. (Guardian PD 97)²³

Em muitos casos, agrupamentos de metáforas fortemente integrados nos permitem imaginar uma progressão causal ou temporal em um micromundo mental. Em tais cenários metafóricos, existem diversas variantes da continuidade de uma ação, incluindo cadeias causais, raciocínios contrafactuais ou sugestões para resolver um problema futuro, e a pesagem de alternativas de ação (sobre o papel dos cenários na argumentação, ver MUSOLFF, 2004):

²³ As palavras em itálico são veículos que não contribuem para a presente discussão, apesar de serem claramente metafóricas. Essa convenção será mantida ao longo do trabalho. (N. A.)

Newly re-elected and about to **take the wheel at the EU presidency** [assumir a direção²⁴ da presidência da UE], he has all the theoretical power needed to **steer it out of a crisis** [desviá-la de uma crise]. As a potent, proven political force, he should be ready to **knock sense into the clowns** who have **driven “The Project” to the brink of disaster** [conduziram “O Projeto” para a beira de um desastre]. (Sun PD 67)

Whether it is about enlargement or planning the constitution or finances, it always follows the same method: first decide what to do, then create the justification. **It always tries to take the second step before the first** [tenta dar o segundo passo antes do primeiro]. No wonder then **that integration just stumbles along** [a integração tropeça junto]. (Guardian PD 15)

AFTER Labour’s **sound beating** in the European and local elections I believed, naively perhaps, that Mr Blair would be **forced to sit up** [ser forçado a sentar direito] and take notice. **Instead, he stumbles blithely on** [em vez disso, ele tropeça tranquilamente] with no regard for our feelings, in the vain belief he can make us change our minds. (Sun PD 165)

Tony Blair, right, will now **mothball** his offer of a UK vote in case EU leaders come up with **a way of keeping the constitution alive** [um jeito de manter a constituição viva]. But privately the PM knows the treaty is **dead in the water**²⁵ [está morta na água]. Ironically, he is likely to be in charge of the EU when heads of state finally **read the constitution its last rites** [darem a extrema-unção à constituição]. (Sun PD 68)

Os princípios da extensão e da elaboração de metáforas de Lakoff e Turner (1989) também ocorrem em cenários metafóricos, geralmente com o propósito de apresentar considerações ou atributos que vão além do que é convencionalmente compartilhado. No próximo exemplo, o cenário metafórico convencional O FIM DA CONSTITUIÇÃO É A SUA MORTE é elaborado em uma interação específica do agente, pela qual a constituição recebe os atributos de um vampiro:

TONY Blair last night **drove a stake through the heart** [cravou uma estaca no coração] of the EU Constitution. But the Prime Minister **failed to declare his victim finally dead** [falhou ao declarar a sua vítima como morta]. Foreign Secretary Jack Straw announced only that the British referendum on the treaty “would not proceed at this moment”. It was left to Tory Liam Fox, a former doctor, to **check the hated constitution’s pulse** [checar o pulso da odiada constituição]. (Sun PD 29)

Os falantes também costumam unir dois aspectos (criados metaforicamente e, em tese, independentes) de um evento em um minicenário, de tal forma que as duas imagens se

²⁴ Aqui, ‘direção’ remete ao volante de um carro. (N. T.)

²⁵ A expressão idiomática *dead in the water* é utilizada para enfatizar que algo não deu certo e que as chances de sucesso futuro são mínimas. (N. T.)

complementam em uma única oração ou em orações próximas conectadas. Aqui, duas ou mais imagens complementam uma representação mental compacta de uma maneira não convencional. Chamamos esse tipo de interação metafórica densa e bastante frequente (pelo menos no jornalismo) de um *cenário metafórico não convencional*. No exemplo a seguir, um substantivo metafórico e um verbo metafórico são integrados sintaticamente e podem ser imaginados como um minicenário mental coerente:

the **mountain of red tape**²⁶ [montanha de fita vermelha] which **swamps** [alaga] business, the European Court and the human rights laws (*Sun* PD 150)

Nos termos da teoria de formação de frases de Langacker (1987), as metáforas provavelmente farão parte de um único *local de elaboração* mental, um bloco de rascunhos mental no qual os elementos são inscritos. Fazer as metáforas partilharem de um único cenário imagético dessa forma as integra de maneira firme. Note que, apesar das complementações sintáticas, as duas metáforas são mais independentes no nível conceitual do que seriam os acarretamentos complementares de uma única metáfora conceitual. Apesar de complementarem um *frame* de ação mental, cada expressão individual também estaria completa como metáfora fora do *frame*.

4.2 Sobreposição conceitual

Há diversos tipos menos rígidos de sobreposição conceitual entre metáforas, muitos dos quais foram analisados em Goatly (1997, cap. 9). Em um dos casos, os campos semânticos dos domínios fonte não são idênticos, mas se sobrepõem, enquanto o domínio alvo é o mesmo. As ligações conceituais podem se valer da afinidade entre os esquemas de imagem ou de campos semânticos prolíficos e de inferências semelhantes compartilhadas, como ilustram os exemplos a seguir.

This would, of course, represent a startling **volte-face** [reviravolta] for Tony Blair. And yet the prime minister's particular skill is the performance of the **graceful U-turn** [retorno]²⁷, couched in the language of the moral imperative. His current **crusade** [cruzada] is to make African poverty history. Let him start by **withdrawing** [recuar] from the two commitments most harmful to that continent: the EU common policies on overseas aid and agriculture. (*Guardian* PD 97)

²⁶ 'Red tape' é uma expressão idiomática que se refere à burocracia excessiva ou ao apego a regras e formalidades. (N. T.)

²⁷ O retorno em questão é aquele que um motorista faz com o carro. (N. T.)

Meanwhile, by **deft footwork** [manobra habilidosa dos pés] on his part and clumsiness by France's Jacques Chirac, **he turned a dud card on Europe into a winning hand** [ele transformou uma carta inútil para a Europa em uma mão vencedora]. (Sun PD 6)

No primeiro exemplo, todas as metáforas dizem respeito às ações de Tony Blair e usam o domínio-fonte TRAJETÓRIA, mas diferem em dois aspectos. A terceira metáfora é diferente no sentido de que ‘*crusade*’ [cruzada] contribui com os atributos adicionais mapeados de fervor religioso e agressividade, enriquecendo, assim, o domínio de esquema de imagem TRAJETÓRIA. Além disso, as características da trajetória diferem (REVERSA, TRAJETÓRIA EM LINHA RETA, TRAJETÓRIA REVERSA AO CONTÊINER). No segundo exemplo, a primeira metáfora sobre política e o trabalho dos políticos provavelmente vem da luta de boxe, e a segunda, do pôquer ou de jogos de azar. Apesar de os domínios fonte não serem idênticos em um nível mais concreto, os dois compartilham de várias das suas inferências gerais e produzem uma imagem semelhante da política como uma questão de habilidade, boas estratégias e, talvez, força de vontade e resistência.

Um caso muito frequente é o das metáforas que têm domínios fonte completamente diferentes, mas compartilham do mesmo domínio alvo. Basicamente, as metáforas estão *alinhadas para “contar uma história”* sobre o domínio alvo, que são descritos de diferentes ângulos (sobre a “diversificação com diferentes bases”, ver GOATLY, 1997):

Over the past few years, the EU has become **something of a juggernaut**²⁸ [se tornou uma espécie de rolo compressor] and I fear it has become **so concerned with navel-gazing** [tão preocupada com o próprio umbigo] that it has actually **lost touch with** [perdeu contato com] the populations of Europe. (Guardian PD 214)

BRITAIN'S referendum on the EU treaty will be **shelved** [será guardada na estante] on Monday - after Holland last night **drove the final nail into its coffin** [prende o último prego no caixão]. (Sun PD 13)

Aqui, na mesma frase, encontramos A UE É UM MONSTRO, A UE É UM CORPO vendo ele mesmo e A UE É UMA ENTIDADE QUE ESTAVA EM CONTATO COM OUTRA ENTIDADE, MAS QUE AGORA ESTÁ DISTANTE. As metáforas, pelo que parece, são combinadas para realçar vários aspectos do mesmo tópico, a UE (o crescimento da UE, comportamento interno e externo). No segundo exemplo, novamente, um único domínio alvo, a constituição da UE, utiliza diferentes domínios fonte (A CONSTITUIÇÃO É UM LIVRO vs. A CONSTITUIÇÃO É UM SER VIVO).

²⁸ Além de se referir a um grande caminhão ou rolo compressor, a expressão também pode se referir a uma força ou organização grande e poderosa que não pode ser impedida. (N. T.)

O tipo menos rígido de sobreposição semântica provavelmente vem das metáforas com diferentes domínios alvo, mas que, apesar disso, usam domínios fonte semelhantes. Isso pode ser considerado uma estratégia associativa de *priming* parcial de uma metáfora através da outra, que pode causar uma “sensação de equivalência” em relação aos domínios alvo diferentes (GOATLY, 1997, p. 258):

Old Etonian Mr Cameron, below, fears years in the **wilderness** [selva] for the party if either “**Big Beast**” [“Grande Fera”] Mr Clarke or Mr Davis wins. (Sun PD 170)

The answer is that **the wind has changed** and **our chameleon Prime Minister** [nosso Primeiro Ministro camaleão] has **spotted an opening**. If that means **shedding** his image as an ardent European, so be it. Mr Blair is happy **in any camouflage that gets him through the day** [em qualquer camuflagem que o ajude a atravessar o dia]. But he should be **watched like a hawk** [ser vigiado como um gavião] as he spends his remaining time as PM manoeuvring through **the EU jungle, changing colour under every new leaf** [pela selva da UE, mudando de cor a cada nova folha]. (Sun PD 45)

No primeiro exemplo, os dois domínios alvo são diferentes (“crise partidária” e “líder político”) e os domínios fonte não são conectados por nenhum acarretamento ou inferência direta. A conexão é mais vaga que isso: simplesmente apresenta dois aspectos do campo semântico “vida selvagem”. No segundo exemplo, com o mapeamento UM POLÍTICO ASTUTO É UM CAMALEÃO (MUDAR UMA OPINIÃO DECLARADA É MUDAR DE COR), encontramos uma combinação relativamente firme de três metáforas no cenário não convencional A UE É UMA SELVA, bem como uma sobreposição associativa mais vaga delas com a expressão idiomática ‘*watch like a hawk*’ [vigiar algo/alguém como um gavião].

4.3. A inexistência de coerência conceitual entre metáforas

Já vimos, até agora, vários casos em que a interação conceitual entre metáforas se baseia somente em um domínio alvo recorrente, e também casos mais raros de domínios fonte relacionados que são aplicados a domínios alvo sem nenhuma relação. Muitos agrupamentos têm ainda menos interação conceitual do que esses. Eles não compartilham de domínios fonte nem alvos no sentido mais estrito, e também não têm uma conexão sintática forte. As metáforas nas frases sobre a UE a seguir podem apenas pertencer ao mesmo contexto argumentativo, mas não compartilham de nenhuma lógica além disso.

There is a way of looking at the acrimonious failure of the **European summit** [cúpula europeia] as a great triumph for Tony Blair. The rebate is preserved. The **last rites have been performed** [a extrema-unção foi dada] over the European constitution. A **vicious bust-up** [uma discussão feroz] with Jacques Chirac excites approving headlines about the Prime Minister **bulldogging for Britain** [defendendo a Grã-Bretanha como um buldogue]. Tony Blair has finally **turned into Margaret Thatcher** [transformou-se na Margaret Thatcher]. (*Guardian* PD 128)

Tony Blair's criticism of EU regulations [...] would be laughable if it were not so two-faced. While **preaching the pro-business gospel** [pregar o evangelho pró-empresarial], he has done nothing **to stop the tide of EU rules and red tape** [impedir a maré de regras e burocracia da UE] from **choking Britain** [de sufocar a Grã-Bretanha]. (*Guardian* PD 175)

No doubt Labour and the Lib Dems would like to **see some wind in the UK Independence party's sails** [ver um pouco de vento soprando nas velas dos partidários da independência do Reino Unido] to keep the Tories **on the defensive** [na defensiva]; but **winds can be changeable** [os ventos podem mudar], so all three parties seem to have concluded that the European issue is **best kept in its box** [ficará melhor guardada na caixa] until after polling day. (*Guardian* PD 225)

A última citação representa um caso híbrido. Enquanto a primeira e a terceira metáforas são coerentes entre si e evocam um único cenário, não compartilham nem do domínio-fonte nem do alvo das metáforas 2 e 4. Observe que todos os agrupamentos de metáforas apresentados até agora parecem perfeitamente normais e não exemplificam as metáforas mistas de maneira negativa. Isso muda no extremo fim da escala. Aqui encontramos, apesar de raros, agrupamentos infelizes de metáforas que produzem uma forte sensação de choque de imagens:

Together, these values and goals, embedded in the EU constitution's charter of fundamental rights, represent the **woof and warp** [tecido base²⁹] of a **fledgling European Dream** [um inocente Sonho Europeu] and the beginnings of a global consciousness. (*Guardian* PD 329)

More than a year after enlargement, **gridlock is the dog that didn't bark**³⁰ [o engarrafamento é o cão que não latiu]. (*Guardian* PD 34)

O tamanho do impacto desse choque na percepção de uma pessoa provavelmente depende da profundidade do processamento metafórico (GIBBS, 1999), como discutiremos em breve.

²⁹ A expressão 'woof and warp' representa a fundação/base de uma estrutura ou organização. Vem da tecelagem, em que 'woof' são os fios que correm na horizontal e 'warp' os que correm na vertical. (N. T.)

³⁰ 'The dog that didn't bark' [o cão que não latiu] é uma expressão idiomática que se refere ao fato de que a falta de algo também pode ser considerada uma pista. (N. T.)

5. Explicando as metáforas mistas na argumentação complexa

Vamos refletir por um momento. A parte quantitativa da análise mostrou um número alto de pares de metáforas discursivas que não são relacionadas ontologicamente pelo domínio fonte, e até mesmo muitas que não se relacionam pelo domínio alvo foram encontradas. A parte qualitativa também distinguiu diversos tipos de interação entre metáforas e deixou claro que considerar a existência de um mecanismo cognitivo genérico por trás de todas elas não é uma boa abordagem. Falando especificamente do tipo de agrupamento de metáforas a que chamamos “misto”, os linguistas cognitivos se deparam com um grande desafio. Como exemplificado, as metáforas mistas nos comentários de jornais geralmente não são incoerentes ou fora dos padrões normais de argumentação. Isso traça certos limites para uma análise argumentativa baseada apenas nas metáforas, e demanda outras ferramentas teóricas.

O desafio de trazer uma contribuição mais completa exige a combinação das metáforas conceituais com outros instrumentos de discurso conceitual. Cumprir esse desafio está muito além do escopo deste trabalho, pois os instrumentos de modulação existem em grande quantidade (ver KOLLER, 2003; HART & LUKES, 2007) e demandam uma base mais profunda na teoria do discurso. Tudo o que podemos fazer é oferecer algumas observações básicas sobre o papel das metáforas conceituais como estruturas conceituais cognitivas, mas talvez não completamente reguladoras do discurso.

5.1 A análise metafórica sozinha não pode explicar unidades de significado com a presença de metáforas

Os agrupamentos de metáforas incoerentes baseados em metáforas conceituais enraizadas ou em outros tipos de sobreposição semântica precisam ser abordados do ponto de vista da unidade de significado maior da qual eles fazem parte – em outras palavras, o que nos referimos coloquialmente como “argumentação”. Começaremos com duas observações importantes, porém frequentemente desprezadas, que surgem apenas quando olhamos para os argumentos por inteiro.

Antes de mais nada, os analistas invariavelmente levam em consideração os aspectos do texto que não são propriamente parte das metáforas ao identificar tópicos gerais, temas de argumentação ou a estratégia de persuasão do falante. O significado de um argumento não é especificado plenamente pelos acarretamentos de uma metáfora no sentido estrito, nem mesmo nos casos mais simples, como na negação de metáforas:

It's a negative vote, but **Europe will not stop** [a Europa não vai parar]
(*Guardian* PD 178)

Essa negação da metáfora (uma “anti-metáfora”) inverte a sua valência argumentativa, isto é, se a Europa “para” ou “continua”. Alguns diriam que as metáforas negadas se baseiam no mesmo mapeamento conceitual da frase e apenas instanciam um cenário metafórico diferente que deriva dela (MUSOLFF, 2004). Apesar de isso talvez ser verdade, não devemos ignorar o fato de que os mecanismos linguísticos não metafóricos invariavelmente se mesclam ao processamento das metáforas. Geralmente a gramática e o co-texto também são considerados. Mecanismos que modulam as metáforas podem ser discutidos em termos de recursos da Linguística Funcional (KOLLER, 2003, p. 96-104) e incluem modalizadores, sinalização explícita da metáfora e minimizadores. Além disso, vários tipos de mecanismos de *framing* linguístico contribuem para esse processamento, incluindo (mas não se limitando a) humor, nível de convicção, perspectiva e atitude. Por exemplo, há o caso em que “se uma expressão metafórica está inserida em uma oração que mostra uma atitude pejorativa, isso pode indicar que o produtor do texto rejeita a metáfora, o que talvez, desse modo, assegure a coesão por meio da negação de uma metáfora anterior” (p. 97). Por fim, a posição de uma metáfora na macroestrutura textual também influencia a sua proeminência; por exemplo, se ela está inserida em um argumento que introduz o assunto ou o resumo. Assim, não devemos nos iludir pensando que a informação contida nas metáforas linguísticas é idêntica à estrutura total do argumento ou à unidade discursiva de interesse.

É por uma razão diferente, apesar de relacionada, que as metáforas geralmente não constituem unidades de análise completas. Independentemente do quão produtiva seja a análise metafórica por si só para o entendimento da retórica e do impacto cognitivo do discurso, as unidades lógicas básicas que moldam o *frame* do conjunto argumentativo frequentemente abarcam passagens maiores que uma única metáfora:

Tony Blair's criticism of EU regulations [...] would be laughable if it were not so **two-faced** [duas-caras]. While **preaching the pro-business gospel** [prega o evangelho pró-empresarial], he has done nothing **to stop the tide of EU rules** [para impedir a maré de regras da UE] and **red tape** [fita vermelha] from **choking Britain** [sufocar a Inglaterra]. (*Guardian* PD 175)

Apesar da inexistência de integração conceitual no nível da lógica metafórica, as cinco metáforas parecem contribuir para a coerência da unidade argumentativa. Cada uma apresenta um aspecto de um *frame* multifacetado relacionado à política (nesse caso: UM AGENTE AGE

USANDO DOIS PESOS E DUAS MEDIDAS; ou mais especificamente: UM POLÍTICO AFIRMA TER ATITUDE NEOLIBERAL, MAS NÃO SE OPÕE A UMA REGULAMENTAÇÃO EXCESSIVA). Consequentemente, a análise precisa passar para o nível do *frame* para entender como e por que as metáforas são empregadas. Por essa razão, devemos fazer uso de diversos instrumentos da análise do discurso, concentrando-nos em uma unidade textual maior.

De um ponto de vista metodológico, os níveis discursivos da metáfora e da argumentação combinam com instrumentos de análise diferentes. Um estudo comparativo da análise de metáforas e da análise qualitativa de conteúdo (KIMMEL, 2009) indica que cada método revela funções cognitivas diferentes. As metáforas tendem a transmitir aspectos emocionais, avaliativos e de sumarização da cognição, enquanto o raciocínio causal complexo e holístico é revelado no nível da argumentação específica sobre o tópos, que é o enfoque da análise de conteúdo (apenas um de diversos métodos qualitativos) (ver SCHMITT, 1995). Arcos causais complexos resultam do que ocorre em torno das metáforas, e entre elas, em uma unidade argumentativa maior. Padrões de raciocínio complexos na sua totalidade são mais apropriadamente entendidos por meio da análise do conteúdo, pois o método é situado no nível dessas unidades conceituais maiores.

5.2. A estrutura da oração determina a pressão pela coerência

Vamos tratar agora da questão sobre por que as metáforas mistas funcionam bem cognitivamente. Ao meu ver, muitas metáforas mistas são processadas sem nenhum impedimento porque a estrutura gramatical da passagem exerce pouca pressão para integrá-las conceitualmente, permitindo-nos interpretá-las como referentes a diferentes níveis ontológicos. Assim, proponho que o que influencia mais diretamente o processamento dos agrupamentos de metáforas são as relações das unidades de oração em que eles ocorrem. Podemos resolver grande parte do enigma das metáforas mistas ao atentar para como metáforas adjacentes estão distribuídas nas orações e que grau de integração gramatical essas orações mostram. Três principais possibilidades podem ser destacadas. Em alguns casos, as metáforas podem se especificar mutuamente dentro de uma única oração; às vezes elas ocorrem em orações firmemente conectadas, e às vezes pertencem apenas a uma estrutura retórica maior que inclui orações conectadas de forma menos rígida. Esses três níveis de integração podem ser ilustrados pela análise dos “pacotes” constituintes da passagem do *Guardian* que vimos anteriormente:

Tony Blair's criticism of EU regulations [...] would be laughable if it were not so **two-faced (A)**. While **preaching the pro-business gospel (B)**, he has done nothing **to stop the tide of EU rules (C)** and **red tape (D)** from **choking Britain (E)**.

Orações que apresentam vários constituintes com metáforas separadas geralmente nos levam a processar essas metáforas de forma integrada, pois a oração especifica uma unidade conceitual propositalmente integrada. Se olharmos para as metáforas CDE acima, “*red tape*” [fita vermelha] e “*choking*” [sufocar] estão ambas muito conectadas gramaticalmente e tão perto conceitualmente que estimulam uma sobreposição mental da imagem, do mesmo modo que “*tide*” [maré] e “*choking*”. Um tipo mais fraco de coerência é a que acontece entre a oração contendo as metáforas CDE, considerada como um todo, e a oração vizinha contendo a metáfora B, pois tem como base uma relação lógica adversativa (sinalizada por “*while*” [apesar de]). Devido à separação das orações, nenhuma relação imagética entre as metáforas é estimulada. O conector “*while*” nos induz a processar as orações e metáforas como partes de uma relação de diferença. Assim, em termos de processamento integrativo das ontologias das metáforas, não encontramos muita pressão. Uma relação de coerência ainda mais fraca é a que existe entre a frase com duas orações de um lado e a frase igualmente complexa que vem antes dela do outro (A vs. BCDE).

Com base nessa tipologia qualificatória, nossa hipótese é que o nível da conexão entre orações “transportadoras” afeta profundamente a nossa tendência de processar as metáforas de forma integrada ou não. Apenas uma integração sintática estreita entre duas metáforas inseridas em uma oração pode impor ou incentivar uma integração semelhante entre o seu conteúdo semântico enquanto imagem. Nos casos em que metáforas mistas ocorrem entre orações, não há sensação de choque de ontologias, dispensando a necessidade de mecanismos secundários para evitá-la. Se isso estiver correto, o entendimento das metáforas mistas é uma consequência natural do processamento padrão de orações. O fato de que, nos comentários de jornais, as metáforas mistas ocorrem predominantemente entre as barreiras das orações explica de uma forma elegante os resultados anteriores (apesar de que analisaremos outros casos a seguir). Nos casos em que as metáforas mistas são partes de diferentes segmentos discursivos, isso é motivo suficiente para que pouco, ou até mesmo nenhum estranhamento ocorra.

5.3. Alternâncias conceituais entre planos ontológicos

Antes de entrarmos em detalhes sobre a minha proposta, devemos analisar mais atentamente as alternâncias ontológicas típicas entre as orações “transportadoras”. Apesar de as complexidades teóricas exigirem uma atenção muito maior,³¹ apenas alguns exemplos serão suficientes para nos fornecer uma amostra das possibilidades. Em primeiro lugar, as metáforas mistas podem não colidir simplesmente porque elas fazem sentido ao ocorrerem em uma sucessão temporal (ou seja, quando uma imagem ocorre depois que a outra enfraqueceu).

THE **rumblings of a political earthquake** [os rumores de um terremoto político] can be heard across Europe. More countries **chuck** [jogam] the EU constitution **into the dustbin** [na lixeira]. Humiliated French President Jacques Chirac is derided by his own countrymen as the **Sick Man of Europe** [o Homem Doente da Europa] - the title the French once bestowed on Britain. (Sun PD 40)

Alguns argumentos projetam os resultados de um evento no futuro de uma forma condicional, enquanto outros são apenas contrafactuais:

The controversial treaty - drafted by France - faces rejection in their referendum. That would almost certainly trigger a **wave** [onda] of other No votes across Europe, with Holland the **second domino to fall** [o segundo dominó a cair] three days later. A French **revolution** [revolução] would **plunge** [afundar] the European Union into crisis and put the **survival** [sobrevivência] of the European single currency in peril. (Sun PD 81)

None has been willing to **deliver the last rites to the constitution** [dar a extrema-unção da constituição] in public because they do not want to be blamed **for killing it off** [matá-la completamente]. (Guardian PD 77)

Além disso, há um alto número de conexões inferenciais complexas entre as orações nas quais as metáforas estão inseridas. Um desses tipos de conexão é o causal, que especifica uma condição prévia para o acontecimento do evento (geralmente a causalidade também aparece em uma sequência temporal):

Meanwhile, by **deft footwork** [uso habilidoso dos pés] on his part and clumsiness by France's Jacques Chirac, he **turned a dud card** [ele transformou uma carta inútil] on Europe **into a winning hand** [em uma mão vencedora]. (Sun PD 6)

³¹ A Teoria dos Espaços Mentais (FAUCONNIER & TURNER, 2002) e a Teoria da Estrutura Retórica (MANN & THOMPSON, 1988) são recursos úteis de análise. (N. A.)

Em um tipo parecido de conexão, formula-se uma condição para que algo aconteça:

Unless we are allowed to **deliver** [entregar] a decisive No - which is what all the polls indicate would happen - there will always be scope for **EU power brokers to strike deals** [os poderosos da UE fecharem um acordo] and **saddle us** [nos selarem]³² with a **watered down** [diluído] treaty. (*Sun PD 60*)

Mudanças de perspectiva acerca de um tópico também ajudam a explicar por que as metáforas podem ser processadas em planos diferentes. Por exemplo, um agrupamento de metáforas pode iniciar com um espaço mental que é descritivo e episódico (“O que os políticos fizeram?”) e próximo de um espaço avaliativo que é estático e sumarizador (“Qual é o significado disso?”):

By astonishing good luck and smart timing, he has **opened a rift** [abriu uma rachadura] between the **bullying** [intimidadora] French-German alliance and the rest of the European Union. All of this coincided with the UK presidencies of the EU and the G8 group of rich nations - seen at first as **poison chalices** [cálices envenenados] for a weakened leader. Now Tony Blair has the chance to drive change on all **fronts** [frontes], especially on EU reform and terror. **The lame duck is now cock of the walk** [o patinho feio agora manda no galinheiro]. (*Sun PD 6*)

Resumindo, a argumentação que inclui metáforas se move continuamente entre descrições de o que é, o que talvez seja ou o que não deveria ser, em que uma pessoa acredita ou não, como uma pessoa reage às crenças dos outros e como alguma ou todas essas coisas podem ser avaliadas. A argumentação se move entre o que é agora, o que será no futuro e o que talvez tivesse sido. Ela se move entre o que poderia acontecer sob condições específicas, o que acontece a não ser que alguma outra coisa aconteça, ou eventos que são incompatíveis. As metáforas participam dessa alternância entre planos conceituais, que impede que uma pressão forte considere a compatibilidade das imagens, evitando, assim, o surgimento de estranhezas. Desse modo, sugerimos que o problema da coerência *entre* metáforas mistas que ocorrem entre orações possa ser resolvido da seguinte maneira:

- (a) As metáforas estão inseridas em segmentos de unidades de discurso gramaticalmente/pragmaticamente sinalizados ou contextualmente inferidos, geralmente do comprimento de uma oração. Esses segmentos “transportam” as metáforas.

³² O verbo ‘selar’, aqui, tem o sentido de colocar a sela em um cavalo. (N. T.)

- (b) As metáforas que ocorrem entre orações (ou até entre frases) estão mais distantes conceitualmente do que aquelas em uma única oração. Quando elas estão relativamente distantes, diversas relações conjuntivas entre as orações são manifestadas, incluindo exemplificação, sumarização, concessão, oposição, conexão temporal, causal ou apenas aditiva. Isso, por sua vez, exige a alternância entre planos conceituais.
- (c) Todas essas relações levam a um “padrão de processamento mínimo”, ou seja, que *o entendimento das metáforas em relação ao seu significado imagético deve se dar sobretudo dentro da sua unidade de oração, e não entre unidades*. Na falta de indicadores adicionais, isso transforma as unidades de oração na principal base a partir da qual a figura da metáfora é compreendida.
- (d) Qualquer tipo de alternância entre planos ontológicos impede o processamento conjunto das imagens das metáforas e tende a tornar a mistura natural (note que esse impedimento não evita o processamento conjunto dos acarretamentos *proposicionais* das metáforas. Eles se encaixam sem problemas em um formato de representação comum, se beneficiando da sua maior abstração).

Como sugestão de tema para pesquisas futuras, seria interessante uma análise em maiores detalhes das alternâncias de plano por meio dos mecanismos do discurso conjuntivo e do seu impacto na coerência.

5.4. Metáforas mistas em uma única oração

O último caso remanescente na nossa análise são as metáforas mistas que acontecem em uma única oração, mesmo que isso não seja muito frequente. Aqui, a gramática não separa os planos ontológicos, tornando maior a pressão cognitiva para o processamento conjunto das metáforas. Consideremos o que geralmente é definido como uma metáfora mista no sentido negativo:

[...] the European Union is **a network in permanent onward flux** [uma rede em um fluxo permanentemente para frente] (*Guardian* PD 265)

By rights, the French and Dutch NO should have **stopped** [impedir] the **ramshackle** [ruínas] EU constitution **in its tracks** [nos seus trilhos]. (*Sun* PD 33)

No primeiro caso, as ontologias estáticas e dinâmicas de “*network*” [rede] e “*flux*” [fluxo] colidem em um sentido bem básico, pois a imagem de uma rede enfatiza algo consideravelmente estático. O segundo caso é parecido, pois estruturas em ruínas geralmente não são aplicadas a veículos. Surge, então, uma sensação de estranhamento, pois os micromundos dos domínios fonte das metáforas são fundamentalmente incompatíveis. Os indicadores gramaticais de integração estreita (tais como a relação entre substantivo e atributo) criam uma sensação de incompatibilidade imagética. Um prédio simplesmente não se moverá em trilhos; conseqüentemente, esse choque só poderá ser neutralizado pela supressão da imagem. Isso é o que Gibbs (1999) chama de “processamento raso” da metáfora, isto é, entendê-las *somente* por meio de seu significado proposicional, em oposição ao processamento duplo, no qual a imagem ainda pode estar ativa. Alguns leitores aplicarão o processamento raso, enquanto outros simplesmente considerarão a mistura malsucedida, por não poderem evitar o processamento aprofundado.

6. O que isso significa para a Teoria da Metáfora Conceitual?

Prevendo que os interessados em Linguística Cognitiva estejam esperando pelas implicações das metáforas mistas para a Teoria da Metáfora Conceitual, apresentaremos em seguida algumas conclusões e ideias para pesquisas futuras.

Que limitações no discurso podem surgir das metáforas conceituais? Nossa conclusão é que a ativação dessas metáforas, no geral, está provavelmente relacionada aos segmentos do discurso no nível da oração, e não a unidades maiores como argumentos inteiros. Um erro frequente entre os teóricos da LC é assumir que dada metáfora conceitual em um segmento de discurso específico permite antever metáforas adjacentes que contribuam para uma unidade de discurso maior. Os riscos dessa suposição já foram demonstrados empiricamente por Quinn (1991) e por Shen e Balaban (1999), bem como pelo presente artigo. Os dados mais encorajadores de Corts (2006), por outro lado, combinam com uma pequena parcela dos nossos dados, que mostram que as metáforas são usadas de forma consistente em segmentos de discurso adjacentes. É evidente que os falantes empregam metáforas conceituais repetidamente ao longo de um trecho do discurso (por exemplo, para enfatizar um ponto ou elaborar uma imagem), mas isso nem sempre acontece. O gênero textual pode influenciar a frequência com que isso ocorre.

Um entendimento mais profundo sobre a natureza das metáforas conceituais, raramente mencionado, também surgiu após a análise. A maioria esmagadora dos dados mostra que as

metáforas estão inseridas em unidades argumentativas que apresentam múltiplas metáforas e uma grande quantidade de estruturas vinculativas não-metafóricas. Consequentemente, uma única metáfora conceitual não pode ter mais que uma capacidade limitada para moldar argumentos quando estes são tão complexos quanto os do jornalismo tendem a ser. As metáforas conceituais raramente estruturam completamente os planos de discurso longos e complexos, pois padrões como REGULAMENTO É MARÉ e DISCURSO POLÍTICO É SERMÃO RELIGIOSO são inerentemente “de médio alcance”, isto é, são geralmente utilizados para estruturar o conhecimento no nível das orações (isso também vale, na maior parte, para metáforas de nível genérico como PROCESSO É TRAJETÓRIA e ESTADO É CONTÊINER). Essa condição de médio alcance não é necessariamente uma fraqueza, pois as metáforas conceituais são, ao mesmo tempo, “multi-uso”: podem ser utilizadas de forma flexível e são relativamente independentes de um dado contexto episódico. Não obstante, isso explica por que, dentro dos agrupamentos de metáforas, as manifestações das metáforas conceituais são frequentemente ligadas em uma cadeia “sintagmática”, enquanto cada um desses mapeamentos conceituais é encontrado em um número considerável de contextos “paradigmáticos” bastante diferentes. As metáforas conceituais são, assim, realmente conceituais, mas não costumam produzir argumentos complexos quando isoladas. Há duas razões principais para isso. A primeira é que as metáforas costumam se juntar e, desse modo, interagir conceitualmente. Quando os acarretamentos de uma metáfora conceitual são comparados ao conteúdo proposicional de um argumento, verifica-se que eles geralmente contribuem para partes da cadeia inferencial, mas raramente para a cadeia inteira, como demonstrou Quinn (1991, 2005) de forma convincente. A segunda razão, como Koller (2003) explicou em detalhes e nós mencionamos brevemente acima, é que mecanismos do discurso que não são metafóricos são igualmente essenciais para explicar como o significado das metáforas é modulado contextualmente.

Nossas conclusões apontam para uma agenda de pesquisa diferenciada. Os estudos devem considerar dois tipos de limitadores cognitivos: aqueles responsáveis pela *seleção metafórica* (no respectivo segmento do discurso) e aqueles responsáveis pela *vinculação metafórica* (entre segmentos). A questão da seleção metafórica deve ser abordada, como de fato tem sido, pelos psicolinguistas que nos mostraram que a metáfora conceitual é em geral uma fonte de motivação, juntamente com outras que possam surgir (GIBBS, 2005). A questão da vinculação metafórica foi abordada no presente artigo e também por Quinn (1991). Enquanto neste último, grande parte da capacidade da metáfora conceitual é negada, nossos resultados levam a um quadro empírico misto. Dessa perspectiva, podemos pensar em um agrupamento de metáforas de maneira que uma dada metáfora conceitual temporariamente “lampeja” no

inconsciente cognitivo quando a primeira expressão metafórica é processada. Em alguns casos, essa ativação – sem ser propriamente esperada – influencia a seleção da(s) metáfora(s) subsequente(s), enquanto em muitos outros casos essa ativação enfraquece ou é anulada por outros mecanismos do discurso. Nesse sentido, metáforas conceituais temporariamente ativas fazem parte do campo dos diversos atratores de discurso que competem por influência. Como atratores, as metáforas conceituais podem exercer limitações até o nível meso do discurso, mas raramente regem uma passagem completa com quatro ou cinco metáforas. Assim, é importante não destacarmos apenas as características negativas em detrimento das positivas. Precisamos entender as metáforas conceituais no discurso como elas são: limitadas, no sentido de um conceito capaz de oferecer uma explicação completa, mas também portadoras de uma função cognitiva legítima. Para que essa função fique mais clara, pesquisas futuras deverão avançar em direção a um modelo dinâmico de produção do discurso que explique os princípios da seleção e da vinculação de metáforas com referência ao contexto e crenças gerais do falante, sobre o que ele deseja argumentar, a variedade de metáforas conceituais disponível e também o encaixe pragmático das expressões possíveis.

7. Conclusão e perspectivas

As metáforas mistas são frequentes e, na maioria dos casos, não representam um problema quando se complementam e enriquecem o significado da passagem do texto. O estudo das metáforas mistas traz um viés interessante para a relação entre a metáfora e as unidades discursivas mais inclusivas e estruturalmente complexas, como argumentos. Como um panorama geral, podemos resumir as ideias mais relevantes do artigo da seguinte maneira:

- (1) As metáforas mistas, no geral, não levam a um discurso fragmentado; a maioria dos argumentos que incluem múltiplas metáforas parecem ser perfeitamente bem-sucedidos (estudos avaliativos que apoiassem esse pressuposto seriam de grande utilidade). Inferir uma fragmentação do discurso como resultado das metáforas mistas significaria presumir erroneamente que a coerência do discurso exige coerência metafórica.
- (2) Não existe um padrão genérico para como as metáforas em unidades argumentativas longas interagem conceitualmente. Identificamos formas de integração rígidas ou flexíveis inseridas em sobreposições de domínios fonte ou alvo, assim como a falta dessas integrações. Certos planejamentos de discurso favorecem o uso de apenas uma metáfora conceitual na unidade argumentativa, como enfatizar um ponto ou

elaborar uma metáfora importante. Em relação a outros objetivos retóricos (aparentemente a maior fatia do corpus), encontramos fortes motivações para o entrelaçamento de diferentes tipos de metáfora conceitual.

- (3) Em relação à coerência do discurso, alguns argumentos com metáforas podem ser conectados tanto por meio da lógica da metáfora quanto da própria argumentação causal (“vinculação interna”), enquanto outros são conectados apenas no nível da lógica argumentativa (“vinculação externa”). No primeiro caso, a Teoria da Metáfora Conceitual carece de complementação; no segundo, uma explicação completamente diferente é necessária.
- (4) Para explicar os argumentos que são conectados apenas externamente, chamamos a atenção para o fato de que a maioria das metáforas textualmente adjacentes são distribuídas entre as orações. Defendemos que as metáforas podem “herdar” as relações de coerência das suas respectivas orações, e que o fato de pertencerem a diferentes orações gera pouco incentivo cognitivo para a mesclagem de imagens metafóricas. Em outras palavras, os falantes simplesmente não esperam uma consistência ontológica nas metáforas quando um argumento complexo entrelaça planos de significado como os espaços mentais de convicção do agente, convicção do sub-agente (ou destinatário), avaliação do falante, conhecimento prévio factual, entre outros. É por esse motivo que as metáforas mistas funcionam na maioria das vezes. Agrupamentos de metáforas dentro de uma única oração existem, é claro, e são mais propensos a parecerem estranhos na ocorrência de ontologias mistas. Não oferecemos uma contribuição quantitativa sobre isso neste artigo, mas assumimos, com base na nossa familiarização com os dados, que, na verdade, a maioria desses agrupamentos compartilha propriedades ontológicas.
- (5) Nenhum dos dados analisados aqui questiona a natureza genuinamente cognitiva do pensamento metafórico, a sua capacidade de criar conceitos e moldar partes das unidades argumentativas. Ainda assim, quando as metáforas conceituais se tornam ativas, precisamos considerar que (a) na maioria dos casos elas o fazem de forma local, isto é, no nível da oração, e (b) geralmente o fazem em conjunto com outros princípios cognitivos da produção do discurso, que ainda não estão nem perto de serem compreendidos nessa interação.

No geral, apresentamos um método empírico para a abordagem da questão das metáforas mistas, que esperamos que seja aplicado em outros corpora. Também esperamos ter

demonstrado que há explicações cognitivas perfeitamente aceitáveis para o fato de as metáforas mistas não causarem estranheza ou atrapalharem o discurso.

A explicação oferecida aqui certamente pode unir forças com outras. Por exemplo, Svanlund (2007, p. 85) apresenta dados de corpus sugerindo que os domínios fonte não são ativados ao máximo em muitas metáforas típicas, o que reduziria inerentemente o choque ontológico percebido. Certamente seria interessante obter dados estatísticos de corpora amplos e representativos que clarificassem que tipos de metáforas aparecem em agrupamentos mistos e que tipos o fazem apenas raramente. Isso, por sua vez, poderia ajudar a esclarecer por que certos gêneros textuais aparentemente apresentam uma porcentagem maior de pares de metáforas consistentes, como mostram os dados de Corts (2006). Para fins de gênero, comparações que avaliassem medidas e métodos como os meus poderiam complementar umas às outras de forma lucrativa.

Após termos demonstrado o motivo de choques intensos entre metáforas mistas serem raros, o próximo passo deve levar a um entendimento teórico mais profundo dos mecanismos conjuntivos pelos quais essas metáforas se tornam mutuamente enriquecedoras e coerentes dentro da sua unidade discursiva mais ampla. Os fatores responsáveis pela “vinculação externa” entre as metáforas devem se tornar o foco das novas pesquisas. Essa tarefa pode ser abordada utilizando-se ferramentas da Linguística Funcional (KOLLER, 2003), da Teoria da Estrutura retórica (MANN & THOMPSON, 1988), assim como de certos aspectos da Teoria dos Espaços Mentais (FAUCONNIER & TURNER, 2002), que discutem em detalhes como as alternâncias de planos ontológicos acontecem.

Referências:

CAMERON, Lynne. **Metaphor in Educational Discourse**. Londres: Continuum, 2003.

CAMERON, Lynne; STELMA, Juup. Metaphor clusters in discourse. **Journal of Applied Linguistics**, [s. l.], v. 1, p. 7-36, 2004.

CIENKI, Alan. Some properties and groupings of image schemas. In: VERSPOOR, M.; LEE, K.D.; SWEETSER, E. (Org.), **Lexical and Syntactical Constructions and the Construction of Meaning**. Amsterdam: John Benjamins, 1997, p. 3-15.

CORTS, Daniel. Factors characterizing burst of figurative language and gesture in college lectures. **Discourse Studies**, [s. l.], v. 8, p. 211-233, 2006.

CORTS, Daniel; MEYERS, Kristina. Conceptual clusters in figurative language production. **Journal of Psycholinguistic Research**, [s. l.], v. 31, p. 391-408, 2002.

CORTS, Daniel; POLLIO, Howard. Spontaneous production of figurative language and gesture in college lectures. **Metaphor and Symbolic Activity**, [s. l.], v. 14, p. 81–100, 1999.

FAUCONNIER, Gilles; TURNER, Mark. **The Way We Think: Conceptual Blending and the Mind's Hidden Complexities**. New York: Oxford, Basic Books, 2002.

GIBBS, Raymond. Researching metaphor. In: CAMERON, L.; LOW, G. (Org.), **Researching and Applying Metaphor**. Cambridge: Cambridge UP, 1999.

GIBBS, Raymond. **Embodiment and Cognitive Science**. Chicago: Chicago University Press, 2005.

GOATLY, Andrew. **The Language of Metaphors**. Londres: Routledge, 1997.

KIMMEL, Michael. The EU constitution in a stereoscopic view: qualitative content analysis and metaphor analysis compared. In: PAUSCH, M.; MOKRE, M. (Org.), **The Contestation of Europe**, Campus, 2009.

KOLLER, Veronika. **Metaphor Clusters in Business Media Discourse: A Social Cognition Approach**. Tese (Doutorado em English Linguistics) – Vienna University, 2003.

KYRATZIS, Athanasios. **Metaphorically Speaking: Sex, Politics, and the Greeks**. Tese (Doutorado em Linguística) – University of Lancaster, 1997.

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. **Metaphors We Live By**. Chicago: University of Chicago Press, 1980.

LAKOFF, George. The invariance hypothesis: is abstract reason based on image-schemas? **Cognitive Linguistics**, [s. l.], v.1, p. 39-74, 1990.

LAKOFF, George; TURNER, Mark. **More Than Cool Reason: A Field Guide to Poetic Metaphor**. Chicago: University of Chicago Press, 1989.

LANGACKER, Ronald W. **Foundations of Cognitive Grammar**. Stanford: Stanford U.P, 1987.

LIEBERT, Wolf-Andreas. Stop making sense! Metaphor and perspective in creative thinking sessions of scientists and scientific radio broadcasts. In: LIEBERT, W.-A.; REDEKER, G.; WAUGH, L. (Org.), **Discourse and Perspective in Cognitive Linguistics**. Amsterdam: John Benjamins, 1997.

HART, Christopher; LUKES, Dominik (Org.). **Cognitive Linguistics in Critical Discourse Analysis: Application and Theory**. Newcastle: Cambridge Scholars Press, 2007.

MANN, William; THOMPSON, Sandra. Rhetorical structure theory: toward a functional theory of text organization. **Text – Interdisciplinary Journal for the Study of Discourse**, [s.l.], v. 8, p. 243-281, 1988.

MOKRE, Monika; PAUSCH, Markus; BRU'LL, Cornelia; GAISBAUER, Helmut; GRO'NER, Ulrike; KIMMEL, Michael. **The Referenda on the European Constitution: A**

Crucial Moment for the Development of a European Public Sphere? Relatório de projeto em Ciências Políticas. Faculty of History and Political Sciences, Wien, University of Salzburg, 2006.

MUSOLFF, Andreas. **Metaphor and Political Discourse**: Analogical Reasoning in Debates about Europe. Basingstoke: Palgrave Macmillan, 2004.

OAKLEY, Todd. Image schema. In: GEERAERTS, Dirk (Ed.), **The Handbook of Cognitive Linguistics**. New York: Oxford UP, 2007, p. 214-235.

PRAGGLEJAZZ GROUP. MIP: a method for identifying metaphorically used words in discourse. **Metaphor & Symbol**, [s.l.], v. 22, p. 1-39, 2007.

QUINN, Naomi. The cultural basis of metaphor. In: FERNANDEZ, J. (Ed.), **Beyond Metaphor**: The Theory of Tropes in Anthropology. Stanford: Stanford UP, 1991.

QUINN, Naomi. **Finding Culture in Talk**: A Collection of Methods. New York/Basingstoke: Palgrave Macmillan, 2005.

SCHMITT, Rudolf. **Metaphern des Helfens [Metaphors of Helping]**. Psychologische Verlags Union: Weinheim, 1995.

SHEN, Yeshayahu; BALABAN, Noga. Metaphorical (in)coherence in discourse. **Discourse Processes**, [s.l.], v. 28, p. 139-153, 1999.

SVANLUND, Jan. Metaphor and convention. **Cognitive Linguistics**, [s.l.], v. 18, p. 47-89, 2007.

O discurso sobre a crise de refugiados europeia na mídia espanhola: mapear *frames* de humanização e desumanização através de metáforas¹

The European refugee crisis discourse in the Spanish press: mapping humanization and dehumanization frames through metaphors

Marta Montagut
Carlota M. Moragas-Fernández²

(Tradução):
Cássio Morosini Filho
Bruno Puccini³

Revisão de tradução: Luciane Corrêa Ferreira (UFMG)⁴

Resumo: Recentemente, a crise dos refugiados europeia tem estado em posição de destaque em narrativas midiáticas e políticas a respeito da imigração. Partindo da análise crítica de metáforas (ACM), este artigo investiga os *frames* empregados pela mídia espanhola para tratar de tal crise em 2015, 2016 e 2017. A evolução de diferentes maneiras de conceitualizar tanto migrantes quanto políticas europeias revelam dois *frames* metafóricos: o *frame* de desumanização, no qual refugiados são um desastre natural/massa de água ou objetos/bens, e o *frame* de humanização, no qual migrantes são retratados positivamente como viajantes, mas também negativamente, como encenqueiros. A Espanha não é apresentada como ator político ativo até 2016 e 2017, quando passa a ser retratada sob o domínio fonte de ser vivo, geralmente de maneira negativa. Conclui-se que a maneira como a crise de refugiados é representada está de acordo com políticas de realocação e reassentamento da UE, além de demonstrar a conexão entre linguagem e política.

Palavras-chave: crise de refugiados; *framing* metafórico; análise crítica de metáforas; Europa; mídia espanhola.

Abstract: The European refugee crisis has a central role in media and political narratives about migration these days. By applying critical metaphor analysis, this article explores how the Spanish press framed the crisis using metaphors in 2015, 2016, and 2017. The evolution of the different ways of conceptualizing migrants and European policies shows two metaphorical frames: the dehumanization frame, where refugees are a natural disaster/mass water or objects/goods, and the humanization frame, where migrants are positively framed as travelers, but also negatively, as troublemakers. Spain as a political actor has no agency till 2016 and 2017, when it is portrayed under the living thing source domain, mainly in a negative way. It is concluded that the way in which the refugee crisis is framed is

¹ Artigo traduzido com a autorização das autoras e da editora responsável pela publicação da versão em inglês, a partir do texto MONTAUT, M.; MORAGAS-FERNÁNDEZ, C. M. The European refugee crisis discourse in the Spanish press: mapping humanization and dehumanization frames through metaphors, *International Journal of Communication*, n. 14, p. 69-91, 2020.

² Professora sênior, vinculada ao departamento *Estudis de Comunicació*, da *Universitat Rovira i Virgili*, marta.montagut@urv.cat; Pesquisadora com pós-doutorado, vinculada ao departamento *Estudis de Comunicació*, da *Universitat Rovira i Virgili*, carlotamaria.moragas@urv.cat

³ Graduado em Letras - Tradução Português/Inglês pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), membro do Grupo de Estudos Cognição, Educação, Imigração e Refúgio (GECEIR/CNPq) da UFMG, cassio.bmorosini@gmail.com; Graduando em Letras - Licenciatura em Inglês pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), membro do Grupo de Estudos Cognição, Educação, Imigração e Refúgio (GECEIR/CNPq) da UFMG, puccinibruno@gmail.com.

⁴ Professora associada da Faculdade de Letras (FALE) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), professora residente do Instituto de Estudos Avançados Transdisciplinares (IEAT) da UFMG, líder do Grupo de Estudos Cognição, Educação, Imigração e Refúgio (GECEIR/CNPq) da UFMG.

in line either with EU relocation or resettlement policies and points out the connection between language and policy.

Keywords: refugee crisis; metaphorical framing; critical metaphor analysis; Europe; Spanish media.

1. Introdução

A crise migratória da Europa, i.e., a imensa quantidade de refugiados fugindo de países em conflito e as dificuldades para tratar politicamente da entrada dessas pessoas na União Europeia (UE) adquiriu um significado especial quando, em 2015, órgãos como a Anistia Internacional e o Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados (ACNUR) demonstraram que o número de pessoas deslocadas naquele momento representava o maior deslocamento humano desde a Segunda Guerra Mundial (JONES & TEYTELBOYM, 2017, p. 84). A cúpula da UE em Bruxelas, em setembro de 2015, pôs a questão em sua agenda política e trouxe mudanças importantes nas políticas de asilo para lidar com a crise dos refugiados. Uma das principais medidas legais foi o estabelecimento de uma cota obrigatória para alocação de refugiados em cada Estado-membro. Na Espanha, o foco das atenções foi o prazo para o cumprimento dos requisitos da UE a respeito das cotas de refugiados, definido como 26 de setembro de 2017. A primeira onda de refugiados chegou em maio de 2016, mas, até aquele momento, a Espanha havia preenchido somente 11% da cota estabelecida (NEWS AGENCY, 2017).

A Espanha nem sempre foi um dos destinos preferidos dos migrantes devido às mudanças políticas e econômicas que o país enfrentou nos últimos vinte anos (ALSCHER, 2017). A chegada de migrantes à Espanha foi “recente e abrupta” (MORALES; PARDOS-PRADO; ROS, 2015, p. 463) e começou a ser percebida como um problema político no início dos anos 1990, quando o governo socialista espanhol “começou a fechar as fronteiras do sul” (ALSCHER, 2017, p. 26). O objetivo dessas políticas era impedir a chegada de migrantes à Espanha por meio de jangadas ou “*pateras*” do Marrocos e da África Subsaariana. As medidas de controle da imigração foram intensificadas e reforçadas durante os períodos em que o direitista Partido Popular liderou o governo (1996 a 2004) (ver ALSCHER, 2017, p. 7-11). Tais políticas vieram acompanhadas de um discurso baseado na “luta contra a imigração ilegal” (ROJO; VAN DIJK, 1997, p. 527). Na verdade, o ex-primeiro-ministro conservador José Maria Aznar e sua administração foram os primeiros a vincular diretamente a imigração ao crime – com foco na imigração marroquina e subsaariana, em vez da latino-americana ou da imigração oriunda da Europa Oriental – apesar das inconsistências estatísticas e das críticas que receberam

(ALSCHER, 2017; ULLÁN DE LA ROSA, 2016). Sua agenda política forçou a maioria dos partidos a olhar para a imigração como uma questão conflituosa (MORALES *et al.*, 2015). Nos anos seguintes, os governos de José Luis Rodríguez Zapatero (2004 a 2011) e Mariano Rajoy (2011 a 2018) não realizaram mudanças significativas ao legislar sobre controle de fronteiras, deportações e crime organizado; em parte, por causa das restrições derivadas da crise econômica (DEL PINO, 2013; ULLÁN DE LA ROSA, 2016). Naquela época, os discursos políticos e midiáticos a respeito da imigração eram predominantemente negativos (CHENG *et al.*, 2014; IGARTUA *et al.*, 2005; IGARTUA *et al.*, 2008), mas não desumanizadores. Esse não era o caso de outros países europeus, nos quais migrantes eram conceitualizados como animais ou parasitas (MUSOLFF, 2015).

Em 2015, a "crise dos refugiados" trouxe novos atores políticos e uma mudança no tipo de migração que chegava à Espanha. As pessoas que chegavam ao país não eram mais imigrantes "irregulares", mas "refugiados" (ARANGO *et al.*, 2016, p. 20-21). Historicamente, "pessoas com pedido de asilo e refugiados [não têm sido] numericamente relevantes na Espanha" (MORALES *et al.*, 2015, p. 465) e, em 2015, o número de refugiados designados ao país dentro da estrutura da cúpula da UE "era relativamente modesto" (HEATH; RICHARDS, 2019, p. 16) se comparado à Áustria ou Alemanha. No entanto, ter este número tradicionalmente baixo de refugiados não implicava uma avaliação negativa da experiência direta com os solicitantes de asilo. Em vez disso, resultou em uma avaliação negativa da competência política na gestão dessa situação e do papel desempenhado pela mídia na cobertura da crise (HEATH; RICHARDS, 2019, p. 19). Os dados coletados pelo CIS - o Centro Espanhol de Pesquisa Sociológica - e pelo Inquérito Social Europeu mostram que a opinião pública espanhola avaliou negativamente as políticas para refugiados da UE e a gestão local da crise, mas não o acolhimento de refugiados (ARANGO *et al.*, 2016). Esses dados confirmam o que foi suscitado por Berry, Garcia-Blanco e Moore (2016), Goodman, Sirriyeh e McMahon (2017), e Parker, Naper e Goodman (2018) em relação a diferentes categorizações do imigrante de acordo com seu status (i.e., migrantes econômicos são uma ameaça, enquanto refugiados precisam de ajuda).

Deixando de lado o contexto atual, os movimentos migratórios — especialmente aqueles considerados econômicos — têm constantemente sido foco da comunidade acadêmica em relação às narrativas políticas e midiáticas construídas em torno do fenômeno, com profundas implicações na percepção das migrações e suas consequências políticas (EBERT *et al.*, 2018). Destacam-se as análises sobre o racismo na construção do discurso político em torno da etnicidade e da imigração (HANSON-EASEY; AUGOUSTINOS, 2010; VAN DIJK, 1993,

2005), o enquadramento de imigrantes nas notícias (CHENG *et al.*, 2014; GREUSSING; BOOMGAARDEN, 2017; IGARTUA *et al.*, 2005; VAN GORP, 2005) e o papel da metáfora em discursos sociais e políticos a respeito de imigrantes e refugiados (CHARTERIS-BLACK, 2006; MUSOLFF, 2015, 2017; O'BRIEN, 2003; SANTA ANA, 1999; SEMINO, 2008; WODAK; SEDLAK, 2000). Praticamente todos os autores – seja da perspectiva da análise crítica do discurso (ACD), da teoria do modelo interpretativo ou da ACM – concordam que a migração gera diversas representações conflitantes no discurso público e leva ao desenvolvimento de todo tipo de argumentos e modelos interpretativos, podendo gerar um novo léxico e novas metáforas. O que nos preocupa aqui é como as metáforas constituem elementos-chave na forma como a crise migratória europeia é explicada.

Como aponta Mio (1997), as metáforas atuam como ponte entre o pensamento lógico e as emoções e, portanto, recorrem à construção de significados simbólicos para tornar o debate público inteligível. Por isso, é importante destacar a responsabilidade de políticos e da mídia na construção discursiva dos conflitos gerados por crises migratórias. No presente estudo, analisamos quais foram esses discursos e como eles se tornaram visíveis através do enquadramento metafórico na imprensa espanhola em três períodos diferentes, de 2015 a 2017.

2. O papel da metáfora em discursos a respeito da imigração

A metáfora é um dos principais elementos do discurso público. Seu poder reside em sua capacidade de moldar nossa percepção de questões políticas e influenciar “como enxergamos ou compreendemos questões políticas através da eliminação de pontos de vista alternativos” (CHARTERIS-BLACK, 2011, p. 32). Dessa maneira, podemos considerar que uma metáfora funciona como uma moldura, i.e. um *frame*, que é um dispositivo discursivo que “seleciona alguns aspectos de uma realidade observada e os torna mais salientes em um texto, de maneira a favorecer uma definição de um problema, uma interpretação causal, uma avaliação moral e/ou uma recomendação de tratamento em particular” (ENTMAN, 1993, p. 52). A teoria de *frames* tem sido propensa a desvalorizar o papel da metáfora e, tradicionalmente, a considera como um dispositivo de enquadramento (GAMSON; MODIGLIANI, 1989). Assim, a metáfora é compreendida como uma simples parte de outros mecanismos linguísticos e audiovisuais usados para identificar um *frame*. Entretanto, seguindo as ideias de Burgers, Konijn e Steen (2016) e Dekavalla e Montagut (2018), consideramos que o papel da metáfora no discurso público vai além dessa concepção. Sob a perspectiva desses autores, a metáfora pode ser entendida como um *frame* em si, de acordo com o que Burgers *et al.* (2016) definem como

“*frame* figurado”. Eles argumentam que a linguagem figurada pode operar tanto em um nível linguístico quanto em um nível conceitual, o que significa que algumas metáforas não atuam somente como dispositivos de enquadramento, mas também como dispositivos do pensamento e podem desenvolver narrativas complexas que guiam o público para uma compreensão em particular da realidade.

A capacidade da metáfora de comunicar com eficácia o pensamento político e a ideologia (CHARTERIS-BLACK, 2006) vincula-se a narrativas mais amplas existentes na sociedade e a torna um elemento central na construção da opinião pública. Segundo Burgers *et al.* (2016), *frames* figurados são construções narrativas mais eficientes quando se trata de estabelecer uma leitura da realidade. Isso ocorre com especial intensidade quando a metáfora ajuda a construir o mito político, que é “uma representação narrativa de experiências intangíveis – mas evocativas – que estão inconscientemente ligadas a emoções como a tristeza, a felicidade ou o medo” (CHARTERIS-BLACK, 2009, p. 100). A construção de mitos políticos – como o mito da “invasão” de refugiados – através de metáforas pressupõe a existência de *frames* figurados que vinculam diferentes famílias metafóricas, ou domínios fonte, para desenvolver uma narrativa coerente a respeito de uma questão política. A literatura aponta para dois *frames* principais usados para conceitualizar a imigração: desumanização e humanização.

3. *Frame* de desumanização

Vários estudos analisam o uso da metáfora nos discursos sobre migração. Merece menção especial um estudo de Charteris-Black (2006) que analisa as metáforas utilizadas nas declarações políticas sobre políticas de imigração na campanha eleitoral de 2005 no Reino Unido. O Partido Conservador e a extrema direita britânica usaram metáforas muito específicas sobre imigração para elaborar e legitimar argumentos e ações políticas subsequentes. O discurso da mídia refletiu duas amplas esferas metafóricas: “a imigração como um desastre natural” e “o Reino Unido como um contêiner”. Esses dois *frames* foram apresentados através do uso sistemático de metáforas que se referiam ao domínio fonte de água, que ativa “ambos os cenários de desastre e de contenimento” (CHARTERIS-BLACK, 2006, p. 569).

Charteris-Black (2006) considera que há uma ligação conceitual entre os cenários de desastre e de contenimento que constitui um apelo poderoso às emoções e a instintos de defesa e proteção. O argumento construído a partir dessa ligação é responsável por criar uma dialética de ameaças externas definida em termos de pessoas que estão dentro do contêiner e pessoas que estão fora (e que clamam para entrar) ou de uma represa que ameaça explodir. As metáforas

associadas comunicam um mito político de uma invasão e uma ameaça iminente à população invadida. O uso de metáforas de desastres naturais relacionados à água para se referir à chegada de imigrantes sugere também que essa chegada “pode causar danos duradouros” (HART, 2010, p. 153; SEMINO, 2008). Diante da ameaça de danos, expressa nos termos catastróficos de uma “enchente” (HART, 2010, p. 153) ou “avalanche” (WODAK; SEDLAK, 2000, p. 233) e da exclusão ou contenimento de refugiados, políticas de restrição da imigração são percebidas como necessárias e inevitáveis. Arcimaviciene e Baglama (2018) argumentam que metáforas ligadas a fenômenos naturais ativam o “mito da desumanização” (p. 11) ao mesmo tempo em que legitimam o “mito da autoridade moral” e “nossas” decisões políticas a respeito “deles”.

Uma narrativa causal é assim construída com base em discursos emocionais que apelam ao “senso comum” da população (HANSON-EASEY; AUGOUSTINOS, 2010), enquanto, ao mesmo tempo, indicam decisões políticas sobre contenção e controle. A desumanização dos imigrantes tende a ser parte inevitável de uma estratégia para naturalizar um determinado discurso público em relação à imigração (HART, 2010, p. 149). O imigrante conceitualizado em termos de uma “onda”, um “fluxo” ou uma “enchente”, portanto, não é mais percebido como um sujeito, mas como um objeto desprovido de qualquer dimensão política. Assim, essas metáforas implicam que “imigrantes são inanimados e, conseqüentemente, não têm motivos, intenção ou volição” (HART, 2010, p. 149).

Van Dijk (2005) sugere que o uso de metáforas associadas a “ondas” e a uma massa de água ou desastre natural é parte intrínseca de um discurso sutilmente racista, que sempre apresenta a imigração como um “problema” ou uma “ameaça” (p. 33). A ação política é deixada nas mãos de atores políticos e da mídia – em sua maioria, uma elite branca – que, ao enquadrar negativamente e desumanizar os imigrantes, disfarçam o racismo social de suas decisões políticas em argumentos sobre uma suposta causalidade inevitável. A ligação entre cenários de desastres naturais, metáforas de água e contenimento “desestimula a empatia com os imigrantes ao tratá-los como objetos e não como sujeitos de histórias de vida” (CHARTERIS-BLACK, 2006, p. 569). A narrativa torna-se assim “um terreno fértil para criar e estabelecer atitudes de cunho estereotípico e xenofóbico, em consequência das quais o ódio se torna uma realidade aceitável” (ARCIMAVICIENE; BAGLAMA, 2018, p. 11). A narrativa é ainda reforçada por metáforas de extrema desumanização. Dessa maneira, migrantes são vistos como doentes (DEMATA, 2017) ou sujos (BAIDER; KOPYTOWSKA, 2017), como animais (O’BRIEN, 2003), parasitas (MUSOLFF, 2015), ou mesmo como monstros ou zumbis (MUSOLFF, 2017). O racismo manifesto e abertamente expresso pela extrema direita da Europa e dos EUA (HOGAN; HALTINNER, 2015; JONES; TEYTELBOYM, 2017; SANTA ANA, 1999) retrata

o imigrante como um ser sub-humano, responsável por desastres e doenças. De fato, o discurso anti-imigração do presidente Trump é especialmente relevante devido ao uso de *frames* radicais de desumanização (DEMATA, 2017).

Outra forma de desumanizar o migrante é através do domínio fonte de objeto ou mercadoria (ARCIMAVICIENE; BAGLAMA, 2018). Os imigrantes são representados no discurso público e institucional como “remessas” e tratados através de verbos como “embalar”, “processar”, “levar” ou “(re)distribuir”. Nesse sentido, “o uso de metáforas de objetos cria uma proximidade ideológica entre os migrantes, ou ‘eles’, que se distanciam física e emocionalmente de ‘nós’”. (ARCIMAVICIENE; BAGLAMA, 2018, p. 7). Isso implica uma narrativa que deslegitima politicamente o migrante, ao mesmo tempo em que legitima aqueles que tomam decisões políticas a seu respeito. Na verdade, quando metáforas partindo de domínios fonte como comércio ou negócios são usadas para explicar processos políticos complexos, cria-se uma percepção de controle e eficiência por parte dos atores políticos (LAKOFF, 1999). Chilton (1996) sugere também que o uso da metáfora para explicar questões de políticas internacionais complexas simplifica as narrativas e estabelece a legitimidade daqueles que tomam as decisões, mas não daqueles que são objeto dessas decisões. Nesse processo simultâneo de deslegitimar “eles” e legitimar o “nós”, países e instituições são seres vivos, enquanto migrantes são objetos (ARCIMAVICIENE; BAGLAMA, 2018, p. 11).

4. *Frame* de humanização

Dependendo do *frame* usado pela mídia para conceitualizar questões a respeito da migração, são construídas narrativas que levam a uma avaliação positiva ou negativa. Por exemplo, Figenschou e Thorbjørnsrud (2015) destacaram *frames* de interesse humano que podem oferecer novas perspectivas sobre a questão da migração ao contar as histórias individuais de imigrantes e proporcionar um vislumbre das vidas e dos destinos dessas pessoas. Consequentemente, o uso de um modelo de interesse humano que proporcione agência ao imigrante (i.e., o imigrante como um sujeito, não um objeto) pode implicar uma avaliação positiva (IGARTUA *et al.*, 2005). Dentro desse modelo, podemos encontrar metáforas que partem dos domínios fonte viagem e família, estimulando assim maior empatia com os imigrantes (CHARTERIS-BLACK, 2006, p. 569). Na mesma linha, os domínios fonte de conflito/guerra podem ser utilizados para legitimar a ação política de países e instituições quando “lutam” contra a crise humanitária.

No entanto, o *frame* de conflito também é usado para representar a crise dos refugiados negativamente (ARCIMAVICIENE; BAGLAMA, 2018). Metáforas que retratam migrantes que chegam à Europa sob domínios fonte de conflito/guerra – o migrante como um “invasor”, um “guerreiro”, alguém “atacando” fronteiras, como parte de um “contingente” ou uma “tropa” (PÉREZ, 2006; VAN DIJK, 2005) – conduzem a uma avaliação negativa, que tem sido predominante nos países mediterrâneos (CARNIEL; ORTEGA; VELÁZQUEZ, 2018) e nos países do Leste Europeu (HEATH; RICHARDS, 2019). Discursos políticos e midiáticos promovem narrativas articuladas através de metáforas de conflito/guerra para legitimar exclusões ou políticas repressivas contra migrantes, especialmente após os ataques terroristas ocorridos nos últimos anos (GOODMAN *et al.*, 2017). Como resultado, os migrantes são percebidos como uma ameaça pela comunidade que os recebe. Portanto, o uso do *frame* de humanização não implica necessariamente uma avaliação positiva; em caso de conflito/guerra, os migrantes podem ser apresentados como sujeitos “perigosos”, que devem ser controlados. Como indicado acima, isso tem ocorrido na Espanha por muitos anos.

5. E a Espanha?

Embora a literatura internacional sobre como os discursos políticos e midiáticos constroem os fenômenos migratórios seja abundante (ABID; MANAN; & RAHMAN, 2017; DEMATA, 2017; FERREIRA; FLISTER; MOROSINI, 2017; HANSON-EASY; AUGOUSTINOS, 2010; SANTA ANA, 1999), esse não é o caso da Espanha. É provável que isso aconteça porque, na Espanha, a imigração ocorreu mais tarde ou não foi detectada como um problema social nas agendas políticas e midiáticas até meados da década de 1990. (ALSCHER, 2017; IGARTUA *et al.*, 2005; MORALES *et al.*, 2015; VAN DIJK, 2005). Dos poucos trabalhos existentes, alguns dos mais referenciados são as pesquisas conduzidas por Igartua *et al.* (2005, 2008) e Cheng *et al.* (2014). Adotando uma perspectiva de *frames* para analisar a mídia espanhola, os autores identificaram *frames* recorrentes em notícias sobre a imigração e seus efeitos, o que os levou a concluir que a imigração é compreendida de maneira negativa e é particularmente associada à criminalidade. Por outro lado, os *frames* positivos detectados por Igartua *et al.* (2005) incluem *frames* genéricos de “interesse humano”, que refletem as histórias pessoais de imigrantes e os representam como um grupo com identidade e ação política. Essa “humanização” do “outro” – do imigrante/refugiado – mitiga ou mina a “desumanização” implícita em outros discursos e enquadramentos através de certas metáforas.

Outra contribuição importante para a análise do discurso sobre a imigração na Espanha vem da ACD. Rojo e van Dijk (1997) e van Dijk (2005) analisaram como os atores políticos e midiáticos espanhóis legitimam ações questionáveis nos níveis discursivos da pragmática, semântica e sociopolítica. A Espanha, diferente de outros países europeus, não possui um veículo midiático de direita que expresse sentimentos abertamente racistas (MORALES *et al.*, 2015; VAN DIJK, 2005). Mesmo assim, há um desequilíbrio evidente entre as avaliações negativas e positivas na mídia, com *frames* negativos (entrada ilegal, ameaça econômica e cultural) superando os *frames* positivos (contribuição econômica, enriquecimento cultural).

Por exemplo, Morales *et al.* (2015), em sua análise sobre os principais temas de campanha sobre imigração entre 2000 e 2011, estabeleceram que “justificativas instrumentais” para “a luta contra a imigração ilegal” – em conjunto com uma ligação discursiva entre imigração ilegal e criminalidade – estavam na base do discurso do partido político de direita Partido Popular. Eles também demonstraram que essas características foram adotadas como *frame* dominante pelos principais atores políticos e pela mídia às custas de “princípios morais”. Essas “justificativas instrumentais” foram construídas em torno do debate sobre a reforma da principal lei que rege a imigração e em torno de outras medidas relativas às políticas migratórias (MORALES *et al.*, 2015, p. 473-475). Da mesma maneira, as fotos e a cobertura de imprensa dos protestos de El Ejido em 2000 ou da chegada em massa à fronteira de Ceuta e Melilla em 2005 reforçaram a percepção da “invasão dos pobres” que “alimentou os medos da população espanhola” (ALSCHER, 2017, p. 14). Nesse sentido, alguns autores (AIERBE, 2006; PÉREZ, 2006; VAN DIJK, 2005) apontam as metáforas utilizadas pela imprensa espanhola durante esse período para enquadrar o caso Ceuta e Melilla e demonstram a predominância do uso de domínios fonte de violência ou de conflito/guerra, que conceitualizam os imigrantes como “guerreiros medievais” que “atacam/atacavam” as fronteiras e utilizavam “estratégias militares”.

Outros autores, em suas análises acerca das percepções da mídia sobre a imigração na Espanha (CHECA OLMOS; ARJONA GARRIDO, 2011; MARTÍNEZ LIROLA, 2010; NASH, 2005; RODRÍGUEZ; MENA, 2008), também confirmam que a percepção da “ameaça” deriva principalmente da mídia e do discurso político, independentemente de fatores como a taxa de desemprego ou a porcentagem de imigrantes na população. Isso reforça ainda mais como *frames* negativos na mídia são responsáveis por determinar certas percepções a respeito da imigração (IGARTUA *et al.*, 2008). Em relação à palavra “refugiado”, embora as percepções tendam a ser menos beligerantes do que com a palavra “imigrante”, uma narrativa semelhante

– “a migração é um problema” – é construída pela mídia (GUALDA; REBOLLO DÍAZ, 2016; PĂTRAȘCU, 2015).

Do ponto de vista da ACM, encontramos poucos trabalhos que abordem áreas além da mídia. Castaño, Laso, e Verdaguer (2017) exploram o “uso de expressões metafóricas, e a consciência de suas conotações, por estudantes de graduação em direito falantes de EAL (inglês como língua adicional)” (p. 246). Eles descobriram que o uso de metáforas conceituais – a migração é uma força natural, os estados são contêineres ou os imigrantes são uma ameaça – é comum na linguagem jurídica. Do ponto de vista da mídia, nosso objetivo é contribuir com ideias a respeito da representação dos refugiados na imprensa nacional espanhola, com foco nos domínios fonte da desumanização ou da humanização. Esse trabalho é realizado através da análise das metáforas identificadas, bem como dos domínios fonte aos quais elas pertencem e dos domínios alvo a que se referem, para descobrir como as estratégias de legitimação são articuladas.

6. Metodologia

O presente trabalho analisa construções discursivas sobre como países europeus lidam com a crise de refugiados sírios. Damos especial atenção ao papel desempenhado pelo governo espanhol nesse conflito. Assim, focamos nas metáforas empregadas na imprensa espanhola de massa como forma de identificar posicionamentos políticos particulares (BICKES; OTTEN; WEYMANN, 2014). Para isso, usamos o método da ACM de três passos desenvolvido por Charteris-Black (2004) para identificar, interpretar e explicar quais metáforas foram usadas para enquadrar a crise de refugiados em três jornais: *El País*, *La Vanguardia* e *El Mundo*.

A natureza da metáfora é analógica, o que determina sua estrutura e função. Por envolver dois nomes diferentes, um do qual partimos para que possamos compreender o significado do outro, ela possui duas partes distintas. Essas partes são o “domínio fonte” e o “domínio alvo”, também conhecidos como “veículo” e “tópico” (CAMERON, 1999) ou “foco” e “*frame*” (BLACK, 1962). Kövecses (2010) define a primeira como “o domínio conceitual a partir do qual extraímos expressões metafóricas para entender outro domínio conceitual”⁵ (p. 4). Esse outro domínio conceitual, o alvo, é, então, “o domínio que tentamos entender através do uso do domínio fonte”⁶ (KÖVECSES, 2010, p. 4). Isso resulta na “adoção de uma fonte ou experiência

⁵ Do original: “the conceptual domain from which we draw metaphorical expressions to understand another conceptual domain”.

⁶ Do original: “the domain that we try to understand through the use of the source domain”.

familiar para servir como uma base análoga que é então mapeada sobre um alvo análogo, mas não familiar”⁷ (BOUGHER, 2012, p. 146). Porque o ato de escolher um domínio fonte destaca alguns aspectos do domínio alvo e esconde outros – resultando numa visão particular do problema que está sendo enquadrado – (SEMINO, 2008, p. 34), é imprescindível olhar para a forma pela qual a imprensa espanhola de massa conceitualiza a crise de refugiados sírios.

Nosso objetivo foi detectar os principais domínios fonte (i.e., desastre natural) usados para conceitualizar o domínio alvo (i.e., migrantes) e explorar as implicações ideológicas subjacentes que esse uso acarreta. Para determinar se e como os governos espanhol e europeus mudaram seus posicionamentos ao longo do tempo, nós categorizamos artigos de opinião e informação sobre a crise em três períodos distintos influenciados por três eventos chave, a saber: a cúpula da UE em Bruxelas, de 14 a 17 de setembro de 2015; a chegada à Espanha da primeira cota de refugiados, de 24 a 27 de maio de 2016; e, por fim, o período de 25 a 28 de setembro de 2017, como o prazo para cumprimento das cotas de refugiados designadas pela UE. Nossa amostra foi composta de 101 artigos de notícia, que foram reduzidos a 89 após verificarmos quais se referiam explicitamente à crise migratória europeia. A partir dessa amostra, construímos um *corpus* contendo 474 expressões metafóricas, identificadas com base nos seguintes domínios alvo: principalmente crise/exílio de refugiados, acampamento de refugiados, migrantes, ONG’s, políticas, UE e Espanha, mas também máfia, países da UE, dentre outros.

Como dito anteriormente, empregamos a abordagem para ACM de Charteris-Black (2004) para detectar e analisar as expressões mencionadas acima. A ACM é aplicada a metáforas em três estágios: identificação (A), interpretação (B) e explicação (C). Nesta pesquisa, focamos inicialmente no primeiro estágio e, depois, consideramos o segundo e o terceiro estágios à medida que desenvolvemos a seção de resultados. Consideramos que uma expressão é usada metaforicamente quando ela quebra a isotopia do texto (GREIMAS, 1983), o que Charteris-Black (2011) define como uma “tensão semântica”⁸. A identificação de uma expressão metafórica é, portanto, feita no momento em que a coerência interpretativa é quebrada, o que nos permite questionar o que levou o autor ou autora do discurso a usar a linguagem figurativa ao invés da literal. As tabelas 1, 2 e 3 apresentam os principais domínios fonte identificados nas notícias coletadas e analisadas para cada período e fornecem contagem das expressões metafóricas de forma a destacar sua frequência.

⁷ Do original: “the adoption of a familiar source or experience to serve as a base analog that is then mapped onto an unfamiliar target analog”.

⁸ Do original: “semantic tension”.

TABELA 1 - Expressões metafóricas classificadas por domínio fonte em artigos de notícia de 2015

Domínio Fonte	<i>La Vanguardia</i>	%	<i>El País</i>	%	<i>El Mundo</i>	%
CONFLITO / CRIME	2	5,2	7	7,6	3	8,3
JORNADA / CAMINHO / MOVIMENTO	7	18,4	11	11,9	2	2,7
CONTÊINER	4	10,5	8	8,7	4	11,1
ÁGUA	22	57,9	20	21,7	11	30,5
JOGO / ESPORTES	2	5,2	7	7,6	1	2,7
MECÂNICA / FÍSICA	0	0	1	1	6	16,6
RELIGIÃO / CRENÇA	0	0	6	6,5	6	16,6
OUTRO	1	2,6	32	34,5	3	8,1
TOTAL	38	100	92	100	36	100

Fonte: elaborado pelas autoras.

TABELA 2 - Expressões metafóricas classificadas por domínio fonte em artigos de notícia de 2016

Domínio Fonte	<i>La Vanguardia</i>	%	<i>El País</i>	%	<i>El Mundo</i>	%
CONFLITO / CRIME	4	6,7	5	15,6	8	13,1
JORNADA / CAMINHO / MOVIMENTO	9	15	9	28,1	13	21,3
CONTÊINER	3	5	7	23,3	6	9,8
ÁGUA	9	15	3	9,4	2	3,3
MECÂNICA / FÍSICA	6	10	0	0	2	3,3
JOGO / ESPORTES	2	3,3	2	6,3	4	6,5
SER VIVO	19	31,6	5	15,6	11	18
RELIGIÃO / CRENÇA	1	1,6	0	0	3	4,9
OUTRO	7	11,5	1	3,1	9	14,6

TOTAL	60	100	32	100	61	100
-------	----	-----	----	-----	----	-----

Fonte: elaborado pelas autoras.

A amostra foi codificada por duas pesquisadoras. Para diminuir a subjetividade da classificação das metáforas, a confiabilidade entre as codificações foi calculada por meio de um teste de concordância entre avaliações (alfa de Krippendorff) de 50% do conjunto de dados. O teste resultou em um valor alto ($\alpha = 0,8769$), considerando que um alfa acima de 0,8 indica uma alta confiabilidade entre codificações. Os casos problemáticos foram solucionados por meio de discussões entre as duas codificadoras.

Para o segundo estágio, utilizamos o conceito de cenário proposto por Musolff (2004). Cenários estão ligados ao fato de que um único domínio fonte pode incluir conceitualizações distintas. Musolff (2004, p. 13) descreve um cenário como sendo “uma categoria analítica intermediária entre o nível do domínio conceitual como um todo e os seus elementos individuais”⁹. Essa abordagem nos ajuda a traçar o enredo principal que guia a interpretação, analisando os mapeamentos conceituais decorrentes do uso de uma fonte para mapear um alvo. Ao desenvolver esses mapeamentos, buscamos fornecer percepções quanto às narrativas produzidas a partir do uso dos principais domínios fonte sobre imigrantes, políticas e o papel dos países da UE, bem como explicar essas narrativas de acordo com o contexto, tendo em mente a dimensão pragmática do discurso.

TABELA 3 - Expressões metafóricas classificadas por domínio fonte em artigos de notícia de 2017

Domínio Fonte	<i>La Vanguardia</i>	%	<i>El País</i>	%	<i>El Mundo</i>	%
CONFLITO / CRIME	5	10,8	8	9.7	4	14,2

⁹ Do original: “an intermediate analytical category between the level of the conceptual domain as a whole and its individual elements”.



JORNADA / CAMINHO / MOVIMENTO	12	26	19	23,1	0	0
CONTÊINER	2	4,3	3	3,6	10	35,7
ÁGUA	5	10,8	7	8,5	1	3,6
MECÂNICA / FÍSICA	1	2,2	6	7,3	0	0
JOGO / ESPORTES	2	4,3	3	3,6	0	0
ECONOMIA / NEGÓCIOS	1	2,2	15	18,3	4	14,3
OBJETO FÍSICO	5	10,8	5	6	2	7,1
SER VIVO	12	26	11	13,4	4	14,3
OUTRO	1	2,2	5	6,5	3	10,7
TOTAL	46	100	82	100	28	100

Fonte: elaborado pelas autoras.

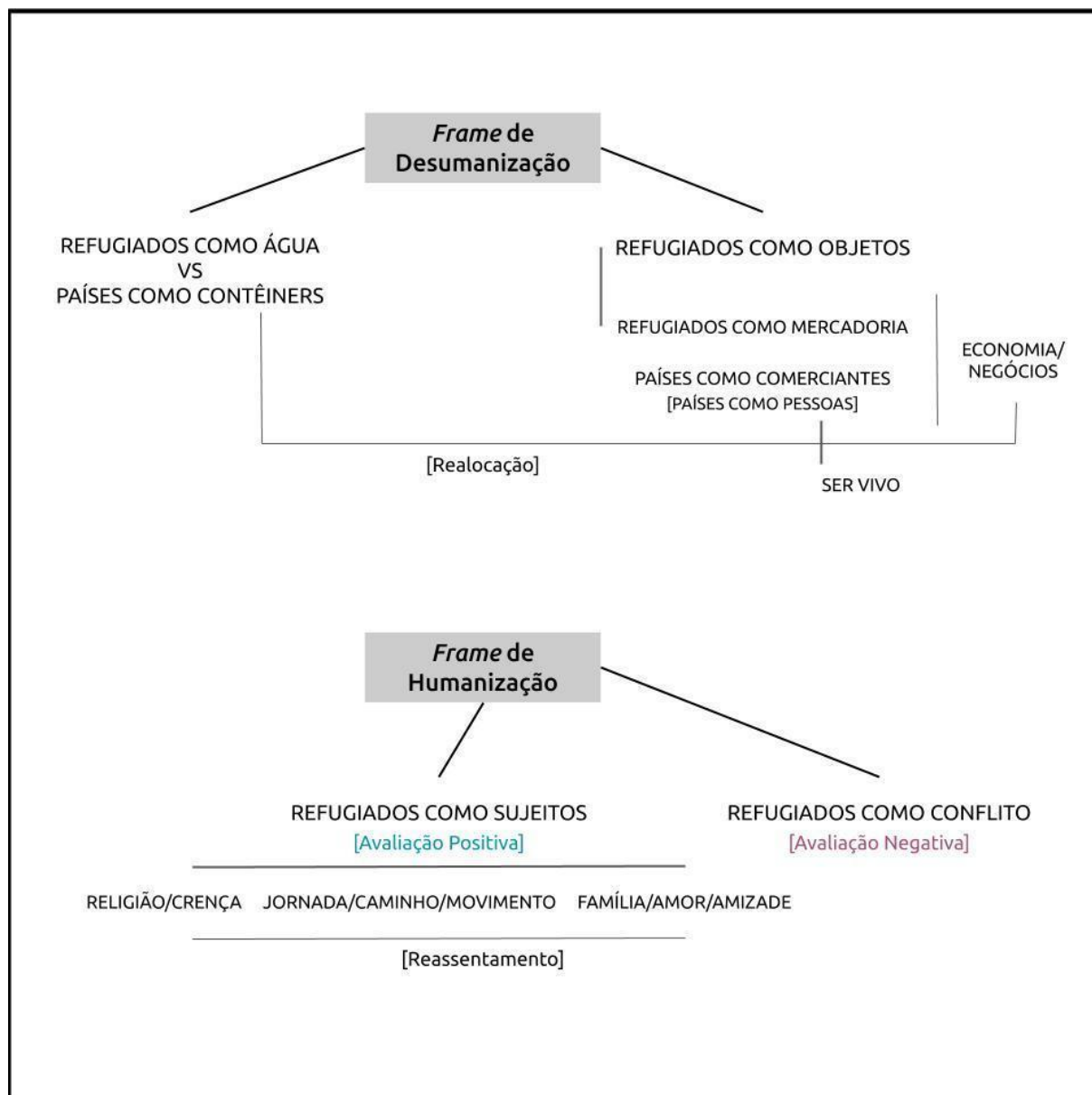
7. Resultados

Desde o começo da crise, mas especialmente a partir da Cúpula da UE em Bruxelas, em 2015, notícias sobre refugiados têm sido divulgadas constantemente na imprensa espanhola. Contudo, notícias sobre refugiados e políticas de realocação diminuíram ao passo que a implementação das medidas aprovadas pela Cúpula da UE mostrou-se falha. Assim, enquanto coletamos 43 notícias sobre a crise de refugiados em 2015, coletamos apenas 27 em 2016 (quando o primeiro grupo de refugiados chegou à Espanha) e somente 19 em 2017 (quando o prazo das cotas expirou).

Nossa análise dos domínios alvo identificados revela que, em 2015, referências à crise de refugiados e a migrantes eram imperativas ao se fazer uma construção metafórica sobre o assunto. Contudo, em 2016 e 2017, embora os migrantes ainda fossem alvos de tais construções, isso ocorria num contexto de políticas migratórias sobre países da UE, incluindo, é claro, a Espanha.

À medida que a crise de refugiados se desenrolava, os domínios fonte água/contêiner foram mantidos, aludindo à interação entre as políticas da UE e a chegada dos refugiados. Contudo, novos domínios fonte apareceram e ajudaram a criar uma narrativa mais complexa, incluindo novos atores políticos e ações que se diferem daquelas de “contenção” e “controle de fronteiras” – por exemplo, comércio/negócios. Com base na literatura existente, propomos um mapa metafórico moldado por dois principais *frames* superiores (Figura 1): (a) o “*frame* de desumanização”, definido como um conjunto de domínios fonte e metáforas associadas que implicam em uma desumanização do migrante a partir de uma narrativa de deslegitimação política; e (b) o “*frame* de humanização”, definido como um conjunto de domínios fonte e metáforas associadas que conferem ao migrante ação política, ainda que nem sempre, como veremos, em uma narrativa positiva e legitimadora.

Figura 1 - Mapa das metáforas de desumanização e humanização



Fonte: elaborado pelas autoras.

8. Metáforas de Desumanização

O domínio fonte água/contêiner se refere principalmente aos migrantes e às ações políticas da UE e de seus estados membros. Em 2015, os refugiados são o principal domínio alvo, e, em 30,5% dos casos, as metáforas mais recorrentes estão relacionadas à água ou à massa de água. O segundo domínio fonte mais importante é o de contêiner (11%), referindo-se principalmente às medidas políticas adotadas ou em vias de serem adotadas pela UE e por seus estados membros. A narrativa de desumanização é reforçada pelo binômio metafórico que associa o migrante com água e, especialmente, com massa de água, bem como a necessidade

de contenção para evitar danos. Aqui, encontramos metáforas como “avalanche”, “tsunami” e “dilúvio”:

Exemplo 1: (A União Europeia) está tentando limitar o atual fluxo em direção à Alemanha (LÓPEZ, 2015, *La Vanguardia*, p. 5).¹⁰

Exemplo 2: Apenas no último sábado, 16.600 pessoas entraram na Áustria e, impossibilitadas de prosseguir até à Alemanha, o alagamento ameaçou criar um estrangulamento de consequências humanitárias imprevisíveis (SÁNCHEZ, 2015, *El Mundo*, p. 29).¹¹

Exemplo 3: A decisão da Áustria de usar o exército para gerenciar o dilúvio após a suspensão temporária das comunicações ferroviárias com a Alemanha (Departamento Editorial, 2015, *El País*, p. 12).¹²

Em 2016 e 2017, enquanto o domínio fonte água/contêiner continuou a ser amplamente utilizado na imprensa espanhola, novas metáforas também surgiram. Países e instituições da UE deram cabo a ações políticas que foram além da inicial “contenção” do “dilúvio”, mas foram conceitualizadas de acordo com o domínio fonte ser vivo (i.e., eles foram personificados). Em contraste, especialmente em 2017, migrantes experienciaram o oposto: foram conceitualizados como objetos ou mercadorias quando ligados aos domínios fonte comércio/negócios.

Exemplo 4: As metas iniciais foram ajustadas para baixo em face da falta de compromisso político ou de formas efetivas de distribuir os números acordados... (ABELLÁN, 2017, *El País*, p. 8).¹³

Exemplo 5: A Europa cumpriu com apenas 25% das cotas acordadas... (*El Mundo*, 2017, p. 3).¹⁴

¹⁰ Do original: “(The UE) is trying to limit the current flow toward Germany”.

¹¹ Do original: “On last Sunday alone, 16,600 people entered Austria and, unable to continue to Germany, the flood threatened to create a bottleneck of unpredictable humanitarian consequences”.

¹² Do original: “Austria’s decision to use the army to try to manage the deluge after temporary suspension of rail communications with Germany”.

¹³ Do original: “The initial goals were adjusted downward in the face of the lack of political commitment or effective ways to distribute the numbers agreed...”.

¹⁴ Do original: “Europe has only met 25% of the agreed quotas...”.

A personificação de países e instituições como comerciantes e a transformação da crise de refugiados numa questão de “cotas”, “acordos” e “iniciativas” acentua a percepção do migrante como um objeto ou *commodity*. Lakoff (1999) e, mais recentemente, Arcimaviciene e Baglama (2018) apontam que essa desumanização e deslegitimação do migrante incentiva a legitimação de uma narrativa metafórica na política internacional que conota controle e eficiência. A imprensa espanhola ecoa essa estratégia discursiva de considerar migrantes como objetos. Nesse sentido, *La Vanguardia* (MARCHENA, DOMINGO, 2016, p. 36) se referiu às reclamações de várias ONGs sobre o conceito de “cotas” e as políticas que as legitimam.

9. Metáforas de Humanização

Podemos distinguir dois domínios fonte predominantes que conceitualizam migrantes/refugiados como sujeitos: jornada e conflito/crime. Metáforas de jornada geram maior empatia para com migrantes, ao passo que metáforas de conflito/crime os enquadram de forma negativa. O uso das seguintes metáforas de jornada implica uma avaliação positiva dos refugiados ou, ao menos, promovem empatia para com o drama dos migrantes:

Exemplo 6: Este é o êxodo terrível de uma multidão varrida de sua terra (CERVERA, 2015, *La Vanguardia*, p. 3).¹⁵

Exemplo 7: A jornada de Osama e suas crianças, uma odisseia com um final feliz. (MUCHA, 2015, *El Mundo*, p. 41).¹⁶

Conhecimento do livro bíblico do Êxodo, assim como da Odisseia de Homero, permite que o leitor entenda que refugiados sírios estão embarcando numa longa e difícil jornada que eles foram forçados a fazer. Entretanto, a metáfora de jornada também pode ter conotações negativas, dependendo do contexto em que está inserida. No seguinte exemplo, as palavras “impotente” e “incontrolável” sugerem que a chegada à Terra Prometida é feita de forma descontrolada, fazendo da Itália uma vítima dessa situação e desenhando um cenário diferente:

¹⁵ Do original: “This is the dreadful exodus of a crowd swept away from their land”.

¹⁶ Do original: “The journey of Osama and his children, an odyssey with a happy ending.”

Exemplo 8: Itália impotente em face a um êxodo incontável a suas margens (VAL, 2016, *La Vanguardia*, p. 8).¹⁷

Note, contudo, que a recorrência do domínio fonte de jornada em 2016 e 2017 (21% a 25%, dependendo do jornal analisado) não se deve exclusivamente a metáforas relacionadas a migrantes, mas é aplicada especialmente a políticos e até mesmo às políticas de países e instituições da UE, que são conceitualizadas como seres vivos e não como estruturas políticas complexas. Países são entidades antropomórficas, o que envolve o uso de nossa experiência e conhecimento sobre seres humanos para definir esse domínio fonte (SEMINO, 2008, p. 101).

Na verdade, o uso do domínio fonte de jornada é revelado através de um mecanismo geral de humanização e legitimação por e de instituições presentes na amostra.

Exemplo 9: Nosso vizinho (Marrocos) assume então um papel de policiamento em impedir a passagem de subsaarianos e sírios (SAN MARTÍN, 2016, *El Mundo*, p. 27).¹⁸

Exemplo 10: E a Europa acaba dando um passo atrás em uma de suas maiores conquistas, o livre movimento de pessoas (NAVARRO, 2017, *La Vanguardia*, p. 2).¹⁹

Exemplo 11: Bruxelas entendeu que era tempo de dar um passo à frente na convicção de que aqueles que estavam pousando (ABELLAN, 2017, *El País*, p. 8).²⁰

A Espanha não aparece como um ator político em 2015, mas, em 2016 e 2017, começa a ser focalizada também como um ser vivo, o que representa, frequentemente, uma avaliação negativa das políticas de asilo espanholas.

Exemplo 12: Diante desse arrastar de pés da Espanha e da Europa (LUNA, 2016, *La Vanguardia*, p. 24).²¹

¹⁷ Do original: “Italy impotent in the face of an unstoppable exodus to its shores”.

¹⁸ Do original: “Our neighbor (Morocco) thus takes on a policing role in impending the passage of sub-Saharan and Syrians”.

¹⁹ Do original: “And Europe ends up taking a step backward in one of its greatest achievements, the free movement of people”.

²⁰ Do original: “Brussels understood it was time to take a step forward in the conviction that those who were landing”.

²¹ Do original: “Faced with this Spanish and European dragging of feet”.

Exemplo 13: Uma ONG denunciou a falta de sensibilidade na Espanha e UE em geral (MARCHENA, 2017, *La Vanguardia*, p. 36).²²

De acordo com Chilton (1996), a personificação de entidades políticas abstratas como países e instituições — que podem então se “mover” e se “comportar” de uma certa maneira — é capaz de fornecer um melhor entendimento da política internacional. Mas, isso também gera um desequilíbrio quando essa personificação é combinada com uma objetificação do migrante. Esse tipo de ligação metafórica dupla entre os domínios fonte de ser vivo e de objeto físico, como indicado por Arcimaviciene e Baglama (2018), deslegitima “eles” ao passo que legitima “nós” e legitima as decisões feitas por “nós” sobre “eles” (p. 11).

Isso é acentuado, sobretudo em 2017, pelo surgimento de outro domínio fonte, o de conflito/crime, se referindo a migrantes como o domínio alvo. Nesse caso, o migrante é enquadrado como um sujeito, mas em termos negativos. O uso de metáforas de guerra para se referir a migrantes é constante especialmente em 2016, assim como o uso de metáforas para se referir a países que “enfrentam”, “lidam com” e “lutam contra” a crise migratória. Segundo Gualda e Rebollo Díaz (2016) e Pătrașcu (2015), isso retrata o migrante como um ator político cujo propósito é gerar conflito.

Exemplo 14: A maioria dos refugiados que compõe parte do primeiro contingente / Os primeiros de 586 requerentes de asilo (BENGOA, 2016, *El País*, p. 23).²³

Exemplo 15: Entre suecos e finlandeses, uma mensagem está conquistando territórios contra imigrantes que ameaçam o estado de bem-estar social (VALERO, 2016, *El Mundo*, p. 22).²⁴

Ainda assim, a única vez que uma relação direta se apresenta entre os termos migrante e crime na imprensa espanhola é quando ela ecoa declarações de partidos alemães de extrema direita durante as eleições presidenciais da Alemanha em 2017: “A Alemanha se tornou um refúgio para criminosos e terroristas de todo o mundo”²⁵ e “O Islã ameaça a paz na Alemanha”²⁶

²² Do original: “A NGO denounced the lack of sensitivity in Spain and the EU in general”.

²³ Do original: “Most of the refugees forming part of the first contingent / The advance party of 586 asylum seekers”.

²⁴ Do original: “Among Swedes and Finns a message is gaining ground against immigrants endangering the welfare state”.

²⁵ Do original: “Germany has become a safe haven for criminals and terrorists around the world”.

²⁶ Do original: “Islam endangers peace in Germany”.

(Alexander Gauland, líder do Alternativa para a Alemanha²⁷, citado em VALERO, 2017, *El Mundo*, p. 20). Portanto, a forma pela qual a imprensa espanhola retratou a crise de refugiados em 2015-2017 foi notavelmente diferente do discurso dos anos 90, o qual se apoiava no *frame* conflito/crime.

Podemos ver que as metáforas ligadas ao “*frame* de humanização” não resultam necessariamente numa visão positiva do migrante, cuja agência pode representar uma ameaça se associada com domínios fonte ligados ao conflito/crime. Nesse caso, países da UE são retratados como seres vivos “lutando” contra uma ameaça – todas as implicações da crise de refugiados – na qual migrantes são focalizados como parte de um exército (i.e., contingente). O elemento de violência implícito que subjaz essa narrativa alimenta o mito da “invasão” (CHARTERIS-BLACK, 2006) e se liga a uma rede de metáforas bem estudada que se apoia na dicotomia “nós/eles” e “dentro/fora”.

10. Discussão e Conclusões

Quando a crise migratória europeia passou a fazer parte da agenda política e midiática em 2015, ela foi conceitualizada principalmente através dos domínios fonte de desastre natural/água e contêiner na imprensa espanhola. As metáforas subjacentes a esses domínios fonte ajudaram alguns atores da UE a justificar a adoção de medidas de contenção como sendo a única reação política possível para enfrentar a “avalanche”, “inundação”, “onda” ou “tsunami” de refugiados. Por outro lado, o uso desses dois domínios fonte estabelece a desumanização do imigrante ao apelar para vários aspectos associados ao mito da invasão (CHARTERIS-BLACK, 2006). Apesar de não necessariamente implicar em violência, considerar que refugiados são desastres naturais pressupõe um sentimento de perigo iminente para a população que está no interior de um país (ou dentro de uma comunidade mais ampla como a UE), que é entendido como um contêiner que precisa ser preservado desse desastre. Considerar que refugiados não têm agência e que são uma força incontrolável da natureza também é útil para estabelecer um posicionamento moral que pode ser aceito por atores institucionais e políticos. Ao usar esse *frame*, eles não adotam um discurso abertamente racista ou xenofóbico, mas um tipo de barreira “politicamente correta” que os ajuda a argumentar a favor de uma ação política baseada na contenção, no fechamento de fronteiras, no questionamento do Espaço Schengen, na justificação da presença de campos de refugiados, dentre outros. A amostra analisada demonstra

²⁷ Do original: “*Alternative for Germany*”.

que a imprensa espanhola replica as narrativas pelas quais as fontes institucionais enquadram a crise migratória.

Em 2016 e 2017, quando os primeiros refugiados chegaram a diferentes países da UE como resultado do programa de “realocação” lançado pela Comissão da UE, novos atores e domínios fonte surgiram. De um lado, vimos como os governos de diferentes países se tornaram seres vivos que “mantiveram-se firmes”²⁸, “permaneceram firmes”, ou “foram preguiçosos”. Assim que governos e instituições começaram a ser conceitualizados como seres vivos, suas estratégias políticas foram descritas a partir do domínio fonte de jornada. Dessa forma, países “seguiram em frente” ou “voltaram atrás”. Por outro lado, refugiados foram retratados a partir de um *frame* de desumanização. Entretanto, apesar de os domínios fonte água/contêiner ainda aparecerem, há novas metáforas como “cota”, “volume” e “carga” que precisam ser “entregues” ou mercadorias que “geram incentivos econômicos” para países anfitriões, o que transforma migrantes em objetos. Da mesma maneira que Arcimaviciene e Baglama (2018) discutem, argumentamos que referir-se à crise de refugiados a partir do uso do domínio fonte de comércio/negócios requer pensarmos nos migrantes como mercadorias e essa é uma das narrativas ligadas ao *frame* de desumanização que possui implicações óbvias.

Usar a metáfora “política é negócios” pode gerar um discurso baseado na eficiência em detrimento da opinião pública, mas, na prática, isso resulta em um gerenciamento que implica a desumanização da política. Na verdade, transformar discursivamente migrantes em objetos está ligado à concepção da “Política de Realocação” da UE (COMISSÃO EUROPEIA, 2017). Essa é uma política reativa planejada para realocar refugiados em países anfitriões usando um esquema de cotas fixas. De acordo com a definição fornecida pelo Dicionário MacMillan, realocar é “mudar para um lugar diferente, ou fazer algo ou alguém fazê-lo”²⁹. Essa definição contrasta com as políticas de reassentamento de 2017 adotadas pela UE. A definição de reassentar considera que “se pessoas reassentam em algum lugar, ou se um governo ou outra autoridade as reassenta, elas passam a viver em uma região ou país diferentes”³⁰. Enquanto essa é uma política claramente pensada de forma proativa que coloca as pessoas no centro, aquela pode se referir a mudar “alguém” (mas também “algo”) de um lugar para outro, acarretando um entendimento mais ambíguo e, portanto, abrindo a porta para despersonalizar os refugiados e concebê-los como objetos quando usados. Apesar de constituir o *frame* principal da amostra

²⁸ Do original: “stood their ground”.

²⁹ Do original: “to move to a different place, or to make someone or something do this”.

³⁰ Do original: “if people resettle somewhere, or if a government or other authority resettles them, they go live in a different region or country”.

analisada, estratégias de desumanização e políticas de realocação não foram entendidas em termos de eficiência, mas consideradas uma falha, porque países anfitriões mal atingiram a cota acordada. Os resultados mostraram que, no caso da Espanha, por exemplo, houve uma avaliação negativa da ação do governo espanhol, avaliação que foi amplamente veiculada pelos três jornais analisados. Assim, em 2016, a atitude da Espanha frente à crise de refugiados foi rotulada de “preguiçosa”, “cínica” e “estólida”. Além da replicação de fontes institucionais, o conjunto de dados de 2016 (e 2017) apresenta uma quantidade maior de artigos de opinião, permitindo que jornalistas e especialistas construíssem um discurso mais crítico sobre o assunto.

Similar à atitude preguiçosa atribuída ao governo espanhol, a imprensa não trouxe para a linha de frente o debate em torno da crise migratória, a qual recebeu baixa atenção de acordo com o número de artigos publicados durante os três eventos analisados. O colapso institucional por causa da crise econômica durante o governo de Mariano Rajoy e os conflitos internos subsequentes que a administração enfrentou entre 2011 e 2017 deslocou o foco para questões nacionais. A cobertura da crise de refugiados recebeu um olhar externo e considerou principalmente fontes institucionais. Apenas alguns dos que buscavam por asilo ganharam voz enquanto fontes de informação nas notícias analisadas (apenas 5%). Como foi dito anteriormente, o papel da Espanha e do governo espanhol foi testimonial. A situação poderia mudar a partir do aumento na visibilidade midiática do partido de extrema direita VOX e de seus resultados eleitorais nas eleições de 2019. Como outros movimentos de extrema direita na Europa, VOX está introduzindo a questão da imigração em sua agenda, o que tem forçado outros partidos políticos a levá-la em consideração. Discursos institucionais passados sobre “a luta contra a imigração ilegal” poderiam retornar, considerando que assimilar a imigração (ilegal) a refugiados já é uma estratégia utilizada em outros países para prevenir que políticas de asilo sejam apoiadas pela opinião pública (GOODMAN *et al.*, 2017).

Ao final de 2017, uma mudança pode ser percebida quanto às políticas da UE, sendo “Reassentamento” substituído por “Realocação”. As políticas de reassentamento podem ser entendidas como uma estratégia para aumentar os caminhos legais para a Europa para aqueles que precisam de proteção internacional e é uma parte essencial do trabalho da UE (COMISSÃO EUROPEIA, 2018). Essas políticas têm o objetivo de prover os refugiados com “caminhos” legais para chegar à Europa a partir da Turquia e a outros países parceiros dentro e fora da UE de forma a evitar a ação de máfias e a chegada “incontrolável” de migrantes. Com isso em mente, o uso do domínio fonte de jornada (bem como o de família/amor) para enquadrar os refugiados implicaria na humanização do migrante ao colocá-lo(a) no centro da ação política e

dar a ele(a) mais autonomia para tomar decisões sobre seu futuro. Apesar das metáforas de conflito/crime terem aumentado em 2017, seria aconselhável a profissionais da comunicação (na Espanha) usar metáforas que constroem um *frame* de humanização positiva e minimizar os *frames* de humanização negativa e desumanização. Dessa forma, eles evitariam a legitimação das exclusões e a implementação de políticas repressivas.

Referências:

ABELLÁN, L. El reparto de refugiados en la UE termina con un cumplimiento ínfimo. **El País**, Bruxelas, p. 8, 27 set. 2017.

ABID, R. Z.; MANAN, S. A.; RAHMAN, Z. A. A. A flood of Syrians has slowed to a trickle: The use of metaphors in the representation of Syrian refugees in the online media news reports of host and non-host countries. **Discourse & Communication**, London, v. 11, n. 2, p. 121-140, 2017. DOI:10.1177/1750481317691857.

AIERBE, P. M. Trabajar en la red: La agenda de la diversidad. In: LARIO, M. (Ed.). **Medios de comunicación e inmigración**. Murcia: CAM Obra Social, 2006. p. 288-297.

ALSCHER, S. Knocking at the doors of “fortress Europe”: Migration and border control in Southern Spain and Eastern Poland. **University of California San Diego Working Papers**, San Diego, n. 126, p. 1-28, 2017.

ARANGO, J.; MAHÍA, R.; MOYA, D.; SÁNCHEZ-MONTIJANO, E. The year of refugees. In: **Anuario CIDOB de la inmigración 2015-2016**. Barcelona: CIDOB, 2016. doi:10.24241/AnuarioCIDOBInmi.2016

ARCIMAVICIENE, L.; BAGLAMA, S. H. Migration, metaphor and myth in media representations: The ideological dichotomy of “them” and “us.” **SAGE Open**, v. 8, n. 2, p. 1-13, 2018. DOI: 10.1177/2158244018768657.

BAIDER, F.; KOPYTOWSKA, M. Conceptualizing the other: Online discourses on the current refugee crisis in Cyprus and in Poland. **Lodz Papers in Pragmatics**, v. 13, n. 2, p. 203-233, 2017. DOI: 10.1515/lpp2017-0011

BENGOA, A. Llegan a España los primeros 20 refugiados desde Grecia. **El País**, p. 1, 25 maio 2016.

BERRY, M.; GARCIA-BLANCO, I.; MOORE, K. **Press coverage of the refugee and migrant crisis in the EU: A content analysis of five European countries**. Geneva: UNHCR, 2016.

BICKES, H.; OTTEN, T.; WEYMANN, L. C. The financial crisis in the German and English press: Metaphorical structures in the media coverage on Greece, Spain and Italy. **Discourse & Society**, v. 25, n. 4, p. 424-445, 2014. DOI:10.1177/0957926514536956

BLACK, M. **Models and metaphors**. Ithaca, NY: Cornell University Press, 1962.

- BOUGHER, L. The case for metaphor in political reasoning and cognition. **Political Psychology**, v. 33, n. 1, p. 145-163, 2012.
- BURGERS, C.; KONIJN, E.; STEEN, G. Figurative framing: Shaping public discourse through metaphor, hyperbole, and irony. **Communication Theory**, v. 26, n. 4, p. 410-430, 2016. DOI: 10.1111/comt.12096
- CAMERON, L. Operationalising 'metaphor' for applied linguistic research. In: CAMERON, L.; LOW, G. (Eds.), **Researching and applying metaphor**. Cambridge: Cambridge University Press, 1999. p. 3-28.
- CARNIEL, R.; ORTEGA, E.; VELÁZQUEZ, T. El tratamiento de la información sobre flujos migratorios en los medios de los países mediterráneos. **adComunica**, v. 16, p. 159-178, 2018. DOI: 10.6035/21740992.2018.16.9
- CASTAÑO, E.; LASO, N. J.; VERDAGUER, I. Immigration metaphors in a corpus of legal English: An exploratory study of EAL learners' metaphorical production and awareness. **Quaderns de Filologia: Estudis Lingüístics**, v. 22, p. 245-272, 2017. DOI: 10.7203/qf.22.11310
- CERVERA, G. iPhones en el maizal. **La Vanguardia**, Röske, p. 3, 14 set. 2015.
- CHARTERIS-BLACK, J. **Corpus approaches to critical metaphor analysis**. Londres: Palgrave MacMillan, 2004. DOI: 10.1057/9780230000612
- CHARTERIS-BLACK, J. Britain as a container: Immigration metaphors in the 2005 election campaign. **Discourse & Society**, v. 17, n. 5, p. 563-581, 2006. DOI: 10.1177/0957926506066345
- CHARTERIS-BLACK, J. Metaphor and political communication. In: MUSOLFF, A.; ZINKEN, J. (Eds.). **Metaphor and discourse**. Londres: Palgrave Macmillan, 2009. p. 97-115. DOI: 10.1057/9780230594647
- CHARTERIS-BLACK, J. **Politicians and rhetoric**: The persuasive power of metaphor. Londres: Palgrave MacMillan, 2011. DOI: 10.1057/9780230319899
- CHECA OLMOS, J. C.; ARJONA GARRIDO, Á. Spaniards' perspective of immigration. The role of the media. **Comunicar**, v. 19, n. 37, p. 141-149, 2011. DOI: 10.3916/C37-2011-03-06
- CHENG, L.; IGARTUA, J. J.; PALACIOS, E.; ACOSTA, T.; PALITO, S. Framing immigration news in Spanish regional press. **International Migration**, v. 52, n. 6, p. 197-215, 2014. DOI: 10.1111/j.1468-2435.2010.00647.x
- CHILTON, P. **Security metaphors**: Cold War discourse from containment to common house. Nova Iorque: Peter Lang, 1996.
- DEKAVALLA, M.; MONTAGUT, M. Constructing issues in the media through metaphoric frame networks. **Discourse, Context & Media**, v. 26, p. 74-81, 2018. doi:10.1016/j.dcm.2018.05.003

DEL PINO, E. The Spanish welfare state from Zapatero to Rajoy: Recalibration to retrenchment. In: BOTTI, A.; FIELD, B., (Eds.). **Politics and society in contemporary Spain**. Europe in transition: The NYU European studies series. Nova Iorque: Palgrave Macmillan, 2013. p. 197-216. DOI: 10.1057/9781137306623

DEMATA, M. A great and beautiful wall. **Journal of Language Aggression and Conflict**, v. 5, n. 2, p. 274-294, 2017. DOI: 10.1075/jlac.5.2.06dem

EBERT, J.-M.; MELTZER, C. E; HEIDENREICH, T.; HERRERO, B.; THORIN, N.; LIND, F.; STRÖMBÄCK, J. The European media discourse on immigration and its effects: A literature review. **Annals of the International Communication Association**, v. 42, n. 3, p. 207-223, 2018. DOI: 10.1080/23808985.2018.1497452

EDITORIAL OFFICE. No es un problema alemán. **El País**, Madri, p. 12, 15 set. 2015.

EDITORIAL OFFICE. Una Europa que no es solidaria se está traicionando. **El Mundo**, Madri, p. 3, 26 set. 2017.

ENTMAN, R. Framing: Toward clarification of a fractured paradigm. **Journal of Communication**, v. 43, n. 4, p. 51-58, 1993. DOI: 10.1111/j.1460-2466.1993.tb01304.x

EUROPEAN UNION. European Commission. **Relocation & resettlement: Sharing responsibility and opening legal pathways to Europe**. Bruxelas: União Europeia, 26 set. 2017. Disponível em: https://ec.europa.eu/homeaffairs/sites/homeaffairs/files/what-we-do/policies/european-agendamigration/20170906_relocation_and_resettlementsharing_responsibility_and_increasing_legal_pathways_to_europe_en.pdf

EUROPEAN UNION. European Commission. **Managing the refugee crisis**. Bruxelas: União Europeia, 14 mar. 2018. Disponível em: https://ec.europa.eu/home-affairs/what-we-do/policies/european-agenda-migration/proposalimplementation-package_en

FERREIRA, L.; FLISTER, C.; MOROSINI, C. The representation of refuge and migration in the online media in Brazil and abroad: A cognitive linguistics analysis. **Signo**, v. 42, n. 75, p. 59-66, 2017. DOI: 10.17058/signo.v42i75.11217

FIGENSCHOU, T.; THORBJØRNSRUD, K. Faces of an invisible population: Human interest framing of irregular immigration news in the United States, France, and Norway. **American Behavioral Scientist**, v. 59, n. 7, p. 783-801, 2015. DOI: 10.1177/0002764215573256

GAMSON, W. A.; MODIGLIANI A. Media discourse and public opinion: A constructionist approach. **American Journal of Sociology**, v. 95, n. 1, p. 1-37, 1989.

GOODMAN, S.; SIRRIYEH, A.; MCMAHON, S. The evolving (re)categorisations of refugees throughout the “refugee/migrant crisis”. **Journal of Community & Applied Social Psychology**, v. 27, n. 2, p. 105-114, 2017. DOI: 10.1002/casp.2302

GREIMAS, A. J. **Structural semantics: An attempt at a method**. Lincoln, NE: University of Nebraska Press, 1983.

GREUSSING, E.; BOOMGAARDEN, H. Shifting the refugee narrative? An automated frame analysis of Europe's 2015 refugee crisis. **Journal of Ethnic and Migration Studies**, v. 43, n. 11, p. 1749-1774, 2017. DOI: 10.1080/1369183X.2017.1282813

GUALDA, E.; REBOLLO DÍAZ, C. The refugee crisis on Twitter: A diversity of discourses at a European crossroads. **Journal of Spatial and Organizational Dynamics**, v. 4, n. 3, p. 200-212, 2016.

HANSON-EASEY, S.; AUGOUSTINOS, M. Out of Africa: Refugee policy and the language of causal attribution. **Discourse and Society**, v. 21, n. 3, p. 1-29, 2010. DOI: 10.1177/0957926509360744

HART, C. **Critical discourse analysis and cognitive science**: new perspectives on immigration discourse. London: Palgrave Macmillan, 2010. DOI: 10.1057/9780230299009

HEATH, A.; RICHARDS, L. **How do Europeans differ in their attitudes to immigration? Findings from the European social survey 2002/03-2016/17**. (Working Papers 222). Paris: OECD Publishing, 2019.

HOGAN, J.; HALTINNER, K. Floods, invaders, and parasites: Immigration threat narratives and right-wing populism in the USA, UK and Australia. **Journal of Intercultural Studies**, v. 36, n. 5, p. 520-543, 2015. DOI: 10.1080/07256868.2015.1072907

IGARTUA, J. J.; MUÑIZ, C.; CHENG, L. Immigration in the Spanish press. Empirical and methodological findings in connection with the news framework theory. **Publicación del Instituto Universitario de Estudios sobre Migraciones**, v. 17, p. 143-181, 2005.

IGARTUA, J. J.; MUÑIZ, C.; OTERO, J.; CHENG, L.; GÓMEZ-ISLA, J. Reception and socio-cognitive impact of news about immigration. **Revista de Psicología Social**, v. 23, n. 1, p. 3-16, 2008. DOI: 10.1174/0213474087833995552

JONES, W.; TEYTELBOYM, A. The international refugee match: A system that respects refugees' preferences and the priorities of states. **Refugee Survey Quarterly**, v. 36, n. 2, p. 84-109, 2017. DOI: 10.1093/rsq/hdx004

KÖVECSES, Z. **Metaphor**: A practical introduction. Oxford: Oxford University Press, 2010.

LAKOFF, G. Metaphorical thought in foreign policy: Why strategic frame matters. **The Frameworks Institute**, 1999. Disponível em: https://www.frameworksinstitute.org/assets/files/PDF_GII/metaphorical_thought.pdf

LÓPEZ, M. P. Alemanha restabelece los controles en su frontera con Austria. **La Vanguardia**, Berlim, p. 5, 13 set. 2015.

LUNA, J. Ya tenemos refugiados... **La Vanguardia**, Barcelona, p. 24, 26 maio 2016.

MARCHENA, D. El plan estatal de asilo ningunea a Catalunya. **La Vanguardia**, p. 36, 25 maio 2016.

MARCHENA, D. Clamor por el olvido de los refugiados. **La Vanguardia**, p. 36, 27 set. 2017.

MARTÍNEZ LIROLA, M. **Migraciones, discursos e ideologías en una sociedad globalizada. Claves para su mejor comprensión.** Alicante: Instituto Alicantino de Cultura Juan Gil Albert, 2010.

MIO, J. S. Metaphor & politics. **Metaphor & Symbol**, v. 12, n. 2, p. 113-133, 1997. DOI: 10.1207/s15327868ms1202_2

MORALES, L.; PARDOS-PRADO, S.; ROS, V. Issue emergence and the dynamics of electoral competition around immigration in Spain. **Acta Política**, v. 50, n. 4, p. 461-485, 2015.

MUCHA, M. El viaje de Osama y sus hijos, una odisea con final feliz. **El Mundo**, Madri, p. 41-43, 17 set. 2015.

MUSOLFF, A. **Metaphor and political discourse:** analogical reasoning in debates about Europe. London: Palgrave Macmillan, 2004. DOI: 10.1057/9780230504516

MUSOLFF, A. Dehumanizing metaphors in UK immigrant debates in press and online media. **Journal of Language Aggression and Conflict**, v. 3, n. 1, p. 41-56, 2015. DOI: 10.1075/jlac.3.1.02mus

MUSOLFF, A. Truths, lies and figurative scenarios. **Journal of Language and Politics**, v. 16, n. 5, p. 641-657, 2017. DOI: 10.1075/jlp.16033.mus

NASH, M. **Inmigrantes en nuestro espejo:** inmigración y discurso periodístico en la prensa española. Barcelona: Icaria, 2005.

NAVARRO, B. Bruselas propone mantener tres años los controles fronterizos. **La Vanguardia**, Barcelona, p. 2, 28 set. 2017.

NEWS AGENCY. España y Europa incumplen de largo su compromiso de acogida de refugiados. **La Vanguardia**, Barcelona, p. 2, 26 set. 2017.

O'BRIEN, G. V. Indigestible food, conquering hordes, and waste materials: Metaphors of immigrants and the early immigration restriction debate in the United States. **Metaphor & Symbol**, v. 18, n. 1, p. 33-47, 2003. DOI: 10.1207/S15327868MS1801_3

PARKER, S.; NAPER, A. A.; GOODMAN, S. How a photograph of a drowned refugee child turned a migrant crisis into a refugee crisis: a comparative discourse analysis. **For(e) dialogue**, v. 2, n. 1, p. 12-28, 2018. DOI: 10.29311/for(e)dialogue.v2i1.601

PĂTRAȘCU, C. Refugee representations across European media: Discursive constructions of immigration. **Public Administration & Regional Studies**, v. 16, n. 2, p. 42-50, 2015.

PÉREZ, J. El discurso de los medios: hacia un enfoque positivo de la inmigración. In: LARIO, M. (Org.). **Medios de Comunicación e Inmigración.** Murcia: CAM Obra Social, 2006, p. 273-286.

RODRÍGUEZ, R.; MENA, N. Public opinion and frames: Crisis of the dugout canoes. **Revista Latina de Comunicación Social**, v. 11, n. 63, p. 341-347, 2008. DOI: 10.4185/RLCS-63-2008-772-341-347

ROJO, L. M.; VAN DIJK, T. A. "There was a problem, and it was solved!": Legitimizing the expulsion of 'illegal' migrants in Spanish parliamentary discourse. **Discourse & Society**, v. 8, n. 4, p. 523-566, 1997. doi:10.1177/0957926597008004005

SÁNCHEZ, R. Europa refuerza sus fronteras. **El Mundo**, Madri, p. 23, 15 set. 2015.

SAN MARTÍN, O. Así hacen negocio las mafias con los sirios en la frontera de Melilla. **El Mundo**, Madri, p. 26-27, 23 maio 2016.

SANTA ANA, O. "Like an animal I was treated": Anti-immigrant metaphor in US public discourse. **Discourse & Society**, v. 10, n. 2, p. 191-224, 1999. DOI: 10.1177/0957926599010002004

SEMINO, E. **Metaphor in discourse**. Cambridge: Cambridge University Press, 2008

ULLÁN DE LA ROSA, F. J. Immigration and immigration policies in Spain. In: LEAL, D.; RODRÍGUEZ, N. (Orgs.). **Migration in an era of restriction and recession**: Sending and receiving nations in a changing global environment. Basel: Springer, 2016, p. 175-210. DOI: 10.1007/978-3319-24445-7

VAL, E. Rescatados 4000 migrantes en un día. Pero vuelca otra barcaza. **La Vanguardia**, Roma, p. 8, 27 maio 2017.

VALERO, C. Triunfo histórico de la ultraderecha. **El Mundo**, p. 20, 25 set. 2017.

VALERO, C. Un presidente verde, y no ultra. **El Mundo**, p. 22, 24 maio 2016.

VAN DIJK, T. A. **Elite discourse and racism**. London: SAGE Publications, 1993.

VAN DIJK, T. A. **Racism and discourse in Spain and Latin America**. Amsterdam: John Benjamins Publishing, 2005, v. 14. DOI: 10.1075/dapsac.14

VAN GORP, B. Where is the frame? Victims and intruders in the Belgian press coverage of the asylum issue. **European Journal of Communication**. v. 20, n. 4, p. 484-507, 2005. DOI: 10.1177/0267323105058253

WODAK, R.; SEDLAK, M. "We demand that foreigners adapt to our life-style": Political discourse on immigration laws in Austria and the United Kingdom. In: APPELT, E.; JAROSCH, M. **Combating racial discrimination**. Oxford: Berg Publishers, 2000, p. 217-237.

O compromisso sociossemiótico¹

The sociosemiotic commitment

Dirk Geeraerts²

Tradução de: Dalby Dienstbach³

(Revisões técnica e de tradução)

Ana Flávia Souto de Oliveira

Laura Baiocco⁴

Resumo: A Linguística Cognitiva deveria acrescentar ao seu Compromisso Cognitivo um Compromisso Sociossemiótico: um compromisso de fazer com que as suas explicações sobre a linguagem humana respeitem a sua condição de ferramenta sociossemiótica – ou seja, intersubjetiva, que varia histórica e socialmente – e de fundamentar essas explicações em uma metodologia que, da mesma forma, transcenda o indivíduo. Lançando um olhar sobre os elementos que definem a Linguística Cognitiva (a sua orientação cognitivista e o fato de ela ser baseada no uso), argumenta-se que a importância do Compromisso Sociossemiótico decorre da própria essência dessa corrente.

Palavras-chave: Compromisso Cognitivo; sociolinguística cognitiva; virada social; virada quantitativa; método empírico.

Abstract: Cognitive Linguistics should complement the Cognitive Commitment with a Sociosemiotic Commitment: a commitment to make one's account of human language accord with the status of language as a social semiotic, i. e., as an intersubjective, historically and socially variable tool, and to base that account on a methodology that likewise transcends the individual. By looking at defining features of Cognitive Linguistics (its cognitive orientation, and its usage-based character), it is argued that the relevance of the Sociosemiotic Commitment derives from the very essence of Cognitive Linguistics.

Keywords: Cognitive Commitment; cognitive sociolinguistics; social turn; quantitative turn; empirical method.

1. A virada social na Linguística Cognitiva

A Linguística Cognitiva do novo milênio é caracterizada por uma atenção crescente aos aspectos sociais e culturais da linguagem, em três níveis de análise. Esses três níveis, por sua vez, são caracterizados por uma esquematicidade cada vez maior (GEERAERTS;

¹ Artigo traduzido com a autorização do autor e da editora responsável pela publicação da versão em inglês, a partir do texto GEERAERTS, D. *The sociosemiotic commitment*, *Cognitive Linguistics*, v. 27, n. 4, p. 527-542, 2016.

² Doutor em Estudos da Linguagem e professor titular de Linguística da Faculdade de Artes da Universidade Católica de Leuven (KU Leuven). E-mail: dirk.geeraerts@kuleuven.be.

³ Doutor em Linguística e pesquisador da Diretoria de Análise de Políticas Públicas da Fundação Getúlio Vargas (FGV DAPP). E-mail: dalbydienstbach@gmail.com.

⁴ Doutora em Estudos da Linguagem e professora do Departamento de Letras Clássicas e Linguística da Universidade Federal de Santa Maria. E-mail: anaflavia10@gmail.com; Mestre em Psicolinguística pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. E-mail: laura.baiocco4@gmail.com.

KRISTIANSEN, 2015). O primeiro desses níveis considera a variação dentro de uma mesma língua: até que ponto os fenômenos que geralmente estão no foco da Linguística Cognitiva apresentam variação dentro da mesma comunidade linguística? Pesquisas realizadas dentro dessa perspectiva se alinham às tradições de pesquisa da sociolinguística, da dialetologia e da estilística, e usam os mesmos métodos empíricos dessas três correntes: ver Kristiansen e Dirven (2008), Geeraerts *et al.* (2010) e Pütz *et al.* (2012). O próximo nível trata da variação entre línguas e culturas, configurando-se como comparação cultural e antropológica ou investigação histórica sobre mudanças de conceptualização ao longo de intervalos de tempo (PALMER, 1996; SHARIFIAN, 2017). O terceiro nível, para além das variações intra e interlinguística, aborda a linguagem como tal: aqui, podemos incluir os estudos pioneiros que enfocam e analisam como a emergência da linguagem como tal e a ocorrência de certos aspectos em uma língua somente podem ser compreendidas, com coerência, se se considerar a natureza socialmente interativa da comunicação linguística (SINHA; JENSEN DE LÓPEZ, 2000; GEERAERTS, 2005; ZLATEV *et al.*, 2008; CROFT, 2009; HARDER, 2010; ZLATEV, 2010; SCHMID, 2016). Embora o rótulo “sociolinguística cognitiva” esteja mais fortemente associado ao primeiro nível de análise, ele será utilizado, nesta discussão, como uma forma abreviada da virada social na Linguística Cognitiva como um todo.

Deve se observar que essa virada social não é completamente novidade na história da Linguística Cognitiva, visto que, por exemplo, a ideia de “modelo cultural” desempenhou um papel crucial no surgimento da nova abordagem (HOLLAND; QUINN, 1987). Essa virada é melhor definida, nesse caso, como consolidação e valorização intencionais de aspectos que eram inicialmente periféricos. Em tempo, a virada social *na* Linguística Cognitiva ainda não equivale, a rigor, a uma virada social *da* Linguística Cognitiva, na medida em que ela não constitui a perspectiva predominante entre os vários ramos dessa corrente. Ainda mais importante seria perguntar o que motiva essa mudança. Este trabalho explora algumas das razões fundamentais para se inserir uma perspectiva social na Linguística Cognitiva e, mais especificamente, defende que **a inspiração original e os aspectos teóricos próprios da Linguística Cognitiva favoreceram o desenvolvimento de uma sociolinguística cognitiva**. Essa não é uma questão qualquer, pois como pode uma concepção social se integrar à orientação cognitivista própria da Linguística Cognitiva? Será que a natureza cognitivista que essa corrente atribui a si mesma não supõe automaticamente um compromisso com uma perspectiva antes psicologizante do que social? Ou será que devemos reconhecer que *linguística cognitiva* é um termo equivocado?

Essa pergunta será respondida em três partes. Em primeiro lugar, ela será mapeada em relação ao contexto filosófico do pluralismo ontológico de Popper. As duas seções seguintes mostram como dois aspectos particulares da Linguística Cognitiva – a sua natureza cognitivista e o fato de ela ser baseada no uso – levam naturalmente a uma abordagem social, enquanto que, ao mesmo tempo, demandam uma metodologia empírica. Uma seção final explora brevemente os desafios que decorrem da virada social.

2. A linguagem como um fenômeno do “mundo três”

O estatuto epistemológico de uma perspectiva social sobre a linguagem pode ser abordado de forma esclarecedora em face do contexto do pluralismo ontológico de Popper, que postula a existência de três mundos:

Sem levar demasiado a sério as palavras “mundo” ou “universo”, podemos distinguir os três mundos ou universos seguintes: em primeiro lugar, o mundo de objetos físicos ou de estados materiais; em segundo, o mundo de estados de consciência ou de estados mentais, ou talvez de disposições comportamentais para agir; e, em terceiro, o mundo de *conteúdos objetivos de pensamento*. (POPPER, 1975, p. 108, grifos no original)

A linguagem, na visão de Popper, pertence rigorosamente ao mundo três, como um sistema simbólico para representar o conhecimento e estruturar conversas e discussões. Todavia, ela não está desvinculada dos outros mundos:

A própria linguagem, como um ninho de ave, é um subproduto não pretendido de ações que se dirigiam a outros alvos. Como surge uma trilha de animal na selva? Algum animal pode romper entre as moitas a fim de alcançar um lugar para beber. Outros animais acham mais fácil usar a mesma trilha. Assim ela pode ser alargada e melhorada pelo uso. Não é planejada – é uma consequência não pretendida da necessidade de movimento fácil ou rápido. É assim que originalmente se faz um caminho – talvez mesmo por homens – e como podem surgir a linguagem e quaisquer outras instituições que são úteis; e eis como podem dever sua existência e desenvolvimento à sua utilidade. (POPPER, 1975, p. 118-119)

A *produção* de mensagens acontece no mundo dois, guiada por intenções comunicativas subjetivas; porém, enquanto produto, a linguagem pertence ao mundo três: **a linguagem enquanto um instrumento comunicativo transcende o indivíduo**. Sendo assim, ela é amplamente autônoma em relação a cada usuário de uma língua: o usuário da língua se torna usuário justamente de uma língua que já está dada – independentemente do fato de a sua própria

atuação como usuário dessa língua poder, como resultado, contribuir com mudanças nela. Ou, para seguir na analogia de Popper: os usuários da língua percorrem caminhos já trilhados, mas podem alargá-los, mudar o seu curso, usá-los com tão pouca frequência que eles logo desaparecem ou, simplesmente, criar novos caminhos. Em linhas mais específicas, a linguagem pode ser inserida nos três mundos ao mesmo tempo: possui existência material (em várias formas, desde estados neurais e movimentos anatômicos de fala até livros e arquivos de texto); possui uma realidade psicológica na mente dos falantes e ouvintes; e possui uma existência objetiva que vai além do nível mental individual. A Linguística Cognitiva, na linha de Verhagen (2005), provavelmente falaria em uma existência antes “intersubjetiva” do que “objetiva”. Essa distinção merece um debate filosófico⁵; porém, no contexto atual, concentremo-nos na condição de “mundo três”, que é assimilada por ambos os termos na mesma proporção.

Uma visão como a de Popper não é exclusiva na história da linguística e na filosofia da linguagem. Ela é bastante importante para a concepção de linguagem de Itkonen, à qual retomaremos mais adiante, e corresponde, de modo geral, à imagem criada por Keller (1994) de linguagem como um “fenômeno do mundo três” – produto não intencional de uma ação intencional. Essa visão está bem alinhada com a concepção popular atual de linguagem como um Sistema Dinâmico Complexo (por exemplo, BECKNER *et al.*, 2009), principalmente, em função da sua insistência na relação dialética entre comportamentos individuais e efeitos supraindividuais: cada usuário adquire uma língua já pronta, porém, afeta-a ao reproduzi-la e ao desenvolvê-la. E, obviamente, essa visão concorda com a óptica saussuriana de que a linguagem, enquanto *langue*, é sobretudo um fenômeno semiótico e social que anda de mãos dadas com comportamentos individuais intencionais no nível da *parole*. Esse repertório, bem como cada um dos seus componentes, pode obviamente ser expandido, mas a questão precisa ser esclarecida: perspectivas que reduzem a língua a um fenômeno psicológico constituem uma vertente respeitável da concepção de linguagem do século XX.

Por que, então, a Linguística Cognitiva teria sido atraída por uma concepção de “mundo três” da linguagem? Podemos responder a essa pergunta lançando um olhar atento aos aspectos característicos da Linguística Cognitiva: a sua natureza cognitivista, é claro, mas também aos fatos de ela ser baseada no uso e de viabilizar recontextualizações. Nas próximas duas seções, exploraremos o impacto do primeiro e do segundo aspectos. Por questão de espaço, o terceiro

⁵ Em discussão está a natureza da “objetividade” que Popper atribui ao mundo três. Esse é o mundo do conhecimento objetivo tal como representados por teorias científicas, mas também abrange literatura, mitos, instituições sociais, obras de engenharia, arte. Até que ponto, filosoficamente falando, a objetividade do conhecimento científico se assemelha à “não-subjetividade” supraindividual desses últimos fenômenos?

aspecto não será detalhado neste trabalho, mas a sua importância ficará evidente; ver Geeraerts (2010a). Em tempo, a gramática gerativa descontextualiza a gramática, dissociando o que considera ser o cerne da linguística do contexto discursivo do desempenho e do uso da linguagem, do contexto social da interação e da variação, bem como do contexto cognitivo do significado e da experiência. Já a Linguística Cognitiva é uma abordagem recontextualizadora, visto que reintegra esses domínios contextuais ao escopo da gramática – inclusive, é claro, a perspectiva social.

3. Linguagem como cognição e o Compromisso Cognitivo

A caracterização da Linguística Cognitiva como “cognitiva” tem sido alvo sobretudo (embora de bastante implícito) de duas interpretações sutilmente diferentes na história dessa corrente. Por um lado, a Linguística Cognitiva tem se apresentado como adepta do Compromisso Cognitivo, ou seja, do “compromisso [...] de tornar as explicações sobre a linguagem humana consistentes com o que já foi descoberto a respeito da mente e do cérebro, tanto em outras disciplinas como na nossa” (LAKOFF, 2012 [1990], p. 8). Segundo essa perspectiva, linguistas cognitivistas devem levar em consideração as descobertas empíricas de disciplinas como a psicologia cognitiva, a psicologia do desenvolvimento e as neurociências, e ajustar os seus postulados linguísticos de acordo com elas. Por outro lado, o editorial do número inaugural da revista *Cognitive Linguistics* – mesmo número, aliás, em que Lakoff estabeleceu o Compromisso Cognitivo – descreve a Linguística Cognitiva em termos de uma definição de linguagem “como um instrumento para organizar, processar e transmitir informações”⁶ (GEERAERTS, 1990, p. 1). Conforme essa perspectiva, a linguagem é encarada não como se fosse um módulo cognitivo isolado e autônomo, mas como um reflexo da arquitetura conceitual geral, de princípios de categorização, de mecanismos de processamento e da influência de experiências e do meio. O tipo de abertura interdisciplinar proporcionado pelo Compromisso Cognitivo não está fora dessa interpretação alternativa; porém, mais do que estar elaborada como um princípio em si, ela se desenvolve a partir da ideia de que a linguagem está intimamente ligada às capacidades cognitivas humanas de forma geral.

A diferença entre as duas versões é mínima, porém, real: o Compromisso Cognitivo é mais esquemático do que a sua versão alternativa, e simplesmente não está comprometido com aquilo “que já foi descoberto a respeito da mente e do cérebro”. Em princípio, ele deixa aberta

⁶ [(...) as an instrument for organizing, processing, and conveying information.]

a possibilidade de esse conhecimento geral se transformar em uma definição formalista e modular da linguagem, tão comum em abordagens chomskianas. Essa certamente não é a intenção de Lakoff, mas é somente a versão alternativa que deixa esse pressuposto claro. Pode-se argumentar, a esse respeito, que a segunda versão, que é mais sólida, descreve melhor do que a primeira, que é mais esquemática, o que Linguística Cognitiva faz na prática. Há duas razões para isso.

Em primeiro lugar, uma concepção de “linguagem como ferramenta cognitiva” facilita o entendimento de alguns dos aspectos mais centrais da Linguística Cognitiva: a primazia da semântica na análise linguística e as naturezas enciclopédica e perspectivada do significado linguístico. A primazia da semântica na análise linguística decorre diretamente da própria visão cognitivista: se a principal função da linguagem engloba informação e comunicação, então, o significado, em sentido lato, deve ser o centro das atenções da linguística. A natureza enciclopédica do significado linguístico decorre da função de categorização da linguagem: se a linguagem é um sistema para categorizar o mundo, não é necessário propor uma camada sistêmica ou estrutural do significado linguístico que seja distinta da camada em que o conhecimento de mundo está ligado a formas linguísticas. A natureza perspectivista do significado linguístico sugere que o mundo não está refletido de maneira objetiva na linguagem: a função de categorização da linguagem antes impõe uma configuração ao mundo do que reflete uma realidade objetiva.

Em segundo lugar, uma concepção de “linguagem como ferramenta cognitiva” estabelece uma fronteira mais clara entre a Linguística Cognitiva e a gramática gerativa. Essa comparação era provavelmente mais relevante na época em que a Linguística Cognitiva surgiu do que agora, mas é didática na conjuntura atual. O linguista cognitivista está interessado no nosso conhecimento de mundo e investiga como a linguagem natural contribui para esse conhecimento. O linguista gerativista, por outro lado, está interessado no nosso conhecimento da linguagem e se pergunta como esse conhecimento pode ser adquirido, em vista de uma teoria cognitivista de aprendizagem. Como empreitadas cognitivistas, a Linguística Cognitiva e a gramática gerativa estão igualmente interessadas nas estruturas mentais que formam o conhecimento. Para a Linguística Cognitiva, a linguagem natural já constitui, por si, uma dessas estruturas, e o conhecimento que importa é o conhecimento de mundo. Para o gramático gerativista, por outro lado, o conhecimento em questão é o conhecimento da linguagem, e as estruturas mentais que importam são geradas por uma aptidão genética que permite aos seres humanos aprender a linguagem. Enquanto a gramática gerativa está interessada no

conhecimento *da* linguagem, a Linguística Cognitiva está, de certo modo, interessada no conhecimento *através da* linguagem.

Mas então, em vista das duas interpretações para o termo *cognitiva* em *Linguística Cognitiva*, com que facilidade elas poderiam fazer as pazes com uma visão social, de “mundo três”, da linguagem? O Compromisso Cognitivo estará alinhado com uma visão de “mundo três” se isso significar que **os atributos de “mundo um” e de “mundo dois” da linguagem restringem, sem excluir, a sua condição de “mundo três”**. Na analogia de Popper: a composição do solo, os desníveis do terreno e a densidade da vegetação terão algum impacto na trilha que vai se formando. No entanto, a própria trilha não resulta simplesmente da combinação desses elementos; ela resulta do acúmulo de atividades humanas intencionais, que são limitadas, porém, não causadas pelas condições do meio. De modo semelhante, a linguagem natural é moldada por fatores como a estrutura dos órgãos da fala e a neurofisiologia do cérebro (ou seja, corporificação no seu sentido mais literal); entretanto, a linguagem como tal não equivale à combinação desses elementos. Exemplos dessa perspectiva são encontrados diversas análises quantitativas multivariadas de gramática, que articulam fatores psicológicos (como custo de processamento ou persistência) com variáveis gramaticais e semióticas, aspectos relativos ao discurso, e, ainda, características letais: ver, por exemplo, o modelo de gramática probabilística (BRESNAN; FORD, 2010; SZMRECSANYI; HINRICHS, 2008; SZMRECSANYI, 2009) ou os estudos letais multivariados de gramática, como os trabalhos de Grondelaers *et al.* (2002) e de Levshina *et al.* (2013), bem como aqueles discutidos por Heylen *et al.* (2008).

Na sequência, a versão alternativa, mais sólida, se insere melhor em uma visão de “mundo três”, pois foca justamente na função cognitiva da linguagem enquanto ferramenta de organização e troca de conhecimentos – tal como o papel atribuído à linguagem no pluralismo ontológico de Popper. A entendimento de “linguagem como ferramenta cognitiva”, pertinente ao rótulo *Linguística Cognitiva*, portanto, estará de acordo com uma visão de “mundo três” se a **“linguagem como cognição” incluir conhecimentos compartilhados e socialmente disseminados e não apenas experiências e pensamentos individuais**. Um exemplo antigo (isto é, na história da Linguística Cognitiva) de uma visão universalista de “mundo dois” em conflito com uma visão histórica e culturalmente orientada de “mundo três” pode ser encontrado na discussão sobre a base da metáfora RAIVA É CALOR. Lakoff e Kövecses (1987) explicam essa metáfora em termos de experiências fisiológicas universais: o aumento da temperatura do corpo é interpretado como um efeito fisiológico do estado de raiva, e a raiva é metonimicamente conceptualizada em termos dos seus efeitos fisiológicos. Geeraerts e

Grondelaers (1995), no entanto, mostram que um número considerável de expressões que atualizam o mapeamento RAIVA É CALOR são vestígios lexicais que têm origem na teoria dos humores, doutrina de grande influência que dominou a medicina na Europa Ocidental desde a Antiguidade até princípios da Era Moderna. Nos últimos anos, a escolha por uma abordagem cultural e histórica nas pesquisas sobre metáforas tem ganhado força e reconhecimento, também, entre os principais porta-vozes da Teoria Conceptual da Metáfora (ver KÖVECSES, 2005).

4. Uso e variação

Uma segunda característica importante da Linguística Cognitiva que sugere uma visão social é o fato de ela ser baseada no uso. Os dados observacionais que se inserem em uma abordagem baseada no uso normalmente são extraídos de um corpus, e geralmente não são homogêneos: posto que os textos coletados para o corpus chegam de várias fontes, nem sempre sabemos com antecedência se a variação que podemos observar nesse corpus se deve a fatores letais ou não. Logo, a filtragem dos efeitos desses fatores se torna uma exigência metodológica para qualquer tentativa da Linguística Cognitiva de analisar os dados de uso – mesmo que a análise não esteja, em princípio, interessada em variação letal. A ocorrência de variação intralinguística – que pode ser socialmente estruturada ou simplesmente ser individual – tem um impacto significativo sobre as consequências metodológicas de uma perspectiva social na Linguística Cognitiva. Sem essa variação, a língua como sistema semiótico usado em uma dada comunidade é a mesma para todo e qualquer membro dessa comunidade, e, como tal, cada usuário da língua que pertence a essa comunidade linguística constitui um exemplar representativo, em termos estatísticos, dessa língua. Do mesmo modo, investigar o conhecimento da língua de um falante nativo (nesse caso, investigar o conhecimento linguístico do próprio linguista que conduz a investigação) constitui uma forma legítima de se fazer linguística. Essa postura metodológica certamente é muito popular por ser da gramática chomskyana; porém, a gramática chomskyana assume a perspectiva de “mundo dois”, focando em uma suposta Gramática Universal pertinente ao aparato biológico humano. Isso quer dizer que a tendência metodológica da linha chomskyana para a introspecção não é relevante para uma concepção social de Linguística Cognitiva, visto que os pressupostos básicos, em termos popperianos, são tão diferentes.

Entretanto, é necessário acrescentar uma reflexão aqui. Itkonen (2003; 2008, dentre outras publicações) defende uma perspectiva de “mundo três” da linguagem que se baseia na

intuição em vez da *introspecção*. Conforme Itkonen, a linguística – claramente definida como o estudo da linguagem como um fenômeno social – se baseia antes na intuição do que na observação, pois a natureza social da linguagem se configura como um sistema de normas sociais. Normas possuem uma condição epistemológica particular, que fica evidente na distinção entre regras e regularidades: uma regra, que estabelece o que *deve* ser feito, difere de uma regularidade, que descreve as tendências do que é feito *de fato*. Uma hipótese sobre regularidades observáveis pode estar equivocada (e, portanto, ser falseada), já uma regra não pode ser falseada, somente quebrada. Isso significa que a metodologia para se estudarem normas difere do método das ciências empíricas descritivas. Evocando a mesma ontologia popperiana que discutimos antes, Itkonen apresenta uma distinção epistemológica entre observação, introspecção e intuição, respectivamente. Intuição – método adequado para a investigação de normas – é simplesmente o escrutínio do conhecimento que possuímos sobre convencionalizações linguísticas: “Quando alguém está descrevendo a própria língua materna, a coleta de dados não consiste em experimentação/observação, mas na tentativa de *lembrar* de algo que a pessoa, em princípio, já sabe. Observe-se, ainda, que ela não busca lembrar do que alguém disse de fato, mas do que *deveria* ser dito”⁷ (ITKONEN, 2003, p. 40-41). A comparação terminológica de Itkonen entre intuição e introspecção equivale à sua rejeição à concepção chomskyana de linguagem. Itkonen defende que a concepção psicologizante de Chomsky é um equívoco tanto ontológico quanto epistemológico de categorização. A linguagem pertence ao mundo das normas sociais, não ao mundo dos estados mentais – logo, é necessário antes intuição do que introspecção.

No entanto, essa abordagem baseada na intuição poderia estar facilmente associada à alegação de que, na esfera normativa, não há variação ou, pelo menos, de que a variação que existe é, em grande medida, irrelevante. Sem negar a importância da normatividade na linguagem, nem o papel da intuição no processo empírico das pesquisas linguísticas (GEERAERTS, 2010b), essa alegação precisa ser confrontada a partir dos pontos de vista filosófico e linguístico (para uma discussão ampla, ver GEERAERTS, 2005).

Em primeiro lugar, conforme Itkonen, as normas podem apresentar casos de incerteza e de conflito. Porém, esses casos exigirão uma abordagem observacional. No caso da incerteza, se os indivíduos hesitam sobre qual norma se aplica, isso mostra que a sua intuição (e, *a fortiori*, a do pesquisador) nem sempre fornece uma resposta. No caso da controvérsia e dos embates

⁷ [When one is describing one's own native language, data-gathering consists, not in experimentation/observation but in trying to remember something that one in principle knows already. Notice also that one does not try to remember what someone has said in fact, but what ought to be said.]

normativos, a ocorrência de normas conflitantes será atribuída a uma disputa ou a um antagonismo entre grupos, isto é, justamente ao tipo de variação que achamos que deveria ser estudado. De modo geral, o que é necessário, aqui, é uma teoria de normas tal qual a desenvolvida por Bartsch (1987), que reconhece abertamente possíveis conflitos entre normas alternativas e, sobretudo, o papel crucial que esses conflitos podem desempenhar na explicação das dinâmicas da linguagem.

Em segundo lugar, e o mais importante, há dúvidas se as línguas podem, de fato, ser consideradas sistemas linguísticos homogêneos. Essa ideia é, por si só, um dos pilares do pensamento estruturalista, traduzida de modo preciso por Mailliet na sua definição de língua como “um sistema onde tudo se encaixa”⁸ (1937, p. 475). Esse é um pensamento bastante popular: ao longo do século XX, a linguística predominante entendia as línguas como sistemas coerentes, representados pelas suas gramáticas. Comunidades linguísticas seriam, então, definidas pelo fato de compartilharem uma gramática. Essa postura não nega a variação, porém, a unidade da variação era uma língua, isto é, um sistema linguístico. Uma forma simples de se colocar isso (com a qual linguistas mais novos ainda se deparam nos seus cursos), por exemplo, é dizer que dialetos são línguas plenas porque possuem a sua própria gramática.

Existem duas maneiras de provar que essa noção de homogeneidade (uma única gramática homogênea compartilhada por um grupo de usuários da língua) é problemática: primeiro, observando-se os usuários da língua e, segundo, observando-se os fenômenos linguísticos que compõem esses supostos sistemas coerentes. Em relação à primeira, há cada vez mais indícios das diferenças individuais entre usuários da língua: ver, por exemplo, Sharma *et al.* (2008) ou Dąbrowska (2012) e Divjak *et al.* (2016). Visto que uma abordagem tradicional pode representar a variação individual em termos de os usuários possuírem gramáticas diferentes, isto é, de fazerem parte de comunidades diferentes, as diferenças individuais têm mais importância quando envolvem usuários daquilo que seria identificado tradicionalmente como um único sistema. Essas diferenças realmente ocorrem no território do “mundo um”; trabalhos como o de Mielke (2015), por exemplo, mostram, com técnicas de ultrassom, de que modo a posição da língua na pronúncia do mesmo fonema pode variar consideravelmente entre falantes. Quanto à segunda maneira, os fenômenos linguísticos não estão em pé de igualdade se a sua distribuição letal não estiver mapeada. Se as línguas consistem em sistemas coerentes, então, todos os elementos de um dado sistema ocupam a mesma posição no espaço letal (isto é, no espaço definido pelas dimensões social, geográfica e contextual que podem determinar a

⁸ [Un système où tout se tient.]

variação). No entanto, já no século XIX, os linguistas descobriram que as fronteiras dialetais não constituem blocos definidos de isoglossas: fenômenos linguísticos distintos possuem distribuições geográficas diferentes, tornando vaga a fronteira entre um sistema e outro. De modo semelhante, isoglossas letais geralmente não precisam coincidir (ver GEERAERTS, 2010c). A tese de que cada aspecto linguístico pode, em princípio, apresentar a sua própria distribuição letal remonta à velha teoria de Jaberg, de que cada palavra pode ter a sua própria história particular: “Na realidade, cada palavra tem a sua própria história”⁹ (1908, p. 6).

Se juntarmos algumas peças agora, parece que a versão social da Linguística Cognitiva ocupa uma posição diferente na história da linguística. As duas dimensões que apontamos até o momento para caracterizá-la assimilam, cada uma, uma transformação profunda em relação a uma posição que definiu um período anterior no desenvolvimento da linguística. Em primeiro lugar, a concepção social de *cognitiva* em *Linguística Cognitiva* joga a linguística diretamente de volta ao “mundo três” de Popper, ao contrário da psicologização da linguagem na linguística chomskyana. Isso significa um retorno, nesse sentido, à concepção saussuriana pré-chomskyana de linguagem como um fenômeno semiótico e social. Em segundo lugar, porém, o fato de a Linguística Cognitiva ser baseada no uso inverte o enfoque estruturalista e saussuriano na *langue*, enquanto um sistema internamente homogêneo, em favor da *parole* enquanto intrinsecamente variada.

Em outras palavras, **a guinada social na Linguística Cognitiva é um retorno à visão saussuriana de linguagem como um fenômeno semiótico e social sem o postulado saussuriano de homogeneidade interna dos sistemas linguísticos**. Os três momentos principais do percurso teórico da linguística podem, assim, ser estruturados em um esquema sistemático: ver Tabela 1. Evidentemente, a imagem somente representa a Linguística Cognitiva à medida que ela se configura como uma sociolinguística cognitiva – porém, esse é um ponto que retomaremos na seção de conclusão.

Tabela 1: Os três principais momentos do percurso teórico da linguística

	foco no “mundo três”?	foco em variação?
Linguística saussuriana	sim: linguagem como fenômeno semiótico e social	não: linguagem como sistema internamente homogêneo
Linguística chomskiana	não: linguagem como fenômeno psicológico	não: linguagem como aptidão humana universal
Linguística (sócio)cognitiva	sim: linguagem como fenômeno semiótico e social	sim: linguagem como dialética de sistema e uso

⁹ [In Wirklichkeit hat jedes Wort seine besondere Geschichte.]

Isso significa que o método de uma Linguística Cognitiva socialmente motivada, tal como o seu objeto, precisa ir além do nível do indivíduo. Ela precisa oferecer uma descrição intersubjetivamente confiável da realidade intersubjetiva da linguagem. Isso explica a importância para a sociolinguística cognitiva de métodos quantitativos típicos das ciências exatas, que se caracterizam pela replicabilidade dos resultados, pela operacionalização explícita dos conceitos, pela testagem estatística das hipóteses. Nesse sentido, existe uma proximidade entre a “virada social” descritiva na Linguística Cognitiva e a sua “virada quantitativa” metodológica (JANDA, 2013).

5. O compromisso sociosemiótico

Os vários motivos que apontamos para uma guinada social na Linguística Cognitiva podem ser traduzidos em um Compromisso Sociosemiótico¹⁰. Para complementar o Compromisso Cognitivo, estabeleceremos **um compromisso de fazer com que as explicações sobre a linguagem humana respeitem a sua condição de fenômeno semiótico e social – ou seja, de ferramenta intersubjetiva, que varia histórica e socialmente –, bem como de fundamentar essas explicações em uma metodologia que, do mesmo modo, transcenda o indivíduo**. Na atual fase de desenvolvimento da Linguística Cognitiva, esse ainda não é um compromisso totalmente consolidado: embora – ou justamente porque – a Linguística Cognitiva se colocasse, em princípio, em contraposição à gramática gerativa, ela trazia consigo influências da tradição mais canônica da linguística moderna, resumidas nas seções anteriores. A título de conclusão, podemos listar as principais práticas que precisam ser abandonadas ou modificadas pelas perspectivas linguísticas que adotarem o Compromisso Sociosemiótico:

- confiança unicamente na introspecção (ou intuição);
- inclinação a traços universais da linguagem em detrimento de uma atenção à historicidade e à variabilidade da língua;
- crença nas línguas como sistemas internamente homogêneos; e
- preferência pela condição da linguagem como fenômeno psicológico de “mundo dois” sobre a sua condição como fenômeno intersubjetivo de “mundo três”.

¹⁰ O termo *sociosemiótico* é usado em diversos contextos teóricos, desde a linguística funcional de Halliday (1978) até os vários ramos da semiótica em geral (ver COBLEY; RANDVIIR, 2009). Da forma como é usado neste artigo, esse termo não supõe uma filiação específica a quaisquer dessas abordagens.

Os dois primeiros itens dessa lista são mais frágeis do que os dois últimos. Métodos de corpus e abordagens experimentais – que, vale ressaltar, incluem introspecção e intuição como componentes do processo empírico; ver Geeraerts (2010b) – ocupam uma posição mais sólida (talvez, até mesmo, predominante) nas investigações linguísticas, mesmo com a sua expansão estando, de alguma forma, comprometida pela falta de treinamento metodológico adequado em muitos currículos de linguística. Do mesmo modo, a atenção que o nome “sociolinguística cognitiva” tem conseguido atrair (ver as referências na primeira seção) ou, ainda, o interesse em pesquisas históricas na Linguística Cognitiva (WINTERS *et al.*, 2010; DIAZ-VERA, 2015) mostram que o interesse dos linguistas cognitivistas não está, de fato, voltado exclusivamente para traços universais.

Os últimos dois hábitos da lista, no entanto, parecem mais rígidos. Também estão relacionadas entre si: se você acredita que a gramática se configura como um sistema internamente homogêneo (no sentido estruturalista), que é compartilhado de modo uniforme entre todos os membros de uma comunidade linguística, então, as realidades psicológica e social da linguagem simplesmente se igualam: o que existe dentro da cabeça é exatamente a mesma coisa que o que molda o comportamento da comunidade. É tentador, inclusive, pressupor (em total conformidade com a tradição gerativista de entender a linguagem) que a realidade psicológica é, em certo sentido, mais básica, visto que ela seria, em virtude dos seus substratos biológico e neurológico – isto é, da sua corporificação literal –, de algum modo mais palpável do que a realidade social da linguagem.

Contudo, se você considerar as variações social e individual no interior de uma comunidade linguística, então, as regras e tendências que moldam o comportamento da comunidade e a representação mental dos indivíduos sobre essas regras podem não coincidir. O comportamento linguístico individual representará um reflexo parcial ou distinto do comportamento coletivo, e – conforme mostram dados de ultrassom – comportamentos externos idênticos podem, inclusive, ser produzidos internamente de formas diferentes, por indivíduos diferentes. Nesse sentido, ter um bom entendimento do comportamento da comunidade consiste em um objetivo diferente do de investigar representações mentais – e em um objetivo imprescindível para a interpretação adequada de fenômenos psicológicos.

Isso sugere, ainda, que o apego da Linguística Cognitiva pelo Compromisso Cognitivo precisa diminuir. Sim, precisamos de gramáticas cognitivamente realistas, mas também precisamos dar uma atenção sistemática às realidades intersubjetiva, social e histórica da linguagem. Uma boa dose de modéstia é recomendável aqui: melhor seria se os linguistas cognitivistas reconhecessem que ainda não sabem exatamente como conciliar os dois

compromissos. Em linhas muito gerais, todas as considerações relativas à sociolinguística cognitiva feitas ao longo deste artigo representam pontos de partida para maiores avanços. De um lado, fatores psicológicos como custo de processamento ou efeitos de *priming*¹¹ podem ser acomodados em estudos variacionistas. Do outro, variações letais e pragmáticas podem ser acrescidas a teorias de conhecimento gramatical. E, entre os dois lados, um modelo bem ordenado e equilibrado como o de Schmid (2016) pode atuar como um pano de fundo estrutural, sobre o qual diversos aspectos dessa empreitada podem ser dispostos. Porém, para além desses ganhos imediatos, questões em aberto – particularmente, as relacionadas ao significado como central na Linguística Cognitiva – ficam no aguardo. Se significados são, de fato, *construals*¹² sociais¹³, eles deveriam existir antes na comunidade do que dentro da cabeça; porém, se eles existem menos na cabeça do que os linguistas cognitivistas afirmam, então, vasculhar dentro dela em busca de significados também é menos eficiente do que temos acreditado. Contudo, achar que os significados não estão necessariamente dentro da cabeça não é algo novo na filosofia da linguagem; confrontar a semântica filosófica deveria estar no topo da nossa agenda de reconsiderações sobre os fundamentos da Linguística Cognitiva. Em comparação com o desafio inerente a esse confronto, não importa se o resultado disso, no final das contas, ainda poderá ser chamado de “Linguística Cognitiva”...

Referências:

BARTSCH, R. **Norms of language**: theoretical and practical aspects. Londres: Longman, 1987.

¹¹ *Priming* (semântico) se refere ao fenômeno em que a exposição a um dado estímulo (verbal) intervém no processamento de outro estímulo subsequente, que seria mais prontamente associado ao primeiro (MCNAMARA; HOLBROOK 2003). O termo não possui uma tradução consensual em língua portuguesa. (N. T.)

¹² O termo *construal* representa a nossa habilidade expressa de conceber e descrever a mesma situação de maneiras alternativas (LANGACKER, 2013) e não possui uma tradução consensual em língua portuguesa. (N. T.)

¹³ No âmbito desta edição especial – e sabendo que as publicações de Geeraerts (1985, p. 309-370) e de Geeraerts (1993) foram as primeiras na história da Linguística Cognitiva a analisar a importância particular da fenomenologia –, vale salientar que a postura sociossemiótica defendida aqui é, em grande medida, compatível com a perspectiva fenomenológica descrita por Zlatev (2016), especialmente na medida em que o significado é definido como um *construal* convencionalizado. Ao mesmo tempo, uma perspectiva fenomenológica não possui necessariamente as propriedades curativas sugeridas por Zlatev. Alguns temas merecem análise. Em primeiro lugar, o método de redução fenomenológica é sensível a uma mudança idealista, conforme ilustra o trabalho de Husserl. Como tal, ele seria uma base metodológica menos confiável do que se afirma. Em segundo lugar, a tradição fenomenológica não é homogênea. As variações internas – tensões, cisões e divergências desde Husserl em relação a Heidegger e Merleau Ponty até Gadamer e Levinas – da fenomenologia filosófica precisam entrar na discussão para se chegar a um entendimento adequado da sua relação com a Linguística Cognitiva. A tensão explícita, por exemplo, entre a corporeidade da intencionalidade, destacada pelo antigo Merleau Ponty e pela historicidade da experiência em Heidegger, mostra que identificar a relação exata entre experiência e uso, de um lado, e entre sistema e comunidade, de outro, é um problema tanto para a fenomenologia quanto para a linguística.

BECKNER, C.; BLYTHE, R.; BYBEE, J.; CHRISTIANSEN, M.; CROFT, W.; ELLIS, N.; HOLLAND, J.; KE, J. LARSEN-FREEMAN, D.; SCHOENEMANN, T. Language is a complex adaptive system. **Language Learning**, v. 59, n. 1, p. 1-26, 2009.

BRESNAN, J.; FORD, M. Predicting syntax: processing dative constructions in American and Australian varieties of English. **Language**, v. 86, n. 1, p. 168-213, 2010.

COBLEY, P.; RANDVIIR, A. Introduction: what is sociosemiotics? **Semiotica**, n. 173, p. 1-39, 2009.

CROFT, W. Towards a social cognitive linguistics. In: EVANS, V.; POURCEL, S. (Eds.). **New directions in cognitive linguistics**. Amsterdam: John Benjamins, 2009. p. 395-420.

DĄBROWSKA, E. Different speakers, different grammars: individual differences in native language attainment. **Linguistic Approaches to Bilingualism**, v. 2, n. 3, p. 219-253, 2012.

DÍAZ-VERA, J. (Ed.). **Metaphor and metonymy across time and cultures: perspectives on the sociohistorical linguistics of figurative language**. Berlin: De Gruyter Mouton, 2015.

DIVJAK, D.; DĄBROWSKA, E.; ARPPE, A. Machine meets man: evaluating the psychological reality of corpus-based probabilistic models. **Cognitive Linguistics**, v. 27, n. 1, p. 1-33, 2016.

GEERAERTS, D. **Paradigm and paradox: explorations into a paradigmatic theory of meaning and its epistemological background**. Lovaina: Universitaire Pers, 1985.

GEERAERTS, D. Editorial statement. **Cognitive Linguistics**, v. 1, n. 1, p. 1-3, 1990.

GEERAERTS, D. Cognitive linguistics and the history of philosophical epistemology. In: RUDZKA-OSTYN, B.; GEIGER, R. (Eds.). **Conceptualizations and mental processing in language**. Berlin: Mouton de Gruyter, 1993. p. 53-79.

GEERAERTS, D. Lectal variation and empirical data in cognitive linguistics. In: IBÁÑEZ, F.; CERVEL, S. (Eds.). **Cognitive linguistics: internal dynamics and interdisciplinary interactions**. Berlin: Mouton de Gruyter, 2005. p. 163-189.

GEERAERTS, D. Recontextualizing grammar: underlying trends in thirty years of cognitive linguistics. In: TABAKOWSKA, E.; CHOINSKI, M.; WIRASZKA, L. (Eds.). **Cognitive linguistics in action: from theory to application and back**. Berlin: De Gruyter Mouton, 2010a. p. 71-102.

GEERAERTS, D. The doctor and the semantician. In: GLYNN, D.; FISCKER, K. (Eds.). **Quantitative methods in cognitive semantics: corpus-driven approaches**. Berlin: De Gruyter Mouton, 2010b. p. 63-78.

GEERAERTS, D. Schmidt redux: how systematic is the linguistic system if variation is rampant? In: BOYE, K.; ENGBERG-PEDERSEN, E. (Eds.). **Language usage and language structure**. Berlin: De Gruyter Mouton, 2010c. p. 237-262.

GEERAERTS, D.; GRONDELAERS, S. Looking back at anger: cultural traditions and metaphorical patterns. In: TAYLOR, J.; MACLAURY, R. (Eds.). **Language and the construal of the world**. Berlim: Mouton de Gruyter, 1995. p. 153-180.

GEERAERTS, D.; KRISTIANSEN, G. Variationist linguistics. In: DĄBROWSKA, E.; DIVJAK, D. (Eds.). **Handbook of cognitive linguistics**. Berlim: De Gruyter Mouton, 2015. p. 366-389.

GEERAERTS, D.; KRISTIANSEN, G.; PEIRSMAN, Y. (Eds.). **Advances in cognitive sociolinguistics**. Berlim: De Gruyter Mouton, 2010.

GRONDELAERS, S.; SPEELMAN, D.; GEERAERTS, D. Regressing on “er”: statistical analysis of texts and language variation. In: MORIN, A.; SÉBILLOT, P. (Eds.). **6ièmes Journées Internationales d’Analyse Statistique des Données Textuelles**. Rennes: Institut National de Recherche en Informatique et en Automatique. 2002. p. 335-346.

HALLIDAY, M. **Language as a social semiotic**: the social interpretation of language and meaning. Londres: Edward Arnold, 1978.

HARDER, P. **Meaning in mind and society**: a functional contribution to the social turn in cognitive linguistics. Berlim: De Gruyter Mouton, 2010.

HEYLEN, K.; TUMMERS, J.; GEERAERTS, D. Methodological issues in corpus-based cognitive linguistics. In: KRISTIANSEN, G.; DIRVEN, R. (Eds.). **Cognitive sociolinguistics**: language variation, cultural models, social systems. Berlim: Mouton de Gruyter, 2008. p. 91-128.

HOLLAND, D.; QUINN, N. (Eds.). **Cultural models in language and thought**. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.

ITKONEN, E. **What is language?** A study in the philosophy of linguistics. Turku: Åbo Akademis Tryckeri, 2003.

ITKONEN, E. The central role of normativity in language and linguistics. In: ZLATEV, J.; RACINE, T.; SINHA, C.; ITKONEN, E. (Eds.). **The shared mind**: perspectives on intersubjectivity. Amsterdam: John Benjamins, 2008. p. 279-305.

JABERG, K. **Sprachgeographie**: Beitrag zum Verständnis des Atlas linguistique de la France. Aarau: Sauerländer, 1908.

JANDA, L. (Ed.). **Cognitive linguistics**: the quantitative turn. Berlim: De Gruyter Mouton, 2013.

KELLER, R. **On language change**: the invisible hand in language. Londres: Routledge, 1994.

KÖVECSES, Z. **Metaphor in culture**: universality and variation. Oxford: Oxford University Press, 2005.

KRISTIANSEN, G.; DRIVEN, R. (Eds.). **Cognitive sociolinguistics**: language variation, cultural models, social systems. Berlin: Mouton de Gruyter, 2008.

LAKOFF, G. A hipótese da invariância: o pensamento abstrato está baseado em esquemas de imagem? **Cadernos de Tradução**, n. 31, p. 7-46, 2012.

LAKOFF, G.; KÖVECSES, Z. The cognitive model of anger inherent in American English. In: HOLLAND, D.; QUINN, N. (Eds.). **Cultural models in language and thought**. Cambridge: Cambridge University Press, 1987. p. 195-221.

LANGACKER, R. **Foundations of cognitive grammar**: theoretical prerequisites. Palo Alto: Stanford University Press, 1987. v. 1.

LEVSHINA, N.; GEERAERTS, D.; SPEELMAN, D. Towards a 3D-grammar: interaction of linguistic and extralinguistic factors in the use of Dutch causative constructions. **Journal of Pragmatics**, n. 52, p. 34-48, 2013.

MCNAMARA, T.; HOLBROOK, J. Semantic and memory priming. In: HEALEY, A.; PROCTOR, R. (Eds.). **Handbook of psychology**: experimental psychology. Nova Jersey: John Wiley & Sons, 2003. p. 447-474. v. 4.

MIELKE, J. An ultrasound study of Canadian French rhotic vowels with polar smoothing spline comparisons. **Journal of the Acoustical Society of America**, v. 137, n. 5, p. 2858-2869, 2015.

PALMER, G. **Toward a theory of cultural linguistics**. Austin: University of Texas Press, 1996.

POPPER, K. **Conhecimento objetivo**: uma abordagem evolucionária. Tradução: Milton Amado. Belo Horizonte: Itatiaia, 1975.

PÜTZ, M.; ROBINSON, J.; REIF, M. (Eds.). **Cognitive sociolinguistics**: social and cultural variation in cognition and language use. Amsterdam: John Benjamins, 2012.

SCHMID, H. J. Why cognitive linguistics must embrace the pragmatic and social dimensions of language and how it could do so more seriously. **Cognitive Linguistics**, v. 27, n. 4, p. 543-557, 2016.

SHARIFIAN, F. **Advances in cultural linguistics**. Dordrecht: Springer, 2017.

SHARMA, D.; BRESNAN, J.; DEO, A. Variation and change in the individual: evidence from the Survey of English Dialects. In: COOPER, R.; KEMPSON, R. (Eds.). **Language in flux**: dialogue coordination, language variation, change and evolution. Londres: College Publications, 2008. p. 265-321.

SINHA, C.; LÓPEZ, K. J. Language, culture, and the embodiment of spatial cognition. **Cognitive Linguistics**, v. 11, n. 1-2, p. 17-41, 2000.

SZMRECSANYI, B. **Morphosyntactic persistence in spoken English**: a corpus study at the intersection of variationist sociolinguistics, psycholinguistics, and discourse analysis. Berlin: Mouton de Gruyter, 2009.

SZMRECSANYI, B.; HINRICHS, L. Probabilistic determinants of genitive variation in spoken and written English: a multivariate comparison across time, space, and genres. In: NEVALAINEN, T.; TAAVITSAINEN, I.; PAHTA, P.; KORHONEN, M. (Eds.). **The dynamics of linguistic variation: corpus evidence on English past and present**. Amsterdam: Benjamins, 2008. p. 291-309.

VERHAGEN, A. **Constructions of intersubjectivity: discourse, syntax, and cognition**. Oxford: Oxford University Press, 2005.

WINTERS, M.; TISSARI, H.; ALLAN, K. (Eds.). **Historical cognitive linguistics**. Berlin: De Gruyter Mouton, 2010.

ZLATEV, J. Phenomenology and cognitive linguistics. In: GALLAGHER, S.; SCHMICKING, D. (Eds.). **Handbook of phenomenology and cognitive science**. Dordrecht: Springer, 2010. p. 415-443.

ZLATEV, J. Turning back to experience in cognitive linguistics via phenomenology. **Cognitive Linguistics**, v. 27, n. 4, p. 559-572, 2016.

ZLATEV, J.; RACINE, T.; SINHA, C.; ITKONEN, E. (Eds.). **The shared mind: perspectives on intersubjectivity**. Amsterdam: Benjamins, 2008.

How do metaphors shape thought in the wild?

Como as metáforas influenciam o pensamento na sociedade?

Josie Helen Siman

Thiago Oliveira da Motta Sampaio

Monica Gonzalez-Marquez¹

Abstract: This paper examines the theoretical and empirical claims, as put forth by Lakoff and Johnson (1980) and extended by others, that metaphor shapes thought. We discuss how Lakoff and Johnson's original claims about metaphor and thought, particularly characteristics of experimental studies, and the lack of a general theoretical model to make sense of empirical findings, all contribute to misconceptions about how metaphor affects thought. We review key experimental results, explore different interpretations, and present a dynamical model to illustrate how metaphor may affect reasoning. We assume that (i) reasoning is susceptible to multivariate (nonlinear) constraints, including those of metaphors, (ii) metaphors are a variate group, and that (iii) meaning is always contextual, as opposed to being instantiated as abstract conceptual mappings. In this context, we emphasize the need for caution about any generalization involving metaphor theory and experimental evidence to society at large.

Keywords: Metaphors; Cognition; Framing; Psycholinguistics; Society.

Resumo: Este artigo examina as afirmações teóricas e empíricas, apresentadas por Lakoff e Johnson (1980) e estendidas por outros, de que a metáfora molda o pensamento. Discutimos como as afirmações originais de Lakoff e Johnson sobre metáforas e pensamento, características particulares dos experimentos e a falta de um modelo geral para dar sentido às descobertas contribuem para mal-entendidos sobre como as metáforas afetam o pensamento. Além disso, revisamos importantes experimentos, explorando interpretações alternativas, e apresentamos um modelo dinâmico para ilustrar como as metáforas afetam o raciocínio. Ao tomar a posição de que (i) o raciocínio é suscetível a restrições multivariadas (e não-lineares) e as metáforas são uma delas, (ii) as metáforas são um grupo variável, (iii) o significado é sempre contextual, em oposição a ser instanciado em algum mapeamento conceitual abstrato, queremos enfatizar a necessidade de ter cuidado com qualquer generalização a respeito de metáforas a partir de teorias e experimentos para a sociedade em geral.

Palavras-chave: Metáforas; Cognição; Enquadramentos; Psicolinguística; Sociedade.

1. Introduction

In 2013, Al Vernacchio presented a Ted talk² pointing out how American metaphors about sex are based on analogies with baseball that highlight competition, where winners are generally men, and losers are generally women. Al Vernacchio proposed that we need a healthier way to think about sex and suggested we conceptualize it through the lenses of a novel metaphor, i.e. sharing pizza, whereby the competition frame is exchanged for that of mutual satisfaction. There are, in fact, at least ten Ted talks in which speakers urge us to change the

¹ PhD student of Psycholinguistics at Language Studies Institute (IEL/Unicamp), josiesiman@gmail.com; PhD in Psycholinguistics, professor at Language Studies Institute (IEL/Unicamp), thiagomotta@iel.unicamp.br; ABD in Psychology, visiting researcher at RWTH-Aachen, mg246@cornell.edu

² Available at: <https://www.youtube.com/watch?v=xF-CX9mAHPo&t=1s> (access in June, 2021).

metaphors we use to talk about important social issues. The academic literature is also filled with papers that cover the potential negative effects of metaphors in reasoning and behavior. Some go so far as to suggest that switching metaphors may help remedy social problems (LANE *et al.*, 2013; BEHUNIAK, 2011; GEORGE; WHITEHOUSE, 2014; NGATCHA-RIBERT, 2004). A recent example of the urge to change metaphors has been captured by the project “reframing covid³”, in which authors propose we stop using War metaphors to communicate about the pandemic.

The idea that metaphors shape thought is controversial. It was famously suggested by Lakoff and Johnson (1980) and Lakoff (2004) and criticized by different scholars (PINKER, 2006; SCOVEL, 1991; WALKER, 2012). Regardless of its critics, metaphor effects on thought remains a major topic in Cognitive Linguistics and Psychology, as well as in the social sciences in general, because it raises the questions: when do metaphors affect our thoughts without our being aware of them? What are the consequences (to individuals or societies)? Should we change our metaphors? We believe that the admiration, skepticism, and puzzlement regarding metaphors and its role in reasoning derives from the fact that we do not (as far as we know) have an academically shared model of what metaphoric framing effects are and of how it relates to the literature, particularly, to Lakoff and Johnson’s theory. Thus, our main goal in this paper is to suggest a model and discussion of how metaphors shape thought.

In this paper, we: (i) review some key aspects of the history behind the claim that metaphor shapes thought; (ii) discuss key psycholinguistic experimental evidence that metaphors shape reasoning; (iii) present two models of reasoning to help make sense of metaphor’s role in reasoning; and, lastly, (iv) discuss some controversial questions that permeate the social sciences literature.

2. What theories predicted

Conceptual Metaphors (CMs) are metaphors that are entrenched in culture and, as claimed by Lakoff and Johnson, in our cognitive unconscious. CMs are systems of cross-domain mappings that are assumed to be automatically and unconsciously activated when we process metaphors that are based on (or consistent with) these systems (Lakoff 1993). There are thousands of systematic schemas (“in the conceptual system”) that underlie everyday metaphoric expressions (“in linguistic outputs”). For example, the expressions “This

³ Available at: <https://sites.google.com/view/reframecovid/>. Access in: June, 2021.

relationship is going nowhere”, “We are spinning our wheels”, “Our marriage is on the rocks” are all instantiations of the conceptual metaphor LOVE IS A JOURNEY, which comprises cross-domain mappings whereby LOVERS ARE TRAVELLERS, RELATIONSHIP IS A VEHICLE, DIFFICULTIES (IN THE RELATIONSHIP) ARE OBSTACLES (IN THE JOURNEY) and so on (cf. LAKOFF, 2008).

When Lakoff and Johnson (1980) proposed that metaphors structured thought and influenced behavior, it was a controversial claim (GIBBS, 2011; 2017). At the time, the core discussions centered around whether conceptual metaphor provided structure to abstract concepts that would not otherwise have much content. It was assumed that abstract concepts were almost entirely composed of conceptual metaphors, i.e., fixed and enduring projections from more familiar, structured, and concrete domains of knowledge to less familiar, less structured, and more abstract domains⁴. As Sauciuc (2013, p. 244) synthesized:

CMT posits that only a few basic domains and concrete concepts emerge directly from bodily experience: e.g., spatial orientation, containment, force, and temperature. All abstract concepts – including emotion concepts – are indirectly grounded in these basic domains by sets of enduring metaphorical mappings, whose purpose is to assist understanding the more abstract concepts in terms of the more concrete ones. (KÖVECSES, 2000, p. 4)

Lakoff and Johnson’s (1980) claim that metaphors shaped (or “determined”) thought was predicated on the idea that metaphors were a large part of what our concepts were, thus metaphors were the lenses through which we saw the world. Metaphors shaped thought because they were believed to be the very structure that supported our thoughts about abstract issues:

Since much of our social reality is understood in metaphorical terms, and since our conception of the physical world is partly metaphorical, metaphor plays a very significant role in *determining* what is real for us (Lakoff & Johnson 1980 p. 147 italics ours).

This idea is also mentioned by Goatly (2007, p. 4), even though the author later explains that he believes that language predisposes thought (i.e., does not determine it):

[...] language is not some transparent medium through which we think, but that it shapes our thoughts and practices. So the conventional metaphors in the discourses of race, sex, politics, defence, economics, environment, and so on, tend to determine our ways of thinking/ consciousness and acting/practice in these social spheres.

⁴ The definitions of metaphors changed with time (see LAKOFF, 2008; GIBBS, 2017).

The strong view that metaphors were almost entirely responsible for our abstract concepts has been extensively criticized (MURPHY, 1996; SAUCIUC, 2013; BUNDGAARD, 2013, 2019). Today, research in abstract and concrete concepts abound, and we know that these concepts comprise much other rich knowledge beyond metaphors (DESAI *et al.*, 2018; BORGHI *et al.*, 2018; DAVIS *et al.*, 2020; SIMAN; FIGUEIREDO, in press). Moreover, the idea that metaphors shape thought is often speculative and biased by the author's own ideology. For example, Goatly suggests that the metaphor "I don't buy that idea" conveys a latent ideology that ideas are things that we can buy according to our needs and desires. A different analysis would suggest that people use this metaphor because they have gone through the experience of being deceived by a salesperson who tried to make them buy a useless product as if it were good, thus, when people see that an idea seems suspicious, they may choose to not "give credit" to it, in order not to be deceived.

Metaphors probably do not determine what is real for us, although the claim that metaphors play a significant role in cognition is well supported by the empirical literature (GIBBS, 2017). Arguably the most important claims in Lakoff and Johnson's theory are: (i) that our embodied experiences bias the way we understand some aspects of abstract (and concrete) experiences (e.g. part of our understanding of TIME recruits the conceptual metaphor TIME IS A MOVING ENTITY, e.g. BORODITSKY; IMAI; GENTNER, 2002); (ii) some metaphors are systematically related (e.g. "She **attacked** my argument", "I **defended** my argument"); (iii) metaphors are not merely rhetorical or poetic figures; they comprise a cognitive phenomenon that likely affects reasoning.

According to Conceptual Metaphor Theory (LAKOFF; JOHNSON, 1980), conceptual metaphors were expected to shape thought because they were fixed and determinant systems. Today, some authors endorse the claim that: "Conceptual metaphors should probably be seen as cognitive tendencies, rather than systematic and coherent structures that fully govern the semantics of a group of lexical items" (SVANLUND, 2007; GIBBS, 2017). Variations in the construct of conceptual metaphors are also emphasized:

The generality at which implicit metaphors can be identified, and the family of metaphors to which a particular expression belongs, may therefore be indeterminate. Different individuals may interpret the same expression according to different implicit metaphors and derive different entailments. This possibility does not imply that conceptual metaphor theory (CMT) is circular or untestable. Nonetheless, there may not always be singular correspondences between specific verbal metaphors and particular underlying conceptual metaphors. (GIBBS, 2017, p. 115)

Another influential idea is that metaphoric framing (LAKOFF, 2004) - which is the choice of metaphor in the ongoing discourse, as opposed to fixed metaphors in the mind determining thought - can significantly and unconsciously shape people's thoughts, affecting, among other domains of experience, the course of politics. Both conventional and novel metaphors are expected to influence how people reason about political issues (i.e., the scope of analysis is not merely the "metaphors we live by", which are engrained in our thoughts and cultures, but all metaphors). In *Don't think of an Elephant*, Lakoff (2004) suggested that a metaphor used by right-wing politicians, such as "Tax Relief", could sway public opinion. The reasoning was that the public would make the inference that anyone who advocates for taxes is evil, and those who propose to decrease taxes are heroes, for unloading the "burden" of taxes from the taxpayer (i.e., "tax relief"). Lakoff goes as far as to suggest that left-wing politicians should reframe the debate and use an alternative metaphor: taxes are membership fees, which we must pay to use the amenities of our country, such as good roads, public spaces, etc.

Pinker (2006), among others, has criticized Lakoff's claims:

The upshot is that people can evaluate their metaphors. In everyday conversation they can call attention to them, such as the deconstruction of the "time is space" metaphor in the African American snap "Your mama's so dumb, she put a ruler on the side of the bed to see how long she slept." And in science, practitioners scrutinize and debate whether a given metaphor (heat as fluid, atom as solar system, gene as coded message) accurately captures the causal structure of the world, and if so, in which ways [...] Finally, even if the intelligence of a single person can be buffeted by framing and other bounds on rationality, this does not mean that we cannot hope for something better from the fruits of many people thinking together—that is, from the collective intelligence in institutions such as history, journalism, and science, which have been explicitly designed to overcome those limitations through open debate and the testing of hypotheses with data.

There are many reasons why Lakoff's claims elicit skepticism. For example, given the notable complexity and dynamism of the political and social spheres (CHOMSKY, 2013), it is difficult to see how metaphors can have an impact on the multivariate course that stretches through time leading to a political outcome. Lakoff's claim (2004) seemed to imply that the reason right-wing politicians were popular was (in significant part) explained by the fact that they used metaphors to sway public opinion, and that a change of metaphors could help left-wing politicians. Could metaphors help shape the course of politics? How do metaphors interact with previous beliefs, knowledge, and ideologies? If we consider all the factors that may interact with metaphors in the wild, would metaphor still be relevant enough? Conceptual Metaphor Theory has never predicted anything about the conditions under which metaphors are likely to

shape thought as opposed to being resisted (GIBBS; SIMAN, in press) or ignored. Before we offer some considerations on those questions, let us first consider some evidence that metaphors, indeed, shape thought.

3. What experiments show

There are many experiments that support Lakoff and Johnson's Conceptual Metaphor Theory (see GIBBS, 2017 for a review). Experimental evidence suggest that it is plausible that (i) conceptual metaphors are part of our conceptual system, even if they do not constitute most of our abstract concepts (as we have discussed in the previous section); (ii) conceptual metaphors affect how metaphors are processed, but not always (THIBODEAU; DURGIN 2008; MCGLONE, 2007; MILLER *et al.*, 2020); (iii) metaphors affect reasoning under very specific conditions (see below); and (iv) the effects of metaphors on reasoning are not exclusive to conceptual metaphors, but extends to analogies in general (e.g. THIBODEAU; BORODITSKY, 2011; GENTNER; GENTNER, 1983).

The tests of how metaphors affect reasoning have some similarities. Scientists present participants with texts about a subject (e.g., crime). The texts are almost the same in every condition, except for the metaphors: each condition has a metaphorical framing. That is, they have the same base (e.g., crime), but different vehicles (e.g., beast vs. virus). For the experiment to work, participants need to understand the implied analogy. They need to understand that when we say that "crime is a beast", we mean that the crime situation is (possibly) dangerous, out of control, aggressive, in need of authorities to contain it. On the other hand, when we say that "crime is a virus", we emphasize (possibly) that crime is spreading from person to person, and in need of social action, conscientization, remedy. Participants must (unconsciously) understand some of the implications of these analogies, as they reply to questions about the text they have just read (e.g., what recommendations would they make to stop crime). Experiments show that participants reply in a metaphor-consistent way. That is, in the "beast" condition, they tend to suggest (consistently with the metaphor) more punitive measures ("Lock up criminals"), and in the "virus" conditions, they tend to suggest preventive measures ("invest in educational programs") (see Thibodeau & Boroditsky 2011).

Experiments using metaphoric framing are an effective way of showing that people can respond to metaphors by working out the implicit analogies. But how well do these findings illuminate real-world possibilities? An experiment's ecological validity might be questioned because experimental stimuli (texts) are tailor-made to produce effects – if we add more

information to the text or change information in the text or the world, we can no longer be sure how participants will behave upon encountering the same metaphors.

For instance, Hart (2017) found that metaphors could shape thought, but not when participants had a conflicting source of information. In their experiment, participants read a text about a civil disorder that was framed with “fire” metaphors. Participants were more likely to support police use of water cannons in response to social unrest when they read a text with fire metaphors than when they read a text with the same information but no fire metaphors. However, when the same texts were presented with an image of civilians that suggested their actions were not so threatening, participants were not influenced by fire metaphors. Thus, when participants were exposed to images (photos) that contradicted what the metaphor (text) suggested, the evidence suggested their thoughts were not shaped by metaphors. But is it the case that having a conflicting source of information will always win over metaphoric description? What counts as a conflicting source of information for different people along the ideological spectrum (regarding different subjects) may well be very different in the wild, as opposed to in the lab (considering the few interacting constraints we can test in the lab).

Elmore and Luna-Lucero’s (2017) research on the interaction between metaphor and beliefs/stereotypes produced some enlightening evidence. In their experiment, the authors found an interaction between metaphors about seeds or light bulbs and beliefs about the quality of women’s and men’s inventions. When an idea was described as a light bulb (implying suddenness and genius) and was attributed to a woman, participants rated the idea as less genius-like than when it was attributed to a man. When the same idea was described as a seed (implying long processes and effort “to grow”) and was attributed to a woman, participants rated the idea as more genius-like than when it was attributed to a man. This suggests that there is an interaction between metaphors and stereotypes (or beliefs about women and men in science), since, apparently, it is believed that a woman’s idea can be genius-like if she develops them during a long period of time (seed), but not if she has a sudden insight (light bulb). On the other hand, men’s ideas appeared to conform to the stereotype of genius only if they occur suddenly (light bulbs), but their ideas seemed unimpressive if they needed to develop over time (seed). Thus, the very same metaphor yielded the opposite effect when a small change was made, in this case, the sex of the scientist to which the metaphor alluded. But is it always the case that metaphors will interact with beliefs about gender? Or might it be the case that different metaphors have different “interactive profiles”?

Hart (2021) suggests that hyperbolic metaphors, such as calling immigrants a “plague”, are resisted by participants who do not find the metaphors appropriate. But are they resisting

the metaphor out of moral obligation? Could these metaphors impact their thinking under other conditions that were not met by the experiment? For example, the same experiment (in which participants either read a text that compares immigrants with a plague or a text with no such a metaphor) could be followed up by a question related to how much money participants thought the government should allocate to helping immigrants. If participants who were exposed to “plague” metaphors suggested spending less money on immigrants than participants in the control condition, we would be capturing a metaphoric framing effect that is more subtle. The psychological literature is full of examples of the discrepancy between what people consciously say, and what they unconsciously do (cf. GIBBS; SIMAN, in press). We might expect that a metaphoric effect is essentially the process by which metaphors scaffold reasoning, but metaphors have other dimensions, like valence, that can bias thought independently of structural effects.

Experiments are different in several ways. Some studies about metaphoric framing effects use texts and images (reinforcing the metaphors, for instance), others use only texts; metaphors are of different types (conventional, novel, etc.) in different experiments; metaphors are displayed in different positions in the text and different numbers. Sometimes it is rather unclear if all metaphors in an experiment are equally contributing to the effect or if there are specific metaphors that are responsible for the effect. For instance, in Hauser and Schwarz’s (2015) experiment, it is possible that the metaphor in the question alone is the key to producing the effect, with the other metaphors in the text being less relevant. In short, experiments create optimal conditions for metaphors to shape thought, and there is no evidence that the effects they produced would be reproduced under modified experiments, much less in the wild, where we have contrasting sources of information and real consequences to consider.

Paying attention to these issues can help us develop a better sense of how situations build up around metaphors to create an effect. We must realize what conclusions we can derive from experiments (and from theories) if we want to effectively interfere with metaphor use in society (i.e., recommend the use of one metaphor over the other, e.g., HAUSER; SCHWARZ, 2016). There are still many questions we can ask regarding what metaphors may shape whose thoughts about what issues and under what circumstances. In this section, we have emphasized that there can be no deterministic generalization about metaphors, because metaphoric effect and meaning are subject to the “interactive” context in which they emerge.

4. A model for reasoning

In section 2 and 3, we discussed the claim that metaphors shaped thought and how it has evolved from the original theory (e.g., LAKOFF; JOHNSON, 1980) – where metaphors were argued to determine thought – to the experimental literature (e.g., THIBODEAU; BORODITSKY, 2011; FLUSBERG *et al.*, 2018) - where metaphors are said to bias thought, given specific conditions. Again, interactions are key. The role of metaphor in shaping reasoning would be especially controversial if authors were claiming that metaphors, as a fixed entity, had a determinant role in shaping reasoning. Dynamical systems theory offers a potentially more productive framework to understand the behavior of metaphors (THIBODEAU *et al.*, 2019). From this perspective, metaphors play a probabilistic role in reasoning (GIBBS, 2017; 2019), which means that depending on contextual variables, metaphors may have either a strong effect, a small one, or no significant effect. Experiments must continue to explore what variables are relevant and in what contexts.

Currently, we have no models to account for the differing interactive factors that constrain our metaphoric reasoning. To make progress in this direction, this section presents two ways to envision a model for metaphoric framing effects. Both models are supposed to account for the probabilistic and interactive nature of reasoning. Computational models help us focus on fine-grained cognitive phenomena. Complex systems models help us focus on how behavior is, in fact, constrained by different factors in different timescales. It is important to keep in mind that no model is complete.

Kruglansky *et al.* (2007, p. 272) use the notion of “judgmental parameter” to propose a judgment model with several variables intersecting at some of their values in each judgmental instance. Their model can account for different parameters that could influence or bias reasoning, and that are weighted contextually and individually:

As presently conceived, the judgmental parameters constitute quantitative continua whose specific values are determined by diverse factors: A given informational stimulus may afford a strong inference because its perceived relevance was innately “wired into” the human perceptual system, because such relevance was learned over repeated experience (Neal *et al.*, 2006), or because it was derived from highly regarded “epistemic authority” (Kruglanski *et al.*, 2005), and so on. Similarly, task demands could be multiply determined by informational complexity, signal to noise ratio, ordinal position, or perceptual modality. Cognitive capacity could be determined by rule accessibility, in turn affected by the recency or frequency of its activation (Higgins, 1996), and/or by cognitive capacity determined by cognitive load, fatigue, and depletion occasioned by prior pursuits (Baumeister *et al.*, 2000).

Motivation could be determined by expectancies and values attached to a variety of judgmental outcomes and processes, for example to the cognitive activity itself (Cacioppo & Petty, 1982), to cognitive closure (Kruglanski, 2004; Kruglanski & Webster, 1996), accuracy (Funder, 1987; Kruglanski, 1989), accountability (Tetlock, 1985), impression management (Chaiken *et al.*, 1989), ego enhancement (Kunda, 1990), and so on.

Kruglanski *et al.* (2007) also assume that judgmental parameters are orthogonal and that their values derive from largely independent determinants. This means that the subjective-relevance of information may derive from a prior forging of conditional IF-THEN links between informational categories. Also, the authors explain that the magnitude of processing motivation may derive from various goals that persons might have; task demands may depend on the nature of the problem posed; and the stimulus context and cognitive resources may depend on rule accessibility and cognitive business, all representing very different concerns. This is a model that highlights that judgments are multivariate and context-sensitive. Besides, we would like to add that values are not fixed, but change in relation to one another in context. This is what allows humans to exhibit rich kinds of behaviors.

By using this parametric system to understand experiments on metaphors, we suggest that what experiments do is an attempt to downplay (or weigh down) all the competing variables that could enter participant's judgments configurations, so that what will stand out is the metaphor. Thus, it is never the case that experiments find that metaphors shape thought in a given portion of the population about some subject – it is rather the case that metaphors offer analogical implications, that will be derived (if participants have the proper semantic knowledge) and used by people unless some other variable interferes with it. What counts as an interfering variable depends on the context, on what participants think they are doing, their beliefs, other sources of knowledge, etc.

Moreover, success in identifying an important variable does not mean this variable is always relevant. Findings can be counteracted provided the right conditions are met. For instance, Thibodeau and Boroditsky (2011) found that metaphors influence reasoning when they are at the beginning of a text, but not at the end. But Robins and Mayers (2000, study 3) found that metaphors at the end of the text work just fine. It seems that the difference between the two studies lies in the function of metaphors. In the first case, the metaphor at the end of the text had a wrap-up function, perhaps, it was not perceived as an argument. In the second case, the metaphor at the end of the text was a character's reply, which counted as central information for the activity proposed in the experiment.

In short, we are arguing that people can infer cross-domain mappings, especially during off-line judgment tasks – which is not the same as saying that cross-domain mappings and inferences are realized every time one reads a metaphor (cf. STEEN, 2017; BOWDLE; GENTNER, 2005; GLUCKSBERG *et al.*, 1997; MILLER *et al.*, 2020). Moreover, metaphors may influence reasoning, but under very specific conditions, and experiments do not reflect the full range of dynamics that metaphors exhibit as part of our daily lives. Metaphors shape thought, but not just any metaphor, and not in just any context.

This understanding is implied by some scholars, but it is not often discussed. Thibodeau *et al.* (2017, p. 860) state that:

One important consideration in attempting to quantify the influence of metaphor on reasoning is the laboratory environment, which may artificially constrain (or inflate) such estimates. [...] Experiments are often designed to answer specific questions about how metaphors influence language processing, memory, or inference; as a result, they are carefully constructed to, for example, minimally instantiate the metaphor. In the real world, metaphors are often extended and supported in ways that might make them more (or less) influential. Future work may seek to establish a more ecologically valid way of estimating the effect of metaphor by using more realistic stimuli.

It is important to contrast what experiments show with any categorical or deterministic claims about metaphors. It is also important to acknowledge this discussion in the face of claims that stand out as carrying a different message, such as: “Metaphoric thinking exerts a significant and far-reaching influence on consumer thought and behavior” (LANDAU *et al.* 2018, p. 54) or:

We find that exposure to even a single metaphor can induce substantial differences in opinion about how to solve social problems: differences that are larger, for example, than pre-existing differences in opinion between Democrats and Republicans. (THIBODEAU; BORODITSKY, 2011, p. 1)

With these excerpts, we point out a discrepancy, on the one hand, in how we frame the importance of metaphors and findings, which seems to imply that framing effects are quite significant for society (instead of being significant under experimental conditions), and, on the other hand, what experiments suggest, which is a dynamic, multivariate phenomenon (relationships with society are not so clear yet). When excerpts like these are added to the classic background about conceptual metaphors, they imply that we must stop using one metaphor or

another, or that we can solve social problems by changing metaphors (see discussion in the next section). We need to reach a more complex understanding of metaphor's role in reasoning.

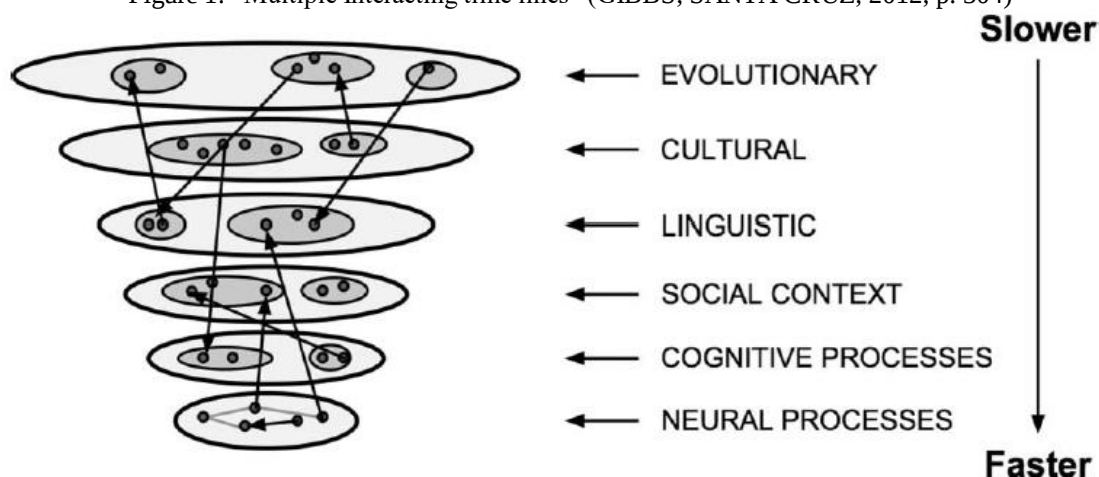
The first model we have introduced is based on the classic (computational) sciences. We hoped that by presenting it, scholars may start to consider how the interplay of factors can be accounted for in our theorizing about metaphoric framing effects.

Let us consider now how to model metaphoric framing effects using a background in complex systems science. This model would have to contemplate multiple timescales that affect reasoning, as people's judgments are self-organized in real time. Every behavior is caused by multiple factors that extend from evolutionary time to development, to what has just happened in the context people are in, to the experiences they had days earlier, etc. A real explanation involves considering all the interdisciplinary knowledge we have about the phenomena we study. As Sapolsky (2017, p. 18) says:

[...] it is impossible to conclude that a behavior is caused by a gene, a hormone, a childhood trauma, because the second you invoke one type of explanation, you are de facto invoking them all. No buckets. A “neurobiological” or “genetic” or “developmental” explanation for a behavior is just shorthand, an expository convenience for temporarily approaching the whole multifactorial arc from a particular perspective.

We can extend Sapolsky argument to say that every time one is evoking a “linguistic”, or a “psychological” or a “cultural” or a “social” or a “evolutive” explanation for any cognitive phenomenon, they are de facto invoking everything at once – there is no separation and no precedence of one type of explanation over the other. In this sense, every time one reads a metaphor, the type of behavior that they engage in (e.g., thinking or making decisions that may be affected or not by the metaphor), is the result of the self-organization of multiple probabilistic and mostly non-deterministic factors. Discussing all these factors is beyond the goal of this paper (but see GIBBS; SANTA CRUZ, 2012; GIBBS, 2013).

Figure 1: “Multiple Interacting time lines” (GIBBS; SANTA CRUZ, 2012, p. 304)



In fact, as Gibbs (2017, p. 15) points out: “[...] conceptual metaphors may be emergent products of multiple, nested factors (i.e., biological, historical, cultural, social, cognitive, and linguistic), and may interact with many knowledge sources and experiences to create context-sensitive, task-specific metaphoric behavior”. Not only does conceptual metaphor emerge from multiple factors, but so does reasoning.

The point of complex systems thinking is that we are generally dealing with phenomena that are much more complex than our minds or computers can adequately model. Thus, we end up making choices regarding what goes in and out of our models. A complex systems’ model, in contrast with classic models, would have to be holistic, specifying how behavior (e.g., metaphoric framing effects) can emerge from the interaction of factors that are embodied, contextual, social, biological, evolutionary, etc. Not being able to account for the entire model, choices are made to accomplish useful goals (cf. SMALDINO, 2017), for example, gaining insight on how to best approach a complex social phenomenon.

5. Metaphoric reasoning in the wild

Metaphors in the wild are somewhat different from metaphors in experiments. For one thing, metaphors in the wild are not followed up by a question or a need to make a judgement. Moreover, metaphors in the wild may involve many different variables that are not present in the experiments and that might render metaphors ineffective.

It is important to make clear what we mean when contrasting the laboratory and the wild – or social contexts written large. There are experiments on some topics that are very suitable to real life situations, meaning that what happens in the wild is not so different from what

happens in the lab (e.g., GIBBS; VAN ORDEN, 2012). But this is by no means always the case (e.g., SMITH *et al.*, 1999). When we talk about metaphors in the wild, we have to acknowledge that (i) people are exposed not to one metaphor in a text (e.g., a War metaphor in a Newspaper), but to many metaphors (e.g., Journey, Fire, etc. metaphors in different texts); (ii) different events may unfold from the time a person reads a metaphor to the time she makes a judgement; (iii) external factors might interfere with the judgement (e.g., even if a person was influenced by the metaphor, she might discuss the subject with someone else, or engage in other activities that might counteract the metaphoric effect); (iv) (most/some) people might not always read metaphors for interpretation in the wild, but merely skim through; etc. These points are important insofar as we want to establish what role metaphors may play in shaping the course of an event (e.g., a candidate winning the elections).

At this point, there is no clear understanding of how metaphors operate in society. There is no way of predicting how society (or anybody) will respond to metaphors. To begin to understand this problem, we might have to consider the many timescales and dimensions of meaning a metaphor may have. Some of them are:

(i) The timescale of interactions: at this timescale, a person either produces or comprehends a metaphor. Situated in a task, the listener may either fully process a metaphor (i.e., interpretation) or not (in the last case, no effect is supposed to arise). The speaker may also produce a metaphor that they choose to commit to (i.e., seeing the situation X as if it were Y), but in any case, as situations can change with time, so can the speaker's commitment to the metaphor.

(ii) Larger timescales (cultural, historical, etc.): At larger timescales, a metaphor can be recurrent and culturally entrenched, so it may have the effect of being strongly and readily available and have cultural significance. This is what happens with War metaphors as applied to diseases. War metaphors seem more appealing, emotionally engaging, and useful to describe diseases than intellectually crafted alternative proposals (SEMINO, 2020; MITCHELL, 2020). This commentary, we must insist, is not deterministic, but is meant to suggest that as much as novel metaphors may be semantically appealing, conventional metaphor has a history with multiple dimensions of psycho-social significance. And they are always there at "cognitive reach".

(iii) From shorter to longer timescales: Novel metaphors might be used once, by a few people, during a short time. Or they might be used frequently, by many, and enter our cultural shared background of metaphors, or our semantic memories (cf. BOWDLE; GENTNER, 2005). What makes a metaphor enter our collective cultural backgrounds? Here is what the answer is

not: sheer repetition (PINKER, 2006). If society is a self-organized system, asking people to stop using a metaphor that they are biased to use and change it for a random metaphor, does not seem to be the best option as well (not that language and conceptual change cannot happen by overt agreement, but most of the time, change does not take place by following a central command) – but then again, this is not deterministic (since even the mere fact of proposing a change is contextual and interacts with many factors). A reasonable answer is that novel metaphors that enter the cultural system are those which capture people's worldview and values. What we mean is that one does not need to persuade people to say that “Alzheimer's disease is a tragedy” – the analogy is trivial for anybody who shares the values of a western society. However, one would encounter obstacles in persuading people that Alzheimer is not a tragedy, but a “teacher who teaches us that forgetting is a part of life”. Novel metaphors that capture hegemonic experiences prevail. If this is so, what we need is not a change of metaphors, but a change of society, so that our collective experiences can change enough to accommodate a different type of novel metaphors.

Do not change the metaphors, change the (social) system is an argument consistent with complex systems science (FISHER, 2017, p. 27):

Planned economies have a dismal record. Attempts to alter ecological systems for our own benefit have sometimes proved disastrous, as when the Hawaiian cane toad was introduced into Australia in an attempt to control the destructive cane beetle, only to prove itself to be the much more destructive agent itself. Attempts to set up planned utopian societies have almost inevitably ended in failure. If we can't easily foresee the consequences of our actions in complex situations, should we not simply leave the situation alone and watch what develops? The argument, cast in mathematical form by Wolfram (1984), has a beguiling appeal, especially if it appears that any action we take has an equal chance of improving the situation or making it worse, and that there is nothing else that we can do. But often there is something else that we can do, in principle at least. We can change the system.

In the beginning of this paper, we introduced a social problem: American society is sexist, and this is captured in the baseball metaphor used to talk about sex. Will suggesting new metaphors counteract thousands of years of culturally ingrained sexism? There are two outcomes that are more likely to happen every time we attempt to change language or metaphors: (i) nothing changes (i.e., changing the word “idiot” for “person with mental retardation” becomes a matter of fashion; prejudicial people will continue being prejudicial, and we will be forced to pick another name to label the mental condition ad-infinitum). Up to this point, of the many new metaphors suggested by scholars to reframe numerous issues, we

can hardly estimate their benefit; (ii) it starts a social turmoil: that is, every time we propose linguistic changes, they become ideological disputes – because language choices, especially in the case of metaphors, are interrelated with ideological viewpoints. What is the solution then? Change the system. It is not the point of this paper to discuss how to change society, but a cognitive change would start with having more women in powerful roles, so that our unconscious mind picks up on different patterns.

The investigations over how metaphors shape people's thoughts are in their infancy and many questions remain to be answered. Up to now, no study has been able to clarify how metaphors could have impacted an actual societal problem. When we consider how metaphor might be shaping people's thought in society, it is important to note that even if everything seems to point to a metaphoric influence, a question would remain. Has the metaphor influenced people (e.g., people who were undecided about a subject), or were the people who were already thus inclined only further supported by the metaphor?

6. Final considerations

In this paper, we discussed how Lakoff and Johnson's (1980) original claim that metaphor shaped thought because it determined the structures of abstract concepts may have contributed to some misconceptions regarding metaphoric reasoning in the wild. "Metaphors we live by" (LAKOFF; JOHNSON, 1980) is still one of the most important books on metaphors, and it sends the message that metaphors have a stronger and deterministic power over thought, which we have argued against in this paper.

On the other hand, experiments that study both conceptual and non-conceptual metaphors reveal that metaphors are one of the forces that might shape reasoning. The metaphoric framing effect might depend on how metaphors interact with other variables in the general context. The role of metaphors in reasoning is not deterministic and may shift as contexts change. If we want to claim that experiments on metaphor and reasoning can be attributed to CMT (or read in the light of CMT), we must make clear how CMT can accommodate dynamic and nonlinear findings.

Moreover, in this paper, we briefly suggested two models that can help make sense of metaphor's probabilistic role in reasoning. We also point out that it is difficult for experiments to make claims like "metaphors work better at the beginning of the text than in the end", because there is different overlapping information that will be processed with the metaphor, which is arranged (or self-organized) contextually. For example, metaphors at the end of the text can

have different textual functions: they can be wrap-up commentary (in which case they are probably not going to be used for reasoning) or they can be an important argument (in which case they should be used for reasoning). Thus, generalizations over experiments need to be taken with caution, because slight changes in the text may render the generalization problematic.

In short, metaphors are a useful instrument for reasoning, albeit arguably only in some contexts. They comprise one variable that may shape reasoning unconsciously or consciously. All things being equal, it is important to carefully select metaphors to deliver the best message to an audience. But once one uses a metaphor in speech or text, metaphors enter a very dynamic cognitive world, with many variables that change from time to time, and for different people, making it a challenging task to predict the effects of metaphors on reasoning in the wild. After all, one might need to ask: what metaphors, stated by whom, to what type of audience, read/heard under what conditions, in what supporting textual environment? – the questions go on, as do the empirical investigations that are meant to shed light on metaphoric framing effects.

References:

- BAUMEISTER, Roy F.; MURAVEN, Mark; TICE, Dianne M. Ego depletion: A resource model of volition, self-regulation, and controlled processing. **Social cognition**, v. 18, n. 2, p. 130-150, 2000.
- BEHUNIAK, Susan M. The living dead? The construction of people with Alzheimer's disease as zombies. **Ageing & Society**, v. 31, n. 1, p. 70-92, 2011.
- BORGHI, Anna M.; BARCA, Laura; BINKOFSKI, Ferdinand; TUMMOLINI, Luca. Varieties of abstract concepts: development, use and representation in the brain. **Phil. Trans. R. Soc.** v. 373, n. 1.752, p. 1-7, 2018.
- BOWDLE, Brian F.; GENTNER, Dedre. The career of metaphor. **Psychological review**, v. 112, n. 1, p. 193, 2005.
- BUNDGAARD, Peer F. Are cross-domain mappings psychologically deep, but conceptually shallow? What is still left to test for conceptual metaphor theory. **Cognitive Semiotics**, v. 5, n. 1-2, p. 400-407, 2013.
- BUNDGAARD, Peer F. The structure of our concepts: A critical assessment of Conceptual Metaphor Theory as a theory of concepts. **Cognitive Semiotics**, v. 12, n. 1, 2019.
- CACIOPPO, John T.; PETTY, Richard E. The need for cognition. **Journal of personality and social psychology**, v. 42, n. 1, p. 116, 1982.

CHAIKEN, Shelly, et al. Heuristic and systematic information processing within and beyond the persuasion context. In: J. S. Uleman & J. A. Bargh (Eds.). **Unintended thought**. New York: The Guilford Press, p. 212-252, 1989.

CHOMSKY, Noam. **On anarchism**. New York: The New Press, 2013.

DAVIS, Charles P.; ALTMANN, Gerry T. M.; YEE, Eiling. Situational systematicity: a role for schema in understanding the differences between abstract and concrete concepts. **Cognitive Neuropsychology**, p. 1-12, 2020.

DESAI, Rutvik H.; REILLY, Megan; VAN DAM, Wessel. The multifaceted abstract brain. **Philosophical Transactions of the Royal Society B: Biological Sciences**, v. 373, n. 1752, p. 20170122, 2018.

ELMORE, Kristen C.; LUNA-LUCERO, Myra. Light bulbs or seeds? How metaphors for ideas influence judgments about genius. **Social Psychological and Personality Science**, v. 8, n. 2, p. 200-208, 2017.

FISHER, Len. Society as a complex system: How can we make the best decisions for our future? **Journal and Proceedings of the Royal Society of New South Wales**. v. 150. P.1. 2017. p. 18-30.

FLUSBERG, Stephen J.; MATLOCK, Teenie; THIBODEAU, Paul H. War metaphors in public discourse. **Metaphor and Symbol**, v. 33, n. 1, p. 1-18, 2018.

FUNDER, David C. Errors and mistakes: Evaluating the accuracy of social judgment. **Psychological bulletin**, v. 101, n. 1, p. 75-90, 1987.

GENTNER, Dedre; IMAI, Mutsumi; BORODITSKY, Lera. As time goes by: Evidence for two systems in processing space→ time metaphors. **Language and cognitive processes**, v. 17, n. 5, p. 537-565, 2002.

GENTNER, D.; GENTNER, D. R. Flowing waters or teeming crowds: Mental models of electricity. In: D. Gentner; A. L. Stevens (Eds.). **Mental models**. Hillsdale: Lawrence Erlbaum Associates, p. 99-129, 1983.

GEORGE, Daniel R.; WHITEHOUSE, Peter J. The war (on terror) on Alzheimer's. **Dementia**, v. 13, n. 1, p. 120-130, 2014.

GIBBS JR, Raymond W. Evaluating conceptual metaphor theory. **Discourse processes**, v. 48, n. 8, p. 529-562, 2011.

GIBBS, Raymond W.; VAN ORDEN, Guy. Pragmatic choice in conversation. **Topics in Cognitive Science**, v. 4, n. 1, p. 7-20, 2012.

GIBBS JR, Raymond W.; SANTA CRUZ, Malaika J. Temporal unfolding of conceptual metaphoric experience. **Metaphor and Symbol**, v. 27, n. 4, p. 299-311, 2012.

GIBBS JR, Raymond W. The real complexities of psycholinguistic research on metaphor. **Language Sciences**, v. 40, p. 45-52, 2013.

- GIBBS, Raymond W. **Metaphor wars**. Cambridge: Cambridge University Press, 2017.
- GIBBS JR, Raymond W. Metaphor as dynamical: ecological performance. **Metaphor and Symbol**, v. 34, n. 1, p. 33-44, 2019.
- GIBBS Jr, Raymond W.; SIMAN, Josie H. How we resist metaphors. **Language and Cognition**. 2021. No prelo.
- GLUCKSBERG, Sam; MCGLONE, Matthew S.; MANFREDI, Deanna. Property attribution in metaphor comprehension. **Journal of memory and language**, v. 36, n. 1, p. 50-67, 1997.
- GOATLY, Andrew. **Washing the brain: Metaphor and hidden ideology**. Amsterdam: John Benjamins Publishing, 2007.
- HART, Christopher. 'Riots engulfed the city': An experimental study investigating the legitimating effects of fire metaphors in discourses of disorder. **Discourse & Society**, v. 29, n. 3, p. 279-298, 2017.
- HART, Christopher. Animals vs. armies: Resistance to extreme metaphors in anti-immigration discourse. **Journal of Language and Politics**, v. 20, n. 2, p. 226-253, 2021.
- HAUSER, David J.; SCHWARZ, Norbert. The war on prevention: Bellicose cancer metaphors hurt (some) prevention intentions. **Personality and Social Psychology Bulletin**, v. 41, n. 1, p. 66-77, 2015.
- HAUSER, David J.; SCHWARZ, Norbert. Medical metaphors matter: Experiments can determine the impact of metaphors on bioethical issues. **American Journal of Bioethics**, v. 16, n. 10, p. 18-19, 2016.
- HIGGINS, E. Tory. Activation: Accessibility, and salience. **Social psychology: Handbook of basic principles**, p. 133-168, 1996.
- KÖVECSES, Zoltán. The concept of anger: Universal or culture specific? **Psychopathology**, v. 33, n. 4, p. 159-170, 2000.
- KRUGLANSKI, Arie W. et al. On the parameters of human judgment. **Advances in experimental social psychology**, v. 39, p. 255-303, 2007.
- KRUGLANSKI, Arie W. et al. Says who? Epistemic authority effects in social judgment. **Advances in experimental social psychology**, v. 37, p. 345-392, 2005.
- KRUGLANSKI, Arie W. **The psychology of closed mindedness**. Psychology Press, 2004.
- KRUGLANSKI, Arie W.; WEBSTER, Donna M. Motivated closing of the mind: "Seizing" and "freezing". **Psychological review**, v. 103, n. 2, p. 263-283, 1996.
- KRUGLANSKI, Arie W. Lay epistemic theory in social-cognitive psychology. **Psychological Inquiry**, v. 1, n. 3, p. 181-197, 1989.

KUNDRA, Ziva; SINCLAIR, Lisa. Motivated reasoning with stereotypes: Activation, application, and inhibition. **Psychological Inquiry**, v. 10, n. 1, p. 12-22, 1999.

LANDAU, Mark J.; ZHONG, Chen-bo; SWANSON, Trevor J. Conceptual metaphors shape consumer psychology. **Consumer Psychology Review**, v. 1, n. 1, p. 54-71, 2018.

LANE, Heather Patricia; MCLACHLAN, SueAnne; PHILIP, Jennifer. The war against dementia: are we battle weary yet? **Age and ageing**, v. 42, n. 3, p. 281-283, 2013.

LAKOFF, George. **The all new don't think of an elephant!:** Know your values and frame the debate. Vermont: Chelsea Green Publishing, 2004.

LAKOFF, George. The contemporary theory of metaphor. In: ORTONY, A. (Ed.). **Metaphor and thought**. Cambridge: Cambridge University Press, 1993, p. 202-251.

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. **Metaphors we live by**. Chicago: University of Chicago Press, 1980.

MILLER, Krista A.; RANEY, Gary E.; DEMOS, Alexander P. Time to Throw in the Towel? No Evidence for Automatic Conceptual Metaphor Access in Idiom Processing. **Journal of Psycholinguistic Research**, v. 49, n. 5, p. 885-913, 2020.

MITCHELL, Melanie. The analogies we live by are shaping our thoughts about our current situation. **Santa Fe Institute**, 2020. Disponível em: <https://www.santafe.edu/news-center/news/transmission-t-009-melanie-mitchell>. Acesso em: 05 nov. 2020.

MURPHY, Gregory L. On metaphoric representation. **Cognition**, v. 60, n. 2, p. 173-204, 1996.

NGATCHA-RIBERT, Laëtitia. Alzheimer disease and society: an analysis of its social representation. **Psychologie & neuropsychiatrie du vieillissement**, v. 2, n. 1, p. 49-66, 2004.

NEAL, David T.; WOOD, Wendy; QUINN, Jeffrey M. Habits: A repeat performance. **Current Directions in Psychological Science**, v. 15, n. 4, p. 198-202, 2006.

PINKER, Steven. Block that metaphor! **The New Republic**, 2006. Disponível em: <https://newrepublic.com/article/77730/block-metaphor-steven-pinker-whose-freedom-george-lakoff>. Acesso em: 16 jun. 2020.

ROBINS, Shani; MAYER, Richard E. The metaphor framing effect: Metaphorical reasoning about text-based dilemmas. **Discourse Processes**, v. 30, n. 1, p. 57-86, 2000.

SAPOLSKY, Robert M. **Behave:** The biology of humans at our best and worst. London: Penguin, 2017.

SAUCIUC, Gabriela-Alina. The role of metaphor in the structuring of emotion concepts. **Cognitive Semiotics**, v. 5, n. 1-2, p. 244-267, 2013.

SEMINO, Elena; DEMJÉN, Zsófia; DEMMEN, Jane. An integrated approach to metaphor and framing in cognition, discourse, and practice, with an application to metaphors for cancer. **Applied linguistics**, v. 39, n. 5, p. 625-645, 2018.

SEMINO, Elena. **A fire raging: Why fire metaphors work well for Covid-19**. Lancaster University. Disponível em: <https://www.lancaster.ac.uk/linguistics/news/a-fire-raging-why-fire-metaphors-truly-fan-the-flames-of-covid-19>. Acesso em: 07 nov. 2020.

SIMAN, Josie H.; FIGUEIREDO, N. M. Multiple representations and dynamic conceptual analysis in the wild. **Fórum Linguístico**, 2022. No prelo.

SMITH, Linda B. et al. Knowing in the context of acting: the task dynamics of the A-not-B error. **Psychological review**, v. 106, n. 2, p. 235, 1999.

SCOVEL, Thomas. Why languages do not shape cognition: Psycho-and neurolinguistic evidence. **Jalt Journal**, v. 13, n. 1, p. 43-56, 1991.

SMALDINO, Paul E. Models are stupid, and we need more of them. In: VALLACHER, R. R.; READ, S. J.; NOWAK, A. **Computational social psychology**. Abingdon: Routledge, 2017. p. 311-331.

STEEN, Gerard. Deliberate Metaphor Theory: Basic assumptions, main tenets, urgent issues. **Intercultural Pragmatics**, v. 14, n. 1, p. 1-24, 2017.

SVANLUND, Jan. Metaphor and convention. **Cognitive linguistics**, v. 18, n.1, p. 47-89, 2007.

TETLOCK, Philip E. Accountability: A social check on the fundamental attribution error. **Social psychology quarterly**, p. 227-236, 1985.

THIBODEAU, Paul H.; MATLOCK, Teenie; FLUSBERG, Stephen J. The role of metaphor in communication and thought. **Language and Linguistics Compass**, v. 13, n. 5, p.1-18, 2019.

THIBODEAU, Paul H.; HENDRICKS, Rose K.; BORODITSKY, Lera. How linguistic metaphor scaffolds reasoning. **Trends in cognitive sciences**, v. 21, n. 11, p. 852-863, 2017.

THIBODEAU, Paul; DURGIN, Frank H. Productive figurative communication: Conventional metaphors facilitate the comprehension of related novel metaphors. **Journal of Memory and Language**, v. 58, n. 2, p. 521-540, 2008.

THIBODEAU, Paul H.; BORODITSKY, Lera. Metaphors we think with: The role of metaphor in reasoning. **PloS one**, v. 6, n. 2, p.1-11, 2011.

WALKER, Jesse. George Lakoff Sells His Old Snake Oil in a New Bottle. **Reason: Free Minds and Free Markets**. Los Angeles. Ano 2012. Disponível em: <https://reason.com/2012/07/30/george-lakoff-sells-his-old-snake-oil-in/>. Acesso em: 27 ago. 2021.

As interfaces e contribuições entre a Linguística Cognitiva e os Estudos de Tradução¹

Ana Luiza Treichel Vianna²

A obra *Cognitive Linguistics and Translation: advances in some theoretical models and applications*, organizada por Ana Rojo e Iraide Ibarretxe-Antuñano, em 2013, tem por objetivo expor um panorama dos diferentes estudos e perspectivas, relacionando os Estudos da Tradução com a Linguística Cognitiva. Mona Baker, no prefácio escrito para a publicação, versa que a área da Tradução já foi amplamente examinada pelas perspectivas linguística, social, política e cognitiva. Contudo, a autora destaca que este é um dos únicos livros que “representa uma das poucas tentativas fundamentadas de explorar a interface entre a Linguística Cognitiva e os Estudos da Tradução a partir de uma variedade de perspectivas” (BAKER, 2013, p. xi, tradução nossa)³. Além disso, Baker salienta, ainda, que a Tradução é um campo interdisciplinar, buscando subsídios em outras áreas para compreender seu objeto de estudo, e a interação entre Linguística Cognitiva e Tradução tem muito a oferecer, visto que os artigos selecionados para este volume apontam para a inovação e uma produção crítica entre as áreas.

Na introdução à obra, os organizadores mostram que os estudos tradutórios modernos compreendem a tradução como produto e processo, considerando os processos cognitivos e as estratégias utilizadas pelo tradutor a fim de entender o ato tradutório. Desse modo, este livro parte do pressuposto de que a Linguística Cognitiva pode contribuir para descrever a tradução como processo cognitivo (ROJO; IBARRETXE-ANTUÑANO, 2013).

A ênfase da Linguística Cognitiva nos aspectos cognitivos dá destaque ao papel do tradutor, que deixaria de ser considerado apenas um especialista em duas línguas, mas sim um mediador intercultural entre fonte e texto alvo. [...] Portanto, uma teoria da tradução que se baseia nos postulados cognitivos da Linguística Cognitiva iria apoiar todas essas características e fornecer uma base epistemológica sólida que se baseia na relação entre linguagem e cognição, e no caráter corporificado da linguagem. (ROJO; IBARRETXE-ANTUÑANO, 2013, p. 12-13, tradução nossa)⁴

¹ Resenha da obra ROJO, A.; IBARRETXE-ANTUÑANO, I. (Org.). *Cognitive Linguistics and Translation: advances in some theoretical models and applications*. Berlin, Boston: De Gruyter Company, 2013.

² Doutoranda em Linguística Aplicada, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, UNISINOS (Brasil), anatreichelvianna@gmail.com

³ “[...] the current volume represents one of the few sustained attempts to explore the interface between Cognitive Linguistics and Translation Studies from a range of perspectives.” (BAKER, 2013, p. xi)

⁴ “The emphasis of Cognitive Linguistics on cognitive aspects gives prominence to the role of the translator, who would no longer be considered just as specialist in two languages, but rather an intercultural mediator between source and target text. [...] Therefore, a translation theory which draws on the cognitive postulates of Cognitive Linguistics would support all these characteristics and provide a solid epistemological base that relies on the

Considerando as interfaces que a Linguística Cognitiva pode oferecer aos Estudos da Tradução e o quanto as áreas podem colaborar com seus aportes teóricos, o livro se organiza em cinco partes: *Cognitive Linguistics and Translation Theory* apresenta a interação entre as áreas da Linguística Cognitiva e Tradução, introduzindo a base teórica dos Estudos Cognitivos da Tradução; *Meaning and Translation* aborda as concepções de Semântica de *Frames*, metáfora e metonímia na tradução; *Constructions and Translation* apresenta estudos sobre a gramática cognitiva, os padrões de lexicalização e as construções de significado na tradução; *Culture and Translation* mostra a visão cognitiva do papel da cultura na tradução e as conceptualizações culturais em discursos políticos e, por fim, *Beyond translation* apresenta experimentos semântico-lexicais através das línguas e uma abordagem cognitiva na tradução, tratando da psicolinguística e os processos cognitivos do tradutor.

O primeiro artigo, que compõe a primeira parte do livro, *Cognitive Linguistics and Translation Theory*, de Sandra L. Halverson, objetiva apresentar as implicações e colaborações da Linguística Cognitiva nos Estudos da Tradução. Para a autora, diferentes abordagens teóricas enfatizam os aspectos contextuais, culturais, ideológicos, políticos, históricos e pessoais no ato tradutório, ao passo que outras teorias pós-modernas consideram mais o status do tradutor e a tradução feita por agência⁵. Para a crítica, preocupou-se muito em refletir sobre textos e sistemas ao invés de pessoas e suas ações. Nesse sentido, surge um apelo para focar mais no papel do tradutor e no trabalho do tradutor de agência, que deixa de lado suas crenças, ideologias e conhecimentos individuais para aplicar a visão, os valores e os conhecimentos difundidos pela organização (agência). A partir do aporte teórico, percebemos que é possível aliar os estudos cognitivos à tradução, principalmente pelas contribuições que a Linguística Cognitiva oferece com relação à busca de equivalentes nos estudos contrastivos e os processos cognitivos junto às estratégias de tradução.

O próximo artigo intitulado *More than a way with words: The interface between Cognitive Linguistics and Cognitive Translatology*, de Ricardo Muñoz Martín, trata das interações entre a Linguística Cognitiva e a Tradutologia Cognitiva, relacionando a Tradução com a semântica de protótipos, abordagem do significado lexical baseada no trabalho de Eleanor Rosch sobre conceitos e categorização, a Teoria Prototípica da Categorização (1973, 1975, 1976, 1978). Além disso, o autor aborda a teoria da metáfora conceptual, proposta por Lakoff e Johnson (1980), mostrando que a tradução de metáforas está relacionada à área

relationship between language and cognition, and on the embodied character of language” (ROJO; IBARRETXE-ANTUÑANO, 2013, p. 12-13)

⁵ Translation agency.

funcionalista da tradução (MARTÍN DE LEÓN, 2005; 2008) e considerando que elas estão presentes na linguagem cotidiana, no pensamento e na ação. Por fim, Martín mostra as relações entre a Linguística Cognitiva e a Tradutologia, gerando a Tradutologia Cognitiva. Apesar de esta área apresentar os mesmos interesses e considerar a Linguística Cognitiva como base teórica, seus resultados são tratados de forma diferenciada, uma vez que adotar uma perspectiva cognitiva implica em mudar o foco do texto para os processos e fatores envolvidos na tradução e interpretação dada a sensibilidade e o caráter multifacetado dessas atividades.

No artigo *Who cares if the cat is on the mat? Contribution of cognitive models of meaning to translation*, a autora Celia Martín de León tem por objetivo analisar como os diferentes modelos cognitivos podem solucionar os problemas simbólicos⁶ e como estes podem contribuir para o desenvolvimento da teoria da Tradutologia. Desse modo, a autora traz dois modelos semânticos para aplicar em seu estudo, os protótipos e os *frames*. Para a tradução, tanto a teoria prototípica como a Semântica de *Frames* auxiliam na compreensão de processos baseados na experiência, apesar de a teoria prototípica apresentar o significado das palavras de forma descontextualizada. A teoria dos protótipos e a Semântica de *Frames* contribuíram para os estudos tradutórios ao mostrar como a construção de imagens mentais pode guiar os processos de construção de significado na tradução.

A segunda parte do livro, *Meaning and Translation*, inicia com o artigo de Hans C. Boas, intitulado *Frame Semantics and translation*. Em seu trabalho, Boas aborda a Semântica de *Frames*, as aplicações dos conceitos de *frames* na tradução, em especial, na construção de dicionários eletrônicos multilíngues e, por fim, os problemas na aplicação dessa abordagem para propósitos da tradução. Inicialmente, o autor apresenta a Semântica de *Frames*, teoria desenvolvida por Charles Fillmore (1982), que trata o significado lexical “na medida em que constrói em contextos comuns de conhecimento (*frames* semânticos) a relação do significado das palavras e como são interpretadas” (BOAS, 2013, p. 126)⁷, ou seja, tal teoria oferece uma maneira diferente de compreender o significado das palavras, sempre pensando em um material linguístico inserido em um contexto. Com relação às aplicações da Semântica de *Frames* na criação de recursos tradutórios, o autor mostra que a utilização de *frames* é uma ferramenta útil que auxilia na tradução entre línguas, de forma automática ou manual (BOAS, 2013).

O próximo artigo, *The impact of Cognitive Linguistics on Descriptive Translation Studies: Novel metaphors in English-Spanish newspaper translation as a case in point*, escrito

⁶ The problem of symbol grounding

⁷ “This approach differs from other theories of lexical meaning in that it builds on common backgrounds of knowledge against which the meanings of words are interpreted” (BOAS, 2013, p. 126)

por Eva Samaniego Fernández, tem por objetivo apresentar um estudo sobre a tradução de metáforas sob a perspectiva cognitiva. Assim, a autora mostra a tradução de metáforas pelo viés da Linguística Cognitiva, revelando que muitos tradutores traduzem as metáforas de forma equivocada, não considerando os processos cognitivos nas línguas fonte e alvo, e deixam os aspectos culturais de lado. Por fim, Fernández mostra as contribuições que a Linguística Cognitiva oferece para os estudos de tradução, como o estudo das metáforas e a necessidade de os tradutores desenvolverem habilidades relativas à sua tradução, o que auxiliaria no processo tradutório.

O último artigo que compõe a segunda parte do livro, intitulado *Translating (by means of) metonymy*, escrito por Mario Brdar e Rita Brdar-Szabó, tem por objetivo apresentar meios de traduzir metonímias por meio de oito estratégias propostas por Newmark (1985) aplicáveis para a tradução de metáforas, as quais encontramos: 1) reproduzir a mesma imagem na língua-alvo; 2) substituir a imagem na língua-fonte por uma imagem padrão na língua-alvo, sem colidir com a sua cultura; 3) traduzir a metáfora por semelhança, mantendo a imagem; 4) traduzir a metáfora por semelhança, mantendo o sentido; 5) converter a metáfora em sentido; 6) modificar a metáfora; 7) suprimir a metáfora; e 8) traduzir a metáfora pela mesma metáfora combinando o sentido (BRDAR; BRDAR-SZABÓ, 2013). No artigo, os autores discorrem sobre a metonímia na Linguística Cognitiva. Assim, tanto a metonímia como a metáfora são considerados fenômenos cognitivos que envolvem domínios e mapeamentos. Sendo assim, os autores afirmam que a tradução de uma metonímia na língua-fonte para uma metonímia na língua-alvo é considerada fácil, contudo, quando não há um equivalente pleno, o tradutor precisa encontrar meios através da Linguística Cognitiva e dos estudos de Tradução para solucionar a falta de correspondentes.

A terceira parte do livro, *Constructions and translation*, é composta por três artigos, sendo o primeiro deles, *(Cognitive) grammar in translation: Form as meaning*, escrito por Elzbieta Tabakowska. Neste artigo, a autora discute sobre imagens, que são habilidades humanas de construir uma cena, de conceber uma situação de diferentes maneiras e interpretá-las semanticamente, podendo ser convencionais ou não convencionais, isto é, que seguem as convenções sociais, descritas como regras gramaticais, e a unidade de tradução. Assim, a autora traz o conceito de imagem para os cognitivistas e para a gramática. Além disso, Tabakowska também introduz o conceito de unidade linguística para as ciências cognitivas e a unidade de tradução para os tradutores. Desse modo, a autora relaciona construções alternativas para estabelecer os equivalentes em polônês, pois as construções espaciais entre as línguas fonte e alvo são compreendidas de formas diferentes. Por fim, conclui discutindo sobre a importância

dos modelos cognitivos gramaticais tanto para a Linguística Cognitiva quanto para a tradução no sentido interpretativo.

O próximo artigo, *Lexicalisation patterns and translation*, de Iraide Ibarretxe-Antuñano e Luna Filipovic, tem por objetivo apresentar estratégias de tradução adaptadas para mostrar as diferenças e semelhanças na tradução de padrões de lexicalização. Nesse sentido, os autores tratam sobre os padrões de lexicalização a partir de Talmy (1985, 2000), que discute as maneiras em que os componentes de um evento em um domínio cognitivo universal (movimento) são concebidos em diferentes idiomas. Apesar de haver poucos trabalhos na área de lexicalização e tradução, somos apresentados a um estudo comparando a língua inglesa com a língua espanhola e indicando as diferenças e semelhanças nos padrões de lexicalização. Os autores finalizam seu artigo mostrando que os padrões de lexicalização são úteis para os estudos descritivos da tradução, pois os eventos de movimento não são fáceis de traduzir. Assim, o tradutor deve manter tanto o significado quanto o estilo no ato tradutório.

O último artigo que compõe a terceira parte do livro, intitulado *Constructing meaning in translation: The role of constructions in translation problems*, escrito por Ana Rojo e Javier Valenzuela, tem por objetivo mostrar como os compromissos cognitivos da Linguística Cognitiva podem atender às demandas dos Estudos da Tradução no que tange aspectos teóricos, culturais e cognitivos. Para os autores, traduzir é comunicar significado, ou seja, decifrar um texto na língua-fonte e recriá-lo na língua-alvo. Por esse ângulo, o objetivo da tradução é recriar “o processo de construção de sentido por que passa a audiência do texto original, a fim de ativar um processo semelhante na audiência do texto traduzido”⁸ (ROJO; VALENZUELA, 2013, p. 284). Assim, os autores abordam os conceitos de equivalência e equivalência construcional⁹, baseada na Gramática das Construções (GOLDBERG, 1995; 2006). Durante o processo de tradução, os tradutores se deparam com diferentes construções, definidas como “qualquer par de forma e significado, que podem variar de estruturas simples, como morfemas (-s) ou lexemas (-cat), a construções sintáticas mais abstratas e complexas”¹⁰ (ROJO; VALENZUELA, 2013, p. 287). Rojo e Valenzuela apresentam em seu trabalho as interfaces que a Linguística Cognitiva, como a psicolinguística e a neurologia, têm a oferecer para a tradução, principalmente sobre forma e significado e na identificação de equivalentes durante o processo de tradução.

⁸ “[...] the process of meaning construction undergone by the audience of the source text, in order to activate a similar process in the audience of the translated text” (ROJO; VALENZUELA, 2013, p. 284)

⁹ Constructional equivalence.

¹⁰ “any pairing of form and meaning, which can range from simple structures, such as morphemes (-s) or lexemes (cat), to more abstract and complex syntactic configurations” (ROJO; VALENZUELA, 2013, p. 287)

A quarta parte do livro, *Culture and translation*, apresenta dois artigos, o primeiro, *A cognitive view on the role of culture in translation*, de Enrique Bernárdez, que trata sobre os aspectos culturais que envolvem as traduções e que, muitas vezes, são deixadas de lado pelos tradutores, causando uma “castração cultural”. Assim, o autor inicia discutindo sobre metáfora, cultura e tradução, pois o papel da cultura na tradução está, obviamente, no domínio da metáfora conceptual, pelo fato de que os aspectos culturais podem fazer parte da metáfora. Para a tradução, é necessário compreender as metáforas e seus mapeamentos, pois exercem papel fundamental para tratar de domínios abstratos na linguagem e devido aos valores culturais e históricos implicados na expressão e com seu uso. O autor mostra que os elementos culturais estão presentes em todos os lugares e nas línguas e o tradutor deve estar consciente da presença de aspectos culturais, buscando uma forma natural de traduzi-los.

Para concluir esta seção, Farzad Sharifian e Maryam Jamarani apresentam seu trabalho denominado *Cultural conceptualisations and translating political discourse*. Este artigo tem por objetivo apresentar algumas complexidades envolvidas na tradução de conceitos-chave na política internacional. Para embasar seu artigo, os autores trazem aspectos da Linguística Cultural que são importantes para compreender os discursos políticos e suas traduções, sendo essas colaborações referentes às conceptualizações culturais – esquemas culturais, categorias e metáforas. A partir dos estudos culturais nos discursos políticos, os autores atentam para as complexidades envolvidas na tradução de termos presentes nos discursos políticos internacionais, além da presença de aspectos culturais implicados nesta terminologia.

A última parte deste livro, *Beyond translation*, apresenta dois artigos. O primeiro artigo, intitulado *Experimental lexical semantics at the crossroads between languages*, escrito por Michele I. Feist, tem por objetivo investigar os problemas de significado e equivalência em termos relacionais espaciais¹¹. Primeiramente, Feist discute sobre os problemas de espaço, pois os termos relacionais espaciais são difíceis de aprender e de saber usar, bem como difíceis de traduzir. O número de termos espaciais disponíveis para classificar as configurações espaciais varia entre as línguas, por exemplo, em inglês se utiliza *in/on* após certos verbos e em espanhol encontramos apenas o termo *en*. Assim, Feist conclui seu trabalho mostrando que os problemas de significado e equivalência entre as línguas é uma questão delicada e que exige muito do tradutor ter a sensibilidade e o conhecimento na busca de equivalências nas línguas fonte e alvo.

O último trabalho que compõe a quinta parte e este livro, *A cognitive approach to translation: The psycholinguistic perspective*, escrito por Anna Hatzidaki, tem por objetivo

¹¹ Spatial relational terms

mostrar como a tradução é estudada sob a perspectiva da psicolinguística. Inicialmente, a autora apresenta métodos advindos da Psicologia Cognitiva para compreender o processamento e a manifestação da linguagem em pessoas que aprendem mais de uma língua. Esses métodos são ideais para compreender conceitos da Linguística Cognitiva, como a corporificação, organização conceitual, bem como entender aspectos da tradução, como as equivalências e o interculturalismo. Após apresentar algumas pesquisas psicolinguísticas relacionadas à tradução, a autora mostra como o campo da psicolinguística pode ajudar tradutores e linguistas cognitivos a compreender os processos e as manifestações da linguagem por meio de métodos que percebam o comportamento da mente humana durante o ato tradutório.

Como foi possível notar ao longo do texto, *Cognitive Linguistics and Translation advances in some theoretical models and applications* cumpre seu papel de apresentar as diferentes abordagens e contribuições da Linguística Cognitiva para os Estudos da Tradução, tratando de como os aspectos cognitivos influenciam na tradução e nas escolhas de equivalências e de estratégias feitas pelo tradutor no ato tradutório. Ao abordarem os diferentes eixos da Linguística Cognitiva, os autores expõem maneiras distintas de compreender como as metáforas, metonímias, os termos relacionais espaciais, modelos cognitivos, padrões de lexicalização e aspectos culturais podem ser trabalhados na tradução. Ademais, o livro também apresenta a relação entre a Tradução e a Linguística, pois, antigamente, as disciplinas não se relacionavam bem pelo fato de a tradução não encontrar aporte teórico nos estudos linguísticos. Atualmente, a Linguística colabora com diversas teorias que auxiliam os estudiosos da tradução a inovarem seus trabalhos. Sendo assim, os objetivos propostos pelos autores foram alcançados, pois mostra que as diferentes vertentes da Linguística Cognitiva podem auxiliar nos Estudos da Tradução, propiciando maneiras frutíferas de unir as áreas. Para concluir, o livro mostrou que estudar a Linguística Cognitiva e os Estudos de Tradução de forma interdisciplinar tem muito a contribuir no processo de tradução e na descrição da prática tradutória

Referências:

BAKER, M. Forewords. In: ROJO, A.; IBARRETXE-ANTUÑANO, I. (Org.). **Cognitive Linguistics and Translation: advances in some theoretical models and applications**. Berlin, Boston: De Gruyter Company, 2013, p. xi-xii.

BOAS, H. Frame Semantics and translation. In: ROJO, A.; IBARRETXE-ANTUÑANO, I. (Org.). **Cognitive Linguistics and Translation: advances in some theoretical models and applications**. Berlin, Boston: De Gruyter Company, 2013, p. 125-158.

BRDAR, M.; BRDAR-SZABÓ, R. Translating (by means of) metonymy. In: ROJO, A.; IBARRETXE-ANTUÑANO, I. (Org.). **Cognitive Linguistics and Translation: advances in some theoretical models and applications**. Berlin, Boston: De Gruyter Company, 2013, p. 199-126.

FILLMORE, C. Frame Semantics. In: The Linguistic Society of Korea (Eds.). **Linguistics in the Morning Calm**. Seoul: Hanshin, 1982, p.111-37.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. **Metaphors we live by**. Chicago: University of Chicago Press, 1980.

GOLDBERG, A. E. **Constructions: A construction grammar approach to argument structure**. Chicago: University of Chicago Press, 1995.

GOLDBERG, A. E. **Constructions at work: The nature of generalization in language**. Oxford: Oxford University Press, 2006.

LEÓN, C. M de. Who cares if the cat is on the mat? Contributions of cognitive models of meaning to translation. In: ROJO, A.; IBARRETXE-ANTUÑANO, I. (Org.). **Cognitive Linguistics and Translation: advances in some theoretical models and applications**. Berlin, Boston: De Gruyter Company, 2013, p. 99-122.

LEÓN, C. M de. Contenedores, recorridos y metas. Metáforas en la traductología funcionalista. (Studien zur romanischen Sprachwissenschaft und interkulturellen Kommunikation 24) Frankfurt am Main: Peter Lang, 2005.

LEÓN, C. M de. Skopos and beyond: A critical study of functionalism. **Target**, v. 20, n. 1, p. 1-28, 2008.

NEWMARK, P. The translation of metaphor. In: PAPROTTÉ, W.; DIRVEN, R.. **The ubiquity of metaphor: Metaphor in language and thought**. Amsterdam: John Benjamins, 1985.

ROJO, A.; IBARRETXE-ANTUÑANO, I. (Org.). **Cognitive Linguistics and Translation: advances in some theoretical models and applications**. Berlin, Boston: De Gruyter Company, 2013.

ROJO, A; VALENZUELA, J. Constructing meaning in translation: The role of constructions in translation problems. In: ROJO, A.; IBARRETXE-ANTUÑANO, I. (Org.). **Cognitive Linguistics and Translation: advances in some theoretical models and applications**. Berlin, Boston: De Gruyter Company, 2013, p. 283-310.

ROSCH, E. Natural categories. **Cognitive Psychology**, n. 4, 1973.

ROSCH, E. Universals and cultural specifics in human categorization. In: BRISLIN, R. W. *et al.* **Cross-cultural perspectives on learning**. New York: Halsted Press, 1975.

ROSCH, E *et al.* Basic objects in natural categories. **Cognitive Psychology**, n. 8, p. 382-439, 1976.

ROSCH, E. Principles of categorization. In: ROSCH, E.; LLOYD, B. B (Eds.). **Cognition and categorization**. Hillsdale: Erlbaum, 1978.

TALMY, L. Lexicalization patterns: Semantic structures in lexical forms. In: SHOPEN, T. **Language typology and syntactic description**. Cambridge: Cambridge University Press, 1985.

TALMY, L. **Toward a cognitive semantics**. Cambridge: MIT Press, 2000.